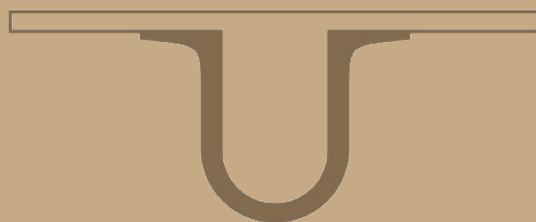




UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Inês Maria Jordão Pinto

PERCURSOS TURÍSTICOS NA FIGUEIRA DA FOZ  
PATRIMONIALIZAÇÃO E FUNCIONALIZAÇÃO DO  
*CASTELO ENGENHEIRO SILVA*

Relatório de Estágio do Mestrado em Turismo, Território e Patrimónios, orientado pelo Professor Doutor Norberto Santos, apresentado ao Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Dra. Margarida Perrolas, chefe da Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz

fevereiro de 2019

# FACULDADE DE LETRAS

## PERCURSOS TURÍSTICOS NA FIGUEIRA DA FOZ PATRIMONIALIZAÇÃO E FUNCIONALIZAÇÃO DO *CASTELO ENGENHEIRO SILVA*

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>Percursos turísticos na Figueira da Foz</b>
<b>Subtítulo</b>	Patrimonialização e funcionalização do <i>Castelo Engenheiro Silva</i>
<b>Autor/a</b>	Inês Maria Jordão Pinto
<b>Orientador/a(s)</b>	Norberto Nuno Pinto dos Santos Ana Margarida Perrolas de Oliveira e Silva
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Claudete Carla Oliveira Moreira</b> Vogais: 1. Doutor Paulo Nuno Maia de Sousa Nossa 2. Doutor Norberto Nuno Pinto dos Santos
<b>Identificação do Curso</b>	2º Ciclo em Turismo, Território e Patrimónios
<b>Área científica</b>	Turismo
<b>Data da defesa</b>	04-02-2019
<b>Classificação do Relatório</b>	16 valores
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	16 valores



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



## Agradecimentos

Chegada a fase de optar por efetuar uma dissertação, apresentar um projeto ou realizar um estágio curricular, por motivos pessoais e profissionais, o estágio foi o caminho escolhido, com o apoio fundamental do Professor Doutor Norberto Santos, que desde o primeiro momento compreendeu e apoiou a decisão tomada. A ele dirijo o meu primeiro e maior agradecimento, deixando expressa a minha profunda gratidão pelo seu acompanhamento, bem como pelo seu elevado grau de tolerância e compreensão, face aos múltiplos constrangimentos a que a elaboração deste relatório foi estando sujeito.

Traçar este caminho só foi possível graças aos ensinamentos e partilhas que os docentes do Mestrado de Turismo, Território e Patrimónios da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra nos proporcionaram. Para eles uma palavra de agradecimento muito especial.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e orientação da Dra. Margarida Perrolas, Chefe da Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz, a qual acolheu, desde o primeiro momento, a possibilidade da realização de um estágio curricular na Divisão de Cultura, através da integração na equipa dedicada ao Património Cultural. Em segundo lugar à Dra. Manuela Silva pelo desafio lançado de aprofundar os estudos sobre o Conjunto Arquitetónico da Esplanada, no qual está integrado o edifício designado *Castelo Engenheiro Silva*, destinado a *welcome center* da Figueira da Foz, com o propósito de se criarem conteúdos sobre o edificado e os temas que com ele se relacionam, bem como a apresentação de propostas de percursos que permitam dinamizar o património da cidade.

Porque este caminho tem sido trilhado na companhia de colegas fantásticos nos vários serviços do Municípios, agradeço às colegas que acompanharam este percurso, com as quais foi muito construtivo partilhar ideias e procurar soluções sobre este trabalho em concreto, sobre o património, hipóteses de percursos e rotas, entre outros, nomeadamente a Ana Cláudia Domingues, Guida Cândido e Manuela Silva. Ao Nuno Neto um agradecimento pela prontidão às minhas solicitações no que concerne ao Sistema de Informação Geográfica. À Ana Vaz Pinto pelo carinho e insistência para nunca desistir.

Porque um trabalho sobre o passado implica muita pesquisa, um agradecimento às colegas da Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, em particular à Emília Calisto, da Sala Figueirense, à Ana Pina do Arquivo Histórico Municipal, à Ana Domingues, à Mónica Reis e ao Paulo Matos do Arquivo Fotográfico Municipal e à Dra. Emília Limede, Chefe de Serviço de Biblioteca e Arquivos.

Decidir retomar os estudos, particularmente quando já se está integrado no mercado de trabalho e com responsabilidades familiares, implica uma disponibilidade nem sempre fácil de conseguir. Frequentar este mestrado tem requerido um esforço pessoal e familiar acrescido, pelo que a conclusão deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e compreensão fundamentais por parte da minha família, muito em particular do meu marido Sílvio Gaspar e do nosso filho Guilherme, a quem dirijo um agradecimento muito especial.

Será sempre difícil conseguir agradecer o suficiente a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho, pelo que desde já peço que compreendam, mas que saibam que nunca me esquecerei.

## RESUMO

### **Percursos turísticos na Figueira da Foz. Patrimonialização e funcionalização do *Castelo Engenheiro Silva***

O porto e a barra da Figueira da Foz sempre se revelaram problemáticos, devido ao assoreamento, motivo pelo qual os habitantes e comerciantes locais foram solicitando a intervenção e apoio dos monarcas, particularmente na primeira metade do século XIX. No entanto, as obras realizadas entre 1843 e 1853 não foram eficazes, relevando-se necessária uma intervenção urgente e mais duradoura, com base num estudo eficaz e nas características hidrográficas da referida barra.

Para a realização do levantamento da carta hidrográfica da barra da Figueira da Foz e posteriormente para se encarregar da direção das obras de melhoramento do porto e barra da então vila, em 1853, foi nomeado um engenheiro hidrógrafo, Capitão-Tenente da Armada. De seu nome Francisco Maria Pereira da Silva, este homem viria a ser responsável pela alteração da arquitetura balnear da Figueira da Foz através da construção de um novo bairro a norte do Forte de Santa Catarina.

Desde a sua criação até aos dias de hoje, o Bairro Novo de Santa Catarina é a principal referência no desenvolvimento turístico e balnear da Figueira da Foz, com um potencial agregador e dinamizador que urge valorizar. Consciente da relevância de um dos imóveis mais emblemáticos do Bairro Novo – o edifício designado por *Castelo Engenheiro Silva*, integrado no Conjunto Arquitetónico de Esplanada – o Município da Figueira da Foz tem investido nos últimos anos na sua recuperação e reabilitação, pretendendo torná-lo num local de referência no turismo cultural urbano da Figueira da Foz, através sua transformação em *welcome center*.

O presente relatório é o resultado do desafio lançado no início do estágio curricular do Mestrado de Turismo, Território e Patrimónios, realizado na Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz, o qual decorreu entre janeiro e maio de 2018, de aprofundar os estudos sobre o Conjunto Arquitetónico da Esplanada, com o propósito de se criarem conteúdos sobre o edificado e os temas que com ele se relacionam, bem como a apresentação de propostas que permitam dinamizar o património da cidade através de percursos turísticos relacionados com o referido património.

Para além do capítulo introdutório e da conclusão, este relatório divide-se em três partes, através das quais se abordam os conceitos de turismo cultural urbano, a caracterização do Município da Figueira da Foz e o seu território, os resultados dos estudos realizados e a apresentação de propostas para percursos turísticos relacionados com a investigação efetuada.

Palavras-chave: Percurso turístico, turismo cultural urbano, Figueira da Foz, *welcome center*, Castelo Engenheiro Silva

## ABSTRACT

### **Touristic routes in Figueira da Foz. Patrimonialization and functionalization of *Castelo Engenheiro Silva***

The port and bar of Figueira da Foz were always problematic due to silting problems, which is why residents and merchants requested intervention and support from the monarchs, particularly in the first half of the 19th century. However, the works carried out between 1843 and 1853 were not effective, and urgent and lasting intervention was necessary, based on an effective study and the hydrographic characteristics of mentioned bar.

To carry out the survey of the hydrographical chart of the bar of Figueira da Foz and later to take charge of the direction of the works of improvement of the port and bar of the then village, in 1853 was named a hydrographical engineer, Captain-Lieutenant of the Navy. From his name, Francisco Maria Pereira da Silva, this man would be responsible for changing the beach architecture of Figueira da Foz through the construction of a new neighbourhood north of the Fort of Santa Catarina.

From its creation to the present day, Bairro Novo de Santa Catarina is the main reference in the tourist and bathing development of Figueira da Foz, with an aggregative and dynamic potential that needs to be enhanced. Conscious of the importance of one of the most emblematic buildings in the Bairro Novo – the building named *Castelo Engenheiro Silva*, integrated in the Conjunto Arquitetónico de Esplanada – the Municipality of Figueira da Foz has invested in the last years in its recovery and rehabilitation, intending to make it a reference point in the urban cultural tourism of Figueira da Foz, through its transformation into a welcome center.

This report is the result of the challenge launched at the beginning of the curricular stage of the Master's Degree in Tourism, Territory and Heritage, held in the Culture Division of Figueira da Foz City Hall, which ran from January to May 2018, on the Conjunto Arquitetónico da Esplanada, with the purpose of creating contents about the building and related themes, as well as the presentation of proposals that allow to dynamize the patrimony of the city through tourist routes related to this heritage.

In addition to the introductory and conclusion chapters, this report is divided into three parts, which deal with the concepts of urban cultural tourism, the characterization of the Municipality of Figueira da Foz and its territory, the results of the studies carried out and the presentation of proposals for tourist routes related to the research carried out.

Keywords: Touristic routes, urban cultural tourism, Figueira da Foz, welcome center, Castelo Engenheiro Silva

## ÍNDICE

Índice de figuras .....	v
Índice de quadros .....	vii
Abreviaturas .....	ix
Introdução .....	1
1. Objetivos .....	3
2. Estrutura do relatório .....	5
3. Metodologia e fontes de informação .....	5
Capítulo 1 – Turismo Cultural Urbano e Patrimonialização .....	12
Capítulo 2 – Município da Figueira da Foz .....	17
1. Concelho da Figueira da Foz .....	17
1.1. Caracterização do território .....	17
1.2. Caracterização da Câmara Municipal da Figueira da Foz .....	19
1.2.1. Divisão de Cultura .....	20
2. Do Turismo ao Património .....	22
2.1. Indicadores Turísticos .....	23
2.2. Agentes Turísticos .....	30
2.3. Cultura e Lazer .....	32
2.4. Património .....	33
3. Rotas e circuitos culturais no Município da Figueira da Foz .....	35
3.1. Percursos Pedestres da Figueira da Foz .....	36
3.2. Percurso Arbóreo .....	40
3.3. Percurso Jorge de Sena .....	43
3.4. Circuitos Pedestres .....	43
3.5. Percursos “Leve a Figueira da Foz Consigo” .....	45
4. Características e tendências do Turismo Cultural na Figueira da Foz .....	56
4.1. Locais de interesse relacionados com o Conjunto Arquitetónico da Esplanada .....	57
5. Rotas e Percursos Culturais relacionados com personalidades .....	73
Capítulo 3 – O potencial do <i>Castelo Engenheiro Silva</i> .....	86
1. Personalidades relacionadas com o Conjunto Arquitetónico da Esplanada .....	89
1.1. Francisco Maria Pereira da Silva (1814-1891) .....	89
1.2. António Artur Baldaque da Silva (1853-1915) .....	98
1.3. António da Silva Guimarães (1835-1903) .....	100
2. Conjunto Arquitetónico da Esplanada .....	102
2.1. Edifício <i>Castelo Engenheiro Silva</i> .....	102
2.2. Edifício do <i>Antigo Turismo</i> .....	113
2.3. Edifício <i>Casa das Conchas</i> .....	117
3. Propostas de Percursos Turísticos .....	120
3.1. Locais de referência para diferentes itinerários .....	120
3.2. Percurso “ <i>Castelo Engenheiro Silva</i> ” .....	122
Conclusão e considerações finais .....	124
Fontes e Bibliografia .....	127
Anexos .....	139
Anexo 1 – Brochura “Percursos Interpretativos da Figueira da Foz”, de 2005 .....	141
Anexo 2 – Anexo 2 – Ponte de Lima – Roteiros Culturais .....	145

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1	INTERCEÇÃO DE VERTENTES QUE CONSTITUEM O CONCEITO DE TURISMO CULTURAL URBANO.....	12
FIGURA 2	MAPA DE PORTUGAL COM A SINALIZAÇÃO DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ. ....	17
FIGURA 3	MAPA DAS FREGUESIAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, APÓS A REORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DE 2013 .....	18
FIGURA 4	EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO.....	20
FIGURA 5	ESTRUTURA ORGÂNICA DOS SERVIÇOS DO MUNICÍPIO DA FIGUEIRA DA FOZ, PUBLICADA EM DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª SÉRIE — N.º 183 — 21 DE SETEMBRO DE 2018, ATRAVÉS DO DESPACHO Nº 8932/2018.....	21
FIGURA 6	PRINCIPAIS ESPAÇOS CULTURAIS DA DIVISÃO DE CULTURA — CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULOS DA FIGUEIRA DA FOZ À ESQUERDA. EM PRIMEIRO PLANO O EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA, MUSEU, ARQUIVO HISTÓRICO, ARQUIVO FOTOGRÁFICO E AUDITÓRIO MUNICIPAL, VISTOS DAS ABADIAS .....	21
FIGURA 7	MAPA DAS FREGUESIAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ COM ESTABELECIMENTOS DE ALOJAMENTO LOCAL.....	26
FIGURA 8	BROCHURA DEDICADA AOS PERCURSOS INTERPRETATIVOS DA FIGUEIRA DA FOZ, DE 2005 .....	36
FIGURA 9	DESDOBRÁVEL DO PERCURSO PEDESTRE DA ROTA DOS ARROZAIIS .....	36
FIGURA 10	DESDOBRÁVEL DO PERCURSO PEDESTRE DA ROTA DOS ARROZAIIS .....	37
FIGURA 11	DESDOBRÁVEL DO PERCURSO PEDESTRE DA ROTA DAS SALINAS .....	38
FIGURA 12	DESDOBRÁVEL DO PERCURSO PEDESTRE DA ROTA DAS SALINAS .....	39
FIGURA 13	DESDOBRÁVEL DO PERCURSO ARBÓREO — ÁRVORES DA FIGUEIRA.....	40
FIGURA 14	DESDOBRÁVEL DO PERCURSO ARBÓREO — ÁRVORES DA FIGUEIRA, FRENTE .....	41
FIGURA 15	DESDOBRÁVEL DO PERCURSO ARBÓREO — ÁRVORES DA FIGUEIRA, VERSO .....	42
FIGURA 16	DESDOBRÁVEL DO JORGE DE SENA.....	43
FIGURA 17	CIRCUITOS PEDESTRES — FIGUEIRA DA FOZ - BUARCOS .....	43
FIGURA 18	MAPA DOS CIRCUITOS PEDESTRES — FIGUEIRA DA FOZ.....	44
FIGURA 19	MAPA DOS CIRCUITOS PEDESTRES —BUARCOS .....	44
FIGURA 20	BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO”, ABERTA, SENDO VISÍVEIS OS 10 PERCURSOS .....	45
FIGURA 21	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “ARTE URBANA” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	46
FIGURA 22	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “JORGE DE SENA” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	47
FIGURA 23	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “ARBÓREO” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	48
FIGURA 24	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “ARTE NOVA” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	49
FIGURA 25	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “BANCOS POÉTICOS” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	50
FIGURA 26	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “PEDALAR PELO PATRIMÓNIO” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	51
FIGURA 27	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “NOTÁVEIS” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	52
FIGURA 28	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “BUARCOS” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	53
FIGURA 29	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “SALINAS” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	54
FIGURA 30	FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DO PERCURSO “SUNSET SPOT” INSERIDO NA BROCHURA “PERCURSOS   LEVE A FIGUEIRA DA FOZ CONSIGO” .....	55
FIGURA 31	PORMENOR DA COBERTURA DO SALÃO CAFFÉ DO CASINO FIGUEIRA.....	57
FIGURA 32	ORTOFOTOMAPA COM A SINALIZAÇÃO DE 18 LOCAIS DE INTERESSE TURÍSTICO, NO NÚCLEO DO CABO MONDEGO, NÚCLEO DA VILA DE BUARCOS E NÚCLEO CENTRAL URBANO, À ESCALA 1:25.000 .....	59

FIGURA 33	ORTOFOTOMAPA COM A SINALIZAÇÃO DE 3 LOCAIS DE INTERESSE TURÍSTICO NO NÚCLEO DO CABO MONDEGO, À ESCALA 1:25.000 .....	61
FIGURA 34	ORTOFOTOMAPA COM A SINALIZAÇÃO DE 3 LOCAIS DE INTERESSE TURÍSTICO NO NÚCLEO DA VILA DE BUARCOS, À ESCALA 1:25.000 .....	62
FIGURA 35	ORTOFOTOMAPA COM A SINALIZAÇÃO DE 11 LOCAIS DE INTERESSE TURÍSTICO NO NÚCLEO CENTRAL URBANO, À ESCALA 1:25.000 .....	63
FIGURA 36	QUESTÕES ENVIADAS AOS MUNICÍPIOS PORTUGUESES A 03-10-2018 .....	74
FIGURA 37	MAPA DAS RESPOSTAS OBTIDAS AO QUESTIONÁRIO ENVIADO A TODOS OS MUNICÍPIOS PORTUGUESES .....	75
FIGURA 38	ROTEIRO EÇA DE QUEIRÓS EM ÉVORA .....	79
FIGURA 39	WEBSITE DEDICADO AO ROTEIRO DOS DABNEY .....	80
FIGURA 40	WEBSITE DEDICADO AO ROTEIRO DOS DABNEY .....	81
FIGURA 41	DETALHES DE ROTEIROS CULTURAIS DE PONTE DE LIMA.....	82
FIGURA 42	FOLHETO SOBRE A ROTA PORTO LIBERAL.....	83
FIGURA 43	FOLHETO SOBRE A ROTA PORTO LIBERAL.....	84
FIGURA 44	PRESS, NO WEBSITE DA ROTA PORTO LIBERAL .....	84
FIGURA 45	ROTA, NO WEBSITE DA ROTA PORTO LIBERAL .....	85
FIGURA 46	ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE FERRO DA FIGUEIRA DA FOZ, 1882 .....	88
FIGURA 47	CONJUNTO ARQUITETÓNICO DA ESPLANADA ANTÓNIO SILVA GUIMARÃES, CONSTITUÍDO PELO EDIFÍCIO CASTELO ENGENHEIRO SILVA, PELO EDIFÍCIO DO ANTIGO TURISMO E PELA CASA DAS CONCHAS.....	88
FIGURA 48	FRANCISCO MARIA PEREIRA DA SILVA .....	90
FIGURA 49	ASSINATURA DE FRANCISCO MARIA PEREIRA DA SILVA.....	90
FIGURA 50	FRANCISCO MARIA PEREIRA DA SILVA .....	92
FIGURA 51	DETALHE DO PLANO HIDROGRÁFICO DA BARRA E PORTO DA FIGUEIRA E COSTA ADJACENTE DESDE PALHEIROS DE LAVOS ATÉ AO CABO MONDEGO .....	93
FIGURA 52	CAPA DO PROJETO DO FAROL DO CABO MONDEGO. ....	94
FIGURA 53	RUÍNAS DO PRIMITIVO FAROL DO CABO MONDEGO, CONSTRUÍDO ENTRE 1855 E ABRIL DE 1858 .....	94
FIGURA 54	FIGUEIRA DA FOZ - PLANTA DO NOVO BAIRRO DE SANTA CATARINA, 1873, DA AUTORIA DE ERNESTO FERNANDES THOMÁZ, À ESCALA 1:1000 .....	97
FIGURA 55	ÁRVORE GENEALÓGICA DOS ASCENDENTES DE ISABEL MARIA NÓBREGA BALDAQUE, COM BASE NA INFORMAÇÃO RECOLHIDA NA IMPRENSA E EM REGISTOS PAROQUIAIS .....	98
FIGURA 56	ÁRVORE GENEALÓGICA DOS DESCENDENTES DE FRANCISCO MARIA PEREIRA DA SILVA E DE ISABEL MARIA NÓBREGA BALDAQUE, COM BASE NA INFORMAÇÃO RECOLHIDA NA IMPRENSA E EM REGISTOS PAROQUIAIS .....	99
FIGURA 57	PORMENOR DO PISO TÉRREO DA CASA DAS CONCHAS, SENDO VISÍVEL OS AZULEJOS APLICADOS NA PLATIBANDA E FRISOS .....	99
FIGURA 58	ANTÓNIO DA SILVA GUIMARÃES.....	100
FIGURA 59	LINHA DO AMERICANO.....	101
FIGURA 60	ÁRVORE GENEALÓGICA DE ANTÓNIO DA SILVA GUIMARÃES COM BASE NA INFORMAÇÃO RECOLHIDA NA IMPRENSA E EM REGISTOS PAROQUIAIS. ....	101
FIGURA 61	DETALHE DE PLANTA DA VILA DA FIGUEIRA DA FOZ, DATADA DE 1871, REPRODUZIDA EM FOTOGRAFIA, ONDE SE ASSINALA A LOCALIZAÇÃO.....	103
FIGURA 62	PLANTA DA VILLA DA FIGUEIRA, 1871.....	105
FIGURA 63	DETALHE DA PLANTA APRESENTADA NA FIGURA 66. AUCMFF – PROCESSO Nº 1908/92, EM NOME DE BEATRIZ BALDAQUE PEREIRA DA SILVA. ....	107
FIGURA 64	DETALHE DA PLANTA APRESENTADA NA FIGURA 66, REPRESENTANDO O ALÇADO DA RUA DA BOA RECORDAÇÃO. ....	107
FIGURA 65	DETALHE DA PLANTA APRESENTADA NA FIGURA 66. REPRESENTANDO UMA PARTE DO ALÇADO DA RUA DA ALEGRIA ....	108
FIGURA 66	PLANTA DA HABITAÇÃO DO ENG. FRANCISCO SILVA, POSTERIOR A 1874 E ANTERIOR A 1885, ONDE É VIVÍVEL A OCUPAÇÃO DA TOTALIDADE DO TERRENO OCUPADA ATUALMENTE PELO CONJUNTO ARQUITETÓNICO DA ESPLANADA ANTÓNIO SILVA GUIMARÃES.....	108
FIGURA 67	DETALHE DA PLANTA APRESENTADA NA FIGURA 66. REPRESENTANDO O ALÇADO DO LARGO DE SANTA CATARINA.....	109

FIGURA 68	FOTOGRAFIA MAIS ANTIGA QUE SE CONHECE DA PROPRIEDADE DO ENG. SILVA, VISTA DO LADO SUL, PARA O LARGO DE SANTA CATARINA, POSTERIOR A 1888 E ANTERIOR A 1903 .....	109
FIGURA 69	FOTOGRAFIA DO EDIFÍCIO DO CASTELO ENGENHEIRO SILVA, AINDA COM SÓ PISO, ENTRE 1908 E 1910, NA QUAL É VISÍVEL O EDIFÍCIO MANDADO CONSTRUIR POR ANTÓNIO ARTUR BALDAQUE DA SILVA, EM 1903.....	110
FIGURA 70	PORMENOR DO FRISO COM A INSCRIÇÃO “CASTELO ENGENHEIRO SILVA” NA TORRE DO EDIFÍCIO. ....	110
FIGURA 71	DETALHE DAS PEÇAS DESENHADAS PARA A AMPLIAÇÃO DE HABITAÇÃO, REQUERIDA POR BEATRIZ BALDAQUE PEREIRA DA SILVA. ....	111
FIGURA 72	FOTOGRAFIA DO CASTELO ENGENHEIRO SILVA .....	111
FIGURA 73	CASTELO ENGENHEIRO SILVA .....	112
FIGURA 74	PLANTA DA FACHADA DO PROJETO DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DO CASINO BEIRAMAR, DE 1910 .....	113
FIGURA 75	PLANTA DO RÉ-DO-CHÃO DO PROJETO DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DO CASINO BEIRAMAR, DE 1910.....	113
FIGURA 76	PLANTA DO 1º ANDAR DO PROJETO DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DO CASINO BEIRAMAR, DE 1910 .....	114
FIGURA 77	ESPLANADA SILVA GUIMARÃES, VISTA DA PRAIA. POSTERIOR A 1913 .....	114
FIGURA 78	PLANTAS ADAPTAÇÃO DO RÉ-DO-CHÃO DO Nº 3 DA ESPLANADA SILVA GUIMARÃES PARA SEDE DA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO .....	115
FIGURA 79	EDIFÍCIO SEDE DA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO.....	116
FIGURA 80	PLANTA DE REEDIFICAÇÃO E AMPLIAÇÃO DE HABITAÇÃO .....	117
FIGURA 81	VISTA GERAL DA ESPLANADA ANTÓNIO SILVA GUIMARÃES, SENDO VISÍVEL A FACHADA POENTE DA HABITAÇÃO DE ANTÓNIO ARTUR BALDAQUE DA SILVA EM PRIMEIRO PLANO. POSTERIOR A 1910 E ANTERIOR A 1913 .....	117
FIGURA 82	VISTA DA PRAÇA CORONEL GALHARDO, SENDO VISÍVEL A FACHADA SUL DA HABITAÇÃO DE ANTÓNIO ARTUR BALDAQUE DA SILVA. ANTERIOR A 1913 .....	118
FIGURA 83	FACHADA DO PROJETO DE CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÃO .....	118
FIGURA 84	VISTA GERAL DA ESPLANADA ANTÓNIO SILVA GUIMARÃES, SENDO VISÍVEL A HABITAÇÃO DE ANTÓNIO ARTUR BALDAQUE DA SILVA, CONHECIDA POR CASA DAS CONCHAS, EM PRIMEIRO PLANO.....	119
FIGURA 85	CASA DAS CONCHAS E HOTEL COSTA DE PRATA, SITA NA ESPLANADA ANTÓNIO DA SILVA GUIMARÃES .....	119
FIGURA 86	PERCURSO “CASTELO ENGENHEIRO SILVA” .....	121
FIGURA 87	ANÁLISE SWOT RELATIVA AO CASTELO ENGENHEIRO SILVA.....	125

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO I	REQUERIMENTOS AVULSOS EXISTENTES NO ARQUIVO DA DIVISÃO DE URBANISMO RELACIONADOS COM O CONJUNTO ARQUITETÓNICO DA ESPLANADA, REFERENTES À HABITAÇÃO MANDADA CONSTRUIR POR FRANCISCO MARIA PEREIRA DA SILVA.....	6
QUADRO II	PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO OU ALTERAÇÕES EXISTENTES NO ARQUIVO DA DIVISÃO DE URBANISMO RELACIONADOS COM O CONJUNTO ARQUITETÓNICO DA ESPLANADA. ASSINALAM-SE A NEGRITO OS PROCESSOS DIGITALIZADOS NA ÍNTEGRA E A AZUL O PROCESSO DIGITALIZADO PARCIALMENTE. ....	6
QUADRO III	INDICADORES DEMOGRÁFICOS RELATIVOS AO MUNICÍPIO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL, EM 2014 E 2016, E TAXA DE VARIAÇÃO NO PERÍODO DE TEMPO CONSIDERADO	18
QUADRO IV	ESTABELECIMENTOS DE ALOJAMENTO TURÍSTICO, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ E NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, EM 2000, EM 2005, EM 2010, EM 2015, EM 2016 E EM 2017 E A IMPORTÂNCIA DOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS DA FIGUEIRA DA FOZ NA CAPACIDADE DE OFERTA DA SUB-REGIÃO, EM 2017 .....	23
QUADRO V	CAPACIDADE DE ALOJAMENTO NOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ E NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, EM 2000, EM 2005, EM 2010, EM 2015, EM 2016 E EM 2017 E A IMPORTÂNCIA DOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS DA FIGUEIRA DA FOZ NA CAPACIDADE DE OFERTA DA SUB-REGIÃO, EM 2017	23

QUADRO VI	EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL, POR CATEGORIA, POR CAPACIDADE E NÚMERO DE RESTAURANTES E RESPECTIVA REPRESENTATIVIDADE NAS NUTS II E III E EM PORTUGAL, EM 2018. ....	24
QUADRO VII	EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS POR FREGUESIA, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, POR TIPOLOGIA E POR CATEGORIA, POR NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS, NÚMERO DE UNIDADES DE ALOJAMENTO E CAPACIDADE, EM 2018. ....	25
QUADRO VIII	ALOJAMENTO LOCAL NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL, ANTERIOR OU POSTERIOR A 1951 E POR CAPACIDADE E RESPECTIVA REPRESENTATIVIDADE NAS NUTS II E III E EM PORTUGAL, EM 2018. ....	26
QUADRO IX	ALOJAMENTO LOCAL POR FREGUESIA, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, POR TIPOLOGIA, NÚMERO DE UNIDADES DE ALOJAMENTO, NÚMERO DE CAMAS E CAPACIDADE DE UTENTES, EM 2018. ....	27
QUADRO X	HÓSPEDES NOS ESTABELECIMENTOS DE ALOJAMENTO TURÍSTICO, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL EM 2014, 2015, 2016 E 2017. ....	28
QUADRO XI	HÓSPEDES NOS ESTABELECIMENTOS DE ALOJAMENTO TURÍSTICO, SEGUNDO O CONTINENTE DE RESIDÊNCIA HABITUAL, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL EM 2014, 2015, 2016 E 2017. ....	28
QUADRO XII	DORMIDAS NOS ESTABELECIMENTOS DE ALOJAMENTO TURÍSTICO, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL EM 2014, 2015, 2016 E 2017. ....	29
QUADRO XIII	DORMIDAS NOS ESTABELECIMENTOS DE ALOJAMENTO TURÍSTICO, SEGUNDO O CONTINENTE DE RESIDÊNCIA HABITUAL, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL EM 2014, 2015, 2016 E 2017. ....	29
QUADRO XIV	INDICADORES DA PROCURA TURÍSTICA NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL EM 2014, 2015, 2016 E 2017. ....	30
QUADRO XV	AGENTES DE ANIMAÇÃO TURÍSTICA A OPERAR NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, POR FREGUESIA DE MORADA, POR TIPO DE ATIVIDADE, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL, À DATA DE 26-06-2018. ....	31
QUADRO XVI	AGENTES DE VIAGEM E TURISMO NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL, À DATA DE 07-08-2018. ....	31
QUADRO XVII	ATIVIDADES CULTURAIS E RECREATIVAS NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, POR NÚMERO DE VISITANTES, NÚMERO DE ESPETADORES E DESPESAS DA CÂMARA MUNICIPAL EM ATIVIDADES CULTURAIS E RECREATIVAS, EM 2013, 2014, 2015 E 2016. ....	32
QUADRO XVIII	CICLOVIAS EXISTENTES NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, RESPECTIVA EXTENSÃO E GRAU DE DIFICULDADE. ....	33
QUADRO XIX	BENS IMÓVEIS EXISTENTES NAS FREGUESIAS E NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ, NA SUB-REGIÃO DE COIMBRA, NA REGIÃO CENTRO E EM PORTUGAL, POR CATEGORIA DE PROTEÇÃO, TIPOLOGIA E REPRESENTATIVIDADE DOS BENS IMÓVEIS CLASSIFICADOS NAS NUTS II E III E EM PORTUGAL, EM 2017. ....	34
QUADRO XX	PATRIMÓNIO NATURAL CLASSIFICADO, POR DESIGNAÇÃO, TIPOLOGIA E LOCALIZAÇÃO, NO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ. ....	34
QUADRO XXI	QUADRO RESUMO DAS RESPOSTAS OBTIDAS AO QUESTIONÁRIO ENVIADO A TODOS OS MUNICÍPIOS PORTUGUESES, COM BASE NAS RESPOSTAS POSITIVAS, CUJAS ROTAS OU PERCURSOS SE BASEIAM EM PERSONALIDADES. ELABORAÇÃO PRÓPRIA. ....	77
QUADRO XXII	ROTAS OU PERCURSOS CULTURAIS, PREFERENCIALMENTE DE CARIZ URBANO, COM BASE NAS RESPOSTAS OBTIDAS ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO ENVIADO A TODOS OS MUNICÍPIOS PORTUGUESES. ELABORAÇÃO PRÓPRIA ...	77
QUADRO XXIII	EMBARCAÇÕES NAS QUAIS FRANCISCO MARIA PEREIRA DA SILVA PRESTOU SERVIÇO, EM DIFERENTES TIPOS DE COMISSÕES, ENTRE 1833 E 1835. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM BASE NAS INFORMAÇÕES CONSTANTES NO AHM - LIVRO MESTRE Nº 12. ....	91

## **ABREVIATURAS**

AFMFF	Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz
AHM	Arquivo Histórico de Marinha
AHMFF	Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz
AHMOP	Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas
AME	Arquivo do Ministério de Economia
AL	Alojamento Local
AUCMFF	Arquivo do Urbanismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz
CMC	Câmara Municipal de Coimbra
CMFF	Câmara Municipal da Figueira da Foz
CMPL	Câmara Municipal de Ponte de Lima
DGPC	Direção Geral do Património Cultural
DU	Divisão de Urbanismo
EAT	Empreendimentos de Animação Turística
GPC	Gabinete de Património Cultural
RNAL	Registo Nacional de Alojamento Local
RNAT	Registo Nacional de Turismo
RNET	Registo Nacional de Empreendimentos Turísticos
SIG	Sistema de Informação Geográfica
SIPA	Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
ZEP	Zona Especial de Proteção

## Introdução

O interesse pelo Património tomou forma com a frequência do Mestrado de História da Arte, Património e Turismo Cultural, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2010-2013), concluído com a dissertação “Azulejos holandeses na Casa do Paço, Figueira da Foz”. Este trabalho incidiu sobretudo nas áreas curriculares de Artes Decorativas e Arquitetura Civil, permitindo, entre outros, aprofundar conhecimentos sobre a história local da Figueira da Foz, em particular no período compreendido entre o início do século XVIII e os meados do XIX.

No ano letivo 2015/2016 a inscrição e frequência do 1º ano do Mestrado em Turismo, Território e Patrimónios, aliado ao exercício de funções, a tempo parcial entre maio de 2016 e maio de 2017, na Divisão de Turismo e Desenvolvimento Económico da Câmara Municipal da Figueira da Foz, permitiu alargar conhecimentos e encetar uma nova caminhada de aprendizagens e conceitos no que concerne ao Turismo. A inscrição em 2017 no 2º ano do referido Mestrado, aliado à possibilidade de realizar respetivo estágio curricular na Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz, permitiu potenciar a oportunidade de aliar as diferentes áreas de formação académica – comunicação, património e turismo.

O presente relatório pretende refletir o resultado do desafio lançado no início do estágio curricular do Mestrado de Turismo, Território e Patrimónios, realizado na Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz, o qual decorreu entre janeiro e maio de 2018. Aquando do início do estágio estava em curso a reabilitação do edifício *Castelo Engenheiro Silva*, sito na Esplanada António da Silva Guimarães, de modo a torná-lo no *welcome center* da Figueira da Foz. Havendo necessidade de aprofundar os estudos sobre o Conjunto Arquitetónico da Esplanada, no qual está integrado esse edifício, com o propósito de se criarem conteúdos sobre o edificado e os temas que com ele se relacionam, bem como a apresentação de propostas de percursos que permitam dinamizar o património da cidade, esse tornou-se no principal objetivo deste estágio curricular.

Desde sempre os três edifícios que constituem o Conjunto Arquitetónico da Esplanada, sito na Esplanada António da Silva Guimarães, captaram a nossa atenção em cada ida àquela varanda sobre a Praia da Claridade. Destes imóveis, o que mais despertou a nossa curiosidade, devido à sua arquitetura, contém uma inscrição no friso da torre que acabaria por designar o modo pelo qual ficou conhecido: “Castelo Engenheiro Silva”. No entanto, tal como possivelmente acontece com muitos figueirenses e visitantes, a coincidência do apelido “Silva” da inscrição no *Castelo* e da toponímia da Esplanada levou a que, durante muito tempo, pensássemos que haveria uma relação direta entre ambos.

Dada a sua localização, em pleno Bairro Novo de Santa Catarina, e ao facto da história deste edifício e dos seus proprietários ser desconhecida para a maioria dos figueirenses em particular e do público em geral, ao longo deste estágio foram encetados todos os esforços no sentido de ser realizada uma investigação mais profunda sobre o Conjunto Arquitetónico da Esplanada. Assim, quando iniciámos o estágio na Divisão de Cultura, o primeiro passo foi obter mais informações sobre este Conjunto Arquitetónico, composto pelos edifícios *Castelo Engenheiro Silva*, *Antigo Turismo* e *Casa das Conchas*, começando pela leitura do processo de classificação do Conjunto Arquitetónico da Esplanada como Conjunto de Interesse Municipal e respetiva documentação de apoio, constituída principalmente por recortes de jornais e artigos relacionados com a história destes edifícios. Seguiram-se leituras exploratórias em publicações sobre o património local da Figueira da Foz, nomeadamente (CASCÃO,

2009), (SIMÕES, 2011), (HENRIQUES, 2005), consulta das páginas oficiais da DGPC<sup>1</sup> e do SIPA<sup>2</sup>, bem como outras publicações e estudos disponíveis ao público na Sala Figueirense da Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás<sup>3</sup>. Nesta sala foi possível recolher informações relevantes em periódicos, publicações e estudos académicos que nos permitiram ficar a conhecer melhor as três personalidades mais relevantes que apresentaremos neste estudo: Francisco Maria Pereira da Silva, António Artur Baldaque da Silva e António da Silva Guimarães.

Para compreender o futuro do *Castelo Engenheiro Silva* e as possibilidades iniciais de funcionalização do espaço, procedemos à leitura e análise do respetivo projeto de reabilitação, da autoria do arquiteto municipal Rui Silva, concluída em 2018<sup>4</sup>. Estando em estudo a possibilidade de transferir o atual Posto de Turismo, sito na av. 25 de Abril, para o piso térreo do edifício *Castelo Engenheiro Silva*, presentemente encontra-se em análise o tipo de funcionalidades e conteúdos a desenvolver para os restantes 3 pisos. O processo de reabilitação prevê que os pisos superiores possam ser preparados para exposições temporárias, estando ainda em estudo o tipo de funcionalização que este edifício poderá ter<sup>5</sup>.

Independentemente dos estudos em curso por parte da autarquia, no que concerne ao destino deste imóvel e sua funcionalidade, atendendo à sua localização e à sua história, na nossa opinião, os dois pisos superiores poderão ser destinados a dar a conhecer a história do Conjunto Arquitetónico da Esplanada, dos seus proprietários, bem como do Bairro Novo e a sua relação com esta zona da cidade.

Para poder pensar no futuro e funcionalidades a dar a edifício, iremos centrar as propostas na seguinte **questão de partida**: de que forma o *Castelo Engenheiro Silva* se pode tornar num local de referência no turismo da Figueira da Foz?

De modo a poder encontrar a resposta a esta questão, torna-se necessário compreender as diferentes vertentes que confluem para conceitos na área de turismo, os quais são abordados no capítulo 1 deste trabalho, bem como sobre o Município da Figueira da Foz, apresentado no capítulo 2, no qual se apresenta a caracterização do território e da autarquia, indicadores turísticos, rotas e percursos culturais existentes, características e tendências do Turismo Cultural na Figueira da Foz, culminando com a apresentação de propostas para a patrimonialização e funcionalização do *Castelo Engenheiro Silva* no Capítulo 3.

---

<sup>1</sup> Conjunto Arquitetónico da esplanada Silva Guimarães, constituído pelo Castelo Engenheiro Silva, Edifício do Antigo Turismo e Casa das Conchas, disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71189>

<sup>2</sup> Esplanada Silva Guimarães: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5911](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5911)

Castelo Engenheiro Silva: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4273](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4273)

Edifício do Antigo Turismo: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6981](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6981)

Casa das Conchas: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6982](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6982)

<sup>3</sup> A Sala Figueirense é dedicada à história do concelho da Figueira da Foz, sendo de visita obrigatória para todos os investigadores e público em geral que procurem informação sobre este território. É também nesta Sala que pode ser consultado o enorme acervo de periódicos locais e regionais.

<sup>4</sup> A tempestade *Leslie* causou elevados prejuízos no edifício do *Castelo Engenheiro Silva*, obrigando à realização de obras urgentes para reposição dos telhados e reparação dos restantes danos sofridos no exterior e interior.

<sup>5</sup> As propostas e ideias apresentadas neste trabalho são meras hipóteses e sugestões, decorrentes de trocas de impressões e das conclusões alcançadas pelas investigações realizadas, podendo ou não ser coincidentes com as decisões do município sobre a(s) funcionalidade(s) futuras deste edifício.

## 1. Objetivos

Tendo em consideração a localização do Conjunto Arquitetónico da Esplanada, pretendemos que a informação recolhida seja o pilar para a apresentação de futuras propostas de percursos turísticos que possam ser enquadrados ou criados a partir de conteúdos já existentes ou a desenvolver, centrados neste espaço. Numa fase posterior a este relatório, pretendemos conceber uma estratégia de comunicação destinada à divulgação e dinamização eficaz, na forma e nos conteúdos, das propostas de percursos turísticos desenvolvidos ou a desenvolver.

Por outro lado, sendo o *Castelo Engenheiro Silva* parte integrante de um conjunto arquitetónico classificado como conjunto de interesse municipal desde 2016<sup>6</sup>, situado em contexto urbano, a sua reabilitação permitirá a sua respetiva patrimonialização. Dotando-o de funcionalidades de âmbito cultural, de modo a tornar-se num ponto de referência turística na cidade da Figueira da Foz, reúne assim condições para poder vir a ser um local de interesse no turismo cultural urbano desta cidade.

Para tal é necessário primeiramente conhecer a história deste edifício e respetiva zona envolvente, os seus proprietários, bem como identificar os seus pontos fortes e oportunidades para que se possa tornar num local de referência turística na Figueira da Foz.

Estando o *Castelo Engenheiro Silva* integrado num conjunto em vias de classificação, sito em pleno Bairro Novo de Santa Catarina, a sua reabilitação não deve ser desprovida do seu passado, pelo que a necessidade de recolher informação e aprofundar conhecimentos sobre a sua história arquitetónica e a dos os seus proprietários, destinada à criação de conteúdos relacionados com a origem do Bairro Novo de Santa Catarina, bem como de algumas personalidades como sejam Francisco Maria Pereira da Silva (1814-1891), António Artur Baldaque da Silva (1853-1915) e António da Silva Guimarães (1835-1903), é evidente. A importância deste conjunto arquitetónico será valorizada através seu enquadramento histórico e temporal, bem como da tradição balnear na Figueira da Foz. A necessidade de criar condições para os veraneantes, que veio a dar origem ao Bairro Novo de Santa Catarina, principal referência no desenvolvimento turístico e balnear desta cidade desde finais do século XIX.

Sendo a Figueira “a primeira praia de Portugal, não só pelos encantos das perspectivas marítimas”, tal como a descreve Amorim Pessoa em 1878 no Almanaque dedicado à praia da Figueira (PESSOA, 1878), nessa obra o autor afirma que “talvez não seja fácil encontrar-se em Portugal duas centenas de pessoas que não tenham ouvido falar da Figueira, principalmente hoje em dia que os banhos de mar entraram para o orçamento de todas as famílias na categoria de despesa inevitável. (...) A praia da Figueira era conhecida há muitos séculos.”

No entanto, o acesso à praia e à própria vila foi sempre uma dificuldade, ultrapassada apenas no século XIX. Através da inauguração da Linha da Beira Alta, em 1882<sup>7</sup>, a Figueira da Foz ganhou um novo tipo de acessibilidade, permitindo a chegada de mais pessoas, nacionais e estrangeiras, de forma mais

---

<sup>6</sup> De acordo com a DGPC, aguarda a fixação de restrições para se poder registar a classificação. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71189>

<sup>7</sup> Embora Portugal já tivesse encetado esforços para a implementação do transporte ferroviário, o comboio só chegaria a Portugal em 1856, demorando mais de duas décadas para chegar à vila da Figueira da Foz.

rápida e com maior comodidade. Até então, a viagem através da estrada que ligava Coimbra à Figueira da Foz demorava cerca de cinco horas, através do serviço de diligências. (PESSOA, 1878).

Não eram só as acessibilidades por via terrestre que causavam dificuldades para quem desejava chegar à Figueira da Foz. Também o estado do porto e da barra causavam problemas acrescidos, nomeadamente ao comércio, devido a problemas de assoreamento, colocando inúmeros entraves à entrada e saída de embarcações, as quais chegavam a ficar retidas no porto durante semanas, com todos os prejuízos que isso acarretava.

Por esse motivo, particularmente na primeira metade do século XIX, os habitantes e comerciantes locais solicitaram a intervenção e apoio dos monarcas, para a resolução do problema do porto e da barra da Figueira da Foz. Adjudicadas as obras em 1843, as mesmas prolongaram-se durante uma década, não produzindo os efeitos desejados. Em 1853 constata-se a necessidade de uma intervenção urgente e mais duradoura, com base num estudo eficaz e nas características hidrográficas da referida barra.

Para a realização do levantamento da carta hidrográfica da barra da Figueira da Foz e posteriormente para se encarregar da direção das obras de melhoramento do porto e barra da então vila, em 1853 foi nomeado um engenheiro hidrógrafo, o Capitão-Tenente da Armada, Francisco Maria Pereira da Silva. Viria a ser responsável pela alteração da arquitetura balnear da Figueira da Foz através da construção de um novo bairro a norte do Forte de Santa Catarina e dos primórdios do atual Conjunto Arquitetónico da Esplanada.

O seu legado será a força-motriz dos conteúdos apresentados neste relatório, bem como a apresentação de uma proposta de percurso, com o objetivo de dinamizar o património da cidade através de rotas culturais urbanas.

Assim, os quatro **objetivos** definidos para este trabalho são:

- ❖ **Recolha e sintetização de informação** sobre os edifícios que integram o Conjunto Arquitetónico da Esplanada e sobre as personalidades relacionadas com esse Conjunto, destinada à criação futura de conteúdos;
- ❖ Identificação e avaliação das **Rotas Culturais e Percursos Pedestres** existentes no Município da Figueira da Foz, bem como os principais locais de interesse turístico relacionados com o presente estudo;
- ❖ Apresentação de **propostas de funcionalização** para o interior do Castelo Engenheiro Silva;
- ❖ Criação de **percursos turísticos** ancorados no *Castelo Engenheiro Silva*.

Estes objetivos têm o propósito de permitir compreender de que forma o *Castelo Engenheiro Silva* pode ser uma mais-valia para o turismo cultural na Figueira da Foz, através da sua patrimonialização e funcionalização.

Para a prossecução deste trabalho, em termos metodológicos, realizámos uma pesquisa bibliográfica relacionada com o tema do trabalho, procurando identificar diferentes abordagens e conceitos sobre turismo cultural, rota, percurso, *city break* e patrimonialização. No que concerne ao objeto de estudo, foi igualmente realizada uma extensa pesquisa bibliográfica sobre a história local, bem como em fontes

que pudessem sustentar a questão de partida e a construção de conteúdos para os objetivos definidos para este estudo.

Em virtude da proposta de percurso apresentada incidir sobre o legado de algumas pessoas, procurámos apurar a existência de percursos sobre personalidades noutros municípios. Em termos metodológicos optámos por realizar um inquérito por questionário, em virtude dos resultados obtidos através de pesquisas on-line se revelarem inconclusivos. Para tal, foi enviado um questionário aos 308 municípios portugueses destinado a apurar a existência desse tipo de produto turístico-cultural, cujos resultados se apresentam no ponto 5 do Capítulo 2.

## 2. Estrutura do relatório

O relatório foi dividido em 5 partes: introdução, 3 capítulos e a conclusão.

Na introdução, para além da contextualização do estágio realizado, dos objetivos, da estrutura deste relatório e das fontes de informação, apresenta-se a questão de partida deste trabalho: “de que forma o *Castelo Engenheiro Silva* se pode tornar num local de referência no turismo da Figueira da Foz?”

No *Capítulo 1 – Turismo Cultural e Patrimonialização*, realizámos uma breve abordagem aos principais conceitos relacionados com o tema do presente relatório, nomeadamente de turismo cultural, rota, percurso, *city break* e patrimonialização.

No *Capítulo 2 – Município da Figueira da Foz*, é apresentada a caracterização do território e da autarquia, indicadores turísticos, rotas e circuitos culturais existentes e principais locais de interesse turístico relacionáveis com o Conjunto Arquitetónico da Esplanada.

No *Capítulo 3 – O potencial do Castelo Engenheiro Silva*, apresentam-se os resultados da investigação realizada sobre o Conjunto Arquitetónico, bem como propostas para a patrimonialização e funcionalização do *Castelo Engenheiro Silva*, seguindo-se a conclusão e considerações finais.

## 3. Metodologia e fontes de informação

Definido o principal objetivo a atingir com a realização deste relatório, surgiu a questão de partida à qual era necessário dar resposta – **de que forma o *Castelo Engenheiro Silva* se pode tornar num local de referência no turismo cultural urbano da Figueira da Foz?** Para tal, a metodologia utilizada para este trabalho foi sobretudo de carácter exploratório, tendo-se optado para procedimento metodológico por uma revisão de literatura, através da pesquisa e análise de bibliografia, que fundamente a importância da patrimonialização do edifício *Castelo Engenheiro Silva*, através desta pesquisa procurámos pensar a funcionalização do seu interior, para que este imóvel se torne uma mais-valia para o turismo na Figueira da Foz.

De forma a cumprir o **objetivo de recolha e sintetização de informação destinada à criação futura de conteúdos**, sobre os edifícios que integram o Conjunto Arquitetónico da Esplanada e as personalidades relacionadas com os edifícios do *Castelo Engenheiro Silva*, *Antigo Turismo* e *Casa das Conchas* e com a

esplanada António da Silva Guimarães, demos início à fase de pesquisas e sistematização de informação.

Em resultado das funções exercidas na Divisão de Urbanismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz (2001-2005), tínhamos conhecimento da existência de processos e requerimentos avulsos no Arquivo do Urbanismo relacionados com estes três edifícios, sem, no entanto, os conhecer em detalhe. Nas visitas exploratórias ao referido Arquivo procedemos à consulta requerimentos avulsos e de processos relacionados com o Conjunto Arquitetónico, identificando um total de quatro requerimentos avulsos e de 15 processos de interesse para esta investigação.

Requerimento	Data	Requerente
Nº 107	18-12-1874	Francisco Maria Pereira da Silva
Nº 219	08-07-1885	Francisco Maria Pereira da Silva
Nº 323	18-09-1888	Francisco Maria Pereira da Silva
Nº 269	24-08-1898	Isabel Maria Nóbrega Baldaque

*Quadro I Requerimentos avulsos existentes no Arquivo da Divisão de Urbanismo relacionados com o Conjunto Arquitetónico da Esplanada, referentes à habitação mandada construir por Francisco Maria Pereira da Silva*  
Fonte: Elaboração própria.

Edifício a que diz respeito	Nº do processo (Ano/nº)	Requerente
Casa das Conchas	<b>1903/345</b>	António Artur Baldaque da Silva
	<b>1903/397</b>	
	<b>1913/470</b>	
	1994/27	Gil Ventura dos Reis & Companhia, Lda
	1978/2918	Gil Ventura dos Reis
Antigo Turismo	1979/1259	Esteves & Fernandes, Lda <sup>8</sup>
	<b>1913/192</b>	
	<b>1946/469</b>	
	1955/66	
	1988/76	
Castelo Engenheiro Silva	1992/2084	Beatriz Baldaque Pereira da Silva
	<b>1908/92</b>	
	<b>1910/88</b>	
	<b>1912/415</b>	Adelaide Silva
	<b>1914/186</b>	

*Quadro II Processos de construção ou alterações, existentes no Arquivo da Divisão de Urbanismo, relacionados com o Conjunto Arquitetónico da Esplanada. Assinalam-se a negrito os processos digitalizados na íntegra.*  
Fonte: Elaboração própria.

Atendendo à importância de alguns dos elementos encontrados e com o objetivo de contribuir para a sua preservação, propusemos a digitalização dos documentos e plantas dos processos de maior relevância, tendo sido digitalizados nove processos. A análise destes processos permitiu a identificação de 2 peças desenhadas de extrema importância: uma planta da habitação de Francisco Maria Pereira

<sup>8</sup> Processo inicial em nome de José Manuel Teixeira Roque, averbado em 1999 para Apólo Investimentos Turísticos, S.A.

da Silva, sem data, desenhada entre 1874 e 1885<sup>9</sup>, e o projeto de construção do edifício do Casino Beiramar, datada de 1910<sup>10</sup>.

Não se conhecendo nenhum estudo sobre o engenheiro hidrógrafo, Vice-Almirante Conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva, falecido em 1981 na Figueira da Foz, durante o período de estágio efetuámos pesquisas em diversos arquivos, nomeadamente no Arquivo Histórico de Marinha (AHM), Arquivo Histórico do Ministério de Economia no qual está integrado o Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (AHMOP) e no Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz (AHMFF).

No AHM, consultámos registos sobre o seu percurso militar, através da consulta de Livros de Mestres e documentação avulsa, documentação e registos relacionados com o Vapor Conde do Tojal, por ter sido a bordo desta embarcação que ele viajou com a família para a Figueira da Foz em 1854. Consultámos também a documentação existente sobre o Monte Pio de Marinha do qual foi o sócio fundador nº 278. Tendo exercido funções para o Ministério de Obras Públicas, cujo fundo documental integra o acervo do Arquivo Histórico do Ministério de Economia, no AHMOP consultámos documentação relativa à sua vida profissional, através da leitura e análise do seu processo individual, o qual foi bastante profícuo em informações relacionadas com as funções exercidas na Figueira da Foz. No AHMFF, o enfoque foi sobretudo sobre atas da Câmara Municipal e correspondência recebida e expedida. Com base nas informações recolhidas na imprensa e em registos paroquiais, estruturou-se a genealogia do Eng. Francisco Maria Pereira da Silva e da sua esposa, D. Isabel Maria Nóbrega Baldaque.

No que concerne à vida e obra de Francisco Maria Pereira da Silva (1814-1891), de António Artur Baldaque da Silva (1853-1915) e de António da Silva Guimarães (1835-1903), as notícias publicadas na imprensa local, nos dias seguintes aos respetivos falecimentos, foram fundamentais para a compreensão da importância de cada um para a Figueira da Foz. Sobre António Artur Baldaque da Silva existe uma publicação municipal (SILVA, 2003), que nos serviu de ponto de partida para o estudo da sua genealogia e a de seu pai, completada através das pesquisas realizadas nos registos paroquiais existentes na Torre do Tombo<sup>11</sup>. Foi igualmente através de pesquisas efetuadas nos registos paroquiais, Buarcos e Tavadede, existentes no Arquivo da Universidade de Coimbra, que conseguimos apresentar a genealogia de António da Silva Guimarães. Através da publicação *Album Figueirense* (NOGUEIRA, 1937) e da dissertação de mestrado sobre o Cabo Mondego (GOULÃO, 2016), conseguimos perceber a importância de António da Silva Guimarães para a história da Figueira da Foz.

Já no serviço de Taxas e Licenças da Câmara Municipal da Figueira da Foz, os registos sobre o cemitério setentrional permitiram-nos localizar a campa onde se encontra sepultado o corpo de Francisco Maria Pereira da Silva, no cemitério Setentrional da Figueira da Foz<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Planta reproduzida na figura 66, integrada num processo de 1908 - processo nº 1908/92, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva.

<sup>10</sup> Integrada no processo nº 1946/469, em nome de Armando Carneiro da Silva. Sobre o processo do Casino Beiramar não conseguimos encontrar outros elementos do processo original, apenas informações complementares nos livros de atas de 1910 e na correspondência recebida e enviada desse ano, no Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz.

<sup>11</sup> Disponíveis on-line em: <https://digitarq.arquivos.pt/>

<sup>12</sup> Jazigo nº 279, localizado no quarteirão 3º, talhão 9º do lado nascente, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva, averbado em 1941 para o nome de Isabel Maria Baldaque da Silva Coutinho Vilhena. Em 1963 este jazigo

Ainda no que concerne a pesquisas genealógicas, também procurámos saber um pouco mais sobre o autor das estampas que ilustram profusamente uma das obras mais emblemáticas de António Artur Baldaque da Silva *Estado Actual das Pescas em Portugal Compreendendo a Pesca Marítima, Fluvial e Lacustre em Todo o Continente do Reino, Referido ao Ano de 1886*, publicado em 1891<sup>13</sup>, dedicada às artes da pesca, embarcações, espécies pescadas e comunidades piscatórias. Procurámos conhecer a autoria dessas aguarelas<sup>14</sup>, assinadas “J. Almeida”, porque António Artur Baldaque da Silva ter-se-á inspirado nelas para desenhar os azulejos que decoram o exterior da Casa das Conchas, apurando que se trata de João Hilário Pinto de Almeida.

Numa tentativa de localizar um levantamento do Castelo de Buarcos, que o Eng. Silva terá realizado, em 1854, efetuámos pesquisas no Arquivo da Universidade de Coimbra e no Arquivo Histórico do Ministério de Economia<sup>15</sup>, sem sucesso.

No que concerne ao Conjunto Arquitetónico da Esplanada e a Francisco Maria Pereira da Silva, dedicámos bastante atenção ao acervo do Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz, nomeadamente aos livros de Atas da Câmara Municipal, onde encontramos diversas deliberações de interesse para o presente trabalho, bem como correspondência diversa e o testamento de Beatriz Baldaque Pereira da Silva, sua filha, no qual expressa a vontade de o edifício *Castelo Engenheiro Silva* reverta para o Município<sup>16</sup>.

Atendendo à dimensão do espólio do Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz, com milhares de espécimes, a consulta deste acervo foi fundamental para, após uma prévia seleção de imagens, compreender a evolução construtiva do Conjunto Arquitetónico da Esplanada e espaços envolventes, tendo sido possível balizar ou corrigir intervalos de datas para algumas das imagens selecionadas, através da análise das informações recolhidas noutras fontes como, por exemplo, os requerimentos e processos existentes no Arquivo do Urbanismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz.

No que respeita à história da Figueira da Foz e do Bairro Novo, para além das publicações já mencionadas, procedemos à leitura de estudos sobre o Turismo Balnear na Figueira da Foz (MACHADO, 1996), (JESUS, 1999), (CASCÃO, 2000), (BRIZ, 2003), (NUNES, 2009), (VAQUINHAS, 2012), entre outros.

---

reverteu para a Câmara Municipal através do Aviso publicado em 25/10/1963 no Diário da República – 3ª Série, p. 3165.

<sup>13</sup> A Câmara Municipal da Figueira da Foz possui dois exemplares no seu acervo desta obra: um na Sala Figueirense e outro no Núcleo Museológico do Mar.

<sup>14</sup> As 103 aguarelas originais que deram origem às estampas deste livro integram o acervo do Museu de Marinha, desde 2003, data da sua aquisição.

<sup>15</sup> A notícia “Património Cultural Figueirense – O Farol Velho”, publicada no jornal “O Figueirense” de 05-05-1989, transcreve do relatório de 31-12-1854, da autoria de Francisco Maria Pereira da Silva, a seguinte informação: “para evitar a sua queda e ruína se encontrava por concluir por ter sido embargada e estar afeta ao Poder Judicial, em virtude do arrematante de um quinta, que havia junto ao Castelo, se ter assonhorado deste cunhal e das muralhas que demolio.” No Arquivo da Universidade de Coimbra as pesquisas incidiram sobre o Fundo do Tribunal da Comarca da Figueira da Foz. No Arquivo Histórico do Ministério de Economia as pesquisas centraram-se no acervo proveniente do extinto Ministério das Obras Públicas.

<sup>16</sup> AHMFF, Legados Pios de 1941. Nessa altura a Câmara Municipal deliberou recusar a vontade da testamentária, por não concordar com as condições impostas e o ónus que tal acarretaria.

De modo a concretizar os objetivos de identificar e avaliar rotas culturais e percursos pedestres no Município da Figueira da Foz, foi realizada uma análise às rotas e percursos culturais existentes neste município.

No que concerne às rotas e percursos culturais da Figueira da Foz, em 2001/2002 este município criou um conjunto de rotas destinadas à divulgação do património, através do pedestrianismo<sup>17</sup>, que foram sendo adaptadas, modificadas ou desativadas ao longo do tempo. Para poder identificar as diversas rotas e percursos criados ao longo dos últimos anos pelo Município da Figueira da Foz, procedemos à identificação e recolha dos diferentes suportes de divulgação disponíveis ao público atualmente, bem como os respetivos antecedentes.

Atualmente o município dispõe de uma brochura intitulada “Percurso | Leve a Figueira da Foz consigo”, através da qual são propostos dez percursos para descobrir o território da Figueira da Foz, um dos quais dedicado aos “Notáveis”, no qual estão referenciados o Eng. Francisco Maria Pereira da Silva (Mercado Municipal Eng. Silva) e António da Silva Guimarães (Esplanada com o mesmo nome).

Atendendo à importância da obra desenvolvida e respetivo legado na Figueira da Foz de duas personalidades relacionadas com o Conjunto Arquitetónico da Esplanada, Francisco Maria Pereira da Silva e a António da Silva Guimarães, consideramos que as referências e locais a visitar relacionados com ambos, justificam a criação de percursos culturais, que permitam dar a conhecer a sua história e contributo para o desenvolvimento desta cidade. Para tal, o nosso ponto de partida foi a **procura de percursos existentes noutros municípios**, baseados em personalidades, bem como casos de boas práticas noutros municípios, que nos possam servir de inspiração. Para isso iniciámos uma pesquisa on-line, com recurso à conjugação de diferentes palavras-chave, como por exemplo “rota”, “roteiro”, “percurso”, “personalidade”, “individualidade”, entre outras. No entanto, as pesquisas efetuadas levaram, na sua maioria, a conteúdos dedicados a personalidades, mas não necessariamente a rotas ou percursos sobre os mesmos, pelo que os resultados obtidos foram praticamente nulos, conseguindo encontrar apenas o exemplo de Ponte de Lima. Este município editou uma brochura com três roteiros culturais, destinados a divulgar e valorizar o seu património cultural, juntando à Rota dos Escritores Limianos (já existente), dois itinerários consagrados a duas personalidades nascidas naquele município: o poeta António Feijó e o beato Francisco Pacheco<sup>18</sup>.

Encontrámos também uma referência à realização de uma visita guiada em Coimbra, com um percurso dedicado à vivência de Torga naquela cidade (evento isolado realizado no âmbito do 111º aniversário do seu nascimento), em 2018 (CMC, 2018). Identificámos alguns casos de percursos dinamizados por entidades privadas, como por exemplo “Cascais na entrelinha: a rota dos escritores”, promovida por “Quilómetros que contam”<sup>19</sup> ou “Rota das Figuras Ilustres”, no âmbito de “Visitas guiadas e Passeios turísticos” organizados por “3 rios” dedicadas a António de Oliveira Salazar e Aristides Sousa Mendes<sup>20</sup>.

Rapidamente concluímos que a melhor forma de obter resultados viáveis seria consultar os próprios Municípios. Através da página oficial da Associação Nacional de Municípios Portugueses obtivemos os

<sup>17</sup> Ata nº 11 da Reunião de Câmara de 06-06-2008, p. 6, disponível em:

<http://figueiradigital.ficheirospt.com/cmff/actas/cm1120080606.pdf>

<sup>18</sup> A brochura encontra-se disponível em: <https://www.visitepontedelima.pt/pt/turismo/ponte-de-lima-roteiros-culturais/> sendo publicada na íntegra no Anexo 2.

<sup>19</sup> <http://quilometrosquecontam.com/rota-dos-escritores/>

<sup>20</sup> [http://www.3rios.pt/?page\\_id=930](http://www.3rios.pt/?page_id=930)

contactos das 308 câmaras municipais, nomeadamente o endereço de correio eletrónico<sup>21</sup>. Depois de elaborar um questionário destinado a perceber quais as rotas existentes a nível nacional e as suas características principais, bem como a forma como são divulgadas e potenciadas, no dia 3 de outubro procedemos ao seu envio, via e-mail para todos os municípios portugueses.

Com base nas respostas obtidas, cujos resultados apresentamos no ponto 5 do capítulo 2, conseguimos identificar cinco que se enquadram no tipo de percurso que propomos, bem como alguns exemplos de boas práticas que poderão ser tidos em consideração, embora sejam de itinerários literários. Esta metodologia de investigação, por inquérito, relevou ser uma opção acertada, tanto pelos resultados obtidos como pelas reações de alguns Municípios. Foram vários os que nos contactaram telefonicamente para esclarecimentos de dúvidas, de modo a perceber se os percursos dos seus municípios se adequavam ao que procurávamos apurar. Houve também pelo menos dois casos em que o contacto foi estabelecido para obter mais esclarecimentos sobre o tipo de percurso que tínhamos em mente pois, embora não tivessem nenhum do género no seu território, tinham achado a ideia muito interessante e gostariam de estudar a possibilidade de procederem à criação de percursos relacionados com personalidades marcantes na história dos seus territórios. Ressalvamos, no entanto, que, até ao dia 11 de dezembro de 2018, dos 308 municípios apenas responderam 34%, o que corresponde a 106 respostas obtidas, verificando-se que em 27 municípios (25,5% das respostas) existem rotas dedicadas a personalidades, reais ou ficcionadas, escritores ou ilustres.

Para a proposta de percurso turístico que apresentamos no final deste relatório, selecionámos um conjunto de locais de interesse na Figueira da Foz, particularmente relacionados com as personalidades apresentadas neste estudo e com o próprio Conjunto Arquitetónico da Esplanada, de modo a poder ancorá-la no *Castelo Engenheiro Silva*.

Como em qualquer trabalho de investigação, houve necessidade de rever a informação recolhida, procedendo à seleção dos conteúdos relevantes e com importância estratégica para a investigação em curso, de modo a não criar dispersão e ruído desnecessários, pretendendo-se que a apresentação e análise realizada reflita a investigação desenvolvida.

Finaliza-se este trabalho com a apresentação das conclusões atingidas, a apresentação das limitações e dificuldades encontradas, bem como com a apresentação de reflexões e possibilidades para investigação futura.

---

<sup>21</sup> Disponível em <https://www.anmp.pt/munp/mun/mun10111.php?cod=20140110>

## Capítulo 1 – Turismo Cultural Urbano e Patrimonialização

*Ao longo dos séculos, o ato de viajar, motivado pela necessidade, o prazer, a curiosidade ou religiosidade, levou muitas pessoas a descobrir novas paisagens, gentes e costumes. (...) o precedente mais claro do turismo cultural é o Grand Tour do século XVIII, que consistia numa viagem realizada por aristocratas britânicos a alguns dos lugares históricos, artísticos e naturais de maior proeminência no continente europeu, com especial incidência na Península Itálica. Estas viagens eram autênticos itinerários turístico-culturais.*

(SARDO, 2012)

Com a abertura de novos museus, no século XIX, a relação entre património cultural e turismo ganha uma nova dimensão, alterada também pelo surgimento de novos meios de transporte, com a invenção do motor e da ferrovia. O turismo de massas sobretudo à procura de destinos de sol e praia surge após a II Guerra Mundial, deixando o património cultural para segundo plano, recuperando importância nos anos 60 do século XX. Ao integrar novas vertentes, o turismo cultural passou a assumir uma importante função económica, tornando-se num elemento fundamental no tipo de ofertas dos destinos turísticos (SARDO, 2012).

O turismo, tal como o entendemos atualmente, resulta sobretudo da forma como se ocupa o tempo livre, implicando uma deslocação para fora da área de residência e uma permanência nos locais visitados por períodos de tempo variáveis, podendo esse tempo ser preenchido com atividades de recreio (CUNHA, 2001:3).

*Cultural tourism is a type of tourism activity in which the visitor's essential motivation is to learn, discover, experience and consume the tangible and intangible cultural attractions and products in a tourism destination<sup>22</sup>. Its importance is increasingly reflected in the sheer size of this sub-sector, as well as its rapid growth. Tourists' burgeoning interest in cultural experiences is reflected in the content and marketing of tourism products.*

(UNWTO, 2018:81)

Os motivos que levam as pessoas a viajar e as características dos destinos permitem definir os tipos de turismo e, conseqüentemente, a diversidade de tipologias. No caso do turismo cultural, de acordo com Cunha (CUNHA, 2001:49), alguns autores diferenciam «turismo cultural» de «turismo histórico», no entanto, considera impossível separar a cultura da história, pelo que inclui no turismo cultural as viagens realizadas “pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar os conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos doutros povos, conhecer civilizações e culturas diferentes, do passado e do presente, ou ainda a satisfação de necessidades espirituais.” De acordo com o mesmo autor, “as relações entre o turismo e a cultura são profundas e têm um duplo sentido: turismo como ato cultural e forma de cultura e turismo cultural como meio de permitir ao homem o acesso a formas de expressão cultural” (CUNHA, 2013:221).

*Não obstante, em que pese o caráter patriarcal, aristocrático e individual expressado por Funari e Pelegrini (2009), no “berço” das civilizações ocidentais, património evoca, ainda hoje, a ideia de transmissão no quadro de uma coletividade, não de pai para filho, mas de uma geração a outra.*

(TEIXEIRA, 2014:50)

---

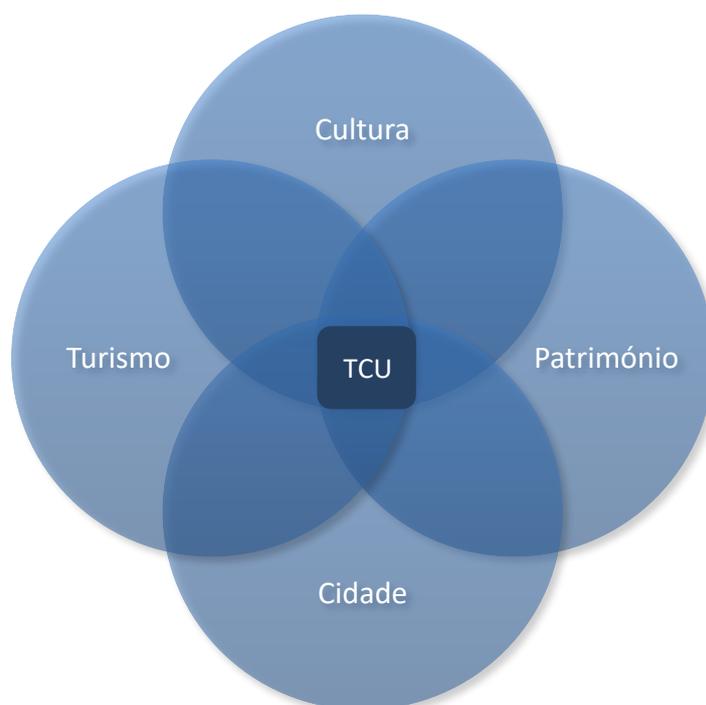
<sup>22</sup> This definition by UNWTO was adopted by the 22nd UNWTO General Assembly in 2017, p. 82 (nota de rodapé proveniente do texto original).

Atendendo ao significado de património e às suas vertentes – antropológica, sociológica, administrativa, jurídica ou histórica, económica ou turística, entre outros – nem todo o património é cultural. Do mesmo modo também nem toda a cultura provém do património.

De acordo com Choay (CHOAY, 2010:11), património histórico é uma expressão que “designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada de dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua presença comum ao passado”, do qual o património edificado, designado no passado por «monumentos históricos», é apenas uma parte da herança em contínuo crescimento.

No que concerne ao conceito de património cultural, torna-se necessário primeiro considerar as diferentes perspetivas e abordagens que se podem adotar, conforme a vertente em que for analisada, pois cada uma das áreas do conhecimento define-o de forma diferente. De acordo com Teixeira, (TEIXEIRA, 2014:49), a definição de património assumiu uma dimensão ampla e diversificada nos últimos anos, pois “cada área do conhecimento propõe, por meio dos seus especialistas, uma definição e categoria de património, a saber: arquitetónico, arqueológico, ecológico, etnológico, urbano, genético, etc.”

Nesse sentido, em Portugal o Estado assume um papel fundamental na preservação e transmissão da herança social e cultural de uma sociedade, podendo delegar essa função nos Municípios, por serem os agentes que melhor conhecem o seu território. Sendo o turismo uma das estratégias fundamentais para o desenvolvimento das povoações, contribuindo para o surgimento de novas políticas de reabilitação urbana, nomeadamente dos centros históricos, o turismo cultural deve estabelecer relações entre a cultura e a economia, sendo geradora de políticas económicas, culturais e urbanas centradas no desenvolvimento estratégico de um território.



*Figura 1 Interceção de vertentes que constituem o conceito de Turismo Cultural Urbano. Elaboração própria.*

Para que se possa verificar a existência de turismo cultural urbano é necessário haver oferta cultural no espaço urbano, bem como de serviços associados ao turismo, como sejam, dormidas, restauração e acessibilidades, por um lado, e a respetiva procura por parte de visitantes, por outro. Quando se verifica a presença de todos estes elementos, estão reunidas todas as condições para o desenvolvimento de turismo cultural urbano.

*(...) sobre turismo e cultura, Henry (1992) enfatiza que o turismo é uma atividade de troca que mobiliza dois eixos fundamentais: a população que acolhe e sua relação com o património, considerado como fonte econômica. Contudo, acredita que o ideal da articulação entre turismo e cultura é o bem-estar da população local, que deve pressupor também a apropriação patrimonial. (...), pensar o turismo nas sociedades contemporâneas implica compreender os sentidos dessa atividade para as pessoas do lugar, o que faz com que o património seja visto de uma forma integral.*

(TEIXEIRA, 2014:64)

O Turismo Cultural Urbano<sup>23</sup> carece assim da qualidade da relação entre os recursos culturais e as atratividades turísticas, tendo por base a necessidade de contar uma história, proporcionando ao turista cultural uma experiência única, através de um produto específico, como por exemplo uma rota. As rotas permitem aos visitantes interagir diretamente com a cultura local, seja através da história de personalidades, do património material ou imaterial, sendo uma forma de viabilizar a relação entre turismo cultural e centros urbanos. (MAIA, 2013)

*Cultural diversity has become a major catalyst for tourism, as travellers increasingly seek out new cultural experiences. Culture and heritage allow the tourism sector to create distinctive destinations and strengthen visitor experiences. It is estimated that 40% of international arrivals are cultural tourists, i.e. travellers who participate in a cultural visit or activity as part of their stay.<sup>6</sup> Tourists for whom a specific, predetermined cultural activity or experience is the primary motivation for their trip form a smaller percentage of arrivals, yet they still represent a major economic force. The same survey suggests that cultural tourism arrivals are growing steadily compared to overall international arrivals.*

(UNWTO, 2018:81)

A Organização Mundial do Turismo – OMT (2006) citado por Queiróz (QUEIRÓZ, 2008), define o turismo cultural em cidades como:

*1) o movimento de pessoas a atrativos culturais localizados em cidades de países que não são aqueles de residência e normalmente, com objetivo de adquirir nova informação e experiências para satisfazer suas necessidades culturais;*

---

<sup>23</sup> Sobre este assunto veja-se, por exemplo:

QUEIRÓZ, Françoise - *Turismo e Cultura em cidades europeias: Uma abordagem sobre a formação de redes de trabalho no processo de (Re)Criação do destino Málaga, Costa do Sol – Espanha*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento do Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/1497>;

SEMEDO, Pedro Miguel Carrilho - *O impacto dos eventos culturais na renovação e diversificação do produto Turístico Urbano – O caso de Tomar*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento do Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/1630>;

RICHARDS, Greg (2009) “Turismo cultural: Padrões e implicações. In de Camargo, P. e da Cruz, G. (eds) *Turismo Cultural: Estratégias, sustentabilidade e tendências*. UESC: Bahia, pp. 25-48, disponível em [https://www.academia.edu/2353069/Turismo\\_Cultural\\_Padr%C3%B5es\\_e\\_implicac%C3%A7%C3%B5es](https://www.academia.edu/2353069/Turismo_Cultural_Padr%C3%B5es_e_implicac%C3%A7%C3%B5es)

2) *todo o movimento de pessoas a atrativos culturais concretos, como lugares de valor patrimonial, manifestações artísticas e culturais, exposições de arte e teatro, de cidades localizadas em países em que normalmente não residem.*

No contexto urbano, o património é, em regra, o principal produto turístico, pelo que, cada vez mais as políticas urbanas contemporâneas se desenvolvem em torno de processos de patrimonialização, como forma de promover o desenvolvimento económico das cidades, dos núcleos urbanos e dos centros históricos. De acordo com (BEZERRA, 2014) “O sentido dual do processo de patrimonialização está a ser uma característica das políticas urbanas atuais. Nesse contexto, os projetos de intervenção realçam um vínculo entre património e *embelezamento arquitetónico*, como uma fórmula de regeneração imagética e económica da cidade.”

Neste tipo de estratégia importa cada vez mais a criação ou reabilitação de espaços com capacidade de atrair novos utilizadores, em detrimento da preservação do genuíno e autêntico, o qual também se perde a partir do momento em que o turista interage com a cultura local. Tal acontece porque o turista, embora possa ser um espetador passivo, não é invisível, gerando em quem é visitado a necessidade de se tornar atrativo para o visitante, moldando, assim, ainda que de forma inconsciente, o comportamento dos locais e a conseqüente necessidade de adaptação dos espaços.

*A procura turística, nos últimos anos, tem manifestado um especial interesse na busca de novas experiências, que suscitam o enriquecimento cultural na viagem (Garcia & Sanchez, 2003), pelo que a atividade turística tem diversificado a sua oferta e passado a apresentar produtos mais relacionados com a cultura local e regional, para corresponder aos novos anseios e preferências dos turistas (Guzmán & Cañizares, 2008).*

(MAIA, 2013)

Os **visitantes** de um determinado território podem ser turistas ou excursionistas, sendo que um **turista** pernoita no local visitado, permanece mais de 24h, implicando assim uma estadia; enquanto um **excursionista** permanece menos de 24h e não pernoita.

Caracterizado por visitas cuja estada varia entre dois a seis dias no local, com o objetivo de desfrutar da gastronomia e ambiente local e visitando locais de interesse histórico-cultural, museus e locais de comércio, o perfil do turista de **city break** é de um viajante com mais de 25 anos, bom nível socioeconómico e de formação, que se informa consultando a internet, agências especializadas ou amigos, escolhendo hotéis três a cinco estrelas. Este tipo de turista procura um conjunto de oportunidade e experiências relacionadas com diferentes incentivos, desde motivações históricas, culturais, recreativas, gastronómicas, entre outras, que lhe permitam conhecer uma cidade enquanto destino turístico, sendo os turistas europeus mais entusiastas deste tipo de turismo. De acordo com (FERREIRA, 2012), que cita Azevedo (2010) o turismo *city break*, ou *city short break* é um conceito de turismo recente, apresentando um rápido crescimento devido a fatores como o surgimento de linhas aéreas de baixo custo, alojamento com preços mais acessíveis, o aparecimento de novos destinos, e as maiores facilidades de reserva e compra de viagens pela internet.

Sendo a cidade o território de eleição do turismo de *city break*, o património edificado é o seu principal atrativo cultural, pelo que a preocupação na sua preservação e valorização tem vindo a aumentar, através da sua revitalização. De acordo com Gonçalves (GONÇALVES, 2009), para revitalizar determinado património é necessário primeiro conhecê-lo através de estudos nas diferentes áreas, da

História da Arte à gestão patrimonial, de modo a poder determinar qual o papel da dimensão turística no destino a dar a esse património, tendo sempre em atenção que o turismo deve estar ao serviço do património e não o inverso.

A classificação um bem material ou imaterial, como património de interesse municipal, público, nacional ou da humanidade, significa o seu reconhecimento pelo interesse que lhe é atribuído (cultural, histórico, etc.) com o objetivo de garantir a sua preservação, divulgação e valorização. A este reconhecimento designa-se de **patrimonialização**. Pensar na patrimonialização de um espaço implica compreender que o lazer e o turismo são a chave para a mudança do modo como o espaço passa a ser visto e vivenciado, para além de potenciar o desenvolvimento económico, através da articulação entre a memória e o património. O território enquanto representação simbólica, como fator de unidade e identidade cultural, tornar-se-á criador de um sentimento de pertença e de identificação, como *“espaço de ação da sociedade e de interação social (espaço de memória, espaço cultural, palco de rituais variados, de festividades, de eventos)”* (MOREIRA, 2013:6).

A construção de narrativas em torno do património de um território deverá ser o fio condutor da patrimonialização e funcionalização dos espaços, investindo-os de valor patrimonial e potencial turístico, relacionado com o lazer e a contemplação de espaços, muitas vezes inacessíveis ou ao abandono. Para tal, a forma da **rota** ou **percurso** é a mais indicada, pois permite criar um guião ancorado nos recursos patrimoniais a visitar, possibilitando estabelecer parcerias entre os diferentes agentes locais, criar novas dimensões de territórios e destacar a autenticidade das identidades locais, bem como a criação de mecanismos de usufruto do património (GONÇALVES, 2009).

Caminhar por vontade própria, pelo prazer da descoberta e da contemplação, surge aliada ao lazer e ao tempo livre, sendo a melhor forma de conhecer uma região, de se deixar envolver pela natureza e de contactar com a cultura e população dos territórios visitados. À atividade, cada vez mais popular nas sociedades desenvolvidas, de caminhar como forma de escapar à vida de todos os dias, utilizando caminhos ou trilhos existentes, dá-se o nome de pedestrianismo (TOVAR, 2010:19-20).

Os percursos ou rotas, são percursos pré-definidos, devidamente sinalizados, podem ser circulares / fechados ou lineares / abertos, em meio urbano, rural, áreas planas, em ambiente de montanha, no litoral ou no interior, cuja forma e dimensão são variáveis. “Num percurso linear, ou aberto, o ponto de partida é diferente do ponto de chegada. O percurso circular, também denominado fechado, como o nome indica, começa e acaba no mesmo ponto, isto é, o ponto de partida e o ponto de chegada são coincidentes (...). Do ponto de vista prático, sobretudo ao utilizador, interessa saber se o ponto de partida coincide ou não com o ponto de chegada” (TOVAR, 2010).

No que concerne à sua extensão, os percursos ou rotas podem ser divididos em percursos de grande extensão (que atravessam regiões ou mesmo países, não se percorrendo num dia), denominados de **Grande Rota** (GR), geralmente com uma extensão superior a 30km, e os percursos de menor dimensão (que podem ser percorridos de uma vez só), designada de **Pequena Rota** (PR), não devendo exceder os 30km de extensão (TOVAR, 2010). Nos termos da alínea e) do artº 2º do Regulamento de Homologação de Percursos Pedestres, da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal,

“**Percurso Local:** (...) É um percurso pedestre cuja totalidade ou mais de metade do trajeto discorre em ambiente urbano<sup>24</sup>.”

Os percursos pedestres, pela sua ambivalência, podem responder a múltiplos interesses turísticos, sendo comumente incluídos na oferta de turismo ativo, por permitirem conjugar, simultaneamente, turismo cultural religioso, gastronómico, balnear ou outros, conforme o território e valores sobre o qual se desenvolvem. São, por isso, um produto turístico multifacetado que pode ser consumido enquanto produto ou subproduto (BRANDÃO, 2012). Os percursos pedestres são a melhor forma promoção de turismo cultural em espaço urbano.

---

<sup>24</sup> [http://www.fcportugal.com/files/PercursoPedestres/RHPP\\_vWeb.pdf](http://www.fcportugal.com/files/PercursoPedestres/RHPP_vWeb.pdf)

## Capítulo 2 – Município da Figueira da Foz

Para melhor se compreender os objetivos do projeto desenvolvido e o potencial das propostas apresentadas, torna-se necessário conhecer o território da Figueira da Foz.

### 1. Concelho da Figueira da Foz

#### 1.1. Caracterização do território

Localizado na costa atlântica de Portugal, o concelho da Figueira da Foz é um território de referência na região centro. Pertencente administrativamente ao Centro (NUTS II) e à sub-Região de Coimbra (NUTS III), é um dos dezanove municípios que integram a Comunidade Intermunicipal Região de Coimbra. Pertencendo ao distrito de Coimbra, tem por limites a Norte o município de Cantanhede, a Este o de Montemor-o-Velho e de Soure, a Sul o município de Pombal e a Oeste o Oceano Atlântico.

Habitualmente designada como Rainha da Costa de Prata, é uma das mais famosas estâncias balneares nacionais. Localizada a 200 km de Lisboa, 120 km do Porto, 62 km de Leiria, 79 km de Aveiro e a 40 km de Coimbra, a Figueira da Foz é a segunda maior cidade do distrito de Coimbra, (CMFF, 2014a) com cerca de 379,1 km<sup>2</sup> de área, divididos por 14 freguesias (CIMRC, 2017) contando com cerca de 60.200 habitantes (PORDATA, 2018). Com cerca de 35 km de costa arenosa, com exceção do Cabo Mondego – promontório na Serra da Boa Viagem, com arribas de cerca de 50 metros de altura, o concelho é atravessado pelo rio Mondego, que desagua no Oceano Atlântico junto à cidade da Figueira da Foz (CLAS, 2015). O vale deste rio marca o território quer pela sua paisagem, mas também pela sua história, costumes, tradições e atividades económicas.

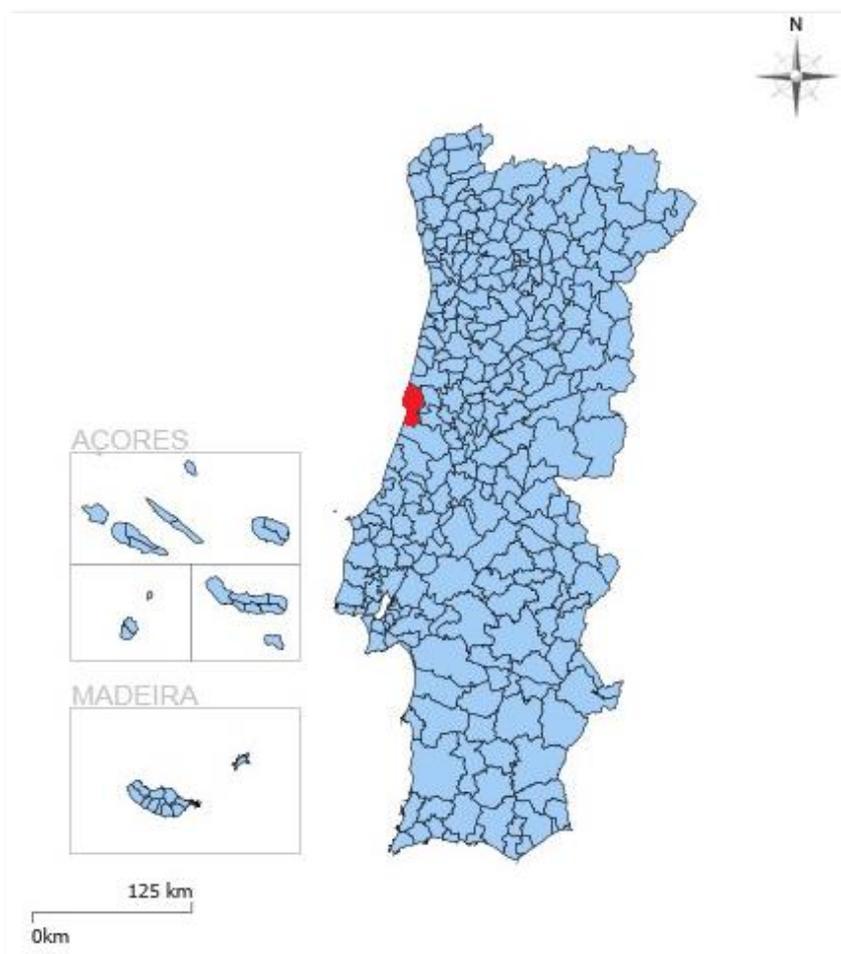


Figura 2 **Mapa de Portugal com a sinalização do concelho da Figueira da Foz.**  
Adaptação de <https://www.pordata.pt/Municipios>

Unidade Geográfica	População residente			Densidade populacional (hab/km <sup>2</sup> )			Índice de envelhecimento		
	2014	2016	Taxa de variação 2014-2016 (%)	2014	2016	Taxa de variação 2014-2016 (%)	2014	2016	Taxa de variação 2014-2016 (%)
Figueira da Foz	60 621	59 956	-1,10	159,9	158,2	-1,06	190,0	201,0	5,79
Região de Coimbra	444 014	439 507	-1,02	102,4	101,4	-0,98	192,6	203,8	5,82
Centro	2 263 992	2 243 934	-0,89	80,3	79,6	-0,87	177,0	188,5	6,50
Portugal	10 374 822	10 309 573	-0,63	112,5	111,8	-0,62	141,3	150,9	6,79

**Quadro III Indicadores demográficos relativos ao município da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal, em 2014 e 2016, e taxa de variação no período de tempo considerado**

Fonte: *Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2014 (2015) e Anuário Estatístico da Região Centro 2016 (2017), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.*

A relação estabelecida entre a Figueira da Foz e Coimbra foi-se fortalecendo ao longo dos séculos, quer por via fluvial, quer por via terrestre, na qual o crescimento da rede viária favoreceu a transformação da Figueira da Foz num centro turístico e balnear. Em termos de acessibilidades, da densa rede rodoviária destacam-se dois eixos fundamentais estabelecidos pela A14 e pela A17, os quais permitem a ligação a Coimbra e às áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, respetivamente. A A14 permite igualmente ligações a outros eixos com acesso a Espanha (via IP3 ou IP5), enquanto o IC1/EN109 atravessa todo o concelho da Figueira da Foz no sentido Sul-Norte. Também as acessibilidades ferroviárias têm fortalecido a ligação da Figueira da Foz a Coimbra e à Europa, encontrando-se presentemente a ser servida pela linha urbana de Coimbra (CMFF, 2014a).

A sua posição estratégica na Região Centro é igualmente engrandecida por ser uma cidade portuária, com um porto marítimo de importância histórica, cujo estuário do maior rio exclusivamente português dinamiza economicamente o território, desde a agricultura ao turismo, passando pela indústria, não esquecendo o seu potencial do ponto de vista hídrico (CLAS, 2015). Atualmente, o Porto da Figueira da Foz integra o importante Corredor Irun-Portugal – uma rede transeuropeia de transportes – desempenhando um papel importante nas ligações de mercadorias entre a Península Ibérica e o resto da Europa, através das acessibilidades rodoviárias e ferroviárias que o servem (CMFF, 2014a).



Figura 3 **Mapa das freguesias do concelho da Figueira da Foz, após a reorganização administrativa de 2013**  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Figueira\\_da\\_Foz#/media/File:Figueira\\_da\\_Foz\\_freguesias\\_2013.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Figueira_da_Foz#/media/File:Figueira_da_Foz_freguesias_2013.svg)

## 1.2. Caracterização do Município da Figueira da Foz

Ao longo do tempo foram várias as civilizações que se fixaram no território que constitui hoje o concelho da Figueira da Foz, particularmente nas margens e estuário do rio Mondego. Embora as origens da ocupação deste território remontem à Pré-história, contudo foram os romanos que nos legaram marcas da sua presença, nomeadamente o porto de Emide (Buarcos). Dos sarracenos apenas se sabe que arrasaram a povoação em 717. No século XI, o conde D. Sesnando, moçárabe natural de Tentúgal, liderou a reconquista cristã. Ciente da posição estratégica da localidade como porto de mar, o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra iniciou o povoamento das terras reconquistadas.

Ao longo dos séculos seguintes os monarcas foram concedendo privilégios à igreja, nomeadamente ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e à Igreja de Santa Maria de Coimbra, alargando assim o território da Figueira da Foz.

Em 1342, o rei D. Afonso IV passou carta de Foral a Buarcos e em 1362 D. Pedro deu ordem à Mitra e Cabido da Sé de Coimbra para que pudessem nomear nos seus coutos, de Tavadre e lugar da Figueira, os funcionários administrativos e tabeliães necessários para o bom funcionamento da conduta dos seus povos. Em 1456, partiram caravelas de Buarcos a caminho de Ceuta e dez anos depois o Príncipe D. João II recebeu de seu pai, D. Afonso V, a terra de Buarcos, com a jurisdição cível e crime.

No decorrer do século XVI a população foi assolada por constantes ataques piratas, o que levou à construção do Forte de Santa Catarina para a defesa da zona. A importância adquirida pelo povoado da Figueira da Foz levou o monarca D. José a conceder-lhe, por decreto de 12 de março de 1771, a categoria de Vila. Em 1773, começou a exploração da mina do Cabo Mondego, denominada, à data, de mina do Focinho da Figueira.

Em 1807, o Forte de Santa Catarina foi ocupado por uma guarnição pertencente ao exército francês de Junot, que viria a dominar toda a região entre Coimbra e Figueira da Foz, a qual terminou um ano depois, com a conquista do Forte de Santa Catarina pelo grupo de voluntários liderados pelo académico Bernardo António Zagalo. O exército inglês de Wellesley, futuro duque de Wellington, desembarcou nesse mesmo ano, em agosto de 1808, cerca de três mil homens na baía do Mondego.

No início do séc. XIX, a grande dinâmica e riqueza produzida pelo porto e o desenvolvimento da construção naval, fizeram com que a população da Figueira da Foz quase duplicasse. Em 1882 foi inaugurada a ligação à linha de caminhos de ferro da Beira Alta e a 20 de setembro desse ano a Figueira da Foz foi elevada à categoria de cidade (CMFF, 2014). Esta ferrovia permitiu ligar a Figueira da Foz a todo o país e a Espanha, possibilitando uma afluência cada vez maior de pessoas a esta cidade.

Com a construção do Bairro Novo de Santa Catarina, destinado especialmente a banhistas, a cidade adquiriu um novo impulso económico, atingindo o seu apogeu como estância balnear, com vetusta tradição desde o século XVIII, o qual se transforma num ponto de encontro da aristocracia e de visitantes ilustres, que frequentavam os seus casinos e espaços culturais, particularmente até ao início da 1ª Guerra Mundial (DIAS, 1995).

Com o crescimento das classes médias regionais na segunda metade do século XX, a rede de serviços de apoio ao turista e ao visitante aumenta, através do surgimento de novas unidades hoteleiras e de restauração, aumentando também o número de habitações secundárias, ocupadas principalmente no período de veraneio.

Para além do tradicional sol/mar, o turismo continua a ser assumido pelo Município como uma das áreas estratégicas para o futuro do seu território, através da sua complementaridade com outras modalidades ligadas a este segmento, nomeadamente o turismo de natureza, de desporto, de negócios e cultural (CMFF, 2017b).



Figura 4 **Edifício dos Paços do Concelho**  
<https://www.cm-figfoz.pt/index.php/galeria/galeria-de-fotos>

### 1.2.1. Divisão de Cultura

No âmbito da Organização dos Serviços Municipais do Município da Figueira da Foz, aprovada em 2014<sup>25</sup>, a Divisão de Cultura está dependente do Presidente da Câmara Municipal, estando a cargo de um Chefe de Divisão.

Encontram-se na dependência da Divisão de Cultura o Museu Municipal Santos Rocha, o Núcleo Museológico do Mar, o Núcleo Museológico do Sal, a Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, o Arquivo Histórico Municipal, o Arquivo Fotográfico Municipal, o Auditório Municipal e o Centro de Artes e Espectáculos, para além de alguns imóveis municipais classificados.

À Divisão de Cultura compete “designadamente: gerir equipamentos culturais municipais através da articulação entre os diversos agentes; contribuir para a disseminação do conhecimento, criatividade e inovação; promover a proteção e divulgação do património histórico e cultural; (...); valorizar o património cultural móvel, imóvel e imaterial; (...); promover a proteção do património documental de importância para o município e sua história; dinamizar a oferta cultural da cidade, tornando os equipamentos municipais em salas de espetáculos de referência, segundo critérios de eficiência e aproveitando a polivalência dos espaços; proporcionar uma programação cultural diversificada,

<sup>25</sup> Despacho nº 556/2014 publicado em Diário da República, 2.ª série — N.º 7 — 10 de janeiro de 2014, alterado pelo Despacho nº 6113/2017, publicado em Diário da República, 2.ª série — N.º 132 — 11 de julho de 2017 e pelo Despacho nº 8932/2018, publicado em Diário da República, 2.ª série — N.º 183 — 21 de setembro de 2018.

contribuindo para o enriquecimento cultural e intelectual dos cidadãos; (...); promover a recolha, o tratamento, a difusão e o acesso à informação cultural; (...)"<sup>26</sup>.

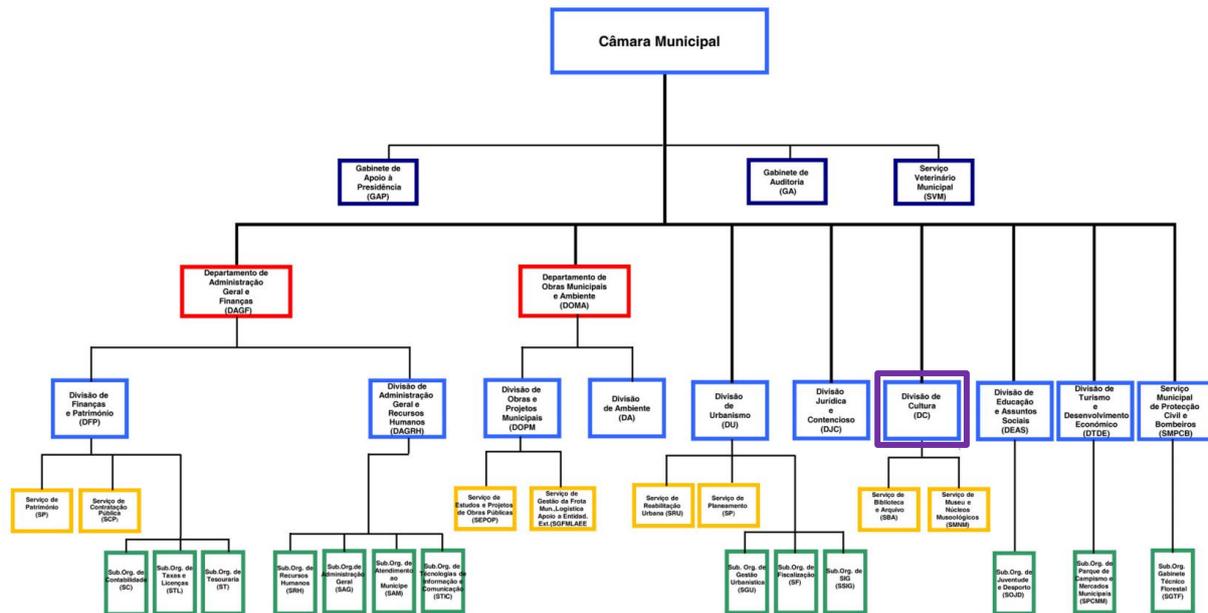


Figura 5 Estrutura Orgânica dos Serviços do Município da Figueira da Foz, publicada em Diário da República, 2.ª série — N.º 183 — 21 de setembro de 2018, através do Despacho nº 8932/2018.



Figura 6 Principais espaços culturais da Divisão de Cultura – Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz à esquerda. Em primeiro plano o Edifício da Biblioteca, Museu, Arquivo Histórico, Arquivo Fotográfico e Auditório Municipal, vistos das Abadias  
<https://www.cm-figfoz.pt/index.php/galeria/galeria-de-fotos>

<sup>26</sup> Artº 28º do Despacho nº 556/2014 publicado em Diário da República, 2.ª série — N.º 7 — 10 de janeiro de 2014

## 2. Do Turismo ao Património

*Repleta de história e memórias, a Figueira da Foz encontra na gesta das suas gentes um oceano de razões para garantir uma oferta diversificada de produtos e serviços que permitem a quem por cá reside ou passa, ter vontade de por cá ficar ou regressar.*

(CMFF, 2014b)

Para potenciar o turismo é necessário que o visitante encontre condições de atratividade, desde as mais básicas, como sejam a segurança, alojamento, transportes, acessibilidades e refeições, mas também um território que lhe proporcione condições para o lazer, a fruição da natureza ou a atratividade do seu património. A sua satisfação e respetivo retorno é avaliada por um conjunto de indicadores turísticos, que permitem aos diversos agentes e entidades compreender o potencial turístico de um determinado território. Esses indicadores, como sejam a evolução do número de estabelecimentos hoteleiros e a importância da sua capacidade de alojamento no que concerne à oferta da sub-região em que se integra, bem como a sua representatividade, permitem compreender a sua influência no desenvolvimento turístico do respetivo território.

Para além da sua capacidade e respetiva representatividade nas NUTS II e NUTS III, o alojamento local permite também perceber o impacto sobre a preservação de património imóvel, quando a situação de o edifício de Alojamento Local ser anterior a 1951. Também a relevância do alojamento local, comparativamente aos empreendimentos turísticos, bem como a sua distribuição no território do Município, permite compreender a sua importância em zonas de menor procura, mas com potencial interesse turístico.

Outra fonte de informação que permite perceber o crescimento ou o declínio de um território, ao nível da procura turística, são os hóspedes, as dormidas e os indicadores na procura, no que concerne ao alojamento turístico, segundo o continente de residência habitual, no concelho da Figueira da Foz, bem como a sua representatividade na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal nos últimos anos.

No que concerne à cultura e ao lazer, o número de visitantes, número de espetadores e despesas da Câmara Municipal em atividades culturais e recreativas nos últimos anos, permitem avaliar o retorno obtido, comparativamente com o investimento realizado.

No que respeita ao património, a sua salvaguarda passa também pela sua classificação, sendo a Carta Municipal do Património Edificado e Natural (CMFF, 2017) um documento fundamental para a compreensão da importância dada pelo município a este tipo de legado do passado que urge preservar para as gerações futuras.

## 2.1. Indicadores Turísticos

### Estabelecimentos hoteleiros

Os estabelecimentos hoteleiros cumprem uma das necessidades básicas dos visitantes que queiram ficar num território mais do que um dia. A dormida é, aliás, um dos grandes indicadores turísticos, pelo que, no quadro seguinte, se apresenta a evolução dos estabelecimentos hoteleiros na última década e meia, na Figueira da Foz, bem como a sua representatividade no território.

Unidade Geográfica	Estabelecimentos hoteleiros						Importância da capacidade de alojamento na oferta da sub-região, em 2017 (%)	
	2000	2005	2010	2015	2016	2017		
Figueira da Foz	Hotéis	8	10	11	15	16	16	24,6
	Pensões / AL	13	12	8	10	14	19	23,2
	Outros / TER e TH	3	-	0	0	0	0	0
	<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>25</b>	<b>30</b>	<b>35</b>	<b>17,2</b>
Baixo Mondego (2000 a 2010)	Hotéis	18	22	23	54	62	65	100
	Pensões / AL	40	35	27	48	63	82	100
	Outros / TER e TH	6	4	4	52	54	57	100
Região de Coimbra (2015 e 2016) <sup>27</sup>	<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>61</b>	<b>54</b>	<b>154</b>	<b>179</b>	<b>204</b>	<b>100</b>

*Quadro IV Estabelecimentos de alojamento turístico, no concelho da Figueira da Foz e na sub-Região de Coimbra, em 2000, em 2005, em 2010, em 2015, em 2016 e em 2017 e a importância dos estabelecimentos hoteleiros da Figueira da Foz na capacidade de oferta da sub-região, em 2017.*

*Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2001 (2002), 2005 (2006), 2010 (2011), 2015 (2016), 2016 (2017), e 2017 (2018), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.*

Unidade Geográfica	Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros						Importância da capacidade de alojamento na oferta da sub-região, em 2017 (%)	
	2000	2005	2010	2015	2016	2017		
Figueira da Foz	Hotéis	1 169	1 874	1 590	2 188	2 296	2 308	29,1
	Pensões / AL	503	468	284	283	383	499	19,5
	Outros / TER e TH	582	-	0	0	0	0	0
	<b>Total</b>	<b>2 254</b>	<b>2 342</b>	<b>1 874</b>	<b>2 471</b>	<b>2 679</b>	<b>2 807</b>	<b>24,8</b>
Baixo Mondego (2000 a 2010)	Hotéis	2 598	3 553	3 255	6 989	7 734	7 940	100
	Pensões / AL	1 692	1 466	1 126	1 884	2 265	2 564	100
	Outros / TER e TH	1 009	454	488	1 000	731	815	100
Região de Coimbra (2015 e 2016) <sup>28</sup>	<b>Total</b>	<b>5 299</b>	<b>5 473</b>	<b>4 869</b>	<b>9 873</b>	<b>10 730</b>	<b>11 319</b>	<b>100</b>

*Quadro V Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros, no concelho da Figueira da Foz e na sub-Região de Coimbra, em 2000, em 2005, em 2010, em 2015, em 2016 e em 2017 e a importância dos estabelecimentos hoteleiros da Figueira da Foz na capacidade de oferta da sub-região, em 2017.*

*Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2001 (2002), 2005 (2006), 2010 (2011), 2015 (2016) e 2016 (2017), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.*

Atendendo às características e à própria tipologia dos estabelecimentos hoteleiros, embora o número de unidades de Alojamento Local represente 54% do total na Figueira da Foz, a capacidade de

<sup>27</sup> As novas tipologias de alojamento foram determinadas pelo Decreto-Lei nº 39/2008, de 07-03. No que concerne aos Anuários Estatísticos da Região Centro, do INE, a partir da edição relativa a 2013, publicada em 2014, a tipologia passa de *Hotéis / Pensões / Outros*, para *Hotelaria / Alojamento local / Turismo no espaço rural e Turismo de habitação*. Com a alteração das NUTS III em 2013, a NUTS III Baixo Mondego, que englobava 8 Municípios, passou a designar-se Região de Coimbra com 19 Municípios.

<sup>28</sup> Idem

alojamento dos hotéis representa 82,2% da oferta no concelho, conseguindo uma representatividade na oferta da NUTS III de 29%, sendo de 19,5% no caso do Alojamento Local. Atendendo à dimensão e características do território da NUTS III, ainda assim a capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros do concelho da Figueira da Foz representa 24,8% da oferta na Região de Coimbra.

### Empreendimentos turísticos

No que concerne aos Empreendimentos Turísticos, no caso do Município da Figueira da Foz, o RNAT não dispõe de informações acerca de todos os Parques de Campismo ou Caravanismo<sup>29</sup>, o que não permite compreender a realidade do concelho.

Tipologia	Nº de unidades	Categoria					Capacidade	Nº Un Alojamento	Nº Un Mobilidade Reduzida	Nº Restaurantes
		*	**	***	****	*****				
Hotel	15	2	3	6	4	-	1 774	901	7	15
Parque Campismo / Caravanismo <sup>a)</sup>	2	-	-	2	-	-	4 500	11	2	2
Hotel Rural	1	-	-	1	-	-	34	17	1	2
Hotel Apartamento	2	-	-	1	1	-	385	152	1	7
<b>Figueira da Foz</b>	<b>20</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>6 693</b>	<b>1 081</b>	<b>11</b>	<b>26</b>
<b>Região de Coimbra <sup>b)</sup></b>	<b>88</b>	<b>12</b>	<b>16</b>	<b>32</b>	<b>25</b>	<b>3</b>	<b>18 113</b>	<b>3 838</b>	<b>68</b>	<b>98</b>
<b>Centro <sup>b)</sup></b>	<b>468</b>	<b>44</b>	<b>94</b>	<b>191</b>	<b>129</b>	<b>10</b>	<b>73 290</b>	<b>20 330</b>	<b>503</b>	<b>522</b>
<b>Portugal <sup>b)</sup></b>	<b>1 875</b>	<b>120</b>	<b>347</b>	<b>603</b>	<b>658</b>	<b>147</b>	<b>375 451</b>	<b>121 452</b>	<b>1 791</b>	<b>2 520</b>
<b>Representatividade do concelho da Figueira da Foz (%)</b>										
<b>Região de Coimbra</b>	22,7	16,7	18,8	31,3	20,0	0,0	37,0	28,2	16,2	26,5
<b>Centro</b>	4,3	4,5	3,2	5,2	3,9	0,0	9,1	5,3	2,2	5,0
<b>Portugal</b>	1,1	1,7	0,9	1,7	0,8	0,0	1,8	0,9	0,6	1,0

**Quadro VI Empreendimentos Turísticos no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal, por categoria, por capacidade e número de restaurantes e respetiva representatividade nas NUTS II e III e em Portugal, em 2018.**

Fonte: *Elaboração própria com base no RNET - Registo Nacional de Empreendimentos Turísticos, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNET/Registos.ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&MostraFiltro=True>, consultado em 27-06-2018.*

<sup>a)</sup> O RNT não dispõe de informações acerca do Parque de Campismo Municipal da Figueira da Foz, do Parque de Campismo de Quiaios e do Parque de Campismo Foz do Mondego<sup>30</sup>.

<sup>b)</sup> Os Parques de Campismo/Caravanismo sem atribuição de \* foram contabilizados na categoria 1 \*

No que respeita à localização dos diferentes empreendimentos turísticos no concelho da Figueira da Foz, 80% está situado na freguesia de Buarcos e São Julião, representando 87,4% da capacidade de alojamento existente no Município.

Das 14 freguesias do concelho da Figueira da Foz, apenas quatro possuem algum tipo de empreendimento turístico, sendo três delas fronteiras ao mar.

<sup>29</sup> Consultado em 26-06-2018 - <https://rnt.turismodeportugal.pt/rnt/consultaaregisto.aspx>.

<sup>30</sup> Os dados apresentados são referentes ao Parque de Campismo e Caravanismo da Orbitur, na Gala, obtidos no RNT e ao Parque Municipal de Campismo da Figueira da Foz, fornecidos pela Eng<sup>a</sup> Maria João Pombo, do Município da Figueira da Foz.

Freguesias	Total	Empreendimentos Turísticos									
		Categoria	Hotel			Hotel Apartamento		Hotel Rural		Parque Campismo / Caravanismo	
			1 a 2 *	3 a 4 *	Σ	1 a 2 *	3 a 4 *	1 a 2 *	3 a 4 *	1 a 2 *	3 a 4 *
Alhadas	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Alqueidão	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Bom Sucesso	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Buarcos e São Julião	E	16	4	9	13	-	2	-	-	1	
	U	965	120	682	802	-	152	-	-	11	
	C	4 977	237	1 355	1 592	-	385	-	-	3 000	
Ferreira-a-Nova	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Lavos	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Maiorca	E	1	-	-	-	-	-	1	-	-	
	U	17	-	-	-	-	-	17	-	-	
	C	34	-	-	-	-	-	34	-	-	
Marinha das Ondas	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Moinhos da Gândara	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Paião	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Quiaios	E	1	-	1	1	-	-	-	-	-	
	U	86	-	86	86	-	-	-	-	-	
	C	156	-	156	156	-	-	-	-	-	
São Pedro	E	2	1	-	1	-	-	-	-	1	
	U	13	13	-	13	-	-	-	-	-	
	C	1 526	26	-	26	-	-	-	-	1 500	
Tavarede	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Vila Verde	E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
concelho da Figueira da Foz	E	20	5	10	15	-	2	-	1	2	
	U	1 081	133	768	901	-	152	-	17	11	
	C	5 693	263	1 511	1 774	-	385	-	34	3 500	

*E – Número de estabelecimentos; U – Número de unidades de alojamento; C – Capacidade*

*Quadro VII Empreendimentos Turísticos por freguesia, no concelho da Figueira da Foz, por tipologia e por categoria, por número de estabelecimentos, número de unidades de alojamento e capacidade, em 2018*

*Fonte: Elaboração própria com base no RNET - Registo Nacional de Empreendimentos Turísticos, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNET/Registos.ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&MostraFiltro=True>, consultado em 27-06-2018.*



Freguesias		Total	Alojamento Local			
			Apartamento	Hospedagem	Hospedagem – Hostel	Moradia
Alhadas	E	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-
	U	-	-	-	-	-
Alqueidão	E	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-
	U	-	-	-	-	-
Bom Sucesso	E	1	-	1	-	-
	C	3	-	3	-	-
	U	6	-	6	-	-
Buarcos e São Julião	E	215	157	31	6	21
	C	934	445	260	79	150
	U	1 550	723	486	104	237
Ferreira-a-Nova	E	2	1	-	-	1
	C	5	3	-	-	2
	U	11	5	-	-	6
Lavos	E	3	-	1	-	2
	C	14	-	2	-	12
	U	21	-	4	-	17
Maiorca	E	2	-	-	-	2
	C	8	-	-	-	8
	U	8	-	-	-	8
Marinha das Ondas	E	3	-	1	-	2
	C	8	-	3	-	5
	U	16	-	6	-	10
Moinhos da Gândara	E	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-
	U	-	-	-	-	-
Paião	E	2	-	-	-	2
	C	37	-	-	-	37
	U	46	-	-	-	46
Quiaios	E	16	6	5	-	5
	C	90	17	43	-	30
	U	137	30	68	-	39
São Pedro	E	7	4	2	-	1
	C	22	15	4	-	3
	U	45	22	17	-	6
Tavarede	E	7	4	1	-	2
	C	27	8	5	-	14
	U	43	14	10	-	19
Vila Verde	E	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-
	U	-	-	-	-	-
concelho da Figueira da Foz	E	258	172	42	6	38
	C	1 148	488	320	79	261
	U	1 883	794	597	104	388

*E – Número de unidades de alojamento; C – Número de camas; U – Capacidade de utentes*

*Quadro IX Alojamento Local por freguesia, no concelho da Figueira da Foz, por tipologia, número de unidades de alojamento, número de camas e capacidade de utentes, em 2018*

*Fonte: Elaboração própria com base no RNAL - Registo Nacional de Alojamento Local, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNAL/ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&FiltroVisivel=True>, consultado em 27-06-2018.*

**Hóspedes, dormidas e indicadores de procura turística**

Relativamente ao número total de hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico, no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal, entre 2014 e 2017, verifica-se que tem vindo a aumentar. No caso da Figueira da Foz é evidente o aumento de 40% que se verificou entre 2014 e 2015, bem como de 21% na Região de Coimbra, no mesmo período, comparativamente aos 9% a nível nacional. Nos últimos dois anos de 2016 e 2017, o crescimento manteve-se, bem como na região de Coimbra, tendo aumentado no Centro, ao contrário da Figueira da Foz que, embora continue a aumentar o número de hóspedes, apresenta uma ligeira diminuição do valor de crescimento.

	Hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico por ano				Crescimento comparativo com o ano anterior		
	2014	2015	2016	2017	2015	2016	2017
<b>Unidade</b>	<b>Nº</b>				<b>%</b>		
<b>Figueira da Foz</b>	85 685	144 557	165 100	184 093	40	16	13
<b>Região de Coimbra</b>	544 377	666 628	760 986	875 629	21	13	13
<b>Centro</b>	2 498 106	2 879 206	3 227 138	3 805 166	13	12	20
<b>Portugal</b>	17 301 622	19 161 180	21 252 625	23 953 765	9	11	11

**Quadro X Hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico, no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal em 2014, 2015, 2016 e 2017.**

Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2001 (2002), 2005 (2006), 2010 (2011), 2015 (2016), 2016 (2017), e 2017 (2018), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

No que concerne ao número de hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico, segundo o continente de residência habitual, verifica-se que a percentagem de portugueses tem vindo a diminuir no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal, em oposição ao número de hóspedes provenientes da União Europeia.

No caso da Figueira da Foz verifica-se que a percentagem de hóspedes provenientes de Espanha, França e América apresenta um aumento no ano de 2017.

Unidade Geográfica	Portugal				UE28 (excluindo Portugal)												América			
	2014	2015	2016	2017	Total				Espanha				França				2014	2015	2016	2017
<b>Unidade</b>	<b>%</b>																			
<b>Figueira da Foz</b>	69	70	70	63	27	25	25	30	10	10	10	11	8	7	8	8	2	2	2	3
<b>Região de Coimbra</b>	60	59	56	54	26	27	29	29	9	9	9	9	5	6	6	5	8	8	9	11
<b>Centro</b>	64	63	62	57	25	26	26	29	10	10	9	10	5	6	6	5	6	5	6	8
<b>Portugal</b>	43	42	41	39	43	44	44	44	9	9	9	8	6	7	7	7	7	7	8	9

**Quadro XI Hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico, segundo o continente de residência habitual, no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal em 2014, 2015, 2016 e 2017.**

Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2001 (2002), 2005 (2006), 2010 (2011), 2015 (2016), 2016 (2017), e 2017 (2018), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

No que respeita às dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico, no concelho da Figueira da Foz, na sub-região de Coimbra, na região Centro e em Portugal, entre 2014 e 2017, os valores apresentam a mesma tendência do número de hóspedes verificada no Quadro X.

	Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico por ano				Crescimento comparativo com o ano anterior		
	2014	2015	2016	2017	2015	2016	2017
Unidade	Nº				%		
<b>Figueira da Foz</b>	175 740	246 345	285 517	322 338	69	14	12
<b>Região de Coimbra</b>	923 497	1 114 414	1 263 902	1 428 524	22	14	15
<b>Centro</b>	4 486 949	5 058 446	5 643 792	6 764 282	15	12	18
<b>Portugal</b>	48 711 366	53 074 176	59 122 640	65 385 210	11	11	13

*Quadro XII Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico, no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal em 2014, 2015, 2016 e 2017.*

*Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2001 (2002), 2005 (2006), 2010 (2011), 2015 (2016), 2016 (2017), e 2017 (2018), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.*

Comparativamente ao número de hóspedes, as dormidas apresentem uma tendência de crescimento idêntica para a Figueira da Foz, exceto no caso de oriundos da França, cuja percentagem de dormidas diminuiu em 2017.

Unidade Geográfica	Portugal				UE28 (excluindo Portugal)												América			
					Total				Espanha				França							
	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017
Unidade	%																			
<b>Figueira da Foz</b>	60	62	63	57	35	32	33	37	14	12	12	13	10	9	11	10	2	0	2	3
<b>Região de Coimbra</b>	57	57	54	53	28	30	31	31	10	10	10	10	6	6	7	6	8	1	8	10
<b>Centro</b>	59	59	58	52	30	31	31	35	11	11	11	11	5	6	7	6	5	5	6	7
<b>Portugal</b>	31	30	29	28	56	57	58	56	8	7	7	7	7	7	7	7	6	6	6	8

*Quadro XIII Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico, segundo o continente de residência habitual, no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal em 2014, 2015, 2016 e 2017.*

*Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2001 (2002), 2005 (2006), 2010 (2011), 2015 (2016), 2016 (2017), e 2017 (2018), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.*

Analisando os principais indicadores da procura turística no concelho da Figueira da Foz, verifica-se que, embora em 2015 tenha havido um decréscimo da estada média por número de noites e na proporção de dormidas, a taxa de ocupação e os proveitos por aposento apresentaram um aumento comparativamente com 2014.

Em 2017, comparativamente com 2016, a estada média de hóspedes estrangeiros diminuiu, bem como a proporção de dormidas entre julho e setembro, embora a taxa de ocupação e os proveitos por aposento tenham mantido a tendência de crescimento.

Unidade Geográfica	Estada média no estabelecimento (nº de noites)				Estada média dos hóspedes estrangeiros (nº de noites)				Proporção de dormidas entre julho e setembro				Taxa de ocupação – cama líquida (%)				Proveitos de aposento (milhares de euros)			
	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017
<b>Figueira da Foz</b>	2,1	1,7	1,7	1,8	2,6	2,2	2,2	2,0	51,8	49,7	50,4	47,2	26,8	29,3	31,9	34,0	2,7	3,5	3,7	3,9
<b>Região de Coimbra</b>	1,7	1,7	1,7	1,6	1,8	1,8	1,7	1,7	40,1	40,6	40,7	39,4	30,3	32,4	34,4	36,4	2,9	3,3	3,6	4,1
<b>Centro</b>	1,8	1,8	1,7	1,8	2,0	2,0	1,9	2,0	39,8	39,0	39,1	38,7	27,7	28,9	30,9	34,3	2,8	3,0	3,3	3,8
<b>Portugal</b>	2,8	2,8	2,8	2,7	3,4	3,3	3,3	3,2	39,4	38,9	37,9	37,0	42,4	43,7	46,4	48,9	4,8	5,2	5,9	6,8

**Quadro XIV Indicadores da procura turística no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal em 2014, 2015, 2016 e 2017.**

Fonte: *Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2001 (2002), 2005 (2006), 2010 (2011), 2015 (2016), 2016 (2017), e 2017 (2018), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.*

Verifica-se assim, através da análise dos dados o INE, que o número de hóspedes, as dormidas e indicadores de procura turística demonstram, de uma forma geral, um contínuo crescimento no que concerne à Figueira da Foz apresentando, no entanto, um ligeiro abrandamento.

## 2.2. Agentes Turísticos

*Conhecida como a Rainha das Praias de Portugal, a Figueira da Foz põe ao dispor dos seus visitantes todo um património histórico-cultural e uma imensidão de praias de areia dourada, onde as ondas criam momentos de sublime contemplação. Com cerca de 12 praias referenciadas como excelentes para a prática de diversos desportos náuticos, a Figueira da Foz apresenta ondas de grande qualidade com diferentes tipos de fundos sendo que a onda do Cabedelo, fundo de areia, está referenciada como uma das mais consistentes da Europa. Fantásticos podem ser os momentos de lazer no rio Mondego ou os passeios ao ar livre no Parque das Abadias e na Serra da Boa Viagem, sem esquecer as falésias do Cabo Mondego que extraordinariamente nos transportam até à pré-história.*

(CMFF, 2014c)

Pela descrição presente na página oficial do Município da Figueira da Foz, é possível identificar de imediato os principais elementos paisagísticos que caracterizam esta cidade: o rio Mondego, o oceano Atlântico e a Serra da Boa Viagem. Detentora de potencialidades turísticas diversificadas, reunindo condições para a realização de atividades ao ar livre na serra, na praia, no mar ou no rio – de natureza, aventura ou de cariz cultural – a relevância turística da Figueira da Foz pode ser avaliada pela presença de agentes turísticos, através da representatividade de Agentes de Animação Turística e a tipologia das atividades que desenvolvem e proporcionam aos seus clientes, bem como a de Agentes de Viagem e Turismo na Figueira da Foz, na NUTS III, NUTS II e em Portugal.

Tipo de Agente		Empresa de Animação Turística	Operador Marítimo Turístico	Total
		12	4	16
Tipo de Atividade	Atividades Ar Livre/ Natureza e Aventura	9	0	9
	Atividades Marítimo-Turísticas	2	4	6
	Atividades Cultural / Tour. Paisag. e Cultural	6	0	6
	Atividades reconhecidas turismo de natureza	4	0	4
	<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>4</b>	<b>25</b>
Freguesia	Alhadas	1	-	1
	Buarcos	8	2	10
	Maiorca	1	1	2
	São Pedro	1	1	2
	Outros (Coimbra)	1	-	1
<b>Figueira da Foz</b>		<b>12</b>	<b>4</b>	<b>16</b>
<b>Região de Coimbra</b>		<b>116</b>	<b>21</b>	<b>137</b>
<b>Centro</b>		<b>647</b>	<b>190</b>	<b>837</b>
<b>Portugal</b>		<b>6 905</b>	<b>1 306</b>	<b>8 211</b>
Representatividade do concelho da Figueira da Foz (%)	<b>Região de Coimbra</b>	10,3	19,0	11,7
	<b>Centro</b>	1,9	2,1	1,9
	<b>Portugal</b>	0,2	0,3	0,2

**Quadro XV Agentes de Animação Turística a operar no concelho da Figueira da Foz, por freguesia de morada, por tipo de atividade, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal, à data de 26-06-2018.**

Fonte: Elaboração própria com base no RNAAT - Registo Nacional de Agentes de Animação Turística, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNAAT/ConsultaRegisto.aspx?FiltroVisivel=True>, consultado em 26-06-2018

Unidade Geográfica	Agentes de Viagem e Turismo	
<b>Figueira da Foz</b>	<b>11</b>	
<b>Região de Coimbra</b>	<b>66</b>	
<b>Centro</b>	<b>314</b>	
<b>Portugal</b>	<b>2 517</b>	
Representatividade do concelho da Figueira da Foz (%)	<b>Região de Coimbra</b>	16,7
	<b>Centro</b>	3,5
	<b>Portugal</b>	0,4

**Quadro XVI Agentes de Viagem e Turismo no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal, à data de 07-08-2018.**

Fonte: Elaboração própria com base no RNAVT - Registo Nacional de Agentes de Viagem e Turismo, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNAVT/ConsultaRegisto.aspx?FiltroVisivel=True>, consultado em 07-08-2018

### 2.3. Cultura e Lazer

*Um dos eternos encantos da Figueira da Foz é a “Praia da Claridade”, um vasto areal que, já desde os finais do séc. XIX, era o preferido da classe aristocrática. Os seus emblemáticos bares em madeira listrada e a areia branca e macia continuam a atrair turistas de todo o mundo. Das diversas praias que pode encontrar ao longo da costa figueirense, desafiamo-lo a encontrar 2 praias iguais.*

(CMFF, 2014d)

O Município da Figueira da Foz possui uma vasta abrangência de espaços culturais e de lazer de referência. Desde a Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás (fundada em 1910), o Museu Municipal Santos Rocha (fundado em 1894), o Núcleo Museológico do Mar (inaugurado em 2003), o Núcleo Museológico do Sal (inaugurado em 2007), ao Centro de Artes e Espetáculos (inaugurado em 2002)<sup>32</sup>, entre outros, são diversos os espaços municipais dedicados à cultura e ao lazer.

No entanto, de acordo com os dados indicados no Anuário Estatístico da Região Centro<sup>33</sup>, pode-se constatar que, embora o número de visitantes em museus tenha diminuído em 2016, comparativamente com o ano anterior, em 2017 verifica-se um acentuado aumento. Já no que diz respeito ao número de espetadores em espetáculos ao vivo, verifica-se uma diminuição desde 2015, apesar do aumento no investimento em atividades culturais e recreativas, por parte do município.

Município	Atividades culturais e recreativas					
	Ano	2013	2014	2015	2016	2017
Figueira da Foz	Museus: nº de visitantes <sup>34</sup>	20 384	18 358	28 002	21 467	30 829
	Espetáculos ao vivo: nº de espetadores	55 880	90 886	98 378	96 693	89 236
	Despesa total da CM em atividades culturais e criativas, por habitante (€)	33,8€	38,8€	45,5€	50,8€	55,0€
	Despesa total da CM em atividades culturais e criativas (€)	2.211€	2.597.501€	3.109.070€	3.552.247€	3.284.919€

**Quadro XVII Atividades culturais e recreativas no concelho da Figueira da Foz, por número de visitantes, número de espetadores e despesas da Câmara Municipal em atividades culturais e recreativas, em 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017.**

Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2013 (2014), 2014 (2015), 2015 (2016) e 2016 (2017), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

Apostando cada vez mais numa cultura de mobilidade sustentável, tirando proveito do facto de a Figueira da Foz ser uma cidade com pouco declive, o município tem vindo a investir na construção de ciclovias e de vias cicláveis. Sendo a bicicleta um meio de transporte não poluente, silencioso, económico e acessível, torna-se o ideal para práticas de lazer e pequenas deslocações, particularmente nas zonas urbanas. Na Figueira da Foz a extensão das ciclovias é de quase 7,5 km, repartidos por troços maioritariamente junto ao rio, na praia ou ao mar.

<sup>32</sup> Possui 2 auditórios com 200 e 800 lugares, um anfiteatro exterior, foyer, salas de apoio, estúdios e 4 salas de exposições, com uma programação cultural muito dinâmica, recebendo grandes espetáculos de índole nacional e internacional. <https://www.cm-figfoz.pt/index.php/onde-ir/cae-centro-de-artes-e-espetaculos>

<sup>33</sup> O Número de visitantes que se apresenta neste quadro foi apurado junto da Divisão de Cultura, por não constarem no Anuário de Estatístico da Região Centro 2013 (2014) e 2014 (2015), bem como por se verificar que o valor indicado para 2017 correspondia apenas ao número de visitantes no Museu Municipal Santos Rocha.

<sup>34</sup> Valores apurados junto da Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz relativamente aos visitantes do Museu Municipal Santos Rocha, Núcleo Museológico do Sal e Núcleo Museológico do Mar.

Município	Designação da Ciclovía	Extensão (km)	Grau de Dificuldade
	Ciclovias das Praias da Figueira da Foz	2.039	Sem qualquer dificuldade
	Pista Ciclável da Fortaleza de Buarcos	0,367	Sem qualquer dificuldade
	Ciclovía da Marginal Atlântica da Figueira da Foz	1.070	Sem qualquer dificuldade
	Ciclovias da Rodovia Urbana	2.680	Dificuldade Média/Baixa
<b>Figueira da Foz</b>	Ciclovias da Avenida 1º de Maio	0,726	Dificuldade Baixa
	Ecovia do Oásis da Ponte do Galante	0,833	Sem qualquer dificuldade
	Ciclovía da Marina da Figueira da Foz	0,811	Sem qualquer dificuldade
	Ciclovía da Estação da Figueira da Foz	0,694	Sem qualquer dificuldade
	Ciclovía do Sul	1.690	Sem qualquer dificuldade
		<b>7.482</b>	

**Quadro XVIII Ciclovias existentes no concelho da Figueira da Foz, respetiva extensão e Grau de Dificuldade.**

Fonte: Elaboração própria com base em Ciclovía disponível em

<http://www.ciclovía.pt/ciclovias/2centro/4coimbra/ffoz/ffoz.php>, consultado em 08-08-2018.

## 2.4. Património

*O vasto espólio do Museu Municipal Santos Rocha, constituído por colecções de arqueologia, etnografia africana e oriental, numismática, pintura, escultura, cerâmica e mobiliário; A fabulosa coleção de Azulejos Delft da Casa do Paço (a maior existente na Europa); o Palácio Sotto Mayor; o Forte de Santa Catarina; a Fortaleza de Buarcos; as inúmeras igrejas com as suas talhas douradas; os vários vestígios arqueológicos, que remontam ao jurássico, fazem da Figueira da Foz um destino com um património histórico único.*

(CMFF, 2014d)

No que concerne ao património, e porque a sua salvaguarda também se reforça pela sua classificação, verifica-se que no concelho da Figueira da Foz quase 50% do seu património classificado é de Interesse Municipal, aliada às condicionantes estabelecidas na Carta Municipal do Património Edificado e Natural, de 2017. Relativamente à Região de Coimbra, verifica-se que a representatividade de Imóveis/Monumentos de Interesse Municipal da Figueira da Foz é de quase 47%.

De acordo com a informação disponível na página da Direção-Geral do Património Cultural existem atualmente 46 imóveis classificados no concelho da Figueira da Foz<sup>35</sup>. No entanto, estão já identificados mais de 250 sítios de interesse geológico, (CARVALHO, 2018) dos quais mais de 50 com potencial para serem classificados como geossítios, (GOULÃO, 2018) num intervalo de 42.000 anos de história (MANO, 2018).

Sendo a predominância de imóveis protegidos na freguesia de Buarcos e São Julião, cerca de 1/3 das 14 freguesias do concelho não possui edificações classificadas.

<sup>35</sup> De acordo com a informação disponibilizada em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/>, consultada em 27-06-2018.

Freguesias	Total	Categoria de proteção			
		Monumentos Nacionais	Imóveis/Monumentos de Interesse Público	Imóveis/Monumentos de Interesse Municipal	
		Alhadas	3	1	-
Alqueidão	1	-	-	1	
Bom Sucesso	-	-	-	-	
Buarcos e São Julião	30	1	16	12	
Ferreira-a-Nova	2	-	1	1	
Lavos	1	-	1	-	
Maiorca	3	-	2	1	
Marinha das Ondas	-	-	-	-	
Moinhos da Gândara	1	-	-	1	
Paião	3	-	2	1	
Quiaios	1	-	-	2	
São Pedro	-	-	-	-	
Tavarede	1	-	-	1	
Vila Verde	-	-	-	-	
<b>concelho da Figueira da Foz</b>	<b>46</b>	<b>2</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	
<b>Região de Coimbra</b>	<b>234</b>	<b>47</b>	<b>140</b>	<b>47</b>	
<b>Centro</b>	<b>1 127</b>	<b>187</b>	<b>712</b>	<b>228</b>	
<b>Portugal</b>	<b>4 521</b>	<b>822</b>	<b>2 285</b>	<b>814</b>	
<b>Representatividade do concelho da Figueira da Foz (%)</b>	<b>na Região de Coimbra</b>	19,7	4,3	15,7	46,8
	<b>no Centro</b>	4,1	1,1	3,1	9,6
	<b>em Portugal</b>	1,0	0,2	1,0	2,7

**Quadro XIX Bens Imóveis existentes nas freguesias e no concelho da Figueira da Foz, na sub-Região de Coimbra, na região Centro e em Portugal, por categoria de proteção, tipologia e representatividade dos bens imóveis classificados nas NUTS II e III e em Portugal, em 2017**

Fonte: Elaboração própria com base no Anuário Estatístico da Região Centro 2017 (2018), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa. Relativamente ao concelho da Figueira da Foz a informação foi recolhida na página da Direcção-Geral do Património Cultural, disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/>, consultada em 27-06-2018 e em Análise e Diagnóstico Património Classificado e Referenciado – Documento final, junho 2017, Câmara Municipal da Figueira da Foz.

A Carta Municipal do Património Edificado e Natural regista ainda a classificação de 2 árvores e 1 geomonumento.

Classificação	Designação	Tipologia	Localização
Árvore de Interesse Público	Freixo	Árvore	Buarcos
Árvore de Interesse Público	Plátano	Árvore	Ferreira-a-Nova
Monumento Natural do Cabo Mondego	Geomonumento	Geomonumento	Buarcos e Quiaios

**Quadro XX Património Natural Classificado, por designação, Tipologia e localização, no concelho da Figueira da Foz**

Fonte: Elaboração própria com base em Análise e Diagnóstico Património Classificado e Referenciado – Documento final, junho 2017, Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Embora ainda não classificado, a riqueza dos fundos documentais existentes nos acervos da Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, no Museu Municipal Santos Rocha e no Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz, constituídos, entre outros, por artigos científicos e bibliografia relevante alusivos ao património existente no concelho da Figueira da Foz, são uma referência com quase meio milhão de livros, tendo sido já identificadas quase 8.000 entradas de interesse relacionadas com sítios de interesse geológico, geossítios e património (DOMINGUES, 2018).

A propósito do património gastronómico, para além de inúmeras atividades realizadas pelo Município da Figueira da Foz e por entidades parceiras ligadas à sobretudo restauração, destaca-se o esforço

desenvolvido no sentido de preservar essa herança, cujo resultado se encontra registado e acessível através da publicação “A nossa mesa: receituário gastronómico da Figueira da Foz”, cuja 1ª edição foi apresentada em 2015, entretanto esgotada, estando em curso a 2ª edição, revista e aumentada, a apresentar no primeiro trimestre de 2019.

### 3. Rotas e circuitos culturais no Município da Figueira da Foz

Dos vários folhetos, desdobráveis e brochuras encontrados, destacamos uma brochura de bolso, bilingue (português/castelhano), intitulada “Percurso Interpretativos da Figueira da Foz”, com seis rotas, apresentada no Anexo 1, concebida em 2007. As visitas de grupos e os percursos acompanhados eram então realizados pela Sinergiae – Ecoturismo & Planeamento, Lda, no âmbito de uma parceria entre a Empresa Municipal Figueira Grande Turismo<sup>36</sup>, (CMFF, 2008) pelo menos até 2009<sup>37</sup>. Nesse ano foi criada a *Interpretare* – Associação de Interpretação do Património Natural e Cultural destinada a interpretação do património natural e cultural e da valorização dos espaços visitados<sup>38</sup>. Ao longo dos anos estas Rotas também têm sido dinamizadas por particulares, como por exemplo os autores do blog *solagasta.com*<sup>39</sup>.

Desde meados do século XIX que a procura da Figueira da Foz por parte de turistas tem levado à criação de publicações destinadas a fornecer informações úteis dos visitantes, sendo o mais antigo que se conhece o *Almanach da Praia da Figueira 1878-1879 – Guia completo do banhista n’esta frequentada praia*, de Amorim Pessoa, editado em 1878. Nos anos seguintes foram surgindo outras publicações, mais ou menos detalhadas, e sugestões de locais a visitar.

Com a mudança de paradigma na comunicação, originado pela motivação e interesses dos visitantes, cada vez mais seletivos, mas também pelas tendências nacionais no que concerne a novas formas de lazer, no início do século XXI o município da Figueira da Foz cria um conjunto de Percursos Interpretativos, constituídos por seis Rotas: Rota de Maiorca, Rota de Seiça, Rota da Boa Viagem, Rota do Megalitismo, Rota das Lagoas e Rota das Salinas, das quais permanecem ativas apenas a Rota das Salinas e a Rota de Maiorca, com a atual designação de Rota dos Arrozaís, tendo sofrido algumas alterações, nomeadamente nos pontos de interesse. Também a designação do tipo de percurso foi modificada<sup>40</sup>.

---

<sup>36</sup> A parceria foi celebrada entre a Figueira Grande Turismo, E. M. e a *Sinergiae*, do grupo *Explore Figueira*, foi celebrada em 2007, para a manutenção e dinamização da Rede de Percursos Pedestres do Município da Figueira da Foz.

<sup>37</sup> <http://figueiraexplore.blogspot.com/2009/>

<sup>38</sup> <https://www.facebook.com/interpretare.aipnc/>

<sup>39</sup> <https://solagasta.com/category/portugal/coimbra/figueira-da-foz/>

<sup>40</sup> Sobre estas Rotas e respetiva Brochura veja-se o Anexo 1.

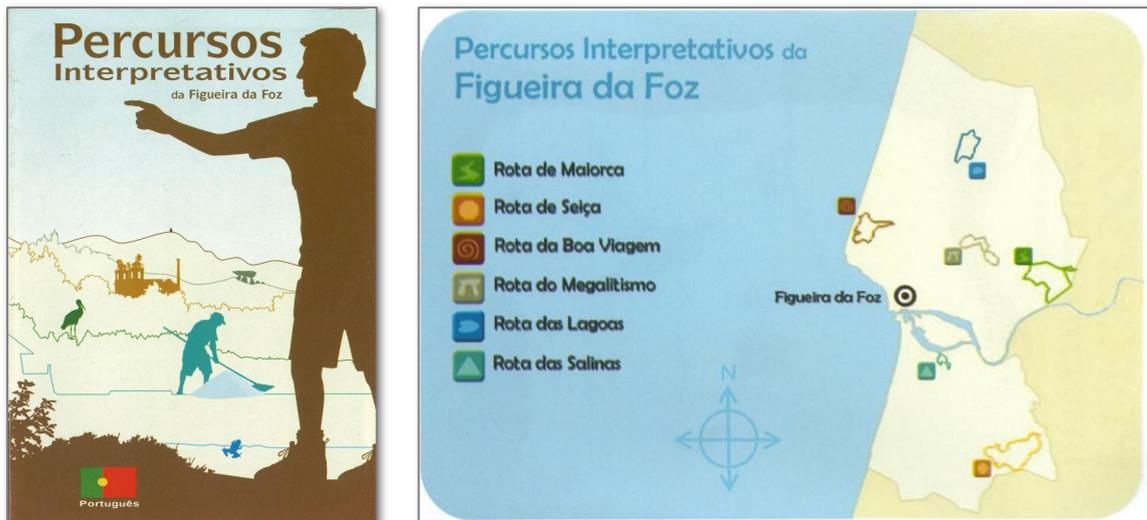


Figura 8 Brochura dedicada aos percursos interpretativos da Figueira da Foz, de 2005

Para além dos percursos pedestres, o Município criou um conjunto de circuitos pedestres e percursos de cariz urbano (percurso arbóreo e percurso Jorge de Sena), que a seguir se apresentam.

### 3.1. Percursos Pedestres da Figueira da Foz

#### Rota dos Arrozaís

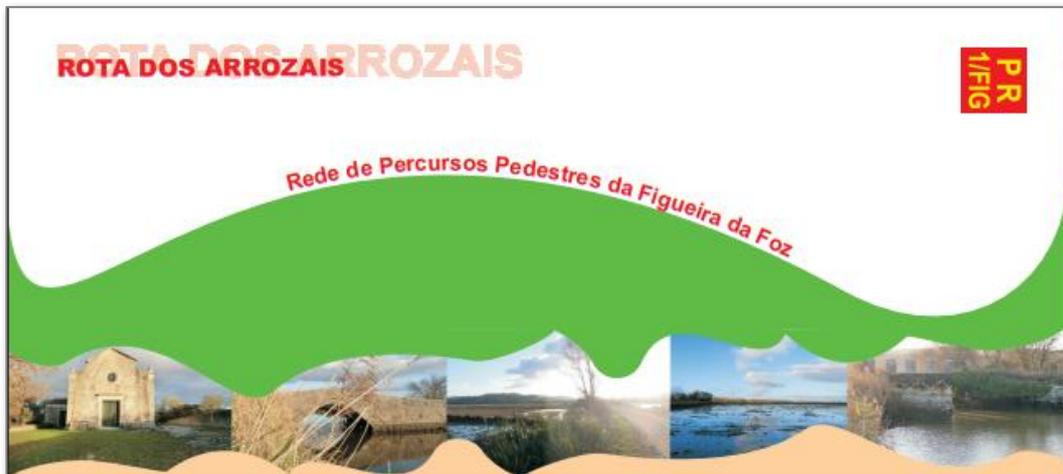


Figura 9 Desdobrável do percurso pedestre da Rota dos Arrozaís

O cultivo do arroz tem a particularidade de criar paisagens em constante mudança, em consequência do ciclo de produção deste cereal. De outubro a abril, os campos ficam em repouso, permitindo uma total liberdade à fauna, possibilitando condições únicas nomeadamente para a observação de aves (*birdwatching*), como cegonhas e garças, entre outras. A partir de finais de abril ou inícios de maio, conforme as condições climatéricas e a pluviosidade verificada no inverno que findou, dá-se o início de um novo ciclo, com a preparação dos campos e respetiva sementeira. Até final de setembro, são várias as etapas associadas ao crescimento deste cereal, que vai criando um cenário de imenso verde

até agosto. Nesta altura, a planta começa a mudar de cor, para tons louros, devido ao amadurecimento da palha, ficando a espiga cada vez mais pesada até tombar, criando um efeito curvo, sinal de que a colheita se aproxima. Depois de colhido o cereal e retiradas as palhas, os campos estão prestes a entrar em repouso, fechando-se assim mais um ciclo nos campos.

### ROTA DOS ARROZAIS ROZAIS

**RECOMENDAÇÕES**

Não saia do trilho limitado pelo mapa

Não deite lixo para o chão, leve-o até ao caixote mais próximo

Use roupa e calçado confortáveis e adequados à época do ano

Respeite a propriedade privada e não incomode o gado

Desfrute da Natureza evitando fazer ruído

Não faça lume

Respeite a fauna e a flora, não recolha plantas, nem apanhe animais

Seja simpático com os habitantes locais

Recomenda-se o uso de binóculos para observação da avifauna

**Sinalética**

**CONTACTOS ÚTEIS**

Divisão de Cultura  
+351 233 402 840

Junta de Freguesia de Maiorca  
+351 233 930 197

Bombeiros Municipais da Figueira da Foz  
+351 233 402 800

GNR  
+351 233 937 60

SOS  
112

**FICHA TÉCNICA**

Nome  
Rota dos Arrozais

Entidade Promotora  
Município da Figueira da Foz

Âmbito do Percurso  
Natural, Paisagístico, Cultural, Etnográfico, Histórico, Natural

Início da Rota  
Paço de Maiorca

Distância  
13,75 km

Grau de Dificuldade  
Baixo

Duração  
4 a 5h

Carta Militar  
239

Época Aconselhada  
Primavera e verão

**ROTA DOS ARROZAIS ROZAIS**

A vila de Maiorca possui hoje, no panorama do edificado do concelho da Figueira da Foz, um dos núcleos habitacionais antigos mais bem preservado. São exemplo disso, o Paço de Maiorca, o Palácio do Conselheiro Branco, a Igreja Matriz e a Casa da Baía.

Terra de campos férteis, onde a orizicultura é rainha, os seus campos ganham tonalidades distintas, de época para época, conforme o amanho das próprias terras.

Sendo uma cultura antiga, que alguns autores apontam como tendo sido introduzida na Península Ibérica pelos árabes, a orizicultura manteve-se como cultura marginal nos campos do Mondego até meados do século XIX, começando a ampliar-se a partir de 1856.

Segundo António Luís de Sousa Henriques Sêco, na sua "Memória histórico-corográfica dos diversos concelhos do distrito administrativo de Coimbra", publicada em 1853, parece que o concelho da Figueira da Foz foi o primeiro de Portugal, a cultivar arroz, justamente nos campos de Maiorca.

O certo é que a cultura do arroz no Baixo Mondego veio alterar a economia de base agro-pastoril aqui praticada, alicerçada na cultura do milho e na criação de gado manado, fazendo desaparecer antigas práticas comunitárias como o compásquio.

Podemos ainda dizer que a orizicultura do Baixo Mondego constituiu, em tempos, uma importante fonte de rendimento para as populações ribeirinhas, sendo que, presentemente, os campos de arroz já fazem parte integrante da paisagem do Baixo Mondego - da sua gastronomia, do seu folclore, da sua etnografia, da sua economia - tornando-se um elemento representativo desta identidade local.

**PERCURSO PEDESTRE ROZAIS**

Percurso homologado

**PR 1/FIG ROTA DOS ARROZAIS ROZAIS**

Paço de Maiorca, Ponte dos Arcos, Castro de Santa Olsia, Rio Mondego, Ponte das Cinco Portas, Ponte do Arco Porqueiro, Fonte da Oliveira

**INÍCIO DA ROTA**  
(Paço de Maiorca)

- a Património Natural
- b Património Histórico
- c a Património Arqueológico
- d Fonte da Oliveira
- A14
- EN 111
- ... Estrada
- ~ Percurso alternativo PR1.1 quando passagem subterrânea intransitável
- 🦉 Avifauna
- 🌾 Campos de Arroz
- ✝ Capela de Santa Olsia
- 🏠 Povoação

Figura 10 Desdobrável do Percurso Pedestre da Rota dos Arrozais

O cultivo do arroz no Baixo Mondego caracteriza a paisagem, a economia e o próprio património da freguesia de Maiorca e territórios vizinhos<sup>41</sup>. Esta atividade agrícola reflete-se, igualmente, na gastronomia da região, no folclore e na etnologia. Para além das paisagens associadas aos campos de arroz, o núcleo habitacional de Maiorca, bem preservado, permite ao visitante descobrir encantos e recantos ao virar de cada esquina das ruas estreitas desta povoação.

*A vila de Maiorca possui hoje, no panorama do edificado do concelho da Figueira da Foz, um dos núcleos habitacionais antigos mais bem preservado. São exemplo disso, o Paço de Maiorca, o Palácio do Conselheiro Branco, a Igreja Matriz e a Casa da Baía.*

(CMFF, Rota dos Arrozaís)

Atualmente, este percurso, com uma extensão de 13,75 km, encontra-se em manutenção devido aos trabalhos profundos associados ao projeto de intervenção hidroagrícola do Baixo Mondego, sendo aconselhável a não utilização desta rota até à sua conclusão<sup>42</sup>. Também o facto de alguns dos locais de interesse referenciados estarem interditos a visitas, como o caso do Paço de Maiorca e do Palácio do Conselheiro Branco, retiram parte do valor e interesse à realização deste percurso.

### Rota das Salinas

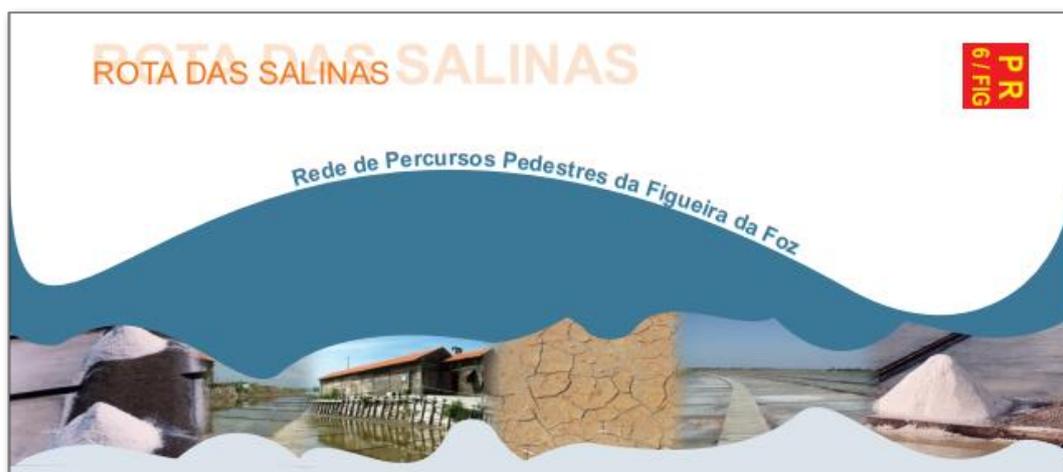


Figura 11 *Desdobrável do Percurso Pedestre da Rota das Salinas*

Durante séculos a produção de sal no território da Morraceira movimentou gentes e embarcações, que viviam ao ritmo do seu cultivo, junto ao rio Mondego. Tal como acontece com os arrozais, também as paisagens das salinas se vão alterando ao longo do ano. Embora nas salinas haja sempre o que fazer durante todo o ano, é sobretudo no verão que o sol rege a vida dos marnotos.

Homologado pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal e pela Fédération Européenne de la Randonnée Pédestre, este percurso pedestre reúne condições únicas para a apreciação de aves

<sup>41</sup> Embora exista outra região do concelho onde o cultivo do arroz é predominante – o vale do Rio Pranto, a sul do concelho da Figueira da Foz, abrangendo sobretudo as freguesias de Alqueidão e Paião, atualmente não existe aqui nenhuma Rota ou Percurso dedicada aos arrozais.

<sup>42</sup> De acordo com informação na página oficial do Município, em <http://www.cm-figfoz.pt/index.php/rota-dos-arrozais>, consultado em 22-12-2018

migratórias vindas do norte da Europa, bem como para agradáveis caminhadas junto aos *jardins de sal*, num cenário entre a terra, o mar e o rio (CMFF, Rota das Salinas).

No Núcleo Museológico do Sal, ponto de partida desta rota, com uma extensão de 4,5 km, o visitante pode ficar a conhecer as características do sal marinho em geral e desta região em particular, descobrir a fauna e flora deste território, aprender os processos e objetos associados à produção de sal, na Rota com maior procura no concelho. Na sua loja pode ainda encontrar produtos endógenos e relacionados com as salinas, nomeadamente o sal ali produzido, flor de sal, salicórnia, bem como outros produtos que têm por base estes ingredientes.

**ROTA DAS SALINAS**

**RECOMENDAÇÕES**

- Não saia do trilho limitado pelo mapa
- Não deite lixo para o chão, leve-o até ao caixote mais próximo
- Use roupa e calçado confortáveis e adequados à época do ano
- Respeite a propriedade privada e não incomode o gado
- Desfrute da Natureza evitando fazer ruído
- Não faça lume
- Respeite a fauna e a flora, não recolha plantas nem animais
- Seja simpático com os habitantes locais
- Recomenda-se o uso de binóculos para observação da avifauna

**Sinalética**

**CONTACTOS ÚTEIS**

Divisão de Cultura  
+351 233 402 840

Núcleo Museológico do Sal  
+351 966 344 488

Junta de Freguesia de Lavos  
+351 233 946 300

Bombeiros Municipais da Figueira da Foz  
+351 233 402 800

GNR  
+351 233 940 519

SOS  
112

**FICHA TÉCNICA**

Nome  
Rota das Salinas

Entidade Promotora  
Município da Figueira da Foz

Âmbito do Percurso  
Ambiental, Natural, Paisagístico, Cultural, Histórico e Etnográfico

Ponto de Partida  
Núcleo Museológico do Sal

Distância  
4,5km

Grau de Dificuldade  
Baixo

Duração  
2h30m

Carta Militar  
239 e 249

Época Aconselhada  
Primavera e verão

**ROTA DAS SALINAS**

**PERCURSO PEDESTRE INAS**

**ROTA DAS SALINAS**

O Percurso das Salinas tem início no Núcleo Museológico do Sal, localizado em Armazéns de Lavos, Figueira da Foz. Compreende cerca de 4,5km e distribui-se por um vasto território fortemente marcado pela existência secular de salinas tradicionais.

Durante séculos, a produção de pequenos cristais regulares de sal, isentos de impurezas, era utilizada em grandes quantidades pela frota piscatória local (bacalhau e sardinha).

O sal subia o rio Mondego até aos diversos entrepostos que posteriormente o distribuíam pelos confines da Beira, para a conservação das carnes e dos queijos. Este sal saía também da barra e, em briques e escunas, chegava a pontos tão distantes como o Báltico ou a Nova Inglaterra.

Em volta do estuário do Mondego, de Vila Verde na margem norte, a Lavos na margem sul, com a ilha da Moura e o rio envolvido pela geometria sinuosa dos esteiros e pelo reticulado rigoroso dos talhões, semelhantes a *jardins de sal*, onde os marmotos, autênticos escultores agrícolas, desenvolveram uma tecnologia local que soube tirar o melhor partido das condições naturais do estuário.

As alterações drásticas no mercado e nos circuitos de comercialização levaram a uma desvalorização progressiva do sal artesanal. Gradualmente, as salinas conheceram um processo de abandono e reconversão para outras atividades; em muitas delas, as pequenas pirâmides de sal não se voltaram a erguer, facilitando a ruína dos velhos armazéns de madeira que, para além da armazenagem de sal, serviam também de abrigo e cozinha aos marmotos.

Aquí terá o privilégio de poder apreciar aves migratórias vindas do norte da Europa, entre as quais: pernilongo, alfiatle, borrelho grande, borrelho de colreira interrompida, alvéola amarela, flamingo, garça real, pato real, corvo marinho, maçarico das rochas, dependendo da estação em que se encontra.

É neste cenário, entre a terra, o mar e o rio que o convidamos a caminhar e a fruir de todo o legado cultural, natural e humano único dos salgados.

**PR 6 / FIG**

**ROTA DAS SALINAS**

Armazéns de Lavos

Figueira da Foz

Rota das Salinas

Largo dos Armazéns

**LAVOS**

- INÍCIO DA ROTA (Núcleo Museológico do Sal)
- Observatório de Aves
- Ponte de madeira
- Viveiros
- Esteiro de Lavos
- Rota das Salinas
- Acesso local
- Avifauna
- Armazéns de Sal
- Núcleo Museológico
- Salina do Corredor da Cobra
- Rio Pranto
- Caís de acostagem
- Batel Sal do Mondego

Figura 12 Desdobrável do Percurso Pedestre da Rota das Salinas

### 3.2. Percurso Arbóreo



Figura 13 *Desdobrável do Percurso Arbóreo – Árvores da Figueira*

Apresentado publicamente em 2013, no Dia Mundial no Dia da Floresta e Dia da Poesia, o Percurso Arbóreo Pedestre pretende dar a conhecer algumas espécies arbóreas existentes na cidade da Figueira da Foz e que assumem uma relevância particular por motivos diversos: a idade, a raridade ou a beleza, entre outros, numa perspetiva de respeito pela Natureza e pelo(s) património(s) da Figueira da Foz.

É um percurso que associa o património natural à descoberta de algum do muito e valioso património arquitetónico da cidade (CMFF, 2013).



### 6 - Pátio de Santo António

Nos terrenos pertencentes à Casa de Távaredo foi fundado em 1527 o Convento de Santo António e a igreja em 1536. Em 1725, uma grande campanha de obras conferiu ao edifício as linhas que hoje mantém. Com a extinção das Ordens Religiosas, o convento foi aproveitado para servir aos Paços do Concelho até 1839, reconvertido a Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Está classificado como Imóvel de Interesse Público.

Este *Freixo angustifolia* é um dos dois exemplares arbóreos classificados, no concelho. É uma árvore da família das *Oleaceas* (*Oliveiras*), cresce entre 25 a 40 metros e pode viver mais de 250 anos. A sua madeira, pela dureza e flexibilidade, é usada para fabricar instrumentos musicais, como guitarras eléctricas (as famosas *Fender*, p.ex.), raquetas de ténis ou tacos de bilhar. As folhas têm propriedades medicinais e podem ser usadas como chá para combater a gota, o reumatismo e o colesterol.



### 8 - Centro de Artes e Espectáculos (CAE)

Inaugurado em 1 de junho de 2002, e contruído sob projeto do arquiteto Luís Marçal Grilo, veio dotar a cidade de um moderno equipamento cultural para receber grandes espetáculos e produções artísticas, congressos e outros eventos, além das salas de exposições, anfiteatro ao ar livre e outros espaços lúdicos.

Área destacada da primitiva Quinta das Olaias onde o espaço envolvente ao edifício preservou alguma da vegetação existente, nomeadamente a alameda de

*Cedros* (*Cedrus Atlantica*) resinosa ornamental originária do norte de África (Monte Atlas) que, no entanto, tem sido bastante assolada pelos ventos fortes que se fazem sentir, sobretudo na época de inverno. Uma espécie foi plantada nos jardins da Casa Branca pelo presidente James Carter e é mencionada numa canção do *Beatle* George Harrison, intitulada "Beware of darkness".



### 7 - Quinta das Olaias

Em 1888, o 1.º Conde de Monsaraz liga-se à família proprietária por casamento com D. Amélia Fernandes Coelho Simões, sendo ele que, poeticamente, viria a denominar esta vasta propriedade dotada de uma casa de veraneio e grandes jardins como *Quinta das Olaias*. Em 1999 é adquirida pela Câmara Municipal da Figueira da Foz. Está classificada como Imóvel de Interesse Municipal.

As Olaias dão o nome à Quinta. A *Olaia* (*Cercis siliquastrum* L.) também chamada *árvore-de-judas*, por se supor que foi nesta espécie que Judas se terá enforcado, é uma árvore pequena com 10 a 15 m de altura, nativa do sul da Europa e sudoeste asiático, comum na Península Ibérica, sul de França, Itália, Grécia e Ásia Menor; apresenta-se baixa, com uma copa achatada. No início da primavera fica coberta com uma profusão de flores arroxeadas, que aparecem antes das folhas (a lenda diz que as flores eram brancas e que se arroxearam depois do sacrifício de Judas Iscariotes).

Jardim envolvente à casa senhorial onde se destaca um exemplar de grande porte de *Eucalyptus sp.*, árvore proveniente da Austrália, que se diversifica em 700 espécies. Usado na produção de madeira, pasta de papel, óleos de beleza e medicinais com propriedades bem conhecidas.



### 9 - Parque das Abadias

Projeto de parceria do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles com plano de arranjo urbanístico do arquiteto Alberto Pessoa, recebeu este nome em 1974.

Da varanda do CAE avista-se todo o vale da Ribeira das Abadias, que constitui o parque verde das Abadias, onde predomina uma reconstituição da vegetação típica de orla de mata na zona de talude e um relvado na bacia de retenção da ribeira pontuada a linha de água por espécies arbóreas típicas de zonas húmidas.

Câmara Municipal da Figueira da Foz Divisão de Ambiente Divisão de Cultura divulgacao.cultura@cm-figoz.pt | telf.: 233 40 28 40



# Árvores da Figueira

## Percurso Arbóreo

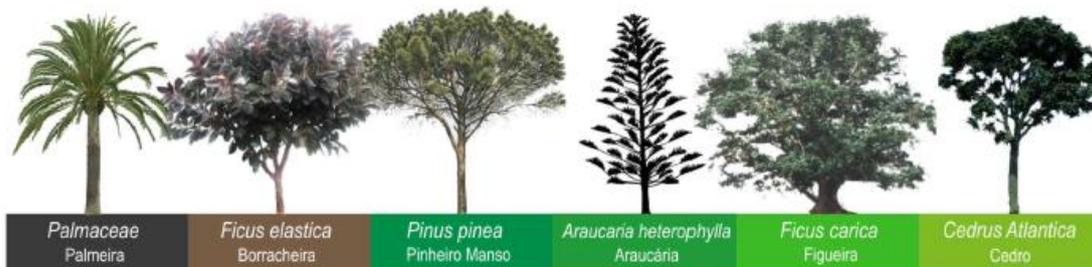


Figura 14 Desdobrável do Percurso Arbóreo – Árvores da Figueira, frente



Figura 15 Desdobrável do Percurso Arbóreo – Árvores da Figueira, verso

### 3.3. Percurso Jorge de Sena

Um dos romances mais importantes do século XX, da autoria do escritor Jorge de Sena (1919-1978), considerado um dos grandes poetas da língua portuguesa do século passado, é também uma obra de referência sobre a Figueira da Foz de 1935, na qual se passa grande parte da história. Através do seu livro “Sinais de Fogo”, o leitor é convidado a embarcar numa viagem a *uma Figueira da Foz cosmopolita marcada pelo glamour, praia, casinos e jogo*, (CMFF, 2014e) pelo olhar de um jovem adolescente que vem passar o verão a casa de seus tios.

O *Percurso Jorge de Sena* permite levar o visitante a percorrer alguns dos locais descritos no livro, desde a estação de Caminhos de Ferro até à Esplanada Silva Guimarães, com a duração de cerca de uma hora.

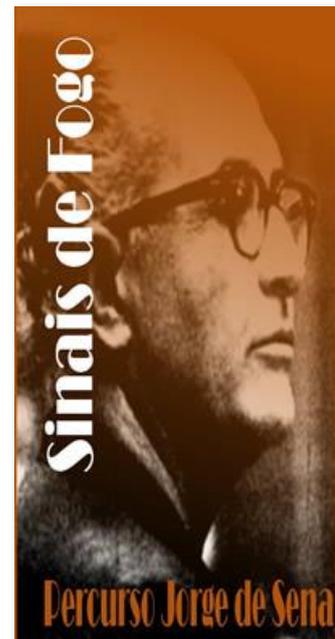


Figura 16 *Desdobrável do Jorge de Sena*

### 3.4. Circuitos Pedestres

Publicada em 2005, “Circuitos Pedestres: Figueira da Foz – Buarcos” tem por objetivo dar a conhecer ao visitante dois circuitos que poderá realizar pela cidade. Um dos circuitos, com 13 pontos de referência, leva o visitante a percorrer a zona ribeirinha e o Bairro Novo. O outro percurso, mais extenso, o qual se sobrepõe parcialmente ao anterior, passa pela Marginal Oceânica e pela Zona Norte, com 17 pontos de referência, num total de 19 na Figueira da Foz e 11 em Buarcos.

Através da realização destes circuitos pedestres, torna-se possível conhecer um total de 19 locais de interesse na Figueira da Foz e em Buarcos, do património arquitetónico da cidade – arquitetura civil, religiosa, militar, pelourinhos e cruzeiros, esculturas, entre outros.

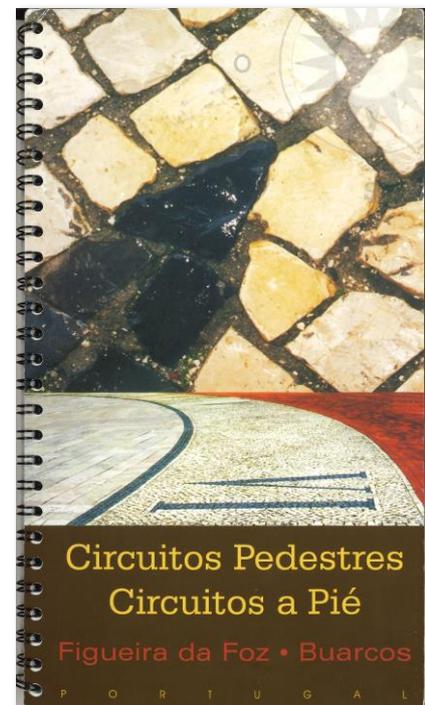


Figura 17 *Circuitos Pedestres – Figueira da Foz - Buarcos*

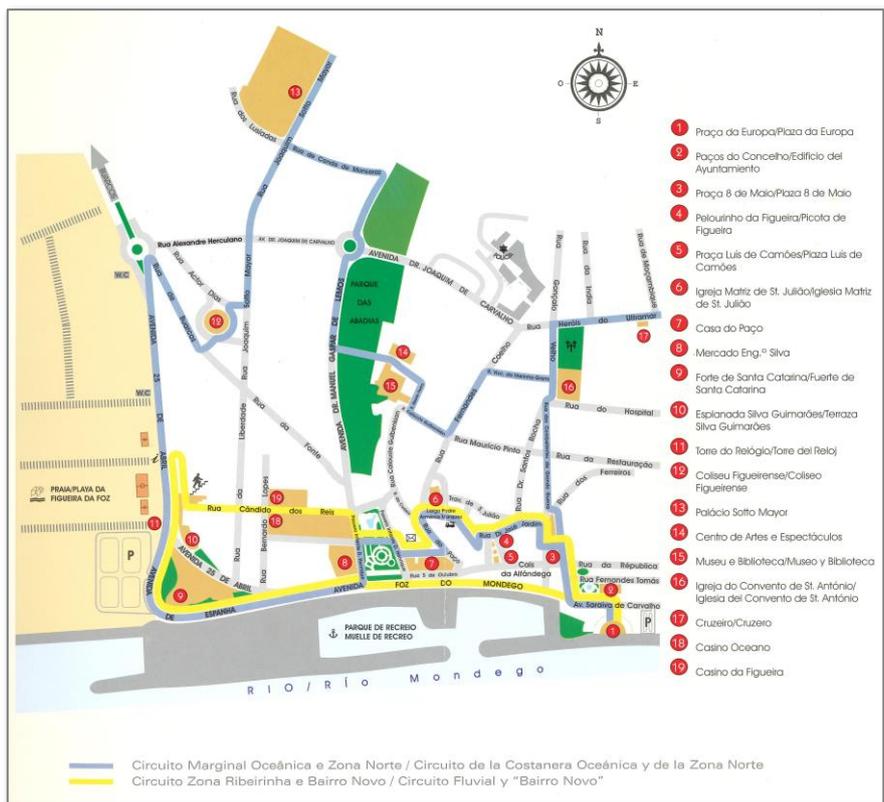


Figura 18 Mapa dos Circuitos Pedestres – Figueira da Foz



Figura 19 Mapa dos Circuitos Pedestres – Buarcos

### 3.5. Percursos “Leve a Figueira da Foz Consigo”

Com o objetivo de compilar a informação destinada ao visitante sobre os percursos disponíveis, o município lançou recentemente uma publicação de bolso, designada “Leve a Figueira da Foz consigo”. Composta por um conjunto de 10 percursos urbanos, esta publicação pretende cativar o visitante a descobrir, sobretudo, a cidade da Figueira da Foz, através de Arte Urbana, Jorge de Sena, Arbóreo, Arte Nova, Bancos Poéticos, Pedalar pelo Património, Notáveis, Buarcos, Salinas e Sunset Spot.



Figura 20 Brochura “Percursos | Leve a Figueira da Foz consigo”, aberta, sendo visíveis os 10 percursos.  
Inês Pinto. 2018

No entanto, esta compilação de percursos peca por não indicar as respetivas características, que permitem ao visitante perceber a adequabilidade do mesmo, nomeadamente distância, grau de dificuldade, duração e época aconselhada.

## Arte Urbana

### Uma galeria a céu aberto!

A Figueira da Foz está pontilhada por obras de artistas que trabalharam na e com a cidade, segundo formatos e tipologias diferentes. Quer seja nas paredes de edifícios antigos, ou em locais criteriosamente escolhidos pelo Município, pode encontrar pequenos (e não tão pequenos) desenhos, ou mensagens, quase sempre de artistas conhecidos.

Estas obras de arte, de singular criatividade e estética, fazem hoje parte do encanto de uma cidade que convida ao passeio.

Através do percurso **Arte Urbana**, pretende-se que o visitante descubra as 14 obras de diversos artistas que se encontram espalhadas pela cidade, tornando-a numa galeria a céu aberto, convidando a um passeio pelas ruas da Figueira da Foz<sup>43</sup>.



Figura 21 Frente e verso do desdobrável do percurso “Arte Urbana” inserido na brochura “Percurso | Leve a Figueira da Foz consigo”.

<sup>43</sup> Em março de 2018 Ana Sofia Carreira Duque elaborou um documento sobre os “Percurso | Leve a Figueira da Foz consigo” onde apresenta sugestões para futuras alterações de conteúdos. No que concerne ao percurso de Arte Urbana sugere que seja atribuída uma nova ordem aos pontos de visita deste percurso em particular. A ordem existente obriga os visitantes a “dar uma volta maior” do que a necessária. Por exemplo, o ponto 1 é o mural que existe no CAE e mesmo ao lado, nas escadas do edifício do Museu e Biblioteca encontra-se o número 14. Na zona envolvente do Forte de Santa Catarina foram identificadas cinco obras de arte urbana e têm os seguintes números – 2, 3, 6, 7 e 13.

## Jorge de Sena

*Embarque numa viagem a uma Figueira da Foz cosmopolita marcada pelo glamour, praia, casinos e jogo.*

*O percurso Jorge de Sena é um belo pretexto para conhecer a cidade, através do olhar de um jovem de seu nome Jorge, que parte para a Figueira da Foz para passar o verão na casa de seus tios, na década de 1930. As férias que imaginava de reencontro e boémia com os amigos de verões anteriores, transformam-se numa aventura política, num território que se sente próximo da guerra que decorre além-fronteira (Guerra Civil Espanhola).*

*Desde a estação da CP até à Esplanada Silva Guimarães, durante cerca de uma hora, em grupo ou sozinho, poderá percorrer alguns dos pontos referenciados pelo escritor na sua obra póstuma, “Sinais de Fogo”.*

Este percurso possui um folheto próprio, apresentado no ponto 3.3. deste capítulo.



Figura 22 Frente e verso do desdobrável do percurso “Jorge de Sena” inserido na brochura “Percurso | Leve a Figueira da Foz consigo”.

**Arbóreo**

*Criado em 2013 e apresentado publicamente no Dia Mundial da Floresta e Dia da Poesia, o Percurso Arbóreo Pedestre pretende dar a conhecer algumas espécies arbóreas existentes na cidade da Figueira da Foz e que assumem uma relevância particular por motivos diversos: a idade, a raridade ou a beleza, entre outros, numa perspetiva de respeito pela Natureza e pelo(s) património(s) da Figueira da Foz.*

*É um percurso que associa a descoberta do património natural à descoberta de algum do muito e valioso património arquitetónico da cidade.*

Este percurso possui um folheto próprio, apresentado no ponto 3.2. deste capítulo.



**Figura 23** Frente e verso do desdobrável do percurso “Arbóreo” inserido na brochura “Percursos | Leve a Figueira da Foz consigo”.

### Arte Nova

*Uma Arte Nova do passado, que merece um olhar do presente!*

*Descubra o encanto de um período delicado e sedutor da arte do século XX, Arte Nova, fazendo uma visita à Figueira da Foz.*

*Frontões, frisos, faixas e outros apontamentos em colorida azulejaria ornamentam as fachadas de diversos edifícios, conferindo-lhes um toque de modernidade. Estão identificados azulejos produzidos na 1ª década do século XX, pelas Fábricas de Sacavém, Carvalhinho, Devesas, Desterro, Fonte Nova e Aleluia.*

*A linguagem Arte Nova aproveita também a serralharia artística, tão característica da Figueira, revelando-se em belos portões, gradeamentos de varandas e janelas ou bandeiras de portas.*

*Um percurso a justificar um olhar mais atento do visitante.*

Tal como o anterior, o percurso **Arte Nova** convida o visitante a descobrir os testemunhos de um período da arte, delicado e sedutor, que inspirou os artistas do início do século XX a embelezar o Bairro Novo, através da azulejaria, frisos, frontões e serralharia artística, em 17 locais.



**Figura 24** Frente e verso do desdobrável do percurso “Arte Nova” inserido na brochura “Percurso | Leve a Figueira da Foz consigo”.

**Bancos Poéticos**

*São dezoito os bancos de jardim onde, na cidade da Figueira da Foz, pode marcar encontro com poetas figueirenses de ontem e de hoje.*

*Mais que bancos de jardim, os bancos poéticos são uma homenagem à poesia portuguesa.*

*Identifique os poetas, recite os poemas e sobretudo, usufrua. Passeie. Divirta-se.*

*Os bancos poéticos são seus!*

Situados no Jardim Municipal, junto ao Passeio Infante D. Henrique, os **Bancos Poéticos** são uma homenagem à poesia portuguesa, com poemas de 18 autores.

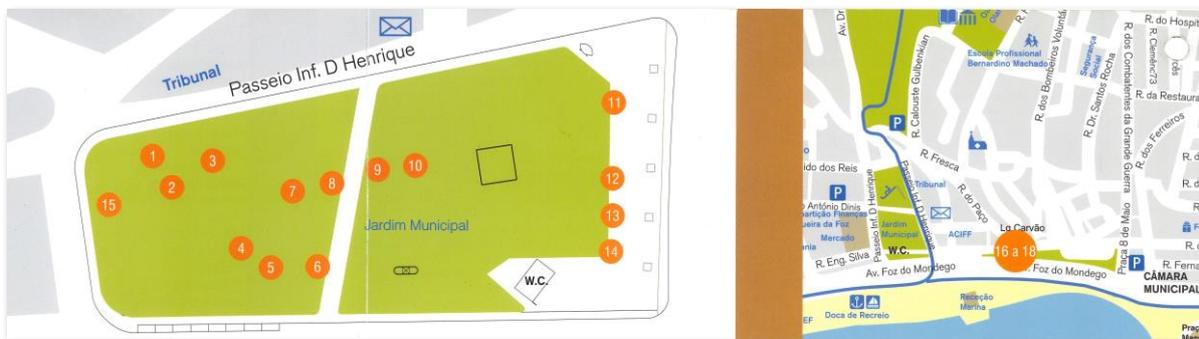


Figura 25 Frente e verso do desdobrável do percurso “Bancos Poéticos” inserido na brochura “Percursos | Leve a Figueira da Foz consigo”.

**Pedalar pelo Património**

*Pedale pelo património, da Foz ao Cabo Mondego!*

*Concilie a utilização da bicicleta em meio urbano com a descoberta do património da cidade, através de um passeio, a duas rodas, por diversos pontos de interesse patrimonial.*

*Aproveite a ciclovia, junto à frente ribeirinha e marítima da cidade, prepare a bicicleta e parta à descoberta do património.*

O percurso **Pedalar pelo Património** foi pensado de modo a permitir ao visitante desfrutar da ciclovia junto à frente ribeirinha e marítima da cidade, podendo também ser realizado a pé. Sendo o percurso mais extenso do conjunto, em contexto urbano, é um convite para conhecer e descobrir 23 pontos de interesse, que vão desde espaços públicos, espaços museológicos, arquitetura civil, religiosa e militar, esculturas entre outros.



Figura 26 Frente e verso do desdobrável do percurso "Pedalar pelo Património" inserido na brochura "Percurso | Leve a Figueira da Foz consigo".

**Notáveis**

*Através de um percurso cultural por monumentos e edifícios históricos, conheça as personalidades que marcaram o século XIX e XX na cidade, não apenas aquelas que se distinguiram pela sua dedicação à Figueira da Foz e às suas causas, mas também aquelas que sendo figueirenses de nascimento alcançaram sucesso noutras paragens.*

Atendendo à história da Figueira da Foz e às personalidades que ao longo do tempo têm contribuído com a sua obra, o seu legado e sua dedicação a esta cidade, bem como os que aqui nasceram e alcançaram sucesso noutras paragens, o percurso **Notáveis** pretende dar a conhecer 12 homens.



Figura 27 Frente e verso do desdobrável do percurso “Notáveis” inserido na brochura “Percursos | Leve a Figueira da Foz consigo”.

**Buarcos**

*Buarcos, uma viagem ao passado, um encontro com as tradições!*

*Na histórica e piscatória vila de Buarcos, onde o casario sobe a enseada pela encosta da Serra da Boa Viagem, há história e estórias para conhecer ao virar de cada esquina. Com o Oceano Atlântico no horizonte, faça um périplo pelas estruturas de defesa que pontuam a linha da costa da Vila.*

*Visite o Núcleo Museológico do Mar, testemunho vivo da ligação das gentes ao mar, às suas artes e tradições, e os teatros da Trindade e Caras Direitas, símbolo de cultura, afetos, instrução e recreio.*

Caminhar pelas ruas da histórica e piscatória vila de Buarcos é como fazer uma viagem ao passado, onde as vielas estreitas e escondem histórias e testemunhos em cada recanto. O percurso **Buarcos** reserva ao visitante a descoberta de 14 locais cheios de estórias.

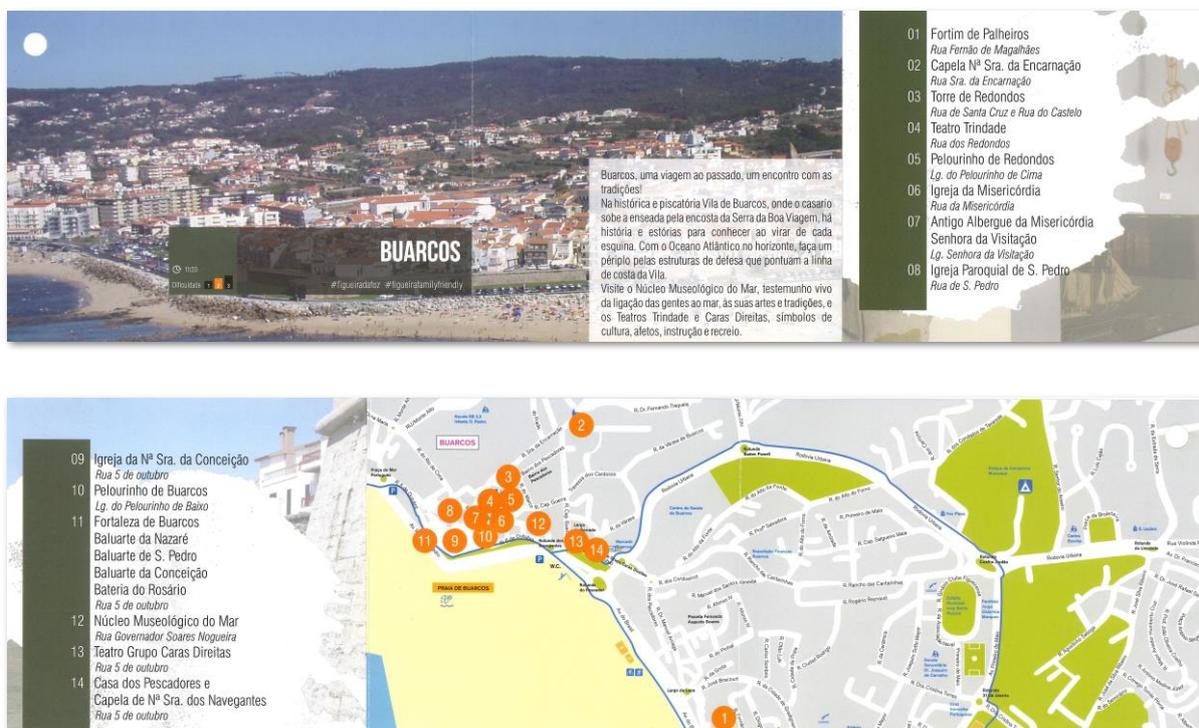


Figura 28 Frente e verso do desdobrável do percurso “Buarcos” inserido na brochura “Percursos | Leve a Figueira da Foz consigo”.

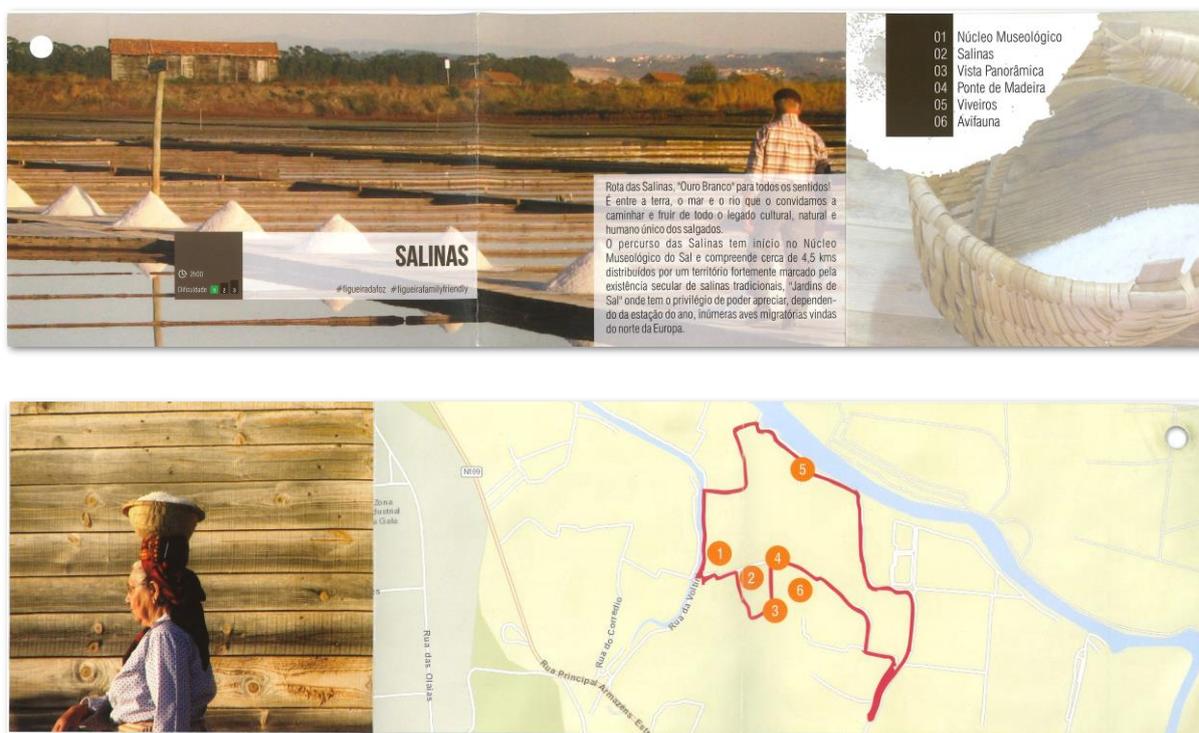
**Salinas**

*Rota das Salinas, “Ouro Branco” para todos os sentidos!*

*É entre a terra, o mar e o rio que o convidamos a caminhar e fruir de todo o legado cultural, natural e humano único dos salgados.*

*O percurso das Salinas tem início no Núcleo Museológico do Sal e compreende cerca de 4,5 kms distribuídos por um território fortemente marcado pela existência secular de salinas tradicionais, “Jardins de Sal” onde tem o privilégio de poder apreciar, dependendo da estação do ano, inúmeras aves migratórias vindas do norte da Europa.*

Este percurso possui um outro folheto próprio, apresentado no ponto 3.1. deste capítulo.



**Figura 29 Frente e verso do desdobrável do percurso “Salinas” inserido na brochura “Percursos | Leve a Figueira da Foz consigo”.**

### Sunset Spot

*É impossível apreciar um pôr-do-sol de cortar a respiração sem pensar na Figueira da Foz.*

*Na Figueira da Foz são vários os locais, ao longo da linha de costa, onde pode, e deve, encher o olhar e a alma de um laranja-vermelhado, que se deita sobre a linha do horizonte e lentamente cede lugar à noite, com a certeza de um regresso que garante uma “viagem” pelo infinito.*

Sendo o concelho da Figueira da Foz um território marcado pelo elemento água, através do oceano Atlântico, o rio Mondego e seus afluentes, bem como as lagoas, através dos 12 locais assinalados no percurso **Sunset Spot** o visitante descobrirá a beleza do por-do-sol em cada um desses lugares, caracterizada por uma luz única e inesquecível. Atendendo a que cada local deve ser visitado ao final do dia, este é um percurso que convida a ir descobrindo esse encanto, lentamente, um de cada vez, sem uma ordem estabelecida ou uma limitação no tempo.

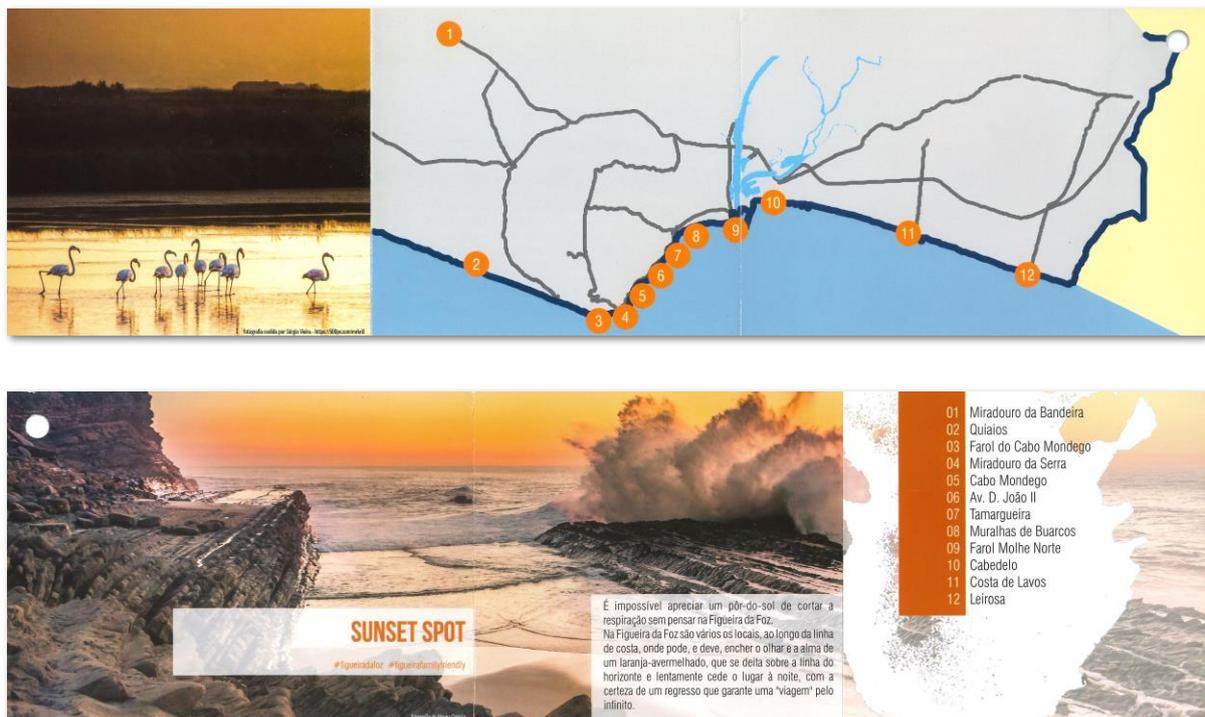


Figura 30 Frente e verso do desdobrável do percurso “Sunset Spot” inserido na brochura “Percurso | Leve a Figueira da Foz consigo”.

#### 4. Características e tendências do Turismo Cultural na Figueira da Foz

*Outro grande recurso endógeno do Município da Figueira da Foz e que merece um destaque especial na visão e ambição deste plano estratégico é o turismo nas diferentes vertentes: de praia, de natureza, desportivo e de promoção do património construído e do património cultural e imaterial.*

*O estuário do Mondego, com as suas salinas e Ilha da Morraceira, a Serra da Boa Viagem e o Cabo Mondego, a Lagoa da Vela, a praia da Claridade - a maior praia da zona Centro - e as outras praias, propícias para desportos de ondas, os passeios pedestres, o património cultural e construído da Figueira da Foz, a própria marina assumem-se como os "ícones" do município, devendo ser integrados nos materiais e eventos de promoção e divulgação.*

(CMFF, 2014f)

Tal como se refere no Plano Estratégico de Desenvolvimento da Figueira da Foz, esta cidade reúne um conjunto de condições excecionais de atratividade que a diferenciam de outros territórios, nomeadamente as geradas pela marina e pelo cais de desembarque, bem como pela sua localização geográfica, e ainda pela proximidade a outros locais de referência, com património classificado pela UNESCO.

Com cerca de 35km de costa arenosa e a foz do rio Mondego, os desportos aquáticos e de praia encontram neste território condições únicas para a sua prática, ao longo do ano. Do património ao lazer, a oferta cultural da Figueira da Foz é bastante diversificada, oferecendo aos residentes e visitantes um vasto leque de atividades, durante todo o ano, em infraestruturas municipais, tais como o Centro de Artes e Espetáculos, o Auditório Municipal, o Museu Municipal Santos Rocha, os núcleos museológicos do Sal e do Mar, a Biblioteca Municipal, a Casa do Paço e o Forte de Santa Catarina, bem como em equipamentos privados como o Casino, o Palácio Sotto Mayor e o Coliseu Figueirense, entre outros.

No entanto, o turismo na Figueira da Foz continua a ser muito marcado pela sazonalidade, situação que o município tenta combater através da dinamização e apoio à realização de eventos nos períodos de menor afluência, sendo a criação de condições para a fruição de património uma aposta igualmente apelativa.

De acordo com os dados do INE, analisados anteriormente, a Figueira da Foz registou 184 093 hóspedes em 2017, dos quais 63% são portugueses, correspondendo a 57% das dormidas em estabelecimentos de alojamento turístico. Enquanto a estada média apresenta um ligeiro aumento de 1,7 em 2016 para 1,8 em 2017, a taxa de ocupação e os proveitos por aposento têm mantido a tendência de crescimento, a proporção de dormidas entre julho e setembro diminuiu para 47,2% em 2017, comparativamente com os 50,4% de 2016. Tal poderá significar que os resultados na aposta em condições de atratividade em época baixa começam a surgir.

A Figueira da Foz é uma cidade que atrai espanhóis desde meados do século XIX, particularmente após a ligação à Linha da Beira Alta, em 1882. Já na década de 1930 do século XX, o conflito da guerra civil em Espanha levou muitos espanhóis a procurarem refúgio nesta cidade, uns porque já costumavam deslocar-se para esta cidade, outros vindos pela primeira vez.

Ao longo de mais de um século, as belas praias desta cidade e os casinos, situados no Bairro Novo, terão sido os principais atrativos para a sua permanência por vários meses, regressando nos anos seguintes, com as suas famílias, uma tradição que ainda se verifica. Atualmente as novas gerações continuam a procurar esta cidade para um período de descanso e de lazer, verificando-se que, por parte dos espanhóis, a procura tem-se mantido constante nos últimos anos, apresentando um ligeiro aumento em 2017, com o número de dormidas a recuperar desde 2015. Em 2017 os visitantes oriundos de Espanha representaram 29,3% das dormidas da Região Centro, contra 26% em 2016.

Pela sua localização, beleza, história e pontos de atratividade, o Bairro Novo é um local de passagem obrigatório para quem visita a Figueira da Foz. Dos diversos circuitos e percursos que o município propõe ao visitante atualmente, o percurso “Arte Nova”, integrado na coleção “Leve a Figueira da Foz consigo” é o mais direcionado para o Bairro Novo. Sendo os locais referenciados neste percurso quase todos no território do Bairro Novo, esta zona da Figueira da Foz tem um potencial turístico que extravasa o período de verão, podendo ser divulgado a partir de si mesmo.



Foto: Cármen Freitas  
Col. Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

*Figura 31 Pormenor da cobertura do Salão Caffé do Casino Figueira.*  
Facebook do Município da Figueira da Foz.

#### **4.1. Locais de interesse relacionados com o Conjunto Arquitetónico da Esplanada**

Para a preparação de percursos turísticos ancorados no Castelo Engenheiro Silva, particularmente no legado de Francisco Maria Pereira da Silva, António Artur Baldaque da Silva e António da Silva Guimarães, apresentamos 18 locais de interesse na Figueira da Foz, assinalados nos mapas das figuras 32 a 35.



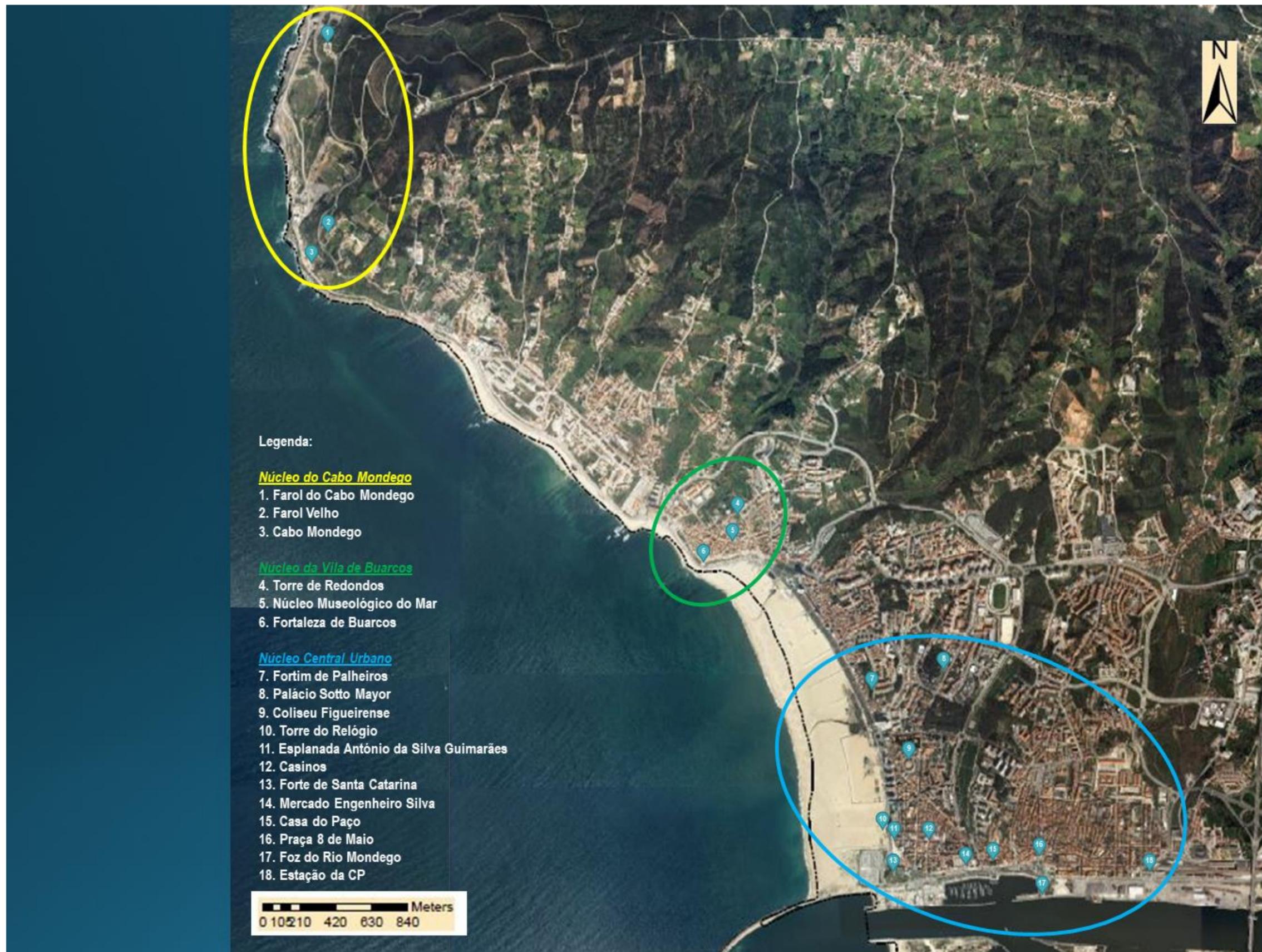
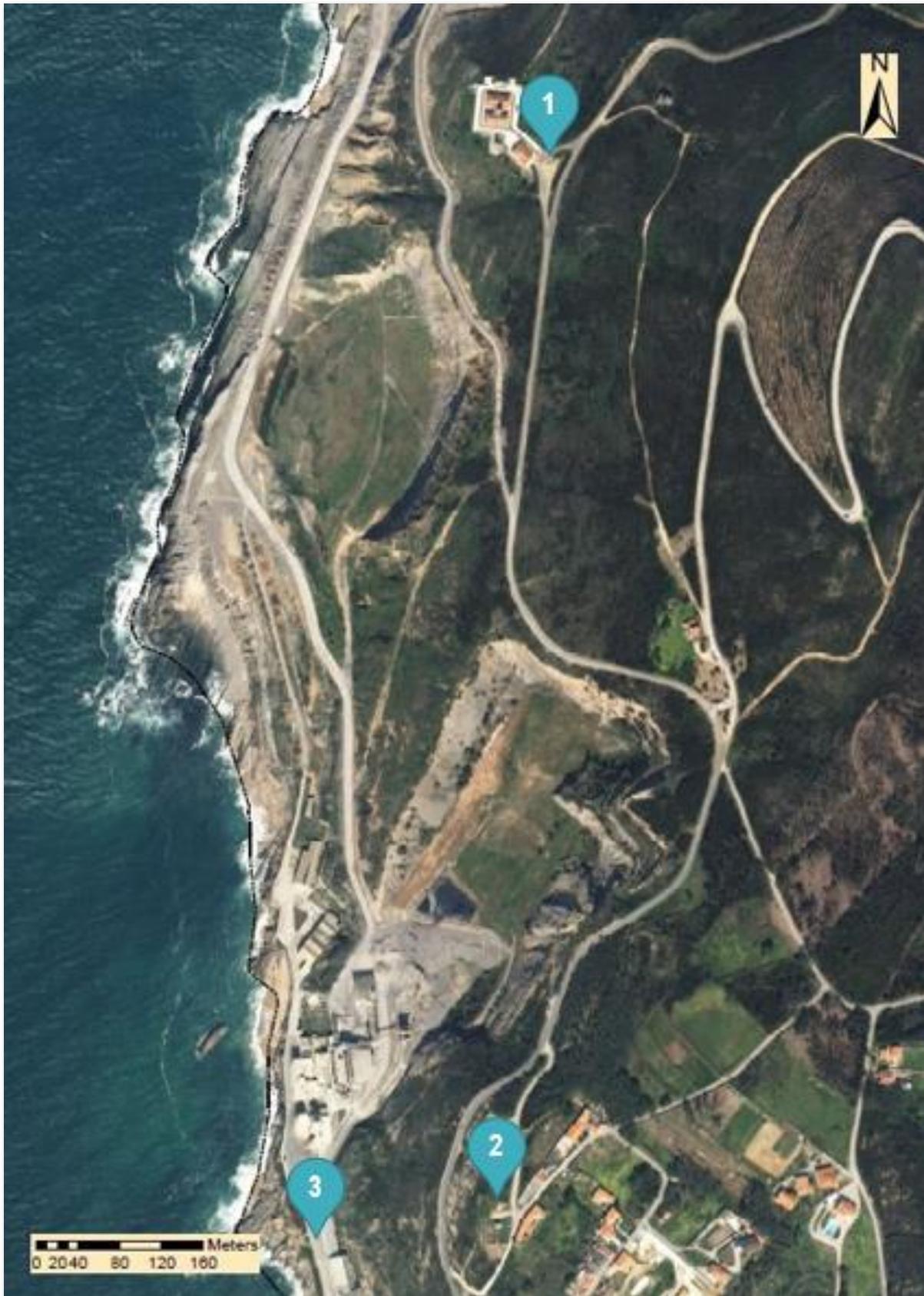


Figura 32 Ortofotomapa com a sinalização de 18 locais de interesse turístico, no Núcleo do Cabo Mondego, Núcleo da Vila de Buarcos e Núcleo Central Urbano, à escala 1:25.000. SIG-DU-CMFF





*Figura 33 Ortofotomapa com a sinalização de 3 locais de interesse turístico no Núcleo do Cabo Mondego, à escala 1:25.000. SIG-DU-CMFF*



*Figura 34 Ortofotomapa com a sinalização de 3 locais de interesse turístico no Núcleo da Vila de Buarcos, à escala 1:25.000. SIG-DU-CMFF*



Figura 35 Ortofotomapa com a sinalização de 11 locais de interesse turístico no Núcleo Central Urbano, à escala 1:25.000. SIG-DU-CMFF



**Farol do Cabo Mondego** | Património Cultural / Interesse Municipal (1)<sup>44</sup>

Serra da Boa Viagem | GPS: 40° 11'26.1" N 008° 54'16.9" W

Em 1916, foi elaborada uma proposta formal de alteração do local de implantação do farol, o qual viria a ser construído mais a norte. O atual farol começou a ser construído em 1917, ficando a obra concluída em 1922. O edifício é formado por uma torre central e dois corpos longitudinais e o projeto inicial possuía um



óptico lenticular de fresnel de segunda ordem alimentado a azeite. O novo projeto dispõe de inovações técnicas, designadamente: eletrificação geral e sinais sonoros (instalados em 1941, constituídos por uma trompa de ar comprimido que seria substituída em 1953 por um diafone da casa Barbier). A ótica que lhe foi instalada estivera até então no farol do Penedo da Saudade.

**Farol Velho** | Património Cultural / Interesse Municipal (2)

Rua do Farol, Serra da Boa Viagem | GPS: 40° 10'52.3" N 008° 54'17.6" W

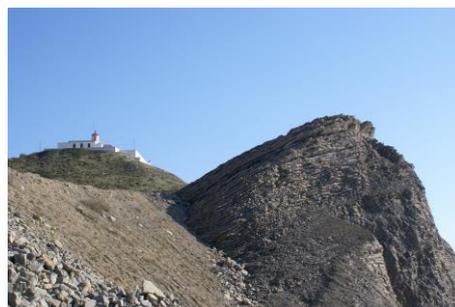
Em setembro de 1854 o Engenheiro Francisco Silva é nomeado para determinar o local mais apropriado para a construção de um farol na Figueira da Foz, sendo nomeado em julho de 1855 para abrir um concurso público destinado a receber propostas com vista à construção do referido farol. Dois anos depois, a 2 de junho de 1857, o Engenheiro Silva informa o Ministério das Obras Públicas que o farol se encontra pronto a funcionar, entrando em atividade em abril de 1858. A torre ficou com 17,72 metros de altura, tendo sido instalado um aparelho óptico lenticular de Fresnel de 2ª ordem (foi o terceiro a ser instalado no nosso país depois de Santa Maria e Forte do Outão). O aparelho iluminante era um candeeiro mecânico de bombas alimentadas pelo sistema de Carcel, funcionando a azeite. A 20 de novembro de 1922 entrou em funcionamento o atual Farol do Cabo Mondego, ditando o abandono do primitivo farol.

**Cabo Mondego** | Património Cultural / Natural / Monumento Natural (3)

Cabo Mondego | GPS: 40° 11'16.7" N 008° 54'29.3" W

O Cabo Mondego insere-se no contexto da Bacia Lusitânica e localiza-se no bordo ocidental da Serra da Boa Viagem, aproximadamente a 6 km a noroeste da Figueira da Foz.

Este Monumento Natural, constitui um dos testemunhos mais importantes para a compreensão da história da Terra e da história geológica de Portugal, num intervalo de tempo que se situa aproximadamente entre os 185 e os 140



<sup>44</sup> Imagens provenientes do Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

milhões de anos, justificando a nível internacional, a relevância da sua classificação, conservação e divulgação. Em 2016 é-lhe atribuído o “prego de ouro” colocado no Estrato tipo Global para a base do andar Bajociano (Jurássico Médio).

**Torre de Redondos** | Património Cultural / Arquitetura militar / Interesse Municipal (4)

Rua de Santa Cruz, Buarcos | GPS: 40° 10' 06.20" N 008° 52' 28.01" W

Localizado no alto da povoação de Buarcos, este cunhal é o que resta do castelo medieval aqui existente desde, pelo menos, o séc. XI. No séc. XVII perdeu a sua função defensiva e foi substituído por uma nova fortaleza, desta vez, na frente marítima. Do castelo ficou parte de um torreão, salvo da destruição total em 1854 pelo Eng. Hidrógrafo Francisco Maria Pereira da Silva. Serviu, durante muito tempo, de referência à navegação e aos trabalhos de geodesia e topografia.



**Núcleo Museológico do Mar** | Património Cultural / Museu – Centro Interpretativo (5)

Rua Governador Soares Nogueira, 32, Buarcos | GPS: 40° 09'55.03" N 008° 52'35.37" W

Segunda a sexta das 09h00 às 13h00 e das 14h00 às 17h00 | Encerra aos sábados, domingos e feriados

O Núcleo Museológico do Mar nasceu da necessidade de recuperar e divulgar algumas das memórias históricas e práticas piscatórias mais identificativas das comunidades da orla costeira do concelho da Figueira da Foz. Um mar de razões convida o visitante a descobrir e interpretar as profundas afinidades das populações com o mar e a testemunhar a árdua gesta que constituiu, por exemplo, a pesca do bacalhau. O encontro com as memórias concretizou-se através da recolha e a exposição de importantes registos documentais (escritos, fotográficos e audiovisuais) e orais, de apetrechos e marcos etnológicos, reveladores de lembranças privadas e coletivas, da identidade das diferentes comunidades e das suas tradições. Dispõe do espaço “Querer Saber”, resultante da doação do espólio pessoal de Francisco Lacerda e Manuela Andrade Pinto, corolário de uma vida profissional comum dedicada ao ensino.



**Fortaleza de Buarcos** | Património Cultural / Arquitetura militar / Interesse Público (6)

Rua 5 de Outubro, Buarcos | GPS: 40° 09'57.4" N 008° 52'51.9" W

Esta fortificação abaluartada protegia a vila de Buarcos pelo lado do mar, sobre a linha dos rochedos. Iniciada a sua edificação muito provavelmente em finais do séc. XVI, inícios do séc. XVII, conheceu várias intervenções e melhoramentos em períodos posteriores. Destinada a defender a povoação dos ataques vindos do mar, assistiu às investidas de corsários ingleses, dos ataques desencadeados por holandeses em 1629 e, mais tarde, em 1834, das operações de desembarque das tropas liberais comandadas pelo almirante Napier. Entre os sécs. XVII e XIX, a fortaleza viu evoluir o seu sistema defensivo e de armamento por resposta às exigências da moderna artilharia. Atualmente o forte emoldura simbolicamente o casario que, em épocas remotas, protegeu, conferindo a Buarcos um inegável testemunho da importância e prestígio que lhe foram próprios.

**Fortim de Palheiros** | Património Cultural / Arquitetura militar / Interesse Público (7)

Rua Fernão de Magalhães, Buarcos | GPS: 40° 09'28.2" N 008° 52'03.9" W

A meia distância entre a Figueira e Buarcos, foi estrategicamente edificado numa das maiores reentrâncias da enseada, no cimo de um pequeno outeiro, outrora conhecido pelo lugar de Palheiros. Este fortim fez parte, juntamente com o Forte de Santa Catarina e a fortaleza de Buarcos, da linha defensiva da costa. A sua muralha, com 2,5 metros de espessura e a sua configuração em parapeitos, permitiu um perfeito diálogo com os outros fortes nas operações de fogo cruzado que, assim, dificultavam o desembarque de forças inimigas.



**Palácio Sotto Mayor** | Património Cultural / Arquitetura civil (8)

Rua Joaquim Sotto Mayor, Figueira da Foz | GPS: 40° 09' 31.86" N 008° 51' 45.78" W

Visitas guiadas por marcação prévia: T. 233 408 400

Edifício de carácter civil, foi mandado construir por Joaquim Sotto Mayor, natural do concelho de Valpaços. Emigrado no Brasil, este abastado negociante, de regresso a Portugal, visita a Figueira da Foz e, enamorando-se dos seus encantos, decide aqui construir um palacete onde viveu longas temporadas. Demorando cerca de 20 anos a ser construído, este belo palácio de cinco pisos foi considerado o “mais belo e sumptuoso edifício da Figueira”. Projeto inicial do arquiteto



gaulês Gaston Landeck, trata-se de uma construção de finais do séc. XIX, ao estilo dos palacetes franceses, em que predominam, na fachada principal, motivos renascentistas. No seu interior destacam-se os painéis ornamentais, paredes e tetos, da autoria do pintor António ramalho, sobre as magníficas telas assinadas por Joaquim Lopes, Dórdio Gomes, António Carneiro, sobre o vitral de Bernard Champigneulle iluminando a escadaria nobre, ou sobre as peças de mobiliário e de escultura que decoram as elegantes salas, vestíbulos, corredores e outros aposentos. Na fachada posterior, uma galeria e escadaria estilo Luís XVI dá acesso a um jardim romântico e a uma torre mirante, que segue de perto a tipologia da Torre de Belém.

**Coliseu Figueirense** | Património Cultural / Arquitetura Civil / Interesse Municipal (9)

Largo do Coliseu, Figueira da Foz | GPS: 40° 09' 14.0" N 008° 51'53.5" W

O interesse dos figueirenses pela tauromaquia remonta a um passado longínquo, conhecidas que são as notícias de pequenas corridas de touros que se fizeram primeiramente na “Praça Velha” e, mais tarde, numa pequena praça de touros construída em madeira, em terrenos da Santa Casa da Misericórdia. O gosto pela *feira brava* levou mais tarde à construção de uma grande e condigna praça, erguida pela Companhia do Coliseu Figueirense, no altaneiro sítio do Alto do Viso.



Inaugurada em 25 de agosto de 1895, com lotação para 7.000 espetadores, continua a responder pelos interesses dos aficionados da cidade e do país e pelos vizinhos espanhóis que elegem a Figueira da Foz como destino de férias. Este esplêndido e bem conservado edifício, prima pelos excelentes espetáculos tauromáquicos e equestres que desde sempre vem oferecendo em cartaz, abrilhantados pela presença das mais destacadas figuras do panorama taurino português e espanhol. Abre, igualmente, as suas portas a outros eventos culturais, desportivos e festas da cidade.

**Torre do Relógio** | Património Cultural / Arquitetura civil / Interesse Municipal (10)

Av. 25 de Abril, Figueira da Foz | GPS: 40° 09' 00.20" N 008° 52' 00.33" W

Visitas guiadas por marcação prévia: T. 233 422 610

Este empreendimento surgiu no período áureo das obras públicas do Estado Novo e deve a sua autoria ao arquiteto João António de Aguiar. Esta grandiosa obra foi aprovada pelo Conselho Superior de Obras Públicas em fevereiro de 1942 e teve início em 1943, sendo concluída em 1946. Destinada a albergar os serviços de sinalização marítima e as cabines sonoras, ergueu-se uma elegante e majestosa torre de 20 m de altura, concebida num formulário modernista, patente nas linhas geometrizarantes e no despojamento ornamental. Em 1949 foi encimada por um Relógio de Sol, de grandes dimensões, substituído na década de 70, por outro, de sistema mecânico. Dominando toda a extensão da praia, visível dos mais diversos pontos da cidade, localizada sobre a marginal oceânica, entre as duas escadarias de acesso à praia, este imóvel ocupa uma posição de destaque na paisagem costeira.

**Esplanada António da Silva Guimarães** | Património Cultural / Arquitetura civil / Interesse Municipal (11)

Esplanada António da Silva Guimarães, Figueira da Foz | GPS: 40° 08'59.7" N 008° 51'58.4" W

Inicialmente designada de rua da Alegria, desenvolveu-se como uma varanda voltada ao mar e, em 1904, por deliberação camarária, recebe a designação de Esplanada António da Silva Guimarães, perpetuando a memória distinto oficial da marinha mercante e grande empreendedor da empresa de exploração de minas e indústrias do Cabo Mondego.

Testemunho da viragem sociocultural do último quartel do século XIX na Figueira da Foz, a par do Castelo Eng<sup>o</sup> Silva, Antigo Edifício do Turismo e a Casa das Conchas, marca a tipologia da arquitetura eclética privada. Construída na década de 1950, a Esplanada Silva Guimarães é local obrigatório para quem procura um lugar com uma panorâmica privilegiada sobre o conjunto paisagístico que a costa figueirense tem para oferecer. Dela avista-se, a jusante, a embocadura do rio Mondego, o oceano, a Praia do Relógio e também a marginal oceânica que corre em direção à Serra da Boa Viagem; o montante, o pitoresco Bairro Novo (de Santa Catarina) e o belíssimo conjunto edificado balnear.



## Casinos

### **Casino Oceano** | Património Cultural / Arquitetura civil / Interesse Municipal (12a)

Rua Bernardo Lopes, Figueira da Foz | GPS: 40° 08'59.6" N 008° 51'49.9" W

Inaugurado a 3 de agosto de 1898, para funcionar como mais um equipamento de lazer e de atração turística (casino e café-concerto), bem ao gosto da sociedade da “belle époque”. As pinturas do tecto são da autoria do cenógrafo portuense Eduardo Machado. Apesar de desprovido das suas funções primitivas, permanece como ótimo exemplo arquitetónico do ecletismo oitocentista, corrente artística bem denunciada pela interessante justaposição de elementos clássicos, românticos e góticos, evidentes na fachada.



### **Casino Figueira** | Património Cultural / Arquitetura civil (12b)

Rua Bernardo Lopes, Figueira da Foz | GPS: 40° 09'00.6" N 008° 51'49.8" W

No atual espaço do Casino ergueu-se, em 1884, o “Theatro-Circo Saraiva de Carvalho” que, no virar do século, seria transformado em espaço de jogo e lazer, com o nome de “Casino Peninsular”. Os seus salões, concebidos pelo arquiteto conimbricense Silva Pinto, apesar de remodelados, conservam a estrutura e a exuberância da decoração das belas pinturas dos tetos. Apesar dos sucessivos melhoramentos e adaptações das suas salas de jogo, salas de espetáculos, restaurante e piano-bar, o casino atual, de fachada totalmente renovada, continua a ser um dos polos de animação e atração turística por excelência.



**Forte de Santa Catarina** | Património Cultural / Arquitetura militar / Interesse Público (13)

Avenida de Espanha, Figueira da Foz | GPS: 40° 08' 53.30" N 008° 51' 58.28" W

Todos os dias: 09h30 | 13h00 – 14h00 | 17h30. Visitas guiadas por marcação prévia: T. 233 422 610

Edificado no séc. XVII para reforçar a defesa da foz do Mondego, juntamente com a Fortaleza de Buarcos e o Fortim de Palheiros, integrava o sistema defensivo do porto, da baía da Figueira da Foz e de Buarcos. Apresenta uma estrutura de conceção triangular, com três cortinas, um meio baluarte e dois baluartes irregulares. A entrada dá acesso a um pátio interior onde se situa uma pequena capela, de planta centrada e cúpula de nervuras, dedicada a Santa Catarina de Alexandria. O Forte, com o seu farol vermelho, permanece como referência histórica e elemento de destaque na imagem da cidade, marcando o ponto de viragem entre a frente de rio e a frente de mar.

**Mercado Engenheiro Silva** | Património Cultural / Arquitetura civil / Interesse Municipal (14)

Passeio Infante D. Henrique, Figueira da Foz | GPS: 40° 08' 54.78" N 008° 51' 42.12" W

Horário de Inverno: de 16 setembro a 31 de maio  
Segunda a sábado das 07h00 às 16h00 (encerra ao Domingo) | Horário de Verão: de 1 junho a 15 de setembro Domingo a segunda (incluindo feriados) das 07h00 às 19h00

Inaugurado em 1892, possui cerca de 4.800 m<sup>2</sup>, com um grande pátio central, coberto por uma estrutura em ferro construída segundo as mais modernas técnicas da época. Apesar dos sucessivos melhoramentos, mantém ainda a traça original. O colorido das suas bancas de frutas e legumes, o eco dos pregões das peixeiras e o comércio artesanal são testemunhos da identidade local.



**Casa do Paço** | Património Cultural / Arquitetura civil / Interesse Público (15)

Largo Prof. António Victor Guerra | Figueira da Foz | GPS: 40° 08'56.4" N 008° 51'34.5" W

Construída entre 1690 e 1704, para habitação de veraneio e descanso do Bispo-Conde de Coimbra, D. João de Melo, a planta longitudinal, em “U”, apresenta duas fachadas: a de entrada, voltada ao largo prof. António Víctor Guerra e outra, rematada num ângulo com torre, voltada ao rio.



Apesar da imponência do edifício, é no interior que o revestimento de azulejos em quatro das dependências do andar nobre, ganha particular significado e merece especial atenção. Trata-se de um conjunto de cerca de 7 mil peças, de figura avulsa, todas diferentes, executadas na primeira década do século XVIII, constituindo um dos mais importantes acervos de azulejaria holandesa existente em Portugal, representando paisagens campestres e marinhas, cavaleiros, (príncipes, guerreiros e amazonas) e cenas bíblicas retiradas do Velho e Novo Testamento.

**Praça 8 de Maio** | Património Cultural / Arquitetura civil (16)

GPS: 40° 08'56.0" N 008° 51'22.7"W

Antiga “praia da reboleira”, uma das três reentrâncias fluviais do Mondego, este foi um espaço conquistado ao rio, em 1784, no propósito de dotar a vila de mais uma praça pública. Após os trabalhos de aterro, conheceu as designações de “Praça Nova da Reboleira”, “Praça Nova da Alegria” e “Praça Nova”, nome pelo qual permanece mais conhecida. Foi outrora considerada a zona comercial mais importante da Figueira. Em 1880 recebe a designação de “Praça



8 de Maio” para comemorar a entrada do exército liberal na Figueira da Foz, a 8 de maio de 1834. Destaca-se relevante o monumento aí erigido à memória de Manuel Fernandes Thomaz (1771-1822), natural da Figueira da Foz. Dedicado à defesa da causa liberal, o “Patriarca da Liberdade” ou “Regenerador da Pátria”, como também ficou conhecido, desempenhou fervorosa ação na organização da revolução de 24 de agosto de 1820, que libertaria o país do jugo estrangeiro, instaurando a liberdade e a independência de Portugal. Dinamizador das Cortes Constituintes, foi o principal redator da Constituição de 1822. Este belo monumento, em pedra e bronze, sob o qual repousam os seus restos mortais, é da autoria do escultor português Fernandes de Sá, e foi inaugurado a 24 de agosto de 1911.

**Foz do Rio Mondego** | Património Natural (17)

Avenida Foz do Mondego, Figueira da Foz | GPS: 40° 08'49.0" N 008° 51'28.9" W

O Mondego, desagua na Figueira da Foz, e é o maior rio exclusivamente português, com 227 quilómetros de extensão e uma bacia hidrográfica de 6671 km<sup>2</sup>. Este rio marca profundamente a paisagem natural da Figueira da Foz, tendo influenciado de forma assinalável todas as vertentes da história local, nomeadamente: salicultura, pesca, agricultura, e até mesmo na fixação do povoamento original. Neste rio podem ser praticadas as mais variadas modalidades náuticas: vela, canoagem, remo, motonáutica, entre outras.

**Estação da CP** | Património Cultural / Arquitetura civil (18)

GPS: 40° 08'53.9" N 008° 50'54.8" W

Construído no âmbito do contrato da Linha da Beira Alta, o edifício da Estação de Caminhos de Ferro da Figueira da Foz foi inaugurado a 3 de agosto de 1882 juntamente com o ramal que ligava a Figueira da Foz à Pampilhosa. Em 1888 é inaugurado o lanço da Linha do Oeste entre Leiria e esta cidade. Por outro lado, em 1883 o troço da Linha do Americano chega à estação, permitindo a ligação a Buarcos e ao Cabo Mondego para transporte de passageiros e mercadorias.

**5. Rotas e Percursos Culturais relacionados com personalidades, em Portugal**

Com o objetivo de perceber que rotas culturais existem noutros Municípios incidindo sobre personalidades, iniciou-se uma pesquisa on-line, através da qual os resultados foram insignificantes. Embora se tivesse recorrido à conjugação de diferentes palavras-chave, como por exemplo “rota”, “roteiro”, “percurso”, “personalidade”, “individualidade”, entre outras, as pesquisas efetuadas levaram, na sua maioria, a conteúdos, nomeadamente nas páginas dos municípios, dedicadas a personalidades, mas não necessariamente a rotas ou percursos sobre os mesmos.

Rapidamente concluímos que a melhor forma de obter resultados, seria consultar os próprios municípios. Através da página oficial da Associação Nacional de Municípios Portugueses obtivemos os contactos das 308 Câmaras Municipais, nomeadamente o endereço de correio eletrónico<sup>45</sup>. Assim, no

<sup>45</sup> Disponível em <https://www.anmp.pt/munp/mun/mun10111.php?cod=20140110>. Consultado em 02-11-2018

dia 3 de outubro de 2018 enviámos um e-mail a todos os Municípios portugueses, com um questionário, cujas perguntas replicamos a seguir. Através das questões elaboradas, o objetivo era perceber quais as rotas existentes a nível nacional e as suas características principais, bem como a forma como são divulgadas e potenciadas.

No V. Município existe algum percurso/rota cultural sobre personalidades do concelho?

Sim / Não

*Se sim, as questões seguintes deverão ser replicadas pelo número de percursos / rotas existentes:*

Qual a sua designação?			
Quando foi lançada/implementada?			
Qual a sua extensão?			
Qual o grau de dificuldade?			
Quais os pontos / locais de interesse?			
Existe informação sobre este percurso/rota on-line?	Sim		Não
Se sim, qual o link?			
Existe algum suporte em papel (flyer, folheto, etc.)?	Sim		Não
Considera este percurso/rota como um produto turístico?	Sim		Não
Se sim, porquê?			
Considera este percurso/rota como um produto cultural?	Sim		Não
Se sim, porquê?			
De que forma a V. Município dinamiza este percurso / rota?			
Este percurso é dinamizado apenas pelo Município ou também por agentes de animação turística?			

Figura 36 *Questões enviadas aos Municípios portugueses a 03-10-2018. Elaboração própria.*

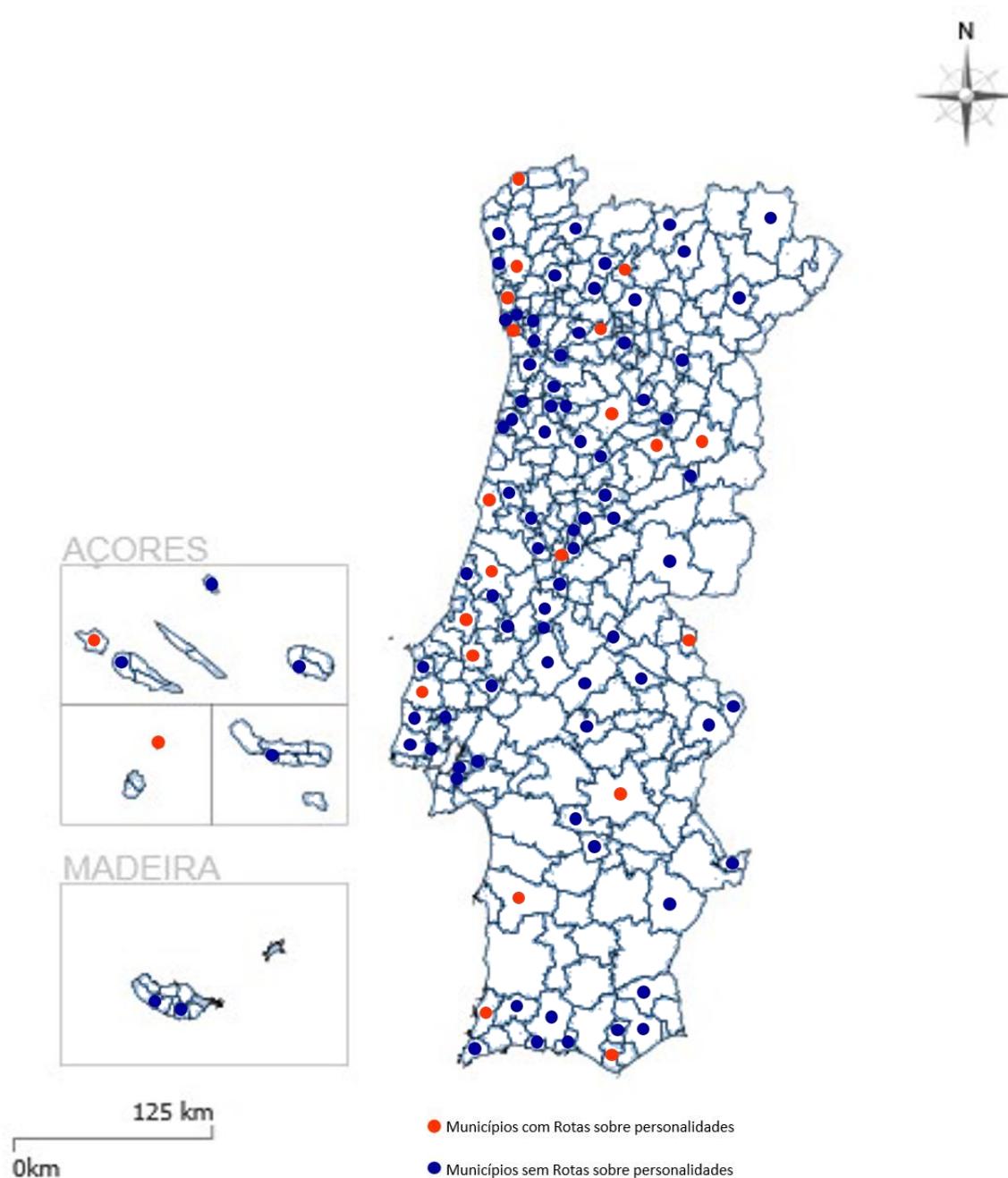


Figura 37 Mapa das respostas obtidas ao questionário enviado a todos os Municípios portugueses. Elaboração própria.

Até 11 de dezembro de 2018 foram recebidas 106 respostas, o que representa 34% dos municípios inquiridos. De entre as respostas obtidas, verifica-se que em 32 municípios existem rotas dedicadas a personalidades, reais ou ficcionadas, escritores ou ilustres, representando 10,4% do total de municípios inquiridos.

Rotas ou percursos culturais, preferencialmente de cariz urbano, com base nas respostas obtidas através do questionário enviado a todos os Municípios portugueses				
Município	Designação da Rota	Personalidade	Observações	
Alcobaça	Rota por Aljubarrota com Brites de Almeida	Brites de Almeida, a padeira de Aljubarrota	Percurso histórico	
Alfândega da Fé	Roteiro de Arte Mestre José Rodrigues	Escultor José Rodrigues	Em fase de candidatura, abrange 11 municípios	
Aljezur	Rota de al-Mutamid	Al-Mu'tamid Ibn Abbad, rei e poeta, nascido em Beja. Último rei de Sevilha	Território transfronteiriço da Andaluzia e Algarve	
Açores (ilhas) <sup>46</sup>	Faial	A Família Dabney	John Bass Dabney	Percurso histórico
		Roteiro Manuel de Arriaga	Manuel de Arriaga, deputado	Natural da Horta
	Pico	Roteiro Dias de Melo	Dias de Melo, escritor	Natural da ilha da Horta
	São Jorge	Roteiro Francisco Lacerda	Francisco Lacerda, músico	Natural da Ribeira Seca, Calheta
	Terceira	Roteiro Vitorino Nemésio	Vitorino Nemésio, escritor	Natural da Ilha Terceira
	São Miguel	Roteiro Antero de Quental	Antero de Quental, escritor	Natural de Ponta Delgada
		Roteiro Natália Correia	Natália Correia, escritora	Natural de Ponta Delgada
	Flores	Roteiro Roberto de Mesquita	Roberto de Mesquita, poeta	Natural de Santa Cruz das Flores
	Corvo	Roteiro Raúl Brandão	Raúl Brandão, escritor	Militar, escritor
Roteiro Manuel Carlos Jorge do Nascimento		Manuel Carlos Jorge do Nascimento, escritor	Natural do Corvo	
Baião	Caminho de Jacinto	Eça de Queiroz	Localidade em "A Cidade e as Serras"	
Barcelos	Percurso do Sargento Mor de Vilar	Armando Gama	Roteiro literário	
Batalha	Rota da Vila Heroica	Protagonistas da história da Batalha, nomeadamente D. Nuno Álvares Pereira e Joaquim Mouzinho de Albuquerque	Em desenvolvimento	
Condeixa-a-Nova	Roteiros Namoreanos	Fernando Namora	Em desenvolvimento	
Évora	Roteiro Eça de Queirós em Évora	Eça de Queiroz	Fundador do jornal <i>Districto de Évora</i>	
Faro	Percurso literário Ramos Rosa	António Ramos Rosa	Percurso literário	
Figueira da Foz	Percurso Jorge de Sena – Sinais de Fogo	Jorge de Sena	Percurso literário	
Figueiró dos Vinhos	Uma volta à Vila, a volta dos quatro artistas	Simões de Almeida Júnior, Manuel Henrique Pinto, José Malhoa e Simões de Almeida (sobrinho)		
Gouveia	Melo e a "aldeia eterna" de Vergílio Ferreira	Vergílio Ferreira	Roteiro literário	
Guarda	Roteiro Vergiliano	Vergílio Ferreira	Roteiro literário	
	Roteiro Unamuniano	Miguel de Unamuno	Roteiro literário	
Leiria	Rota dos Escritores em Leiria	Francisco Rodrigues Lobo, Eça de Queiroz, Acácio de Paiva, Afonso Lopes Vieira, Miguel Torga	Roteiro literário	

.../...

<sup>46</sup> O Município da Horta respondeu ao questionário indicando o Roteiro dos Dabney e o Roteiro Manuel de Arriaga. Este último faz parte de um conjunto de 9 Roteiros Culturais dos Açores, dedicados a personalidades naturais do arquipélago ou que ali tenham vivido (o único que não é natural do arquipélago é Raúl Brandão). Estes percursos estão disponíveis em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/roteiros/>

.../...

Marco de Canaveses	Dos Flávios a D. Mafalda	D. Mafalda	Percurso histórico
Ovar	Roteiro Dinisiano	Joaquim Guilherme Gomes Coelho – Júlio Dinis	Roteiro literário
Ponte de Lima	Rota dos Escritores Limianos	António Feijó (poeta) e Francisco Pacheco (beato)	Roteiro literário
Porto	Rota Porto Liberal	D. Pedro IV	Percurso histórico
Ribeira de Pena	Roteiro Camiliano	Camilo Castelo Branco	Roteiro literário
Rio Maior	Roteiro Ruy Belo	Ruy Belo	Escritor
Santiago do Cacém	Rota por Cerramaior	Manuel da Fonseca	Roteiro histórico-literário
Torres Vedras	Passeios dos Poetas	Kazuo Dan, João de Barros, Antero de Quental	
Vale de Cambra	Caminhos de Ferreira de Castro	Ferreira de Castro	Escritor
Vila do Conde	Rotas d'Escritas	Afonso Sanches, José Régio, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Robert e Sonia Delaunay, Antero de Quental, Júlio-Saúl Dias, Ruy Belo, Camilo Castelo Branco, Eduardo Viana	Escritores
Viseu	Viseu, ao tempo de Almeida Moreira	Almeida Moreira	Escritor

**Quadro XXI Quadro resumo das respostas obtidas ao questionário enviado a todos os Municípios portugueses, com base nas respostas positivas, cujas Rotas ou Percursos se baseiam em personalidades. Elaboração própria.**

De entre as respostas obtidas, apresentam-se alguns exemplos de percursos relacionados com personalidades, que de algum modo deixaram um legado ou testemunho em determinado território. A escolha destes percursos teve em consideração o tipo de roteiro (preferencialmente não literário), a informação disponibilizada (existência de suporte de apoio), conteúdos (tipo de informação, tipo de mapa, grafismo) e localização geográfica (interior, litoral, insular, metropolitano).

Município	Designação da Rota	Personalidade	Observações
Condeixa-a-Nova	Roteiros Namoreanos	Fernando Namora	Em desenvolvimento
Évora	Roteiro Eça de Queirós em Évora	Eça de Queirós	Fundador do jornal <i>Districto de Evora</i>
Horta	Roteiro dos Dabney	John Bass Dabney	Percurso histórico
Ponte de Lima	Rota dos Escritores Limianos	António Feijó (poeta) e Francisco Pacheco (beato)	Roteiro literário
Porto	Rota Porto Liberal	D. Pedro IV e D. Miguel	Percurso histórico

**Quadro XXII Rotas ou percursos culturais, preferencialmente de cariz urbano, com base nas respostas obtidas através do questionário enviado a todos os Municípios portugueses. Elaboração própria.**

### **Roteiros Namoreanos (Condeixa-a-Nova)**

De forma pontual, em 2015 e 2017, a Casa Museu Fernando Namora realizou dois Roteiros Namoreanos, prevendo o Município, oportunamente, criar uma rota/percurso Namoreano em Condeixa<sup>47</sup>.

Fernando Gonçalves Namora (1919-1989) nasceu em Condeixa, tendo ali vivido até aos dez anos de idade, onde descobriu o gosto pelo desenho, pela pintura e pela escrita. Licenciado em Medicina (1942) pela Universidade de Coimbra, pertenceu ao grupo literário geração de 40, do qual também faziam parte, entre outros, Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, Joaquim Namorado e João José Cochofel. Em 1950 instalou-se em Lisboa como médico assistente do Instituto Português de Oncologia.

Autor de uma extensa obra literária e de diversos prémios, uma das suas obras mais conhecidas “Retalhos da Vida de um Médico” foi a primeira a ser adaptada para cinema, pelo realizador Jorge Brum do Canto (1962), e para série televisiva da responsabilidade de Artur Ramos e Jaime Silva (1979-1980).

A Casa-Museu Fernando Namora, em Condeixa-a-Nova, abriu oficialmente ao público no dia 30 de junho de 1990, tendo como pontos de maior interesse o acervo documental de Fernando Namora, transferido do escritório da sua residência em Lisboa. A coleção de manuscritos, apontamentos originais, provas tipográficas, livros publicados e anotados, bem como o núcleo de pintura de sua própria autoria, e trabalhos de pintura e escultura de diversos autores nacionais e estrangeiros, são motivos para visitar este espaço museológico (CMCN, Casa Museu Fernando Namora).

### **Roteiro Eça de Queirós em Évora (Évora)**

José Maria Eça de Queirós (1845-1900), natural de Póvoa de Varzim, estudou Direito em Coimbra, ficando bacharel aos 20 anos. Em março de 1866, ainda em Coimbra, tornou-se colaborador do jornal *Gazeta de Portugal*, com o qual continuou a colaborar quando foi para Lisboa, nesse verão. No final desse ano, em dezembro, dirigiu-se a Évora para fundar o jornal *Districto de Evora*, como redator único e diretor político, tendo ali permanecido até agosto de 1867. Do número um ao 58 deste jornal escreveu sobre um pouco de tudo em Évora, deixando um testemunho que hoje permite conhecer mais sobre a sociedade eborense e a própria cidade.

Exercendo advocacia e jornalismo, Eça de Queirós foi colaborador de diversas publicações periódicas, ao longo da sua vida. A sua primeira novela realista “O Crime do Padre Amaro”, publicada em 1875, foi escrita em Leiria, onde foi administrador do concelho em 1870. Em 1873 ingressou na carreira diplomática, tendo exercido funções em Cuba e em Inglaterra. A sua extensa obra, foi traduzida para diversas línguas, sendo a “Ilustre Casa de Ramires” o seu último livro.

---

<sup>47</sup> Informação indicada na resposta ao questionário enviado à Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, recebida a 15-10-2018.

**Eça de Queirós (1845-1900)** estudou direito em Coimbra, ficando bacharel aos 20 anos. Chegado a Lisboa no verão de 1866, continuou a escrever no jornal *Gazeta de Portugal*, colaboração que iniciara em Março desse ano quando ainda era estudante em Coimbra. Em Dezembro, veio para Évora fundar o jornal *Distrito de Évora*, como redactor único e director político; permaneceu na cidade até Agosto de 1867. Foi responsável pelo jornal até ao número 58, passando-o a Francisco da Cunha Bravo, a 1 de Agosto, regressando a Lisboa. O *Distrito de Évora* apenas foi publicado até Setembro desse ano. O jornal foi criado para fazer oposição ao governo "da Fusão" (dos partidos Regenerador e Histórico), patrocinado por elementos do Partido Histórico que não concordavam com algumas políticas governamentais, onde pontificava o grande proprietário fundiário e comerciante José Maria Eugénio de Almeida. Fazendo oposição ao governo de Joaquim António de Aguiar, Eça criticava a incapacidade de modernização do Estado, a emigração, a justiça, a educação, a saúde, a política fiscal e a reforma administrativa.

**Évora**, em 1867, com cerca de 12 mil habitantes, era uma sociedade conservadora onde sobressaíam o clero, as famílias brasonadas, os latifundiários e a economia agrícola. Na cidade, Eça criticou a falta de boa iluminação pública, de bom policiamento, a limpeza pública. Curiosamente, foi no início dessa década de sessenta que se iniciou na cidade a limpeza pública, se fez a renovação do hospital, se ampliou a Biblioteca Pública, o calcetamento e a colocação de candeeiros a azeite na Praça de Giraldo, a construção do Passeio Público com as Ruínas Fingidas.

Palacetes, mosteiros em mau estado e casario modesto dominam a arquitectura; serões, soirées dancantes, bailes, peças de teatro e caçadas ocupam as elites. O *Círculo Ebroense*, a *Sociedade Bota Rasa*, a *Sociedade Harmonia*, os cafés, as feiras anuais e outros festejos, como os *taurinos*, e os passeios no campo são os locais e as atracções principais. Eça de Queirós não lhes ficou alheio, pois sobre eles escreveu no jornal. Ainda assim, levaria uma vida recolhida, dado o enorme esforço para redigir e dirigir o jornal. Terá alugado um quarto na Travessa dos Frades Grilos e trabalhava muitas horas na Praça de D. Pedro V, na sede do jornal que servia igualmente como escritório de advogado.



## Roteiro Eça de Queirós em Évora

«Estes dias são de movimento, de comércio, de alegria popular. Quase toda a população do Alentejo e imensa concorrência do Norte vêm nestes dias, sob a protecção de uma festa popular, comerciar, vender, trocar, comprar, etc.»  
*Jornal Distrito de Évora*, N.º 48, 23 de Junho, 1867.

«Foi no domingo, 20, o segundo baile de máscaras desta época no teatro ebroense. Que afliência, que abundância de espirito! Como aqueles elegantes domínios passavam airosoamente no centro daquele esplêndido salão! Como os olhos e os novos costumes ali ostentavam toda a sua guapa galhardia! As intrigas finíssimas, os enredos espirituosos, sucediam-se com uma difusão admirável!»  
*Jornal Distrito de Évora*, N.º 6, 24 de Janeiro, 1867.

«Por entre os maticos de verdura redemoïnham, seguiam, passavam, volteavam rápidos grupos de donzelas, falando, rindo, namorando, e deleitando os olhos aos membros do sexo forte, que passavam, contemplando-as em todo o esplendor da beleza, em todos o frescor da mocidade, em toda a sua vaidade da ternura, em todo o ideal da poesia...»  
*Jornal Distrito de Évora*, N.º 8, 31 de Janeiro, 1867.

«O povo de Évora é bom, trabalhador, robusto, sensato, sosegado, sobretudo...»  
*Jornal Distrito de Évora*, N.º 36, 12 de Maio de 1867



**12 AQUEDUTO DA ÁGUA DE PRATA**  
 Obra monumental do reinado de D. João III (1533-1571), chegou muito arruinado ao tempo de Eça de Queirós que assinalou esse facto nas páginas do seu jornal. O aqueduto ("serotiano", como popularmente era designado) seria reabilitado pouco depois, em 1873.

**2 PALÁCIO BARAHONA**  
 Da autoria do arquitecto Giuseppe Gnatti, de estilo neoclássico, é uma imponente residência fidalga que hospedou reis, rainhas e nobres. O proprietário, José Maria Ramalho Dinis Perdigão, começou as obras em 1859 e concluiu-as perto de 1880; em 1884, este morreu e a sua viúva e herdeira, D. Inácia Angélica Mattos Fernandes, casou-se com o Dr. Francisco Eduardo Barahona Fraggos Cordovil da Gama Lobo, e o edifício passou a ser conhecido como Palácio Ramalho-Barahona. Actualmente funciona ali o Tribunal da Relação de Évora.

**3 PASSEIO PÚBLICO**  
 O actual Jardim Público era, quando Eça de Queirós esteve na cidade, um local de passeio, de encontros, festas e concertos. De acesso pago, teve, mais tarde, um teatro e um animatógrafo no edifício do Palácio D. Manuel. A Câmara Municipal de Évora iniciou planos para criar este local de lazer em 1863, com o traço do arquitecto Giuseppe Gnatti e com o patrocínio de José Maria Ramalho Dinis Perdigão. O coreto foi instalado em 1877.

**4 PRAÇA DE TOUROS DAS MERCÉS**  
 Localizada na Rua do Raimundo, junto à igreja das Mercês, terá sido a primeira da cidade; Eça escreveu no seu jornal sobre as toureadas ali realizadas. No local existe agora um hotel, mas parte da fachada revela, ainda, a circularidade da desaparecida praça de touros.

**5 PRAÇA DO GIRALDO**  
 Praça principal da cidade, desde há séculos, o nome actual foi-lhe dado em 1869. Só deixou de ser um terreno em 1863, ano em que foi calcetada; a iluminação eléctrica é de 1900. A Igreja de Santo António na sua forma actual e a fonte renascentista são do tempo do Cardeal D. Henrique, arcebispo da cidade. Em 1867 chama-se *Praça Grande* e mantém-se o coração da cidade. Ali se sediavam os Paços do Concelho, o Tribunal e a Cadeia (onde é hoje o Banco de Portugal). Ali se situavam os cafés mais populares e bem frequentados, o comércio mais significativo e a *Sociedade Civilizadora União Ebroense*, criada em 1839, e conhecida, até hoje, por *Sociedade Bota Rasa*, da qual Eça de Queirós se fez sócio mal chegado à cidade.

**6 RUA JOÃO DE DEUS**  
 A Rua João de Deus, então Rua Ancha, ligava a praça principal com outra importante, a Praça da Porta Nova, actual Praça Luís de Camões. Era percorrida diariamente por Eça de Queirós no percurso entre a pensão e o jornal; nela se situava o mais moderno café da cidade, o *Esperança*. Na Rua do Imaginário, então denominada *Beco do Imaginário*, situava-se o jornal *Folha do Sul*, defensor do governo central e da câmara municipal, que manteve acasas polémicas com Eça de Queirós.

**7 TRAVESSA DOS FRADES GRILLOS**  
 Situada entre a Rua Romão Ramalho e a Rua do Raimundo, é apontada como o local onde Eça de Queirós residia enquanto permaneceu em Évora. Há quem aponte como outras moradas de Eça na cidade a Travessa da Mangalaça e a própria sede do jornal, na Praça D. Pedro V.

**8 TEATRO DAS CASAS PINTADAS**  
 Primeiro teatro público em Évora, situado na Rua das Casas Pintadas, já funcionava em 1843 quando D. Maria II ali assistiu a uma recita. No jornal que dirigiu, Eça comentou vários espectáculos ali realizados e criticou o mau estado de conservação do edifício. Em 1884, já em ruínas, o teatro foi vendido em hasta pública. Poucos anos depois, construiu-se na cidade o Teatro Garcia de Resende, no topo da praça onde se situava o jornal *Distrito de Évora*.

**9 PRAÇA DE D. PEDRO**  
 No n.º 3A desta praça, no primeiro andar, em 1867, em cujo rés-do-chão já funcionava uma tipografia, foram instaladas a sede, a redacção e a administração do *Distrito de Évora*; aí passou a funcionar também o escritório de advogado de Eça. Na fachada deste prédio está afixada, desde 1950, uma placa evocativa da presença de Eça de Queirós na cidade.

**10 LICEU DE EVORA**  
 O Liceu Nacional de Évora foi fundado em 1841 no edifício onde funcionara o Colégio do Espírito Santo da antiga Universidade de Évora (1539-1739). Eça escreveu no seu jornal sobre a vida académica; os estudantes do Liceu trajavam de capa e batina desde 1860. Actualmente, é o edifício central da nova Universidade de Évora.

**11 BIBLIOTECA PÚBLICA DE EVORA**  
 Foi fundada em 1805 por D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas. Em 1867 era seu director o Dr. Augusto Filipe Simões que desempenhou o cargo entre 1864 e 1872. Esse opositor político do escritor, que escrevia no *Folha do Sul*, marcou positivamente a história da Biblioteca por ter coordenado a reestruturação do edifício, enriquecido e estudado as suas colecções que na época incluíam espólio museológico (com o qual já no século XX se viria a criar o Museu de Évora).

**1 ROSSIO DE S. BRÁS**  
 Ainda hoje é o maior espaço público aberto da cidade; servia, na época, múltiplas funções e actividades sócio-culturais e recreativas com destaque para a realização da feira de S. João (desde o século XVI) e mercados de gados.

Conteúdos científicos: Manuel Alcario, Manuel Branco, Marcial Rodrigues | Fotos: Arquivo Fotográfico CME (Coleção Grupo Pré-Evora)

Figura 38 Roteiro Eça de Queirós em Évora. Fonte: <http://www.cm-evora.pt/pt/Evoraturismo/mais/Documents/roteiro-eça-queiros.pdf>

**Roteiro dos Dabney (Horta, Açores)**

Roteiro dedicado ao legado da família de John Bass Dabney, natural de Boston, que se instalou na Horta em 1806, com o título de primeiro Cônsul Geral dos Estados Unidos para os Açores. Empresário de visão, estabeleceu relações comerciais dinâmicas entre os Açores e ambos os lados do Atlântico. Apesar de terem abandonado os Açores em 1892, a família deixou o seu cunho tanto nas vivências como na arquitetura.

A Família Dabney
O Roteiro
Galeria
Parques Naturais dos Açores







John Bass Dabney nasceu em 1767 na cidade de Boston, poucos anos antes da proclamação da independência dos Estados Unidos. Filho de uma família de negociantes, tinha 17 anos quando o pai faleceu.

Decidiu então partir para Alexandria, no estado da Virgínia e estabelecer um negócio de exportação de produtos americanos para a Europa e importação de vinhos franceses. Apesar dos tumultos da Revolução Francesa, decidiu partir para a França, em 1794, onde estabeleceu uma nova casa comercial.

As tensões políticas entre a Grã-Bretanha e a França e a confirmação do conflito que opôs as duas nações em 1803 levaram John Bass Dabney a reencaminhar a família para os Estados Unidos, encerrar os negócios e abandonar definitivamente Bordéus. Na viagem de regresso à sua terra natal, passou pelo Faial onde permaneceu durante o inverno de 1804.

A neutralidade portuguesa face ao conflito, a localização geográfica da ilha, a meio do Atlântico, as condições naturais da baía da Horta e a perspectiva de novos negócios, sobretudo a partir do vinho produzido na ilha do Pico, terão levado John Bass Dabney a considerar a possibilidade de se instalar na Horta. Em (agosto) 1806, regressou ao Faial já com o título de primeiro Cônsul Geral dos Estados Unidos para os Açores.

Assim começa a história de uma família americana no Faial, cuja presença, ao longo do século XIX, assinalou de forma indelével a dinâmica das relações comerciais, económicas e sociais dos Açores e da ilha do Faial em particular, com ambos aos lados do Atlântico.

Como empresário de grande visão, John Bass Dabney criou, na cidade da Horta, diversos armazéns que atraíram à ilha grandes navios que cruzavam o Atlântico Norte e que aí se abasteciam de mantimentos frescos e realizavam reparações das embarcações. Entre estes chegavam também os barcos da costa leste do Estados Unidos, que se dedicavam à caça da baleia e que encontravam aqui o local ideal para o repouso das suas tripulações.

A partir da baía da Horta eram exportados vinho, vindo da ilha do Pico, laranjas, limões, tangerinas e produtos derivados da caça à baleia desenvolvida pelos Dabney, sobretudo para os Estados Unidos, a Europa e Báltico, chegando ainda à Índia e a Macau.

Até à partida dos Dabney, em 1892, em consequência da destruição das vinhas e dos laranjais por doenças que afetaram essas culturas na segunda metade do sec. XIX, a família deixou o seu cunho não só nas vivências como na arquitetura da cidade da Horta, como se pode testemunhar através de algumas propriedades que perduraram até aos dias de hoje, como é exemplo a Fredonia, a Cedars House, a vivenda Bagatelle ou a casa junto à praia de Porto Pim.

Esta família, que viveu nesta ilha ao longo de três gerações, durante 86 anos foi responsável por uma época de prosperidade e de influência política como não se voltou a testemunhar.

Figura 39 Website dedicado ao roteiro dos Dabney. Fonte: <https://parquesnaturais.wixsite.com/roteirodosdabney>

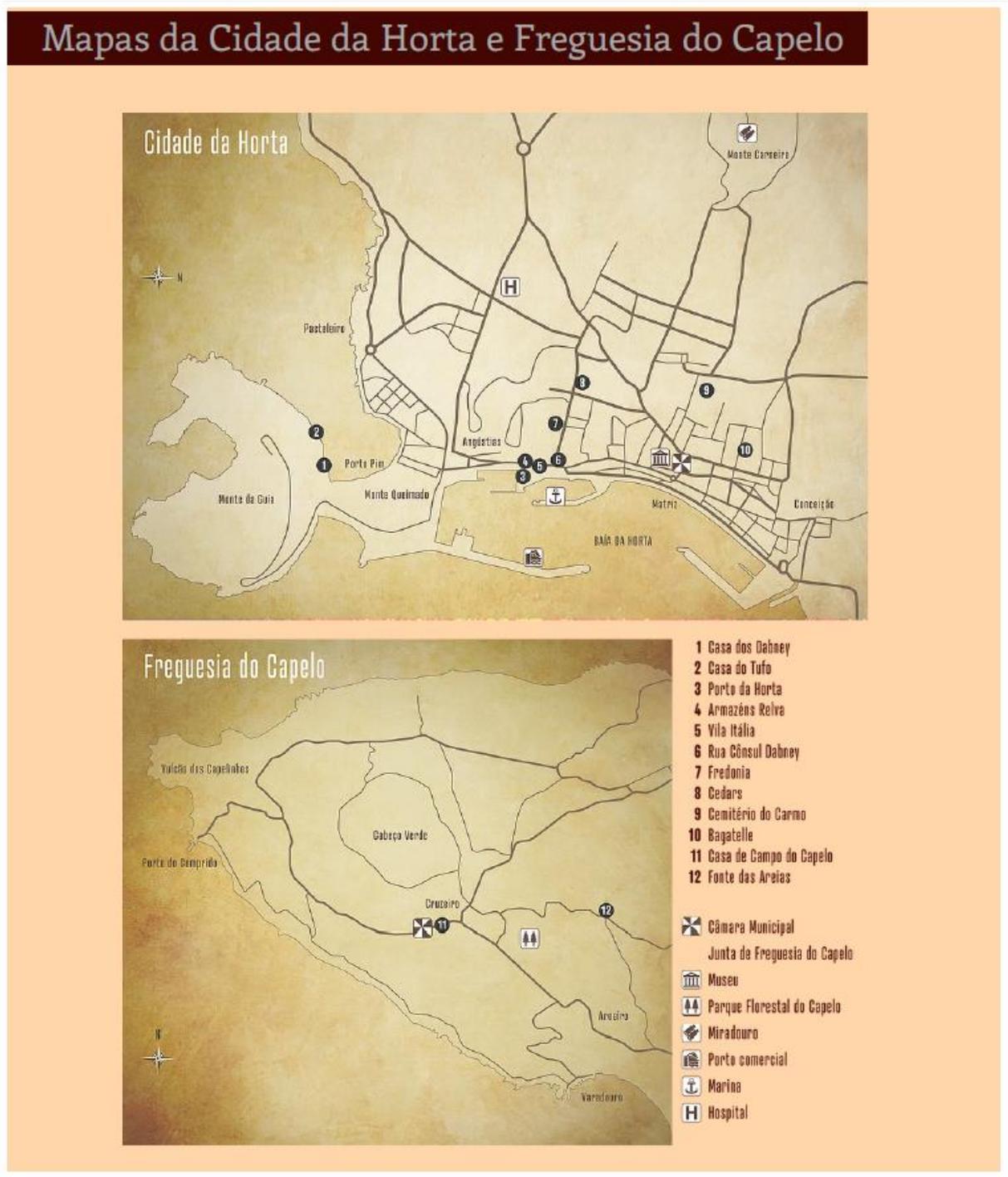
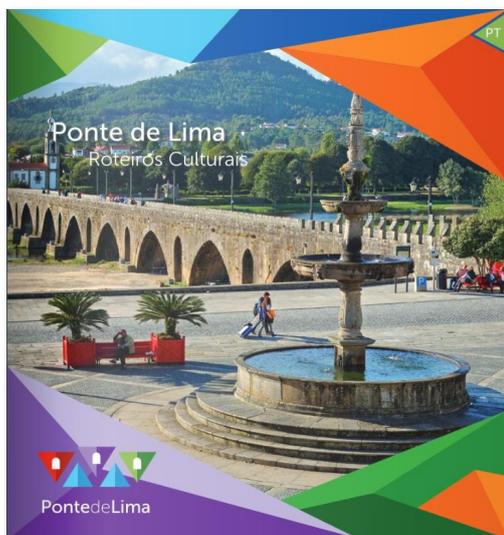


Figura 40 Website dedicado ao roteiro dos Dabney. Fonte: <https://parquesnaturais.wixsite.com/roteirosdosdabney>

**Roteiros Culturais (Ponte de Lima)**

Destinado a divulgar e valorizar o património cultural de Ponte de Lima, o Município juntou à *Rota dos Escritores Limianos*, dois novos itinerários consagrados ao poeta António Feijó e ao beato Francisco Pacheco<sup>48</sup>.

A *Rota dos Escritores Limianos* leva o visitante a descobrir casas e monumentos da vila, num total de 16 locais, associados ao Cardeal Saraiva (1766-1845), António Feijó (1859-1917), Delfim Guimarães (1872-1933), António Ferreira (1885-1963), Conde de Aurora (1896-1969), Luís Dantas (1946-2011), António Vieira Lisboa (1907-1968), Lima Bezerra (1727-1806), Feliciano Guimarães (1885-1959), Teófilo Carneiro (1891-1949), António de Magalhães (1882-1961), Norton de Matos (1867-1955), Domingos Tarrozo (1860-1933) e Severino Costa (1899-1990).



1. Biblioteca Municipal de Ponte de Lima  
41° 46' 3,115" N | 8° 35' 4,986" W
2. Monumento ao Cardeal Saraiva. Rua e casa onde nasceu  
41° 46' 2,944" N, 8° 35' 2,688" W
3. Monumento evocativo da memória de António Feijó e Avenida  
41° 46' 2,004" N, 8° 34' 59,468" W
4. Largo Delfim Guimarães  
41° 46' 7,657" N | 8° 34' 59,152" W
5. Casa de António Ferreira  
41° 46' 5,474" N | 8° 35' 2,539" W
6. Estátua do Conde de Aurora  
41° 46' 8,866" N | 8° 35' 1,498" W
7. Rua do Arrabalde e Casa onde nasceu Luís Dantas  
41° 46' 10,652" N | 8° 35' 0,000" W
8. Casa dos da Garrida  
41° 46' 16,812" N | 8° 34' 46,867" W
9. Rua Lima Bezerra  
41° 46' 10,353" N | 8° 35' 25,817" W
10. Casa do Dr. Feliciano Guimarães  
41° 46' 5,042" N | 8° 35' 4,681" W
11. Monumento a Teófilo Carneiro  
41° 46' 3,592" N | 8° 35' 5,711" W
12. Largo do Dr. António de Magalhães  
41° 45' 58,840" N | 8° 35' 3,684" W
13. Estátua e Casa Norton de Matos  
41° 45' 57,606" N | 8° 35' 3,549" W
14. Rua Domingos Tarrozo  
41° 45' 56,833" N | 8° 35' 3,876" W
15. Casa de Severino Costa  
41° 45' 54,521" N | 8° 35' 1,858" W
16. Arquivo Municipal  
41° N | 8W

**Rota dos Escritores Limianos**

A Rota dos Escritores Limianos une o turismo à cultura, permitindo conhecer e desfrutar, de forma orientada, a nobreza histórica e literária de Ponte de Lima.

Esta rota será o fio condutor para identificar, explorar e valorizar as casas, espaços, monumentos, estátuas, ruas, avenidas, praças, lar-

gos, cantos e recantos do centro histórico de Ponte de Lima, assim como um veículo para descobrir histórias, personalidades, formas de vida, lugares onde viveram os escritores limianos e desvendar segredos em relação à personalidade que se esconde por detrás de um livro.

5

1. Largo e Fonte de S. João  
41° 46' 9,146" N, 8° 35' 1,416" W
2. Casa de Nossa Senhora D'Aurora  
41° 46' 12,207" N, 8° 34' 57,468" W
3. Capela e Alameda de S. João  
41° 46' 17,801" N, 8° 35' 3,226" W
4. Torre de S. Paulo  
41° 46' 5,187" N, 8° 35' 4,439" W
5. Monumento a Teófilo Carneiro  
41° 46' 3,584" N, 8° 35' 5,582" W
6. Museu dos Terceiros  
41° 45' 53,568" N, 8° 35' 14,016" W
7. Teatro Diogo Bernardes  
41° 45' 53,730" N, 8° 35' 11,396" W
8. Igreja de Nossa Senhora da Guia  
41° 45' 49,014" N, 8° 35' 24,064" W
9. Rio Lima  
41° 46' 0,887" N, 8° 35' 20,637" W
10. Ponte Romana e Medieval  
41° 46' 9,273" N, 8° 35' 12,205" W
11. Largo de Camões e Chafariz  
41° 46' 6,699" N, 8° 35' 3,375" W
12. Fonte da Vila  
41° 46' 3,471" N, 8° 34' 59,527" W
13. Igreja Matriz  
41° 46' 3,791" N, 8° 35' 3,607" W
14. Igreja de Nossa Senhora da Lapa  
41° 45' 56,808" N, 8° 34' 58,189" W
15. Busto de António Feijó  
41° 46' 2,017" N, 8° 34' 59,453" W
16. Monte de Santa Maria Madalena  
41° 45' 15,608" N, 8° 33' 51,500" W

**Espaços de Inspiração de António Feijó**

António Feijó nasceu a 1 de junho de 1859, em Ponte de Lima, na Rua do Pinheiro, numa casa infelizmente já desaparecida. Fez os estudos preparatórios na sua vila natal e em Braga e cursou Direito na Universidade de Coimbra. Foi, todavia, na carreira diplomática que fez o seu percurso profissional, primeiro

no Brasil e depois na Suécia. Manifestou-se sobretudo, e por isso o celebramos, como um notável poeta que, mesmo longe da sua terra natal, nunca a esqueceu. Muitos são os belos e saudosos versos que lhe dedicou na sua obra poética.

23

1. Casa de Barró - Casa onde nasceu o Beato Francisco Pacheco  
41° 45' 4,659" N, 8° 36' 13,730" W
2. Capela de Nossa Senhora das Neves  
41° 45' 24,533" N, 8° 36' 10,578" W
3. Igreja de Nossa Senhora da Guia  
41° 45' 49,035" N, 8° 35' 23,997" W
4. Avenida dos Plátanos  
41° 45' 51,802" N, 8° 35' 20,146" W
5. Museu dos Terceiros  
41° 45' 53,568" N, 8° 35' 13,972" W
6. Capela de Nossa Senhora da Penha de França  
41° 46' 1,657" N, 8° 35' 6,483" W
7. Arco da Porta Nova  
41° 46' 2,045" N, 8° 35' 5,985" W
8. Igreja Matriz - Altar do Beato Francisco Pacheco  
41° 46' 3,780" N, 8° 35' 3,574" W
9. Igreja da Misericórdia  
41° 46' 4,306" N, 8° 35' 4,486" W
10. Rua Beato Francisco Pacheco  
41° 46' 6,966" N, 8° 35' 1,122" W
11. Largo de Camões  
41° 46' 6,699" N, 8° 35' 3,375" W

**Beato Francisco Pacheco**

Francisco Borges Pacheco nasceu na Quinta de Barró, na freguesia da Correlhã, Ponte de Lima, em 1566. Os seus pais, de família fidalgá, chamavam-se Garcia Lopes Pacheco e Maria Borges de Mesquita. Professou na Companhia de Jesus e foi enviado como missionário para a Índia, passando por Macau e pelo Japão.

Desenvolveu profunda ação evangelizadora no Império do Sol Nascente, onde viveu muitos anos em clandestinidade, como Administrador Apostólico da Diocese do Japão. Sofreu o martírio a 20 de junho de 1626 em

Nagasáqui, queimado a fogo lento. Beatificado por Pio IX a 7 de julho de 1867, aguarda-se a conclusão do seu processo de canonização. Este percurso enquadra-se na Rota dos Gigantes, promovida pela ADRL - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima. Esta rota liga os concelhos de Ponte de Lima com o Beato Francisco Pacheco, Ponte da Barca com o navegador Fernão de Magalhães, Arcos de Valdevez com o inventor Padre Himalaya e Viana do Castelo com o descobridor João Álvares Fagundes.

33

Figura 41 Detalhes de Roteiros Culturais de Ponte de Lima. <https://www.visitepontedelima.pt/pt/turismo/ponte-de-lima-roiteiros-culturais/>

<sup>48</sup> Esta publicação, disponível em *ebook*, em <https://www.visitepontedelima.pt/pt/turismo/ponte-de-lima-roiteiros-culturais/>, encontra-se reproduzida integralmente no Anexo 2.

*Três caminhos diferentes, mas que convergem para um trilho de memórias e afetos, de onde emergem igualmente a singularidade e a beleza dos lugares, das construções e das paisagens.*

(CMPL, s/d)

O itinerário *Espaços de Inspiração de António Feijó* contempla 16 pontos, alguns dos quais inseridos na *Rota dos Escritores Limianos* e o itinerário *Beato Francisco Pacheco* abrange 11 novos locais, os quais, perfazendo um total de 38 sítios referenciados nos *Roteiros Culturais* de Ponte de Lima.

### Rota Porto Liberal (Porto)

Esta Rota convida o visitante a passear pelo Porto do séc. XIX, percorrendo “a cidade e os lugares que foram palco de uma histórica guerra entre irmãos e de onde saiu vencedor o Liberalismo”. Em 2017 esta Rota foi distinguida com o prémio APOM na categoria de Melhor Informação Turística.

**www.rotaportoliberal.pt**

**PARCEIROS:**

**PORTO LIBERAL**  
Uma rota direta ao Coração

Inicie a Rota PORTO LIBERAL em qualquer um dos pontos assinalados no mapa. Mais informações nos postos indicados.

Aceda à Rota Porto Liberal

Partilhe o seu percurso nas redes sociais com uma fotografia original em cada ponto da rota e tag

**#PortoLiberal**

A Rota PORTO LIBERAL convida para um passeio pelo Porto do século XIX. Percorra a cidade e os lugares que foram palco de uma histórica guerra entre irmãos e de onde saiu vencedor o Liberalismo.

O confronto entre ideais, no início do século XIX, marcou fortemente o Porto. Desde a Revolução de 1820 até à vitória liberal na Guerra Civil de 1832-34, a cidade viveu intensamente o confronto entre estes dois mundos, duas formas de organização social, económica, religiosa e de mentalidades.

Em 1829 os absolutistas no poder mandam enforcar em praça pública os homens que ficaram conhecidos como *Os Mártires da Liberdade*, exibindo as suas cabeças decepadas, como forma de aviso aos demais revoltosos.

Palco de confrontos entre as duas facções em luta – *Liberais e Absolutistas* –, lideradas pelos dois príncipes irmãos, D. Pedro e D. Miguel, o Porto sofreu um cerco de 13 meses (1832-33) que deixou marcas profundas na cidade e levou a um sofrimento atroz da sua população. Estas marcas perduraram na memória urbana, nas suas ruas e lugares, mas também na música, nas artes, na arquitetura.

A Rota PORTO LIBERAL lança-lhe o desafio de descobrir os lugares associados a esse tempo de luta e o coração do Rei Soldado, também libertador do Brasil e seu primeiro imperador, enquanto país independente.

Figura 42 Folheto sobre a Rota Porto Liberal. Câmara Municipal do Porto



Figura 43 Folheto sobre a Rota Porto Liberal. Câmara Municipal do Porto

Para além do desdobrável, a rota do Porto Liberal dispõe de um website próprio, com diversos conteúdos em diferentes suportes, estando presente, de forma ativa, nas redes sociais, nomeadamente Facebook e Instagram. Através de um QR Code impresso no desdobrável, o visitante poderá aceder diretamente a este website.



Figura 44 Press, no website da rota Porto Liberal. <https://rotaportoliberal.pt/noticias/>

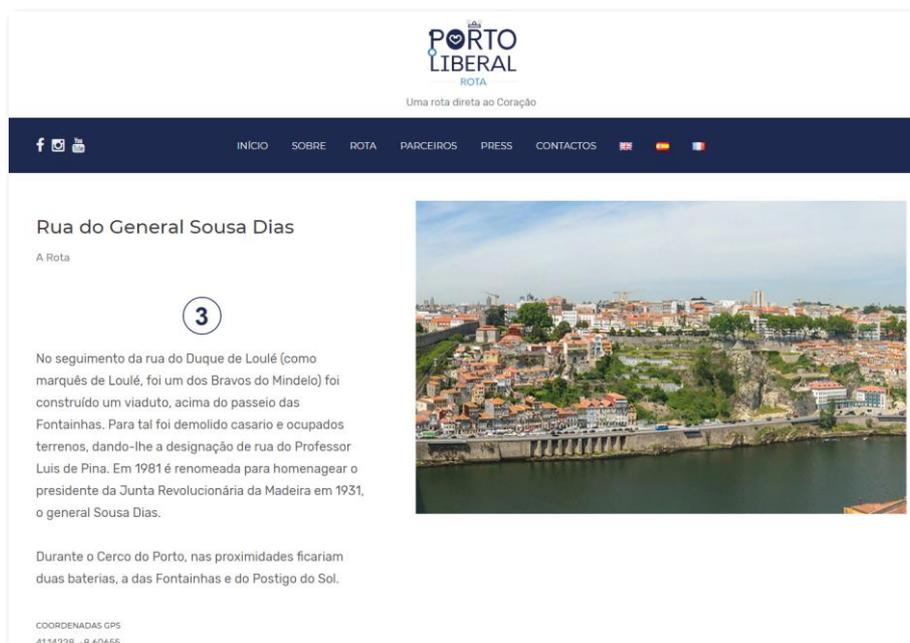


Figura 45 Rota, no website da rota Porto Liberal. <https://rotaportoliberal.pt/rpl/rua-do-general-sousa-dias/>

Através das rotas aqui apresentadas, podemos constatar alguns exemplos de boas práticas, aliando o profissionalismo com a preocupação na qualidade final do produto. No caso do *Roteiro Eça de Queirós em Évora* e do *Roteiro dos Dabney*, destacamos o detalhe de informação sobre as respetivas personalidades, embora no caso de Évora, fosse mais adequada a numeração sequencial dos locais assinalados. No caso de Ponte de Lima, o roteiro encontra-se bem organizado, sendo apelativo e contendo toda a informação necessária ao visitante, no que concerne aos locais a visitar, incluindo a forma de chegar ao ponto seguinte, sendo omissa uma ficha técnica que permita perceber alguns dados, nomeadamente o ano de edição do suporte físico.

No caso do Porto, sendo a rota mais recente (2018), a aposta nas tecnologias é óbvia, sendo o desdobrável apenas um apoio ao visitante, onde o destaque vai para o mapa no seu interior, sendo através do QR Code que o visitante tem acesso, através de um smartphone, aos conteúdos em maior detalhe, disponíveis em website próprio, bem como às redes sociais. No website o visitante encontra informação sobre a rota, os locais a visitar (descrição, localização e coordenadas GPS), notícias e formulário para contactos, enquanto nas redes sociais as publicações são realizadas com frequência, de modo a manter o (futuro) visitante interessado sobre temas relacionados com esta rota. Se por um lado a aposta nos suportes on-line permite uma atualização constante, por outro lado, se o visitante não tiver acesso à internet ou um equipamento móvel que permita ler o QR Code, a informação disponibilizada no suporte em papel é escassa.

### Capítulo 3 – Patrimonialização e funcionalização do *Castelo Engenheiro Silva*

*Todo o objecto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido por isso na sua origem um destino memorial.*

(CHOAY, 2010:25)

Localizado no Bairro Novo, o *Castelo Engenheiro Silva* reúne todas as condições para poder ser um ponto de referência e de partida para contar a história e as estórias do Bairro Novo e da cidade tanto aos visitantes, como aos residentes.

Para além da história, o visitante procura cada vez mais conhecer as estórias que caracterizam os territórios, através da experimentação e vivências dos espaços que visitam. No caso da Figueira da Foz, o Bairro Novo é um território com um passado bastante rico e um potencial escassamente explorado por percursos culturais urbanos, cheio de história e de estórias, desde a sua origem até finais da 1ª metade do século XX.

O “ir a banhos”<sup>49</sup> com as suas indumentárias e regras próprias, a importância dos espaços de lazer e de jogo<sup>50</sup> ou a mudança de hábitos sociais com a chegada dos refugiados espanhóis (década de 1930 do século XX) e judeus na década seguinte, são alguns dos temas que podem ser explorados em conjunto com rotas já existentes, como por exemplo o percurso “Arte Nova”.

Para compreender o surgimento do *Castelo Engenheiro Silva*, integrado no Conjunto Arquitetónico da Esplanada António Silva Guimarães, juntamente com o edifício do *Antigo Turismo* e pela *Casa das Conchas*, apresenta-se um breve enquadramento histórico e temporal da tradição balnear na Figueira da Foz<sup>51</sup>, bem como do surgimento do Bairro Novo, através de alguns relatos e testemunhos da época.

*A viagem para a praia da Figueira é extremamente pittoresca. Demora a villa a 49 kilometros de Coimbra, e liga-a a esta cidade uma estrada lindissima, que corta o campo pittoresco banhado pelo Mondego. A entrada da villa é presentemente a larga e elegante rua do Principe Real (...) mais parece uma das grandes ruas de uma cidade populosa, do que uma rua de terra de provincia.*

(PESSOA, 1878:106-7)

Assim é descrita a viagem para a Figueira da Foz no *Almanach da Praia da Figueira 1878-1879*, dando conta da beleza da viagem, a qual, em 1876, demoraria cerca de seis horas, com um custo de 1\$5000 reis por lugar (PESSOA, 1878).

Sendo a Figueira “a primeira praia de Portugal, não só pelos encantos das perspectivas maritimas”, tal como a descreve Amorim Pessoa no Almanaque dedicado à praia da Figueira, (PESSOA, 1878) o mesmo autor afirma que “talvez não seja facil encontrar-se em Portugal duas centenas de pessoas que não tenham ouvido fallar da Figueira, principalmente hoje em dia que os banhos de mar entraram para o orçamento de todas as familias na cathegoria de despeza inevitavel. (...) A praia da Figueira era conhecida ha muitos seculos.”

<sup>49</sup> Sobre este assunto veja-se, por exemplo, (DIAS, 1995).

<sup>50</sup> Sobre este assunto veja-se (VAQUINHAS, 2010).

<sup>51</sup> Sobre este assunto veja-se, por exemplo (BRIZ, 2003:71-8), (MARTINS, 2011:20-5), (NUNES, 2009), (CASCÃO, 1998), (JESUS, 1999).

O mar da Figueira era procurado na época balnear essencialmente por “pessoas que tomam os banhos por habito por moda, por distracção, por gosto, sem uma necessidade urgente e immediata, e pessoas que usam dos banhos em virtude das prescripções dos medicos” (PESSOA, 1878). De acordo com o referido Almanach, “logo que a mania dos banhos de mar começou a preoccupar os cerebros da gente do bom tom, a moda tomou debaixo da sua protecção a praia da Figueira. Havia outras praias n’este paiz, (...) mas, emfim, a da Figueira tornou-se a praia predilecta de uma sociedade elegante e numerosa. (...) A praia da Figueira, ampla, magnifica, á beira de esplendidas varzeas, onde a vegetação nem parece ressentir-se das crestantes exhalacões marítimas, é uma prova de que a deusa dos caprichos, sem embargo das accusações dos atrabiliarios, é ás vezes muito rasoavel nas suas predilecções.”

Em 1876 Ramalho Ortigão (ORTIGÃO, 1876) descrevia a viagem de Coimbra para a Figueira da Foz como sendo “bastante pittoresca, mas não isempta de incommodidades” referindo-se aos horários das diligências e à duração do trajeto, dificultado pela etapa final, cuja descrição poderia desencorajar o viajante. Nas palavras de Ramalho Ortigão, “entra-se na villa por uma estreita garganta que se alonga para o viajante como o bico de um funil. Se não é facil a entrada pela foz do Mondego a bordo de uma das escunas ou dos hiates que frequentam o porto e aos quaes o rumo da barra é indicado de terra por meio de um signal no alto de um mastro, a entrada em diligencia pelo funil acima referido não é menos perigosa, Sómente, pela via de terra é permitido ao viajante um expediente, que se não usa na superficie liquida, e vem a ser: desembarcar a distancia respeitosa e entrar cada um na villa pelo seu pé.”

Felizmente as condições de acessibilidade à vila melhoraram nas décadas seguintes. A estrada que liga a Figueira da Foz a Coimbra “encurtou algumas d’aquellas voltas interminaveis que foram durante muito tempo o moedoiro da paciencia dos viajantes. (...) O trajecto dos quarenta e nove kilometros que distam de Coimbra á Figueira é percorrido em menos de cinco horas” [no serviço das diligências] (PESSOA, 1878).

Após a conclusão das obras na barra e porto da Figueira da Foz, em 1861 cinco homens celebraram um contrato para a criação de uma empresa (SILVA, 1862)<sup>52</sup> destinada à construção de um novo bairro a norte do Forte de Santa Catarina, com o apoio da Câmara Municipal, cujos arruamentos ficariam concluídos ainda nesse ano. Apesar disso, a construção dos edifícios só teve início em 1868. No final da década de 1870 do século XIX, e após a construção do Bairro Novo de Santa Catarina, a Figueira já possuía todas as comodidades e equipamentos necessários ao desenvolvimento turístico e balnear, faltando apenas a ligação ferroviária.

---

<sup>52</sup> António Ferreira de Oliveira, João Fernandes Thomás, João Fernandes Gaspar, António Lopes Guimarães e Francisco Maria Pereira da Silva assinaram um contrato em 03-01-1860. Documento nº 28 (SILVA, 1862:154-156)



*Figura 46 Estação de caminhos de ferro da Figueira da Foz, 1882. AFMFF, cota 06283*

Com uma excelente vista sobre o oceano e sobre a Foz do Mondego, Francisco Maria Pereira da Silva possuía no Bairro Novo um terreno com frente para a rua da Boa Recordação, atual rua Cândido dos Reis e para a rua da Alegria, atual Esplanada António da Silva Guimarães. É nesta propriedade que viriam a ser construídos três edifícios, modificados e acrescentados até aos dias de hoje, os quais formam atualmente o Conjunto Arquitetónico da Esplanada António da Silva Guimarães, constituído pelo *Castelo Engenheiro Silva*, edifício do *Antigo Turismo* e *Casa das Conchas*.



*Figura 47 Conjunto arquitetónico da Esplanada António Silva Guimarães, constituído pelo edifício Castelo Engenheiro Silva, pelo edifício do Antigo Turismo e pela Casa das Conchas. AFMFF, cota B05524*

Conhecer as principais personalidades associadas a este conjunto arquitetónico em particular, mas também ao Bairro Novo, bem como ao desenvolvimento urbano desta zona da cidade, permite compreender melhor a sua importância e o seu legado.

## 1. Personalidades relacionadas com o Conjunto Arquitetónico da Esplanada

### 1.1. Francisco Maria Pereira da Silva (1814-1891)

Nascido em Lisboa a 16 de março de 1814, Francisco Maria Pereira da Silva, natural da freguesia de Ajuda, em Lisboa<sup>53</sup>, era filho de Manuel Pereira da Silva, natural de São Salvador de Meixomil, Penafiel e de Gertrudes Magna da Conceição, natural de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup>. da Consolação do Castelo, Sesimbra. Afilhado de Francisco Vilela Barbosa<sup>54</sup>, era neto materno de Manuel Pereira da Silva, casado com Caetana Gomes, residentes em Penafiel e materno de Joaquim de Sousa, casado com Antónia Maria, residentes em Sesimbra.

#### Percurso académico

Em março de 1825, com 11 anos, frequentou a Aula de Latim no Real Mosteiro de Santa Maria de Belém, concluindo estes estudos em agosto de 1827<sup>55</sup>. Embora o seu mestre sugerisse que este brilhante aluno continuasse os seus estudos em Letras<sup>56</sup>, aos 14 anos, Francisco Silva matriculou-se no Curso Matemático da Academia Real de Marinha<sup>57</sup>, concluindo-o em 1831<sup>58</sup>, com indicação de destino para a Marinha logo após concluir o 1<sup>o</sup> ano do curso<sup>59</sup>. Apenas em 1835 conclui os estudos da Companhia e Real Academia dos Guarda-Marinha<sup>60</sup> e em 1839 de geodesia, iniciando a sua carreira de engenheiro (BASTOS, 1935:336).

---

<sup>53</sup> ANTT – Livro de registo de batismos 1811-1817, Paróquia de Ajuda – PT-ADLSB-PRQ-PLSB01-B21, fl. 212. Por não existir nenhuma monografia ou estudo detalhado sobre ele, mas também pela importância que teve no desenvolvimento da Figueira da Foz, daremos informação mais detalhada sobre a sua carreira e obra.

<sup>54</sup> Museu da Emigração e Comunidades, *Biografia – Francisco Vilela Barbosa – Marquês de Paranaguá*. Francisco Vilella Barbosa (1769-1846), formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, em 1789 assentou praça na armada. Nomeado lente da Academia da Marinha, em 1801 passou para o Real Corpo de Engenheiros, no posto de primeiro-tenente. Em 1823 pediu demissão do serviço do exército português, para servir no Brasil, onde tinha nascido. Em 1825 recebe o título de Visconde e elevado a Marquês de Paranaguá em 1826, por D. Pedro II.

<sup>55</sup> Foi aluno de Fr. Francisco da Rocha Martins Furtado, Bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, mestre pela Congregação de S. Jerónimo, Professor Régio de Latim no Nacional e Real Mosteiro de Santa Maria de Belém do Instituto de S. Jerónimo, e no mesmo Dom Abade Prelado. “O Engenheiro Silva”, por Dr. Alberto Bastos, *Album Figueirense*, Ano I, abril de 1935, n<sup>o</sup> 11, p. 335.

<sup>56</sup> Atestado emitido por Fr. Francisco da Rocha Martins Furtado, datado de 05-09-1827, transcrito por Alberto Bastos, em *Album Figueirense*, Ano I, abril de 1935, n<sup>o</sup> 11, pp. 335-6.

<sup>57</sup> Destinada a preparar para a carreira náutica e para diversas carreiras militares e civis, os discentes poderiam aprender, em cursos de três anos, matemáticas puras, aplicadas e arte de navegar. Para serem admitidos, os candidatos tinham de ter pelo menos 14 anos de idade, fazerem uma petição e serem submetidos a uma prova de Aritmética. O curso completo de matemática desta Academia era um requisito obrigatório para aceder à carreira de oficial ou de piloto da Marinha.

<sup>58</sup> Aprovado no primeiro e no segundo ano sem discrepância de votos, concluiu o segundo ano com indicação de destino para a Marinha, tendo obtido todos os prémios. Tinha igualmente o curso da antiga Aula de Comércio. IGP – *Nota Biográfica de Francisco Maria Pereira da Silva*.

<sup>59</sup> AHM – Atestado emitido por João Baptista, Lente proprietário da cadeira do primeiro ano, da Academia Real da Marinha. Lisboa, 21-07-1829.

<sup>60</sup> AHM – Requerimento de Francisco Maria Pereira da Silva. Lisboa, 05-03-1835 e Livro de Mestre n<sup>o</sup> 12, p. 61.

**Percurso militar**

Em 11 de janeiro de 1833, com 19 anos de idade, foi nomeado Guarda-Marinha da Armada, tendo assentado praça no Porto dois dias depois, em pleno cerco àquela cidade<sup>61</sup>, no qual desempenhou um papel ativo. Integrando o Corpo da Armada Libertadora, recebeu dois louvores em julho de 1833, um pela forma como se bateu ao serviço nas canhoneiras de Quebrantões, no Douro<sup>62</sup>, e outro por tomar parte ativa na repulsão da agressão do exército inimigo contra as baterias da cidade do Porto<sup>63</sup>. Meses depois, em outubro desse ano, surge ao comando da Canhoneira Nº 4, lutando no Rio Tejo contra os apoiantes de D. Miguel e em 1834 no rio Sado, ao comando do iate *Feliz Pensamento*. Em agosto de 1835 foi promovido a 2º Tenente<sup>64</sup>.



Figura 48 *Francisco Maria Pereira da Silva*. AHM

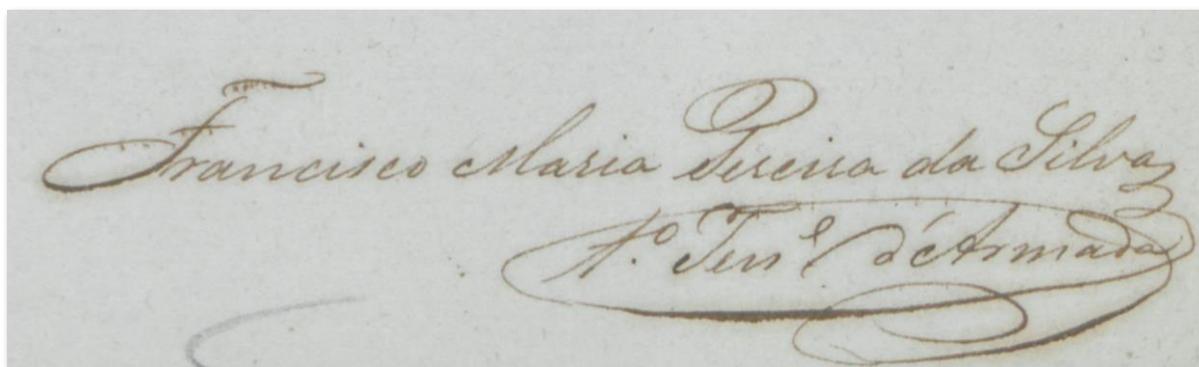


Figura 49 *Assinatura de Francisco Maria Pereira da Silva*. AHM

<sup>61</sup> O cerco do Porto decorreu entre julho de 1832 e agosto de 1833. Embora em 1833 se achasse habilitado para entrar ao serviço da Armada Real, optou por se juntar aos *Defensores da Heroica Cidade do Porto*. Em 05-07-1833 integrou o Corpo da Armada Libertadora, tendo servido das canhoneiras de Quebrantões, no Douro. IGP – *Nota Biográfica de Francisco Maria Pereira da Silva*. AHM – *Pedido a favor de Francisco Maria Pereira da Silva por ter acabado o curso de Matemática*, datado de 05-03-1835.

<sup>62</sup> Ordem do dia nº 38 de 1833. AHM – Livro Mestre nº 12 e Nota de assentamento extraída do livro de mestre A dos Oficiais de Marinha Militar. 17-05-1887.

<sup>63</sup> Ordem do dia nº 41 de 1833. AHM – Livro Mestre nº 12 e Nota de assentamento extraída do livro de mestre A dos Oficiais de Marinha Militar. 17-05-1887.

<sup>64</sup> AHM – Livro Mestre nº 12.

Entre 1833 e 1835 prestou serviço em 13 embarcações, em diferentes tipos de comissões:

Embarcação		Comissões	Data da Nomeação	Destino
Tipo	Nome			
Escuna	Graciosa	Guarnição	12-01-1833	Douro
Escuna	Graciosa	Comandante	24-01-1833	
Corveta	Portuense	Guarnição	01-02-1833	Do Porto aos Açores
late	Souza e Bastos		25-05-1833	Conduzir presos políticos da Ilha ao Porto <sup>65</sup>
Corveta	Portuense		07-06-1833	Douro
Canhoneira	De Quebrantões		17-06-1833	
Fragata	Princesa Real		02-08-1833	Costa Norte de Portugal
Canhoneira	Nº 4	Comandante	10-09-1833	Ribatejo
Fragata	Duquesa de Bragança	Guarnição	05-02-1834	Fora da barra de Setúbal
late	Feliz Pensamento	Comandante	13-02-1834	Sado
Fragata	Duquesa de Bragança	Guarnição	26-05-1834	Lisboa
Fragata	Rainha		07-04-1835	Viagem a Inglaterra e Brest buscar o príncipe D. Augusto a Inglaterra – maio de 1834
Fragata			Encarregado	16-05-1835

*Quadro XXIII Embarcações nas quais Francisco Maria Pereira da Silva prestou serviço, em diferentes tipos de comissões, entre 1833 e 1835.*

*Elaboração própria com base nas informações constantes no AHM - Livro Mestre nº 12*

No que concerne à sua carreira na Marinha, é promovido a 1º Tenente em 15 de fevereiro de 1844, a Capitão-Tenente em 06 de novembro de 1851, a Capitão de Fragata em 13 de julho de 1859, a Capitão de Mar e Guerra em 16 de março de 1866, a Contra-Almirante em 25 de outubro de 1877 e a Vice-Almirante em 25 de julho de 1889, tendo-se reformado em 27 de fevereiro de 1890<sup>66</sup>.

Francisco Maria Pereira da Silva pertenceu ao Conselho de Sua Majestade, tendo recebido a condecoração de Cavaleiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição em 1843,<sup>67</sup> de Cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Aviz em 1853<sup>68</sup> e Comendador da Ordem Militar de Cristo em 1859. Em 1866 foi agraciado com o título do Conselho de Sua Majestade<sup>69</sup> e em 24 de maio de 1887 foi condecorado com a Medalha Militar de Ouro da Classe de Comportamento Exemplar<sup>70</sup>.

<sup>65</sup> Nesta viagem trouxe o late a salvo dos inimigos para o Porto, proveniente de Ponta Delgada. IGP - Nota Biográfica de Francisco Maria Pereira da Silva.

<sup>66</sup> Correspondência da Figueira de 06-12-1891.

<sup>67</sup> Ordem da Armada nº 102 de 1843. AHM – Livro de Mestre nº 12, p. 61.

<sup>68</sup> Ordem da Armada nº 227 de 1853. AHM – Livro de Mestre nº 12, p. 61.

<sup>69</sup> Através do Decreto de 17-03-1866. AHM – Livro de Mestre nº 13, fl. 51 e 54.

<sup>70</sup> Decreto de 21-09-1859 – Livro de Mestre nº 12, p. 61.

### Percurso profissional

Sendo um dos mais distintos engenheiros hidrógrafos, durante anos foi nomeado para desempenhar diversas missões no país, particularmente nos serviços de farolagem e trabalhos hidrográficos no porto de Lisboa e o melhoramento da barra e porto da Figueira da Foz<sup>71</sup>. Em 1856 foi nomeado chefe da Secção de Hidrografia de Marinha, sendo promovido a engenheiro hidrógrafo de 1ª classe e chefe da 3ª Secção do Instituto Geográfico em 1865<sup>72</sup>. Em março de 1869 foi nomeado chefe da 5ª Secção do Departamento Geral de Guerra, tendo sido nomeado engenheiro hidrógrafo de mar em maio do mesmo ano<sup>73</sup>. Após o falecimento de Filipe Folque<sup>74</sup> em 1874, Francisco Silva assumiu a Direção-Geral dos Trabalhos Geodésicos, Topográficos, Hidrográficos e Geológicos do Reino até 1879<sup>75</sup>.



Figura 50 *Francisco Maria Pereira da Silva*. AHM

Ao longo da sua carreira foi designado para diversas comissões de serviço pelo Ministério das Obras Públicas, nomeadamente para realizar o levantamento da planta do Pinhal de Leiria (1841) e o plano hidrográfico do porto de Lisboa (entre 1842 e 1845), os quais lhe mereceram louvores do Governo<sup>76</sup>. No entanto, serão as comissões de serviço na Figueira da Foz as mais marcantes da sua carreira.

### Comissões de serviço na Figueira da Foz

Na Figueira da Foz são duas as comissões de serviço de maior relevância para as quais o Capitão-Tenente da Armada é nomeado, que decorrem praticamente em simultâneo – **o porto e barra da Figueira da Foz** (primeiramente com o levantamento da Carta hidrográfica e depois as obras da barra) e o **farol do Cabo Mondego** (escolha do local e respetiva construção). De modo a poder realizar

<sup>71</sup> IGP – *Nota Biográfica de Francisco Maria Pereira da Silva*.

<sup>72</sup> AHM – Livro de Mestres nº 13, fl. 51 e 54.

<sup>73</sup> AHM – Livro de Mestres nº 13, fl. 51 e 54.

<sup>74</sup> Filipe de Sousa Folque (Portalegre/28.11.1800 – 27.12.1874/Lisboa), foi um militar de carreira, doutorado em Matemática desde 1826 pela Universidade de Coimbra. Lente na Academia de Marinha (1836) onde criou o curso de engenheiro hidrógrafo, notabilizou-se sobretudo por entre 1844 e 1870 ter sido o Diretor-geral dos Trabalhos Geodésicos do Reino, apoiado pelo Ministro da Obras Públicas Fontes Pereira de Melo. Desempenhou funções de diretor das obras do Mondego (1826). *A Rua do militar e matemático Filipe Folque*, disponível em <https://toponimialisboa.wordpress.com/2015/10/28/a-rua-do-matematico-filipe-folque/>. Filipe Folque fora testemunha do casamento de Francisco Silva.

<sup>75</sup> IGP - *Nota Biográfica de Francisco Maria Pereira da Silva*. Foi afastado das funções de chefia em 1879 no seguimento de uma sindicância.

<sup>76</sup> Louvor pelo bom trabalho no levantamento da planta do pinhal grande de Leiria – Ordem da Armada nº 95 de 1842; Louvor pelo zelo e execução nas observações de marés na barra e porto de Lisboa – Ordem da Armada nº 121 de 1844; Louvor pela perfeição na execução do plano hidrográfico do porto de Lisboa – Ordem da Armada nº 350, de 1858. AHM – Livro Mestre nº 12.

as tarefas a seu cargo, Francisco Silva muda-se para a Figueira da Foz, chegando no dia 14 de julho de 1854 a bordo do vapor “Conde de Tojal”, juntamente com a sua família<sup>77</sup>.

### **Porto e barra da Figueira da Foz**

Em 29 de agosto de 1853 o Engenheiro Francisco Silva foi nomeado para levantar a Carta Hidrográfica do porto e barra da Figueira da Foz<sup>78</sup>, a qual ficou concluída em 1860.

Em setembro desse ano de 1854 foi encarregue de avaliar a pertinência de realizar obras na barra do Mondego ou proceder à construção de um porto artificial na baía de Buarcos<sup>79</sup>, tendo apresentado em fevereiro do ano seguinte um projeto de obras destinado a resolver os problemas da barra<sup>80</sup>, cujas obras tiveram início em maio de 1857, ficando concluídas no final de 1859 (SILVA, 1865:5).



**Figura 51 Detalhe do Plano Hidrográfico da Barra e Porto da Figueira e Costa Adjacente desde Palheiros de Lavos até ao Cabo Mondego** [Material cartográfico] / [Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos, Chorographicos e Hydrographicos do Reino]; levantado de 1855 a 1862 sob a direcção do General Filipe Folque e por F. M. Pereira da Silva Engenheiro Hydrographo. Escala 1:10 000. - Lisboa: [Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos, Chorographicos e Hydrographicos do Reino], 1880. Disponível em:

<http://docbase.dgterritorio.gov.pt/getmedia.aspx?guid=9069c1156d5746037628d249c3e67b40&type=thumb>

<sup>77</sup> Os documentos apenas nos indicam que terá viajado com a família, sem identificar quem o acompanhou. AHM – Vapor Conde de Tojal: Livro do Oficial de quarto de 1852/55. Cota: 6/XIII/4/5, livro 2051, pp. 251-252; Cx. 680, doc. nº 610 – Carta do Capitão; Livro de Ofícios para o Vapor Conde do Total 1847/1859. Cota 6/V/3/4. À data já tinham nascido 5 filhos (Virgínia (1846), Elvira (1847), Palmira (1848), Carlos (1850), Maria Emília (1851) e António (1853). Na mesma viagem viajaram para a Figueira da Foz Damião António Mendes e sua esposa e José Pinto Rodrigues da Costa, sua esposa e uma criada. AHM – Passaportes, Cx. 885-1853/58

<sup>78</sup> As instruções para este trabalho ter-lhe-ão sido enviadas a 25-08-1854, conforme consta na Portaria de 11-09-1854 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria.

<sup>79</sup> Portaria de 11-09-1854, do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria.

<sup>80</sup> A 04-02-1855 entregou o projeto ao Ministro das Obras Públicas. (SILVA, 1865:4)

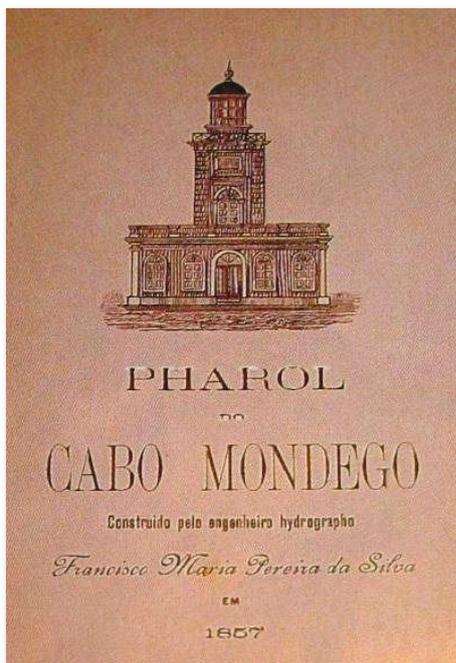
**Farol do Cabo Mondego**

Figura 52 *Capa do Projeto do Farol do Cabo Mondego.*

Para além das obras na barra da Figueira da Foz, a construção do primeiro Farol do Cabo Mondego, na Serra da Boa Viagem, também se deve ao Engenheiro Francisco Silva, no seguimento da ordem de setembro de 1854 para determinar o local mais apropriado para a sua construção<sup>81</sup>. Na sequência do relatório apresentado pelo Engenheiro Silva, no mês seguinte, no qual indicou como melhor local um terreno situado na proximidade das minas de Buarcos, em julho de 1855 recebe autorização para abrir um concurso público destinado a receber propostas com vista à construção do referido farol<sup>82</sup>.

Tendo recebido duas propostas, em agosto de 1855 o Engenheiro deu conhecimento das mesmas ao Ministério das Obras Públicas, com a indicação de que os valores apresentados eram muito elevados, o que levou à publicação de uma Portaria no dia 21 desse mês dando-lhe permissão para proceder à sua construção por administração, recebendo a respetiva verba de 2:769\$800

por três tranches<sup>83</sup>. Dois anos depois, a 2 de junho de 1857, o Engenheiro Silva informa o Ministério das Obras Públicas de que o farol se encontra pronto a funcionar<sup>84</sup>.



Figura 53 *Ruínas do primitivo Farol do Cabo Mondego, construído entre 1855 e abril de 1858<sup>85</sup>.* Inês Pinto. 2018

<sup>81</sup> Portaria de 12-09-1854 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria.

<sup>82</sup> Mendes, Júlio Fonseca, *Album Figueirense*, Ano IV, nº 1-2, janeiro-fevereiro, 1938, p. 6. Portaria de 06-07-1855 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria.

<sup>83</sup> Portaria de 21-08-1855 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria.

<sup>84</sup> Portaria de 20-06-1857 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria e Ribeiro, E. Cação, *O Figueirense*, 13-01-1989, p. 3

<sup>85</sup> Data em que entrou em funcionamento. A torre ficou com 17,72 metros de altura, tendo sido instalado um aparelho ótico lenticular de Fresnel de 2ª ordem (foi o terceiro a ser instalado no nosso país depois de Santa Maria e Forte do Outão). O aparelho iluminante era um candeeiro mecânico de bombas alimentícias pelo sistema de Carcel, funcionando a azeite. Farol do Cabo Mondego, disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=16944](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16944), consultado em 06-11-2018.

A 20 de novembro de 1922 entrou em funcionamento o atual Farol do Cabo Mondego, ditando o encerramento e posterior abandono do primitivo farol.

### O novo bairro de Santa Catarina

Embora ao longo da sua carreira tenha sido nomeado para exercer outras funções noutras locais do país,<sup>86</sup> foi sobretudo na Figueira da Foz que deixou obra e legado para as gerações futuras. O seu interesse pelo desenvolvimento da então vila da Figueira da Foz levou-o, a título de exemplo, a desenhar uma proposta de planta e alçados em 1861 para o edifício dos Paços do Concelho<sup>87</sup>, o qual viria a ser construído apenas em 1897 com base no projeto de Cesare Lanz e F. Giuseppe Fiorentini<sup>88</sup>.

Para além das obras na Barra e Porto da Figueira da Foz, o seu maior legado foi fruto de uma ideia que começou a ganhar forma em 1861 para a vila da Figueira da Foz – a criação de um bairro novo a Norte do Forte de Santa Catarina.

*Antes de eu sêr encarregado da direcção das obras da barra da Figueira, lamentava que toda aquella superficie de terreno junto á Foz do Mondego se achasse, pode dizer-se assim, intransitável, e fosse um tão grande obstaculo a vencer entre aquella Villa, o Forte de S<sup>ta</sup>. Catharina, e a bella praia dos banhos, aonde concorrem de verão centenaes de pessoas e de familias que tanta vida dam á Figueira, e tanta fortuna aos Figueirenses. E essas obras, que eu tinha a executar, habilitavam-me, e até exigiam, que eu transformasse todo aquele terreno. (...) Outros terrenos particulares se seguiam para o Norte (...) dispondo-os tambem com vantagem para o transito público, e para a construção de novos edificios, por ser aquella o local mais cómodo e adequado aos banhistas. Esta conveniencia sugeriu-me a idéia de que bem poderia formar-se alli um bairro novo.*

(SILVA, 1862)

Tendo partilhado esta ideia com alguns amigos, “que estavam no caso de concorrer para este útil melhoramento”<sup>89</sup> (António Ferreira de Oliveira, João Fernandes Thomaz, João Fernandes Gaspar e António Lopes Guimarães), ficou decidido criar uma empresa para esse fim, “exigindo comtudo, que eu dirigisse todos os trabalhos, e os representasse em todos os actos até á conclusão d’aquelle meu pensamento. Confesso que bem me custava não acceitar este encargo, embora todo gratuito, pelos desejos que me animavam de realizar um tão grande melhoramento, e de tanta utilidade pública, pelas

---

<sup>86</sup> Por exemplo, em fevereiro de 1865 é encarregue do projeto de construção do Farol no Forte de Santa Marta, em Cascais. Forte de Santa Marta: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6053](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6053), consultado em 06-11-2018.

Francisco Maria Pereira da Silva “foi director geral dos correios e telégrafos, engenheiro em chefe de comissão hydrographica e muitos outros cargos. Deixa o illustre morto varios livros, entre os quaes podemos notar *Memoria sobre o pinhal de Leiria* e muitos trabalhos sobre as obras do nosso porto. Tinha tambem varias ordens estrangeiras. Foi commandante da escuna *Graciosa*, hiates *Sousa Bastos* e *Feliz Pensamento*, canhoeira N<sup>o</sup> 4 e fragata *Rainha*.” *Correspondencia da Figueira*, 06-12-1891, p. 1.

<sup>87</sup> De acordo com a ata n<sup>o</sup> 120 da sessão extraordinária da CMFF de 23 de maio de 1861, destinada a “dar princípio do Edifício que se destina para Paços do Concelho, Tribunal Judicial e outras Repartições do Município (...) bem como [os alinhamentos] para os largos e ruas (...) em torno do mesmo (...) considerando que aquella Planta e alçado forão traçados pelo Engenheiro Director das obras da Barra e porto desta villa, nomeado Engenheiro Director das Obras de Município (...)”

<sup>88</sup> Sobre a construção do edifício dos Paços do Concelho veja-se (CÂNDIDO, 2001)

<sup>89</sup> (SILVA, 1862)

condições que eu tinha proposto, e que tinham sido aceites, (...) a Camara Municipal da Figueira (...) logo que soube d'este meu projecto resolveu collocar-se á frente de uma empresa tão vantajosa para aquelle municipio, e me encarregou da direcção dos trabalhos necessarios para o levar á execução, na conformidade da Portaria do Ministerio das Obras Públicas de 4 de Maio de 1860" (SILVA, 1862).

A escritura provisória para a constituição da empresa foi celebrada em 3 de janeiro de 1860<sup>90</sup> e entre março desse ano até dezembro de 1861 Francisco Silva adquiriu seis terrenos próximos ao Forte de Santa Catarina<sup>91</sup>.

Tendo tido conhecimento da constituição desta empresa e das intenções de Francisco Silva, a 7 de janeiro de 1860 a Câmara Municipal deliberou pedir-lhe "que se dignasse levantar uma planta de alinhamentos de ruas e travessas, que compre fazer-se n'aquelle bairro da fortaleza para o norte, a fim de que na edificação de casas que ali se for fazendo não haja irregularidade, e possa a camara sobre a base da mesma fazer os seus alinhamentos, bem como a abertura de ruas e travessas precisas ao interesse público"<sup>92</sup>. Em março seguinte o engenheiro Silva responde à Câmara Municipal, enviando a planta solicitada e as propostas da empresa<sup>93</sup>. Com vista à obtenção de autorização para celebrar contrato com uma empresa particular, a Câmara Municipal requer a respetiva autorização ao Governo Civil a 30 de abril seguinte. No último dia do ano é realizada uma vistoria destinada a demarcar o Bairro Novo de Santa Catarina, em cumprimento das deliberações de 28 e 31 de dezembro do ano 1861. Através da leitura do referido Auto de Vistoria verifica-se que parte dos arruamentos já estariam concluídos, estando outros ainda por abrir. De acordo com a descrição de Adolpho Ferreira de Loureiro<sup>94</sup> "as ruas abriam-se como por encanto, em pouco eram empedradas, logo cylindradas e em seguida percorridas por multiplicados passeantes, que vinham admirar as obras do novo bairro. O terreno aparecia aplanado, os montes desfeitos, as covas aterradas, as irregularidades, finalmente, transformadas em bellas ruas e largas travessas, como se pelo benefico feitiço de alguma varinha magica. Para a transformação ser completa faltava apenas fazer d'aquelles terrenos, até alli ermos e solitarios, ruidosas e elegantes ruas com pitorescos e belos prédios" (LOUREIRO, 1863).

Terá sido nesse ano que Francisco Silva procedeu à construção de uma habitação, possivelmente na Rua Engenheiro Silva "em um largo espaço, vedado por um tapume de madeira, viu-se o sr. Silva assentar a primeira pedra, ou antes a primeira taboa de um vasto edifício á americana, invento todo de s. s.<sup>a</sup>, constando em uma construção, não sei se diga de madeira forrada de alvenaria, se de alvenaria forrada de madeira" (LOUREIRO, 1863).

A comissão instaladora da referida empresa só viria a ser formada em 1867, com a designação de Companhia Edificadora Figueirense, constituída em 1868, dando início à construção do Bairro Novo de Santa Catarina no ano seguinte, sendo a Assembleia Recreativa a primeira edificação a ser inaugurada em setembro desse ano de 1869<sup>95</sup>.

<sup>90</sup> Documento nº 28 (SILVA, 1862:154-156)

<sup>91</sup> Sobre estas aquisições veja-se o documento nº 32 (SILVA, 1862:176).

<sup>92</sup> Deliberação de 07-01-1861, da CMFF

<sup>93</sup> Documento nº 29 em (SILVA, 1862)

<sup>94</sup> Esta descrição é apresentada no âmbito de uma resposta às acusações que Francisco Silva levanta contra ele em (SILVA, 1862). Adolpho Loureiro apresenta a sua defesa em (LOUREIRO, 1863)

<sup>95</sup> Francisco Maria Pereira da Silva era vogal da Direcção. *Jornal Mar Alto*. 24-09-1969, ano IV, nº 170

Possivelmente nos primeiros anos da década de 70, Francisco Silva procedeu à construção de uma nova habitação no Bairro Novo para si, numa propriedade com frente para a rua da Boa Recordação, atual rua Cândido dos Reis e para a rua da Alegria, atual Esplanada António da Silva Guimarães, a qual surge assinalada numa planta desse Bairro, datada de 1873.

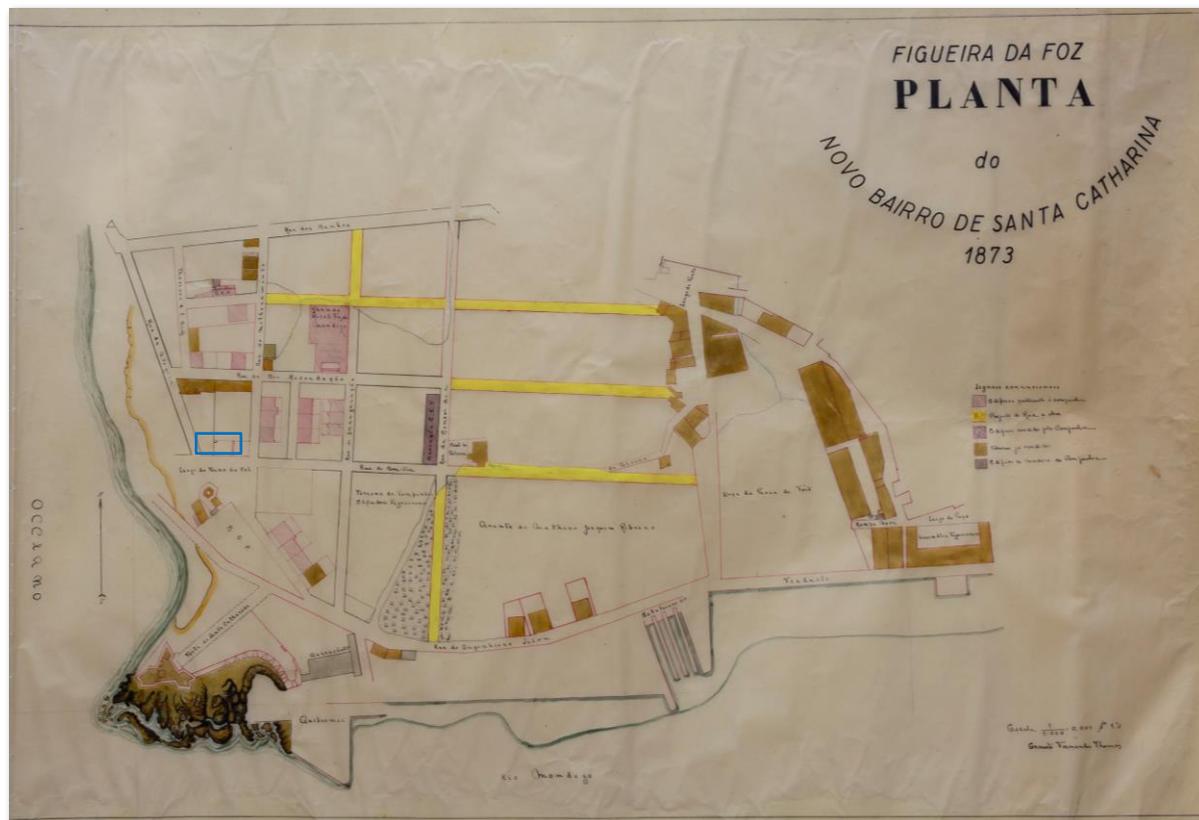


Figura 54 *Figueira da Foz - Planta do Novo Bairro de Santa Catarina, 1873, da autoria de Ernesto Fernandes Thomáz, à escala 1:1000. AHMFF*

Entre 1879 e 1893 a Companhia Edificadora Figueirense finda as construções por conta própria e procede à venda gradual dos edifícios já construídos, sendo a empresa liquidada em 1903.

Foi na Figueira da Foz que, após alguns dias de sofrimento, às oito horas da manhã do dia 1 de dezembro de 1891, com 77 anos de idade, Francisco Maria Pereira da Silva veio a falecer na sua habitação. Ao final desse dia o cortejo fúnebre seguiu para o Cemitério Setentrional, onde ficou depositado no jazigo da família do Sr. Caetano Gaspar Pestana<sup>96</sup>.

<sup>96</sup> O cortejo teve início por volta das 17h00, chegando ao cemitério já de noite. De acordo com as descrições da imprensa “Há muitos anos que não assistimos a tão justa como grandiosa homenagem. Vimos no funeral tudo quanto ha de mais distinto nas diversas classes sociaes. A briosa classe artistica, os operários e homens do mar, principalmente, não esqueceram os favores, os beneficios que a nossa bella cidade deve áquelle homem eminentemente liberal, áquelle alma de elite, cheia das mais sans virtudes. (...) Os mortos passam depressa, mas a nossa cidade, não é uma terra de ingratos, e nunca devemos esquecer estes palmos de terra que elle adorava e onde elle – quem tal diria! – veio morrer nos braços da família que eslle estremecia e dos seus mais íntimos e dedicados amigos.” *Correspondencia da Figueira*, 06-12-1891, p. 1.

Como reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido pelo Eng. Silva na Figueira da Foz e a sua dedicação a esta cidade, em 1892, a Câmara Municipal decidiu atribuir o seu nome ao Mercado Municipal<sup>97</sup>.



Figura 55 *Árvore genealógica dos ascendentes de Isabel Maria Nóbrega Baldaque, com base na informação recolhida na imprensa e em registos paroquiais. Elaboração própria.*

Francisco Maria Pereira da Silva era casado com Isabel Maria Nóbrega Baldaque, filha de Gonçalo Luís Nóbrega Baldaque e Maria Rita de Oliveira Abranches, cuja união ocorreu 30 de junho de 1845. Tiveram 10 filhos, todos nascidos em Lisboa: Virgínia (1846-1934), Elvira (1847-1922), Palmira (1848-1931), Carlos (1850-1855), Maria Emília (1851-1889), António (1853-1915), Guilherme (1855-?), Beatriz (1856-1941), Adelaide (1858-1940) e Hermínia (1860-?).

## 1.2. António Artur Baldaque da Silva (1853-1915)

Nascido em Lisboa em 1853, o Capitão-de-mar-e-guerra Engenheiro Hidrógrafo António Artur Baldaque da Silva, era o 5º filho do Eng. Francisco Silva. Personalidade científica multifacetada, os trabalhos realizados e as obras publicadas refletem o seu interesse pelas diversas áreas do saber relacionadas com o mar, desde a hidrografia e oceanografia, biologia marinha, pescas, navegação, construção naval, entre outros<sup>98</sup>.

<sup>97</sup> Sessão Ordinária da CMFF de 13 de janeiro de 1892. Ata nº 51. Esta deliberação foi tomada no seguimento de proposta apresentada pela direção da Companhia Progresso Figueirense.

<sup>98</sup> Sobre António Artur Baldaque da Silva veja-se (SILVA, 2003).



Figura 56 *Árvore genealógica dos descendentes de Francisco Maria Pereira da Silva e de Isabel Maria Nóbrega Baldaque, com base na informação recolhida na imprensa e em registos paroquiais. Elaboração própria.*

O seu maior contributo para a comunidade e a sua maior obra foi o *Estado Actual das Pescas em Portugal Compreendendo a Pesca Marítima, Fluvial e Lacustre em Todo o Continente do Reino, Referido ao Ano de 1886*, publicado em 1891 e profusamente ilustrada, dedicada às artes da pesca, embarcações, espécies pescadas e comunidades piscatórias. Merecem ainda destaque algumas das suas diversas obras como *Sondas e Marés* (1882), Tomo I do *Roteiro Marítimo das Costa Occidental e Meridional de Portugal* (1889) ou o *Estudo Histórico Hydrografico Sobre a Barra e o Porto de Lisboa* (1893), entre outras.

Em 1903 requer a construção de uma habitação de 1º andar no Bairro Novo, na parte sul da propriedade que herda de seu pai. No mesmo local, dez anos depois, em 1913 procede à construção do edifício designado atualmente por *Casa das Conchas*, decorada com frisos de azulejos com representações de temas marinhos, da sua autoria, baseados nas gravuras de João Hilário Pinto de Almeida,<sup>99</sup> publicadas na obra *Estado Actual das Pescas em Portugal (...)*.



Figura 57 *Pormenor do piso térreo da Casa das Conchas, sendo visível os azulejos aplicados na platibanda e frisos. Inês Pinto. 2018*

Após a sua reforma em 1912, por invalidez, inicia uma nova etapa da sua vida, dedicando-se à vida política, tendo sido convidado a integrar o Partido Republicano pela delegação da Figueira da Foz. Em 1914 foi eleito Senador da República, falecendo em 1915<sup>100</sup>.

<sup>99</sup> João Hilário Pinto de Almeida foi professor de Desenho Industrial da Escola Marquês de Pombal. Nascido a 03-04-1847, em S. Miguel das Cardosas, Arruda dos Vinhos, casou com Delfina Adelaide Silva Borges, em Sacramento, Lisboa, a 11-05-1878. Era filho de Joaquim José Monteiro de Almeida e de Maria do Carmo Pinto de Almeida, naturais de Lisboa, casados em Ameixeira a 05-02-1837; neto paterno de José Joaquim de Almeida e de Rita Bernarda da Silva Monteiro Almeida; neto materno de Alexandre Luís Pinto e de Joaquina Rosa Carmo Pinto.

<sup>100</sup> “António Artur Baldaque da Silva”. *A Voz da Justiça*, 24-08-1915, Nº 1.328, Ano 14º. O seu amor pela Figueira era tal que deixou expresso que “se já funcionasse o forno crematorio (...) ser incinerado e as cinzas lançadas ao mar no Cabo Mondego.” “Baldaque da Silva”. *A Voz da Justiça*, 27-08-1915, Nº 1.329, Ano 14º

### 1.3. António da Silva Guimarães (1835-1903)

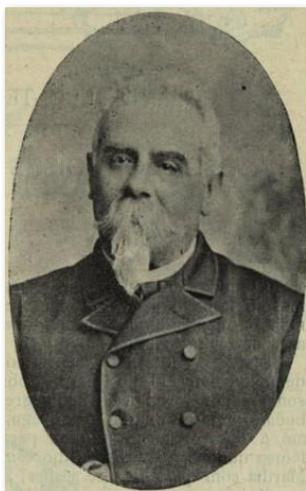


Figura 58 António da Silva Guimarães. Fonte: *Album Figueirense*

António da Silva Guimarães, nascido em Lisboa, a 11 de fevereiro de 1835<sup>101</sup>, era filho de Francisco José da Silva Guimarães (natural de Guimarães) e de Mariana Carmelina Mourinelo (natural de Lisboa).

Distinto oficial da marinha mercante portuguesa, comandou alguns vapores de passageiros entre o Brasil e vários portos europeus<sup>102</sup>, tendo conseguido avultados meios<sup>103</sup>. Após uma visita à Figueira da Foz, na companhia do seu amigo João Artur Pereira Caldas, a qual António da Silva Guimarães dizia já conhecer por mar, acabaram por ficar e investir nesta cidade<sup>104</sup>.

Em 1867 adquirem os direitos de exploração da mina de carvão de pedra do Cabo Mondego<sup>105</sup> e, em 18 de janeiro de 1870, criaram a Empresa das Minas de Carvão do Cabo Mondego<sup>106</sup>, alterando-a para Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego em 1873.

Para além do desenvolvimento económico e social, uma das contribuições desta empresa para a evolução urbanística da Figueira da Foz foi a criação de uma ligação entre a estação do caminho de ferro e o Cabo Mondego, através da linha do Americano, cuja concessão obteve parecer favorável em 1874 para carruagens puxadas por cavalos, em sistema de carris<sup>107</sup>. Nesse ano teve início a construção do troço entre a mina do Cabo Mondego e o Cais de embarque da Figueira<sup>108</sup>. Três anos depois, em 1877, a linha do Americano abriu ao público, com particular afluência e rentabilidade no período de banhos. Em 1883 foi prolongada até à estação de caminhos de ferro.

António da Silva Guimarães dedicou a sua vida e fortuna a esta empresa, mas também à própria Figueira. Considerado um homem “culto e inteligente, era também um gentil-homem e um verdadeiro diplomata, de coração bondoso e espírito liberal, benemérito das casas de caridade.<sup>109</sup> Como chefe, era exemplar, contando em cada empregado um devoto amigo e nunca qualquer se lhe abeirou a pedir-lhe um favor, que não fôsse atendido, pois da sua bôca jamais se ouviu a desesperançosa palavra: Não! § Coração bondoso e espírito liberal, as casas de caridade e a humanidade que sofre não lhe eram indiferentes, antes pelo contrário e a sua mão esquerda nunca sabia o que a direita dava, praticando

<sup>101</sup> ANTT, Paróquia de Santos-o-Velho, Livro de Registo de Batismos 1834-1839, fl. 62v

<sup>102</sup> NOGUEIRA, Francisco, “Beneméritos”. *Album Figueirense*, Ano III, nº 3, janeiro de 1937

<sup>103</sup> “António da Silva Guimarães”, *A Voz da Justiça*, 04-01-1903

<sup>104</sup> Nogueira, Francisco, “Beneméritos – António da Silva Guimarães”. *Album Figueirense*, Ano III, janeiro de 1937, nº 3, p. 84-85

<sup>105</sup> Através de escritura de 28-11-1867, João Artur Pereira Caldas adquire ao Conde do Farrobo os direitos de exploração da mina de carvão de pedra do Cabo Mondego, Figueira da Foz, ficando a pagar 1 conto de réis de pensão anual por tempo indefinido. (SILVESTRE, 2012).

<sup>106</sup> (GOULÃO, 2016).

<sup>107</sup> (GOULÃO, 2016).

<sup>108</sup> (GOULÃO, 2016:59-61).

<sup>109</sup> *O Figueirense*, 25-05-1974, nº 3.976, Ano 55

assim num nobre exemplo de solidariedade humana, sem alardes nem manifestações de qualquer espécie, como era próprio da sua personalidade”<sup>110</sup>.



Col. Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Figura 59 *Linha do Americano*. Fonte: AFMFF, cota CH Praia A001

António da Silva Guimarães teve um relacionamento com Rosa Guerra Martins, natural de Buarcos, do qual tiveram um filho, nascido em Buarcos a 18 de abril de 1877, mas batizado em Tavarede<sup>111</sup>. Sendo a mãe solteira, a paternidade foi legitimada através do casamento de António da Silva Guimarães e de Rosa Guerra Martins, do dia 3 de janeiro de 1903, às 13h00<sup>112</sup>. António da Silva Guimarães viria a falecer nessa noite, às 20h00<sup>113</sup>.



Figura 60 *Árvore genealógica de António da Silva Guimarães com base na informação recolhida na imprensa e em registos paroquiais*. Elaboração própria.

<sup>110</sup> Nogueira, Francisco “Beneméritos – António da Silva Guimarães”. *Album Figueirense*, Ano III, janeiro de 1937, nº 3, p. 84

<sup>111</sup> AUC – Paróquia de Tavarede, Livro de registo de batismos, 1877. Assento nº 24, fl. 112

<sup>112</sup> AUC – Paróquia de São Julião, Livro de registo de Casamentos, 1897-1904. Assento nº 1, fl. 1-3

<sup>113</sup> AUC – Paróquia de São Julião, Livro de registo de Óbitos, 1897-1904. Assento nº 4, fl. 2

Falecido a 3 janeiro de 1903, o cortejo fúnebre foi algo que nunca se vira antes na Figueira da Foz, a que toda a cidade acorreu. Acompanhado por todas as todas as classes sociais, a enorme multidão acompanhou o corpo até à estação de caminho-de-ferro, de onde partiu para Lisboa, de comboio<sup>114</sup>.

Em sua homenagem, em novembro de 1904, a Câmara Municipal deliberou atribuir o seu nome à rua da Alegria, “que fica em frente dos escritórios d’aquella Empresa [Empresa Mineira e Industrial do Cabo Mondego] entre o Largo do Coronel Galhardo e a extremidade ocidental da rua dos Banhos”<sup>115</sup>. Nascia assim a esplanada António da Silva Guimarães.

O desconhecimento da história e biografia destas três personalidades leva a que haja alguma confusão entre os feitos de cada um, que se espera ter sido aqui clarificada.

## 2. Conjunto Arquitetónico da Esplanada

De acordo com os registos existentes no Arquivo do Urbanismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz, a propriedade inicial do Eng. Francisco Silva confinava com a rua da Boa Recordação, atual rua Cândido dos Reis e com a rua da Alegria, atual esplanada António da Silva Guimarães, possivelmente adquirida nos primeiros anos da década de 1870 do século XIX, na qual viria a surgir o atual Conjunto Arquitetónico da Esplanada.

Possivelmente após a sua morte, em 1891, essa propriedade terá sido dividida em três partes, dando origem ao atual *Castelo Engenheiro Silva*, construído em 1912 por Beatriz Baldaque Pereira da Silva, ao edifício do *Antigo Turismo*, anterior edifício *Casino Beiramar*<sup>116</sup>, construído em 1910 por Palmira Sofia Baldaque Pereira da Silva e à habitação de António Artur Baldaque da Silva, construída em 1903, substituída em 1913 pela *Casa das Conchas*, do mesmo proprietário.

### 2.1. Edifício *Castelo Engenheiro Silva*

No terceiro quartel do século XIX o engenheiro hidrógrafo Francisco Maria Pereira da Silva terá construído uma habitação para si e para a sua família<sup>117</sup> na rua da Boa Recordação, a qual terá sido uma das primeiras habitações a serem construídas no Bairro Novo de Santa Catarina, após a constituição da Companhia Edificadora Figueirense, não se sabendo ao certo como seria esta primitiva habitação.

---

<sup>114</sup> *A Voz da Justiça*, de 11-01-1903

<sup>115</sup> Ata nº 46, de 03-11-1904, fl. 37

<sup>116</sup> Não se conhece qualquer registo de que o edifício tenha funcionado como Casino, conhecendo-se apenas essa referência na própria planta

<sup>117</sup> A referência mais antiga que se conhece a esta habitação surge representada na Planta da Vila da Figueira da Foz, datada de 1871 (AFMFF), figuras 61 e 62. De acordo com o requerimento nº 107, de 18-12-1874 do AUCMFF, através do qual o Eng. Francisco Silva requer autorização para a construção de um muro de vedação da sua “propriedade de casas e terrenos anexos, tudo situado no Bairro Novo de S.ta Catharina”, confirma-se a sua construção durante o terceiro quartel do século XIX.

Através da leitura dos requerimentos e plantas existentes no Arquivo do Urbanismo da CMFF, em comparação com fotografias existentes no espólio do Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz, consegue-se estabelecer uma cronologia da evolução arquitetónica deste imóvel.

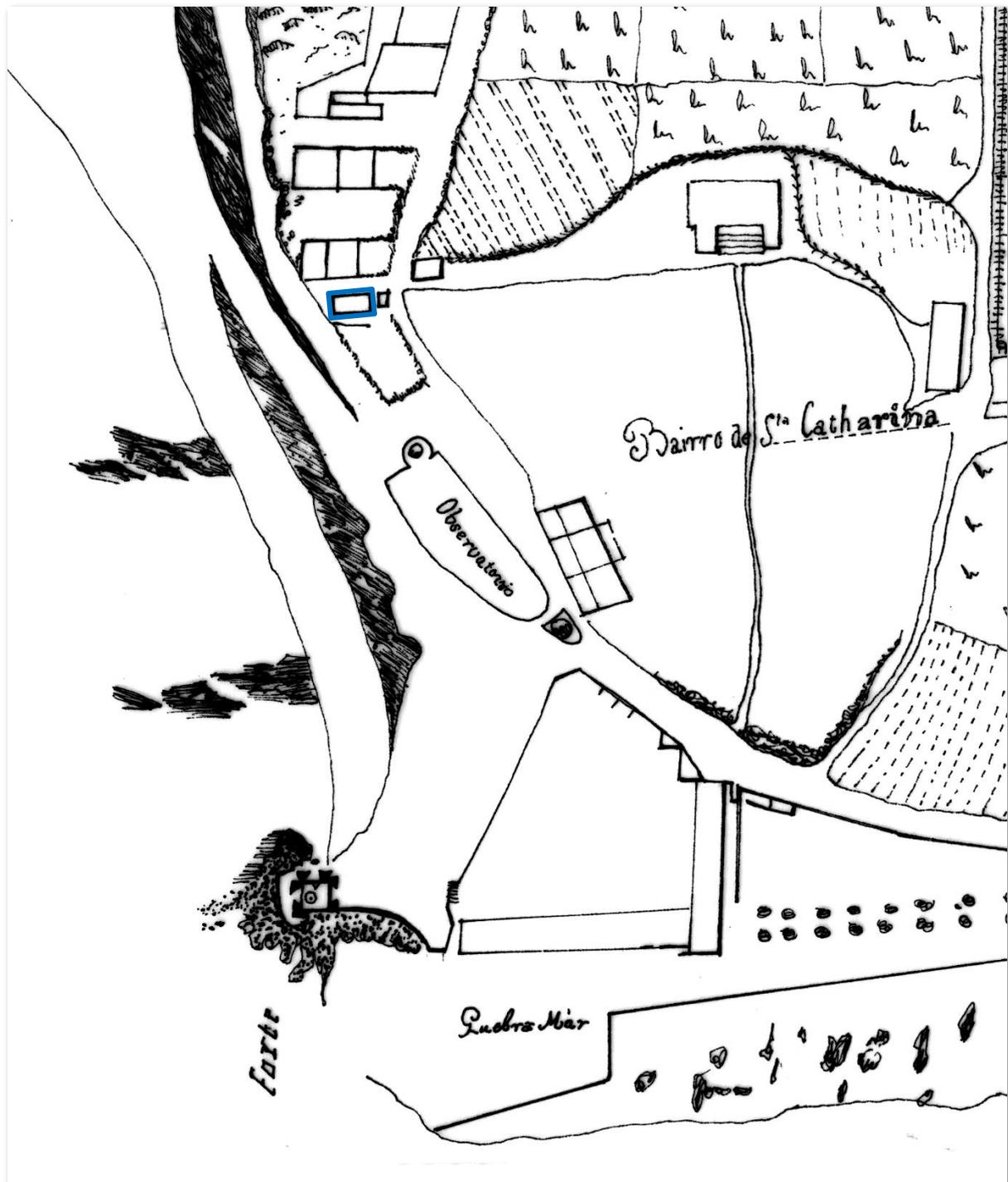


Figura 61 Detalhe de Planta da Vila da Figueira da Foz, datada de 1871, reproduzida em fotografia, onde se assinala a localização da habitação de Francisco Maria Pereira da Silva. AFMFF, cota EX0206

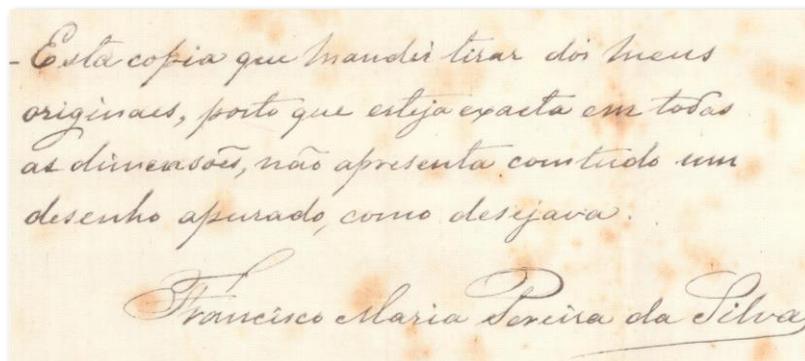






Em 1874 Francisco Silva, “possuidor de uma propriedade de casas e terrenos anexos requereu autorização para construir alguns muros para vedar aquella sua propriedade e dar-lhe melhor forma”, solicitando o respetivo alinhamento<sup>118</sup>.

Em 1885 Francisco Silva solicita autorização à Câmara Municipal para “obras que pretende executar num prédio que possui no Bairro Novo de Santa Catarina”<sup>119</sup> podendo ser a construção que nos chega através de uma planta anexa a um processo de 1908, assinada pelo próprio Francisco Silva, sem data<sup>120</sup>.



- Esta copia que mandei tirar dos meus originaes, porto que esteja exacta em todas as dimensões, não apresenta com tudo um desenho apurado, como desejava.

Francisco Maria Pereira da Silva

Figura 63 Detalhe da planta apresentada na figura 66. AUCMFF – processo nº 1908/92, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva.



Figura 64 Detalhe da planta apresentada na figura 66, representando o alçado da Rua da Boa Recordação. AUCMFF – processo nº 1908/92, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva.

<sup>118</sup> Requerimento nº 107, de 18-12-1874. AUCMFF. Nota no verso do requerimento: *Parte do Sul com o Largo do forno da Cal – Poente com a Rua (que vai à fonte dos Soldos) Pelo lado do Sul correrá o alinhamento com a frontaria da casa do Pera Parda, de Coimbra – Poente correrá em linha recta com a frontaria Poente da casa de habitação do req<sup>te</sup>.*

<sup>119</sup> Requerimento nº 219, de 08-07-1885. AUCMFF: “um predio que possui no Bairro Novo de S.ta Catharina Freg<sup>a</sup> de Buarcos, com frentes pelo Norte per a rua da Boa Recordação N 1, pelo oeste per a rua da Alegria, e pelo Sul per o Largo de Sta Catharina, requerendo em 1874 a camara municipal d'esta cidade, per q lhe designace os competentes alinhamentos d'estas tres frentes, o q se realizou per meio de uma vistoria (...) como tenha agora de continuar as obras então princepiadas, dentro dos mesmos limites e alinhamentos.”

<sup>120</sup> Nesse requerimento de 1885 surge um detalhe que permite perceber que esta planta será anterior a essa data: *havendo agora uma única alteração, q reverte em manifesta vantagem per o transito publico, qual e converter a quina do NO do referido predio, q acaba em angulo agudo, per uma volta redonda.* Na planta esta quina está representada ainda com um ângulo agudo.

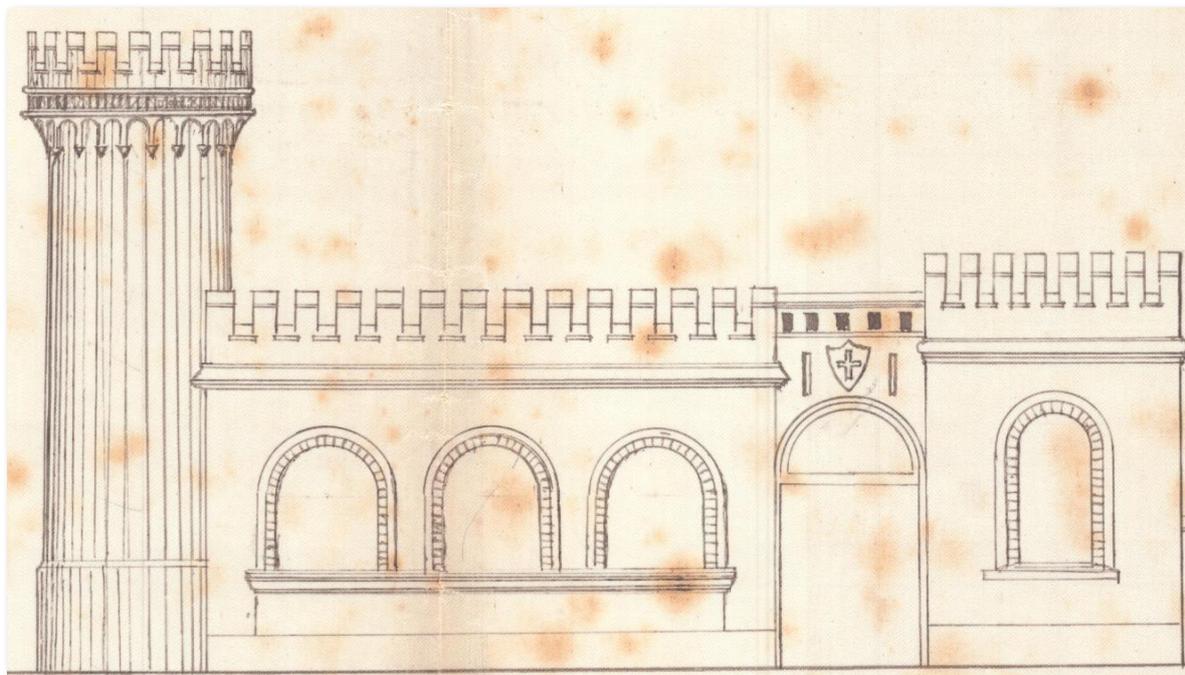


Figura 65 **Detalhe da planta apresentada na figura 66, representando uma parte do alçado da Rua da Alegria.** AUCMFF – processo nº 1908/92, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva.

Sobre a ombreira da porta encontra-se um brasão com uma cruz grega, possivelmente numa referência à Ordem de Cristo, da qual Francisco Silva era Comendador desde 1859. Este elemento heráldico permanece ainda na fachada do atual edifício.

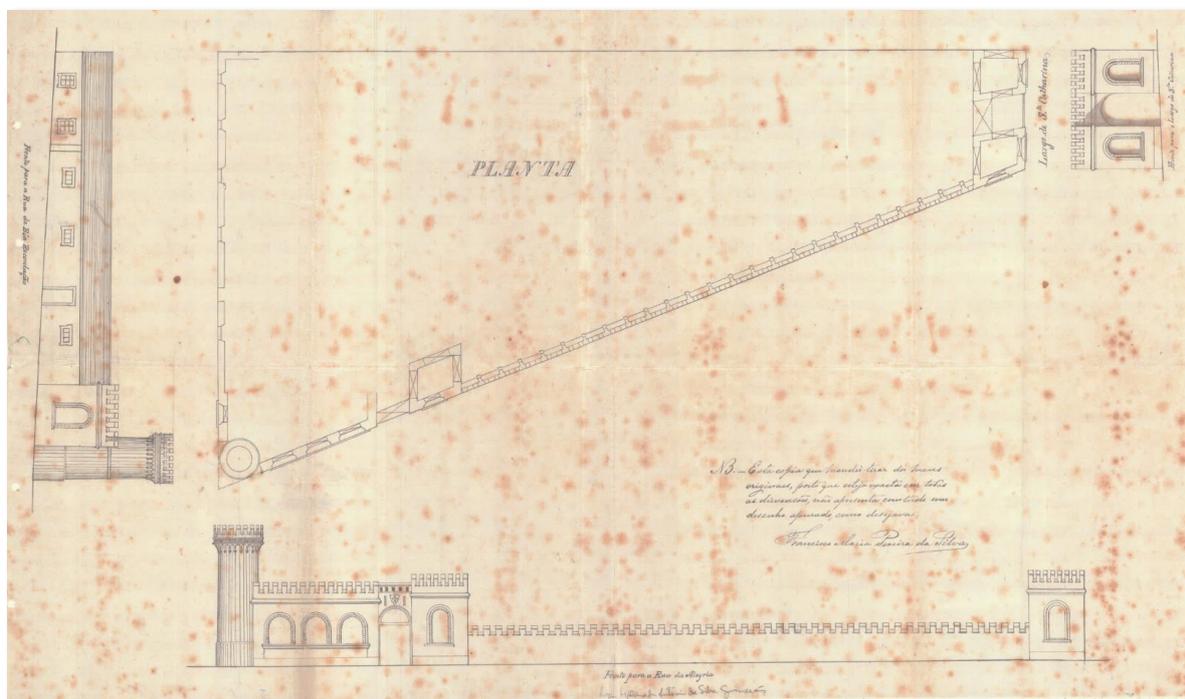


Figura 66 **Planta da habitação do Eng. Francisco Silva, posterior a 1874 e anterior a 1885, onde é vivível a ocupação da totalidade do terreno ocupada atualmente pelo conjunto arquitetónico da Esplanada António Silva Guimarães.** AUCMFF – processo nº 1908/92, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva.

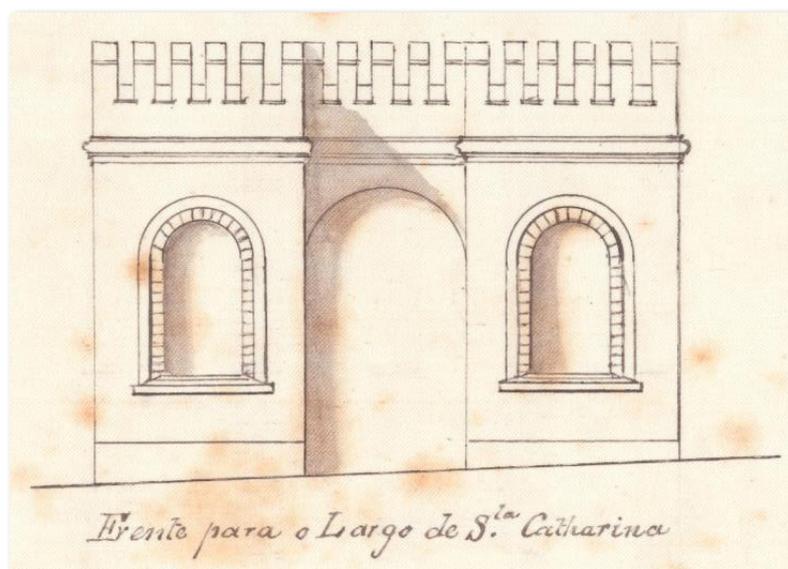


Figura 67 **Detalhe da planta apresentada na figura 66. representando o alçado do Largo de Santa Catarina.** AUCMFF – processo nº 1908/92, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva.



Figura 68 **Fotografia mais antiga que se conhece da propriedade do Eng. Silva, vista do lado sul, para o Largo de Santa Catarina, posterior a 1888 e anterior a 1903.** AFMFF, cota CX2 0130

Através da imagem mais antiga que se conhece do edifício do Engenheiro Silva, posterior a 1888<sup>121</sup> e anterior a 1903<sup>122</sup>, é visível o aspeto parcial da zona envolvente, bem como o movimento de pessoas pelo Bairro Novo.

<sup>121</sup> Através do Requerimento nº 323, de 18-09-1888, Francisco Silva solicita autorização à Câmara Municipal para a colocar um portão no seu edifício, do lado do sul, entre os dois torreões.

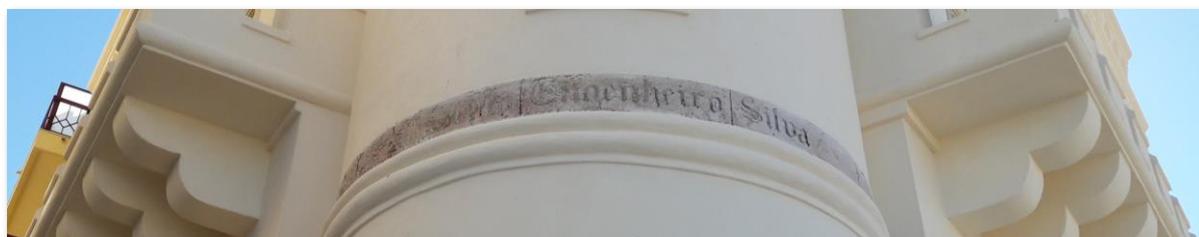
<sup>122</sup> Em 1903 António Artur Baldaque da Silva requer autorização para construir uma habitação na parte sul desta propriedade.



**Figura 69** Fotografia do edifício do Castelo Engenheiro Silva, ainda com só piso, entre 1908 e 1910, na qual é visível o edifício mandado construir por António Artur Baldaque da Silva, em 1903. AFMFF, cota NV 03280

Nos registos do AUCMFF encontra-se um pedido de 1908, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva, no qual requer autorização para abrir frestas na Torre<sup>123</sup> e outro, no mesmo nome, de 1910, no qual solicita autorização para abrir uma porta na mesma Torre<sup>124</sup>, a qual ainda não é visível nesta imagem.

Em 1912, Beatriz Baldaque Pereira da Silva requer a ampliação da sua habitação em mais dois andares e um sótão, em cuja torre viria a ser colocada a inscrição “Castelo Engenheiro Silva”, pela qual o imóvel ficou conhecido até aos dias de hoje, sendo um dos mais emblemáticos edifícios da cidade da Figueira da Foz.



**Figura 70** Pormenor do friso com a inscrição “Castelo Engenheiro Silva” na Torre do edifício. Inês Pinto. 2018.

<sup>123</sup> Processo nº 1908/92, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva. AUCMFF

<sup>124</sup> Processo nº 1910/88, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva. AUCMFF



Figura 71 Detalhe das Peças desenhadas para a ampliação de habitação, requerida por Beatriz Baldaque Pereira da Silva. AUCMFF – processo nº 1912/415



Figura 72 Fotografia do Castelo Engenheiro Silva, s/d. AFMFF, cota B01155

Beatriz Baldaque Pereira da Silva faleceu em 1941, sendo a sua última vontade registada em testamento, indicando que o *Castelo Engenheiro Silva* reverteria para a Câmara Municipal da Figueira da Foz após a morte das usufrutuárias<sup>125</sup>, caso fossem aceites as condições impostas pela testamentária<sup>126</sup>. No ano seguinte a autarquia repudiou o legado pelo que o edifício reverteu para o Estado, como previa o testamento<sup>127</sup>.

No final da década de 90 do século XX, o município manifestou interesse em se tornar proprietária do imóvel, pelo que, através da Portaria n.º 620/99 de 17-6-1999 do Ministério das Finanças, o Governo procedeu à transferência da posse do edifício para a Câmara Municipal da Figueira da Foz, estipulando que a mesma o deveria gerir “por forma a permitir um melhor aproveitamento geral das potencialidades do imóvel face à população”. No entanto o *Castelo Engenheiro Silva* esteve sem qualquer utilização ou intervenção durante mais de uma década. Entre 2011 e 2012 o Município procedeu a obras de conservação e consolidação da fachada exterior do imóvel, incluindo a substituição da caixilharia. Apesar das obras realizadas, o edifício manteve-se devoluto e sem qualquer intervenção no seu interior, em avançado estado de degradação.

No final de 2017 tiveram início as obras de adaptação do seu interior a *welcome center* da cidade, cujo projeto de arquitetura é da autoria do arquiteto municipal Rui Silva. Através deste projeto a autarquia pretendeu reabilitar o imóvel, adaptando-o a novas funções, mantendo a estratificação dos quatro pisos existentes, mas demolindo todo o seu interior, devido ao seu avançado estado de degradação. Para o piso térreo do edifício *Castelo Engenheiro Silva* está prevista a criação de um espaço de *welcome center*, com a possível transferência para o rés-do-chão do posto de turismo atualmente localizado na av. 25 de Abril. Para os restantes três pisos o projeto arquitetónico prevê a criação de salas amplas destinadas a exposições temporárias.



Figura 73 *Castelo Engenheiro Silva*. Inês Pinto. 2018.

<sup>125</sup> AHMFF, Legados Pios – 25, de 1941 “(...) deixo usufruto vitalício e simultâneo (...) às irmãs Palmira, Adelaide e Virgínia (...) por morte da última das três, em segundo usufruto (...) à minha sobrinha Isabel Maria Baldaque da Silva Coutinho e Vilhena (...)”.

<sup>126</sup> AHMFF, Legados Pios – 25, de 1941 “Depois da morte das usufrutuárias, o espólio reverte para a Câmara Municipal que entrará na sua posse e administração (...) devendo arrendá-lo e aplicar a receita sobranse em quatro partes iguais (...) ¼ - Pensão Eng. Silva; ¼ Pensão Isabel Maria; ¼ Hospital da Santa Casa da Misericórdia e ¼ Prémio Engenheiro Silva - bienal”.

<sup>127</sup> AHMFF, Legados Pios – 25, de 1941

## 2.2. Edifício do *Antigo Turismo*

Embora seja conhecido por Edifício do *Antigo Turismo*, inicialmente foi projetado para ser um casino, como se consegue perceber pela planta que chegou aos nossos dias, datada de 1910, a qual estaria apenas a um requerimento apresentado pelo “condutor de obras” João M. d’Assumpção Costa em 1910, sendo a proprietária Palmira Sofia Baldaque Pereira da Silva (1848-1931)<sup>128</sup>, não se conhecendo referências de que tenha efetivamente, funcionado alguma vez como casino.

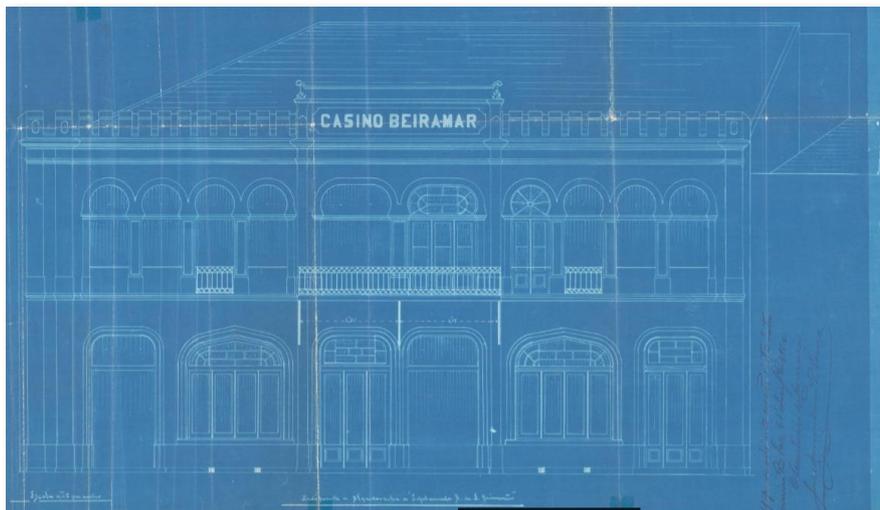


Figura 74 *Planta da fachada do projeto de construção do edifício do Casino Beiramar, de 1910. AUCMFF – processo nº 1946/469, em nome de Armando Carneiro da Silva.*

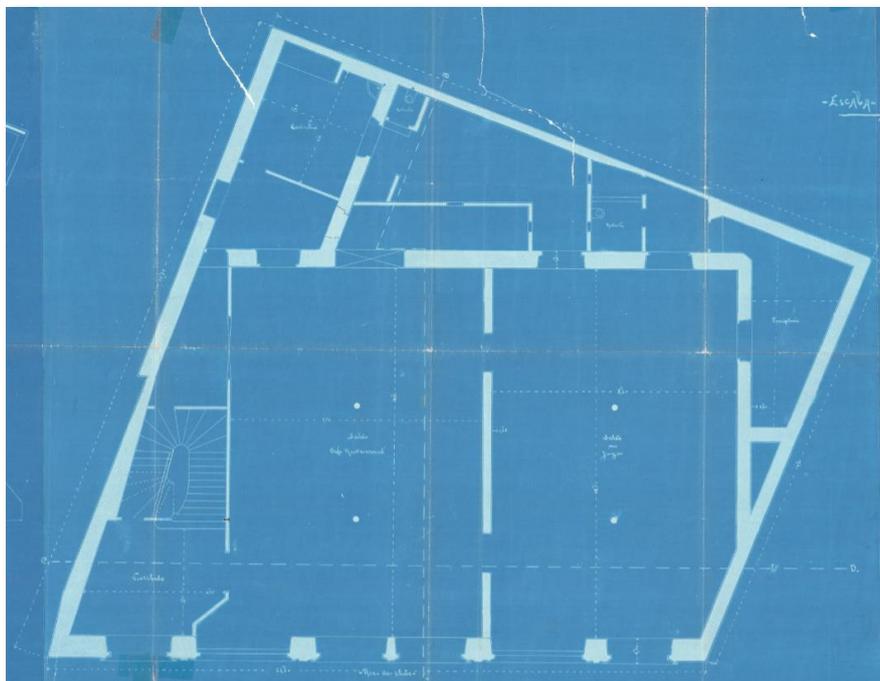


Figura 75 *Planta do rés-do-chão do projeto de construção do edifício do Casino Beiramar, de 1910. AUCMFF – processo nº 1946/469, em nome de Armando Carneiro da Silva.*

<sup>128</sup> Ata nº 6, de 09-02-1910 e Ata nº 15 de 13-04-1910. Falecida em 11-10-1931, Palmira não terá tido descendentes.

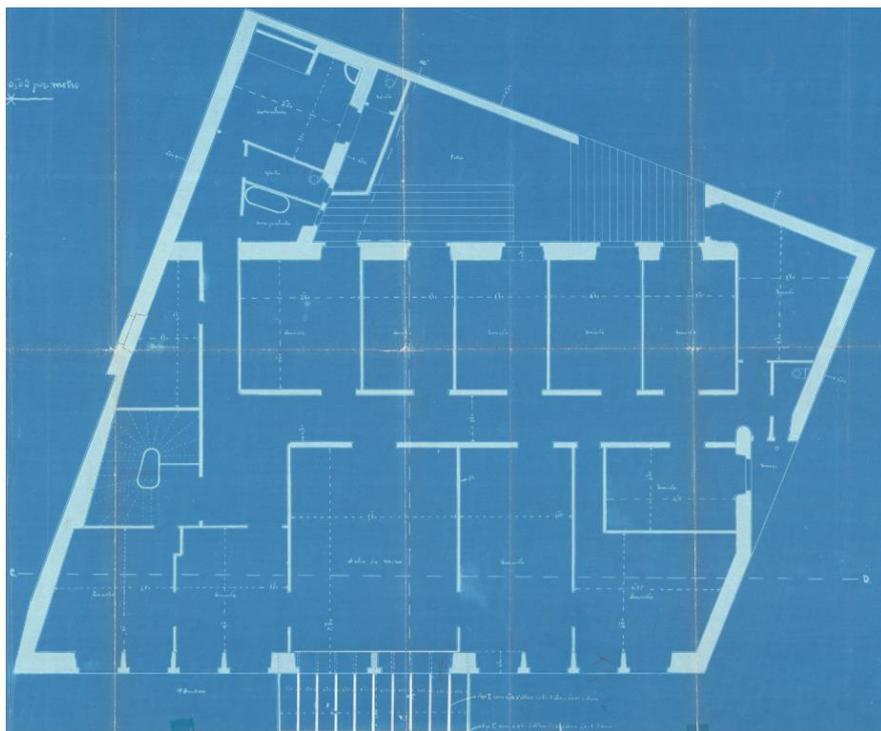


Figura 76 *Planta do 1º andar do projeto de construção do edifício do Casino Beiramar, de 1910. AUCMFF – processo nº 1946/469, em nome de Armando Carneiro da Silva.*



Figura 77 *Esplanada Silva Guimarães, vista da praia. Posterior a 1913. AFMFF, cota CX0255*

O edifício terá sido herdado por Júlia Baldaque da Silva Smart (1887-1969)<sup>129</sup>, passando para a sua irmã Eva Baldaque da Silva (1891-1979), filha de António Artur Baldaque da Silva e sobrinha de Palmira Sofia Baldaque Pereira da Silva.

Em 1941 a Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz, instalada na rua Cândido dos Reis, mudou-se para o nº 3 da Esplanada António da Silva Guimarães<sup>130</sup>. A sua permanência neste edifício durante cerca de duas décadas deu origem à denominação que chegou aos nossos dias – edifício do *Antigo Turismo*.



Figura 78 Plantas adaptação do rés-do-chão do nº 3 da Esplanada Silva Guimarães para sede da Comissão Municipal de Turismo. AHMFF.

<sup>129</sup> A única filha que terá tido do casamento com John Deiró Smart faleceu ainda criança. Em 1955 Júlia Baldaque da Silva Smart pediu autorização para construir no pátio do edifício “uma pequena dependência destinada a marquise e w.c. de creadas”. AUCMFF – processo nº 1955/66, em nome de Júlia Baldaque da Silva Smart.

<sup>130</sup>As novas instalações passaram a ocupar o r/c e 1º andar do edifício designado de “Antigo Turismo”. Comissão Municipal de Turismo. *Boletim* nº 1 de 30-04-1941

Em 1988 foi ali instalado um café-bar restaurante<sup>131</sup>, designado “Beach Club” e em 1992 a firma Esteves & Fernandes, Lda requereu autorização para a instalação de um bar<sup>132</sup>, designado “JET SET”<sup>133</sup>, o qual passaria para a propriedade da firma Apólo Investimentos Turísticos, S.A.<sup>134</sup>. Depois de vários anos ao abandono, em 30 de outubro de 2006 o Município da Figueira da Foz adquiriu o imóvel a essa empresa, tendo-o vendido a particulares em 2017.



Col. Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Figura 79 *Edifício sede da Comissão Municipal de Turismo. s/d. AFMFF, cota Alb 56-61B 0875*

<sup>131</sup> AUCMFF – Processo nº 1988/76, em nome de Carlos Alberto Pires Curado. A referência a “Edifício Beach Club” surge no processo do AUCMFF nº 1992/2084, em nome de Esteves & Fernandes, Lda.

<sup>132</sup> AUCMFF – Processo nº 1992/2084, inicialmente em nome de José Manuel Teixeira Roque. Este processo foi averbado para Apólo Investimentos Turísticos, S.A. em 1999.

<sup>133</sup> Reunião de Câmara de 06-07-1993)

<sup>134</sup> Fundada por José Manuel Teixeira Roque, o qual tinha adquirido o edifício em 22-05-1992 a António Alberto Baldaque de Vilhena Ramires, filho de Isabel Maria Baldaque da Silva Coutinho de Vilhena, neto de Eva Baldaque da Silva e bisneto de António Artur Baldaque da Silva.

### 2.3. Edifício *Casa das Conchas*

Na parte sul do terreno ocupado anteriormente pela habitação do Eng. Francisco Silva, em 1903 o seu filho António Baldaque da Silva, construiu uma habitação de dois pisos.

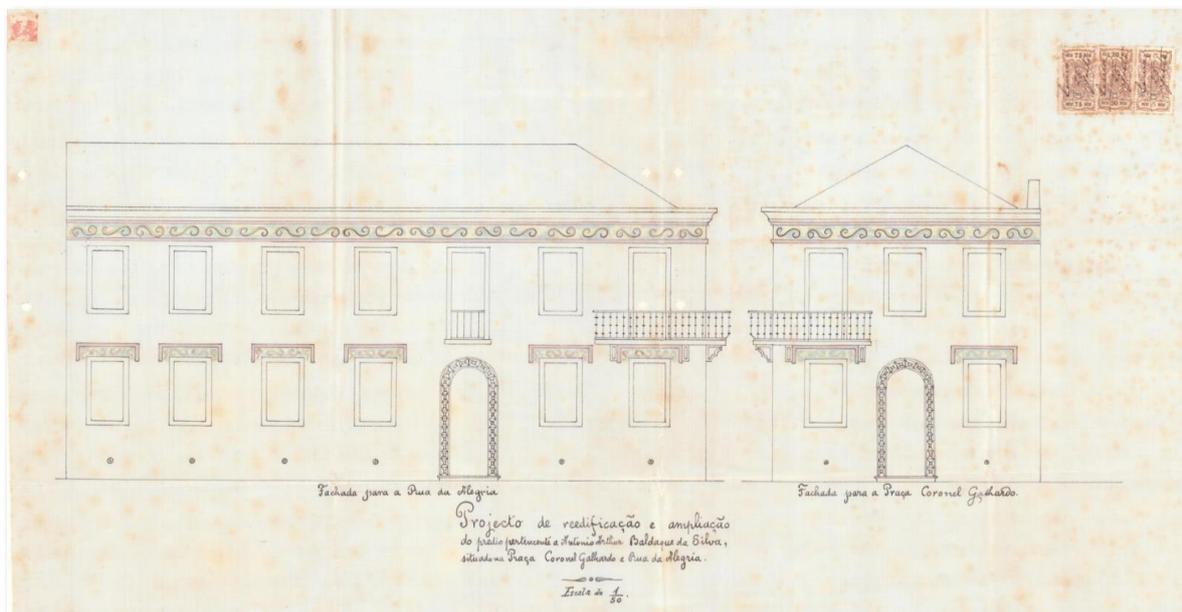


Figura 80 **Planta de reedificação e ampliação de habitação**. AUCMFF – processo nº 1903/345, em nome de António Artur Baldaque da Silva.



Figura 81 **Vista geral da Esplanada António Silva Guimarães, sendo visível a fachada poente da habitação de António Artur Baldaque da Silva em primeiro plano. Posterior a 1910 e anterior a 1913**. AFMFF, cota CXx17 0054

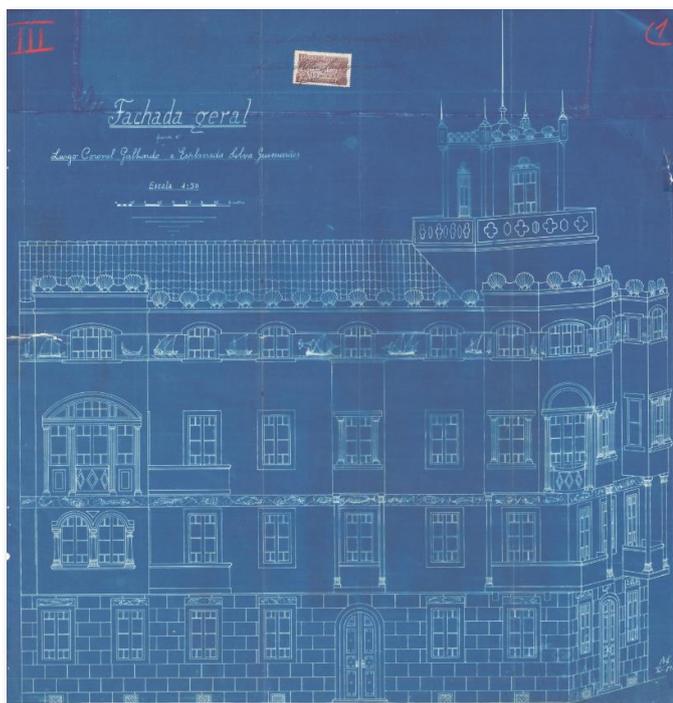


Col. Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

**Figura 82 Vista da Praça Coronel Galhardo, sendo visível a fachada sul da habitação de António Artur Baldaque da Silva. Anterior a 1913. AFMFF, cota NV02214**

Em 1913 requereu a ampliação desta habitação, através da construção de um segundo andar e mansarda, transformando as fachadas “segundo o estylo architectónico das casas vulgares da Alemanha”,<sup>135</sup> decorando-as com um friso de azulejos, assinado por ele, no qual estão representadas diversas espécies pescadas na costa portuguesa, rios e lagos nacionais.

Em 1994 a firma Gil Ventura dos Reis & Companhia, Lda<sup>136</sup>, requer autorização para efetuar alterações no edifício, integrando-o no Hotel Costa de Prata<sup>137</sup>.



**Figura 83 Fachada do projeto de construção de habitação. AUCMFF – processo nº 1913/397, em nome de António Artur Baldaque da Silva.**

<sup>135</sup> Processo nº 1913/397, em nome de António Artur Baldaque da Silva. AUCMFF.

<sup>136</sup> Gil Ventura dos Reis & Companhia, Lda adquiriu o edifício em 10-09-1993 a Alfredo Rodrigues da Cruz e mulher. AUCMFF – Processo nº 1994/27, em nome de Gil Ventura dos Reis & Companhia, Lda.

<sup>137</sup> Em 1978 Gil Ventura dos Reis requereu autorização à Câmara Municipal para construir o Hotel Costa de Prata. AUCMFF – processos nºs 1978/2918 e 1979/1259, em nome de Gil Ventura dos Reis.



Col. Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

**Figura 84** Vista geral da Esplanada António Silva Guimarães, sendo visível a habitação de António Artur Baldaque da Silva, conhecida por Casa das Conchas, em primeiro plano. s/d. AFMFF, cota E00346



**Figura 85** Casa das Conchas e Hotel Costa de Prata, sita na Esplanada António da Silva Guimarães. Inês Pinto 2018.

### 3. Propostas de percursos turísticos ancorados no *Castelo Engenheiro Silva*

A reabilitação do edifício *Castelo Engenheiro Silva* concedeu-lhe todas as condições necessárias para a criação de um espaço central destinado a dar a conhecer a sua história, a do Bairro Novo e da própria cidade, a partir do seu interior.

No *welcome center* previsto para o piso térreo, o visitante poderá encontrar informações turísticas, produtos regionais, *merchandising*, entre outros, relacionados com o concelho da Figueira da Foz. Nos pisos superiores deste edifício poderá ser disponibilizada informação que permita ao visitante descobrir a história e as estórias do próprio *Castelo*, do Bairro Novo e da Figueira da Foz. Desde a evolução urbanística da zona a norte do Forte de Santa Catarina, o qual deu o nome ao Bairro Novo, ao “ir a banhos” com as suas indumentárias e regras próprias, compreender a importância dos espaços de lazer e de jogo ou a mudança de hábitos sociais com a chegada dos refugiados espanhóis (década de 30 do século XX) e judeus na década seguinte, são alguns dos temas que podem ser explorados em conjunto com percursos já existentes.

Porque a história e as estórias são compostas por pessoas e para pessoas, uma das melhores formas de conhecer o Bairro Novo é através do passado, nomeadamente pelo legado de algumas personalidades ligadas à sua criação ou desenvolvimento, através de percursos culturais. A partir de conteúdos específicos, disponíveis em diferentes suportes, nomeadamente imagens, vídeos, maquetes, réplicas, objetos ou documentos, o visitante poderá dar início à sua viagem de descoberta da história e estórias do Bairro Novo, particularmente desde a sua origem até finais da 1ª metade do século XX. Após uma visita ao Posto de Turismo e aos pisos superiores do Edifício *Castelo Engenheiro Silva*, o visitante é convidado a percorrer a cidade, a partir de itinerários temáticos, como os que aqui são apresentados.

#### 3.1. Locais de referência para diferentes itinerários

Neste ponto optamos por indicar apenas os locais de referência para cada itinerário, dando assim liberdade ao visitante para definir o seu percurso.

##### **Francisco Maria Pereira da Silva**

O Bairro Novo de Santa Catarina teve origem na mente de um lisboeta que se apaixonou pela Figueira da Foz, aqui vivendo, desde 1854, até ao seu falecimento, em 1891, e cujo legado permite compreender o desenvolvimento desta cidade. Para conhecer melhor a obra de Francisco Maria Pereira da Silva sugerimos a visita ao Farol Velho (2), seguindo depois para o Farol do Cabo Mondego (1), ambos com vistas privilegiadas sobre o Atlântico e sobre a cidade. Descendo a Buarcos, deverá visitar a Torre dos Redondos (4) e a Fortaleza de Buarcos (5). Seguindo em direção ao rio Mondego, segue-se uma paragem na esplanada Silva Guimarães (11) e no Forte de Santa Catarina (13). Em direção ao centro da cidade, o Mercado Engenheiro Silva (14) é um espaço de visita obrigatória. A caminho da Estação da CP (18) o visitante poderá fazer uma breve paragem na Praça 8 de Maio (16) e caminhar junto à margem do rio Mondego (17).

### **António Artur Baldaque da Silva**

Tendo dedicado a sua vida ao estudo da pesca e ao mar, para conhecer o seu legado, sugerimos uma visita à esplanada Silva Guimarães, onde poderá apreciar os azulejos que decoram a *Casa das Conchas*, bem como a vista sobre o rio Mondego e a sua Foz (17). O Núcleo Museológico do Mar (5), em Buarcos, é o local ideal para finalizar este percurso. Neste espaço museológico, criado com o propósito de recuperar e divulgar memórias, histórias e práticas piscatórias, das comunidades piscatórias deste concelho, ali pode encontrar expostos objetos e documentos reveladores da identidade das diferentes comunidades e das suas tradições. O Núcleo Museológico do Mar guarda um exemplar do livro “Estado Atual das Pescas em Portugal” editado em 1892, da autoria de António Artur Baldaque da Silva, profusamente ilustrado com gravuras das diversas espécies pescadas na costa portuguesa, algumas delas representadas no friso de azulejos da Casa das Conchas, da sua autoria.

### **António da Silva Guimarães**

Sendo responsável pela construção da “Linha do Americano”, da qual apenas restam memórias, esta via estabelecia a ligação entre o Cabo Mondego e a estação do caminho-de-ferro. No seu período áureo esta linha era servida por diversas estações ao longo do seu percurso, inclusive junto ao Bairro Novo. Atualmente algumas dessas estações são “relembradas” através de quiosques cuja arquitetura pretende recordar as últimas composições que circulavam nesta linha. Sugerimos, assim, uma visita ao Cabo Mondego (3), à Fortaleza de Buarcos (6), à esplanada Silva Guimarães (11), à Foz do rio Mondego (17), terminando o percurso na Estação da CP (18).

### **Bairro Novo de Santa Catarina**

Construído na segunda metade do século XIX, este Bairro é uma referência no desenvolvimento urbanístico da Figueira da Foz e na arquitetura balnear do início do século XX. Para o conhecer melhor, sugerimos que passeie pelas ruas e zona envolvente, visitando o Palácio Sotto Mayor (8) e o Coliseu Figueirense (9). Já no coração do Bairro Novo poderá visitar a Torre do Relógio (10), a esplanada Silva Guimarães (11), os Casinos Peninsular e Figueira (12), terminado o percurso no Forte de Santa Catarina (13).

### **Monumentos militares**

Ao longo da sua história as populações da Figueira da Foz e de Buarcos foram sentindo a necessidade de se protegerem contra os invasores e ataques de piratas. Os três monumentos militares mais emblemáticos recordam-nos alguns desses episódios, sugerindo-se uma visita à Fortaleza de Buarcos (6), ao Fortim de Palheiros (7) e ao Forte de Santa Catarina (13).

### **Refugiados da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial**

Durante as décadas de 1930 e 1940 a Figueira da Foz acolheu os que aqui procuraram refúgio da Guerra Civil espanhola e da Segunda Guerra Mundial, chegando pela via férrea, pelo que se sugere um percurso a iniciar na Estação da CP (18), em direção ao Bairro Novo, onde os momentos de lazer e de ócio eram passados no Coliseu Figueirense (9), na esplanada António da Silva Guimarães (11), nos Casinos (12) e junto ao Forte de Santa Catarina (13).

#### **Circuito azulejar**

Em articulação com o percurso “Arte Nova”, após a visita aos locais indicados nessa rota, a partir da esplanada António Silva Guimarães (11), sugerimos uma visita ao Mercado Engenheiro Silva (14) e à Casa do Paço (15).

Tomando como exemplo alguns dos roteiros apresentados no ponto 5 do capítulo 2, apresentam-se algumas personalidades e temas para possíveis itinerários, bem como a proposta para um percurso circular.

### **3.2. Percurso “Castelo Engenheiro Silva”**

Através deste percurso turístico o visitante poderá conhecer os pontos mais emblemáticos, sugeridos no ponto anterior, através de uma rota circular, que reúne num único percurso os pontos de interesse relacionados com Francisco Maria Pereira da Silva, António Artur Baldaque da Silva e António da Silva Guimarães. Numa distância de aproximadamente 20 km (de automóvel) ou de 18,6 km a pé, o visitante poderá conhecer um total de 18 locais desde o Cabo Mondego à Estação da CP. Embora este percurso seja maioritariamente plano, na deslocação para o Farol do Cabo Mondego chega a atingir cerca de 90 m de altitude.

Este percurso tem início no Castelo Engenheiro Silva (11), seguindo em direção ao Fortim de Palheiros (7). Em direção à Fortaleza de Buarcos (6), o percurso segue para a Serra da Boa Viagem, rumo ao Farol do Cabo Mondego (1), regressando pelo Farol Velho (2) em direção ao Cabo Mondego (3). De volta ao núcleo da vila de Buarcos, segue em direção ao Núcleo Museológico do Mar (5) e à Torre de Redondos (4). Rumo ao Palácio Sotto Mayor (8) o percurso regressa ao núcleo central urbano, seguindo em direção ao Coliseu Figueirense (9) e depois aos Casinos (12), descendo ao Mercado Engenheiro Silva (14). Depois de passar pelo Jardim Municipal em direção à Casa do Paço (15), à Praça 8 de Maio (16) e à Estação da CP (18), retorna em direção à Foz do Rio Mondego (17) e ao Forte de Santa Catarina (13). Antes de regressar ao Castelo Engenheiro Silva, a Torre do Relógio (10) será a última paragem deste percurso.

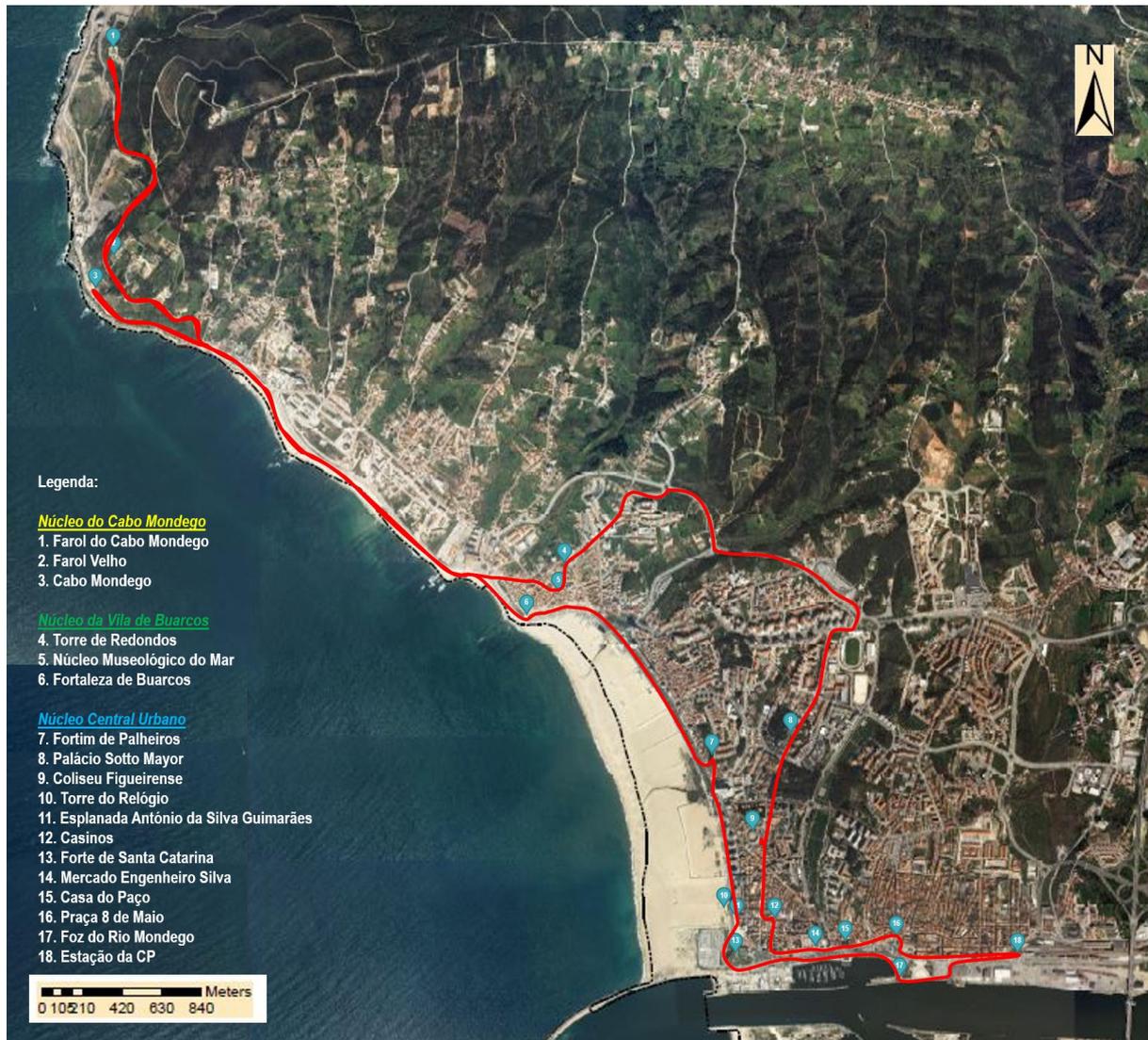


Figura 86 Percurso "Castelo Engenheiro Silva". Elaboração própria.

## Conclusão e considerações finais

Para a realização do presente relatório tivemos sempre presente a necessidade de colaborar para a valorização do *Castelo Engenheiro Silva*, cujo processo de reabilitação prevê a sua conversão em *welcome center* da cidade. O nosso contributo foi a recolha de informação sobre os edifícios do *Castelo Engenheiro Silva*, *Antigo Turismo* e *Casa das Conchas*, bem como sobre Francisco Maria Pereira da Silva, António Artur Baldaque da Silva e António da Silva Guimarães.

O “ir a banhos” com as suas indumentárias e regras próprias, a importância dos espaços de lazer e de jogo ou a mudança de hábitos sociais com a chegada dos refugiados espanhóis (década de 30 do século XX) e judeus na década seguinte, são alguns dos temas que podem ser explorados em conjunto com rotas já existentes, como por exemplo o percurso “Arte Nova”, de modo a permitir dinamizar o património da cidade. A construção de narrativas em torno do Conjunto Arquitetónico da Esplanada, com diferentes dimensões, dentro do *Castelo Engenheiro Silva*, mas também no Bairro Novo e na zona urbana da Figueira da Foz, deverá ser o fio condutor da patrimonialização e funcionalização do *Castelo Engenheiro Silva*, investindo-o de valor patrimonial e potencial turístico, relacionado com o lazer e a contemplação de um espaço inacessível, antes de transitar para a posse do Município.

Nessa medida, a abertura do *welcome center* deverá ser acompanhada de uma estratégia de comunicação eficaz, destinada à sua divulgação, bem como à dinamização de percursos, rotas e atividades culturais, de modo a contribuir para a diminuição da sazonalidade a Figueira da Foz.

Através da conversão deste imóvel em *welcome center*, o piso térreo poderá ser um espaço direcionado para o atendimento ao visitante, mais personalizado, em complemento aos postos de turismo existentes na Figueira da Foz (av. 25 de abril) e em Buarcos (Núcleo Museológico do Mar). Dotado de mais três pisos, dois deles poderão conter conteúdos, em formato de exposição permanente, sobre o edifício, o Bairro Novo e a Figueira da Foz (evolução urbanística, locais a visitar, entre outros), recorrendo a diversos tipos de suporte (maquetas, réplicas, imagem e texto, em articulação com conteúdos em suporte multimédia). O terceiro piso poderá ser destinado ao acolhimento de exposições temporárias, relacionadas com as vivências sociais na Figueira da Foz, em particular o Bairro Novo, como sejam os refugiados da Guerra Civil Espanhola e da Grande Guerra Mundial, o “ir a banhos” com o recordar das indumentárias e regulamentos no período da *belle époque*, a importância do jogo para o desenvolvimento da cidade, entre outros.

Paralelamente poderá ser pensada uma programação ativa, com vista à dinamização deste espaço, em particular nos meses que antecedem a época alta e nos que a sucedem. Essa programação poderá incluir mostra de filmagens realizadas na Figueira da Foz na primeira metade do século XX, encontros de aquarelistas e de *urban sketchers*, maratonas de fotografia, momentos musicais, recriação de práticas de ócio no período da *belle époque*, como as tardes nas esplanadas e casinos, com indumentária a rigor, entre outros. Através do serviço educativo da Divisão de Cultura, podem ser dinamizadas visitas temáticas tanto ao edifício como ao Bairro Novo, com personagens à época.

A proximidade com o Forte de Santa Catarina potencia uma programação conjunta de eventos, exposições e percursos que estabeleçam uma ligação estreita entre ambos, permitindo ao visitante fruir deles de forma integrada.

Para melhor compreender as oportunidades, ameaças, pontos fortes e pontos fracos do futuro *welcome center*, apresentamos uma análise SWOT relativa ao Castelo Engenheiro Silva:

<p><b>Pontos fortes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Localização estratégica no centro do Bairro Novo</li> <li>• A forte procura pelo Bairro Novo por parte dos visitantes</li> </ul>	<p><b>Pontos fracos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Nunca ter estado aberto ao público</li> <li>• Necessidade de formar profissionais para o <i>welcome center</i> e para visitas aos restantes espaços</li> </ul>
<p><b>Oportunidades</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conforme as funcionalidades que o imóvel vier a receber, pode contribuir para o crescimento do Turismo Cultural Urbano na Figueira da Foz.</li> <li>• A partir dele o visitante poderá ir à descoberta da Figueira da Foz, a partir da informação recolhida e aconselhamento recebido no <i>welcome center</i></li> </ul>	<p><b>Ameaças</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sazonalidade na Figueira da Foz em geral, no Bairro Novo em particular</li> <li>• A acessibilidade ao exterior do edifício é apenas pedonal ou para viaturas autorizadas</li> </ul>

Figura 87 **Análise SWOT relativa ao Castelo Engenheiro Silva.** Elaboração própria.

A análise aos indicadores turísticos mostra que a procura turística na Figueira da Foz tem vindo a aumentar, relativamente ao número total de hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico, embora se verifique uma diminuição da procura por parte de nacionais, em oposição aos hóspedes provenientes de Espanha, França e América. Verifica-se igualmente um crescimento na estada média em 2017 para 1,8.

No que respeita à cultura, também o número de visitantes a museus aumentou significativamente em 2017, contribuindo para tal a procura cada vez maior pelo Núcleo Museológico do Sal. No que concerne ao turismo cultural na Figueira da Foz, para além dos espaços museológicos, a diversidade de percursos disponíveis permite ao visitante conhecer a cidade ao seu ritmo, tendo ao seu dispor diversas ofertas. Consideramos, no entanto, que a dinamização de atividades em torno desses percursos, ou a realização dos mesmos, de forma organizada e guiada, deverá ser uma possibilidade a analisar, com o objetivo de cativar mais visitantes à cidade. Os exemplos de rotas e de boas práticas de outros municípios, aqui apresentados, deverão ser tidos em linha de conta, nomeadamente quando for esboçada a estratégia de comunicação para o *welcome center*, bem como para a implementação de novos percursos ou a reestruturação dos existentes.

As informações recolhidas no âmbito do estágio realizado vão muito para além do que se encontra descrito no capítulo 3, esperando-se que, num futuro próximo, seja possível realizar uma publicação sobre o Conjunto Arquitetónico da Esplanada, no qual se aborde a vida e obra de Francisco Maria Pereira da Silva, particularmente o seu legado à Figueira da Foz.



## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **1. Fontes manuscritas e impressas**

#### **1.1. Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (Lisboa)**

Paróquia de Ajuda, Livro de registo de batismos 1811-1817

Paróquia de Santos-o-Velho, Livro de registo de batismos 1834-1839

#### **1.2. Arquivo Histórico de Marinha**

Cx. 777 – documentação avulsa

Livro de Mestre nº 12

Livro de Mestre nº 13

Livro de Mestre A dos Oficiais de Marinha Militar

Vapor Conde de Tojal: Livro do Oficial de quarto de 1852/55, livro 2051

Livro de Ofícios para o Vapor Conde do Tojal: 1847/1859

Cx. 885-1853/58 Passaportes

#### **1.3. Arquivo da Universidade de Coimbra**

Paróquia de Tavadede, Livro de registo de batismos, 1877

Paróquia de São Julião, Livro de registo de casamentos, 1897-1904

Paróquia de São Julião, Livro de registo de óbitos, 1897-1904

#### **1.4. Direcção-Geral do Território**

Plano Hidrográfico da Barra e Porto da Figueira e Costa Adjacente desde Palheiros de Lavos até ao Cabo Mondego [Material cartográfico] / [Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos, Chorographicos e Hydrographicos do Reino]; levantado de 1855 a 1862 sob a direcção do General Filipe Folque e por F. M. Pereira da Silva Engenheiro Hydrographo. Escala 1:10 000. - Lisboa: [Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos, Chorographicos e Hydrographicos do Reino], 1880

#### **1.5. Câmara Municipal da Figueira da Foz**

##### **1.5.1. Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz**

Legados Pios – 25, de 1941

Livros de atas da CMFF, ata nº 120, de 23 de maio de 1861

Livros de atas da CMFF, ata nº 51, de 13 de janeiro de 1892

Livros de atas da CMFF, ata nº 46, de 03 de novembro de 1904

Livros de atas da CMFF, ata nº 6, de 09 de fevereiro de 1910

Livros de atas da CMFF, ata nº 15, de 13 de abril de 1910

Planta do Novo Bairro de Santa Catarina, 1873, da autoria de Ernesto Fernandes Thomáz, à escala 1:1000

Plantas adaptação do rés-do-chão do nº 3 da Esplanada Silva Guimarães para sede da Comissão Municipal de Turismo

### 1.5.2. Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Figuras nºs 46, 47, 59, 61, 68, 69, 72, 77, 79, 81, 82 e 84.

### 1.5.3. Arquivo do Urbanismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz

Requerimento nº 107, de 18-12-1874, em nome de Francisco Maria Pereira da Silva

Requerimento nº 219, de 08-07-1885, em nome de Francisco Maria Pereira da Silva

Requerimento nº 323, de 18-09-1888, em nome de Francisco Maria Pereira da Silva

Requerimento nº 269, de 24-08-1898, em nome de Isabel Maria Nóbrega Baldaque

Processo nº 1903/345, em nome de António Artur Baldaque da Silva

Processo nº 1903/397, em nome de António Artur Baldaque da Silva

Processo nº 1908/92, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva

Processo nº 1910/88, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva

Processo nº 1912/415, em nome de Beatriz Baldaque Pereira da Silva

Processo nº 1913/192, em nome de Palmira Baldaque da Silva

Processo nº 1913/397, em nome de António Artur Baldaque da Silva

Processo nº 1913/470, em nome de António Artur Baldaque da Silva

Processo nº 1914/186, em nome de Adelaide Silva

Processo nº 1946/469, em nome de Armando Carneiro da Silva

Processo nº 1955/66, em nome de Júlia Baldaque da Silva Smart

Processo nº 1994/27, em nome de Gil Ventura dos Reis & Companhia, Lda

Processo nº 1978/2918, em nome de Gil Ventura dos Reis

Processo nº 1979/1259, em nome de Gil Ventura dos Reis

Processo nº 1988/76, em nome de Carlos Alberto Pires Curado

Processo nº 1992/2084, em nome de Esteves & Fernandes, Lda

Processo nº 1992/2084, em nome de Esteves & Fernandes, Lda

Processo nº 1994/27, em nome de Gil Ventura dos Reis & Companhia, Lda

## 2. Publicações Periódicas

### 2.1. Legislação

Portaria de 11-09-1854 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria

Portaria de 12-09-1854 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria

Portaria de 06-07-1855 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria

Portaria de 21-08-1855 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria

Portaria de 20-06-1857 do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria

Despacho nº 556/2014 publicado em Diário da República, 2.ª série — N.º 7 — 10 de janeiro de 2014

### 2.2. Album Figueirense

BASTOS, Alberto (1935). *O Engenheiro Silva*, Ano I, abril de 1935, nº 11

NOGUEIRA, Francisco (1937). *Beneméritos - António da Silva Guimarães*, Ano III, janeiro de 1937, nº 3

NOGUEIRA, Francisco (1937). *Beneméritos*, Ano III, janeiro de 1937, nº 3

### 2.3. Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz

Boletim nº 1 de 30-04-1941

## 2.4. Periódicos

*A Voz da Justiça*, de 04-01-1903

*A Voz da Justiça*, de 11-01-1903

*A Voz da Justiça*, de 24-08-1915

*A Voz da Justiça*, de 27-08-1915

*O Figueirense*, de 25-05-1974

*O Figueirense*, de 13-01-1989

*O Figueirense*, de 05-05-1989

*Correspondência da Figueira*, de 06-12-1891

*Mar Alto*, de 24-09-1969

## 3. Bibliografia eletrónica (site web)

3 rios. (s.d.). 3 rios. Visitas guiadas e Passeios turísticos: [http://www.3rios.pt/?page\\_id=930](http://www.3rios.pt/?page_id=930)

Quilómetros que contam. (23 de março de 2016). Cascais na entrelinha: rota dos escritores.

Quilómetros que contam: <http://quilometrosquecontam.com/rota-dos-escritores/>

Ciclovia disponível em <http://www.ciclovia.pt/ciclovias/2centro/4coimbra/ffoz/ffoz.php>, consultado em 08-08-2018

CIMRC. (2017). Figueira da Foz. Comunidade Intermunicipal Região de Coimbra: <http://cim-regiaodecoimbra.pt/figueira/>

CMC. (7 de agosto de 2018). CM Coimbra evoca Torga no 111º aniversário do seu nascimento.

Câmara Municipal de Coimbra: <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/areas-de-intervencao/cultura/agenda/item/6122-cm-coimbra-evoca-torga-no-111-aniversario-do-seu-nascimento>

(CMCN) Casa Museu Fernando Namora) <http://www.cm-condeixa.pt/rbcondeixa/index.php/conhecer/bibliotecas/institucional/casa-museu-fernando-namora>

CMFF. (2013). Percurso Arbóreo. Disponível em: Município da Figueira da Foz: <http://www.cm-figfoz.pt/index.php/cultura/percursos-pedestres/391-visitar/o-que-fazer/percursos-pedestres/rotas/868-percurso-arboreo>

CMFF. (2014). História do Concelho. Disponível em: CMFF: <http://www.cm-figfoz.pt/index.php/historia-do-concelho>

(CMFF, 2014a). Acessibilidades. Disponível em: Município da Figueira da Foz: <https://www.cm-figfoz.pt/index.php/cultura/169-investidores/acessibilidades>

(CMFF, 2014b). Percursos Pedestres. Disponível em: Município da Figueira da Foz: <https://www.cm-figfoz.pt/index.php/o-que-fazer/passeios/percursos-pedestres>

(CMFF, 2014c). Descobrir Figueira - Entre o Rio, a Serra e o Mar, a Figueira da Foz é uma cidade para explorar. Disponível em: Município da Figueira da Foz: <https://www.cm-figfoz.pt/index.php/escolher-a-figueira/descobrir-figueira>

(CMFF, 2014d). Visitar. Disponível em: Município da Figueira da Foz: <https://www.cm-figfoz.pt/index.php/visitar>

(CMFF, 2014e). Percurso Jorge de Sena. Disponível em: Município da Figueira da Foz: <http://www.cm-figfoz.pt/index.php/cultura/percursos-pedestres/391-visitar/o-que-fazer/percursos-pedestres/rotas/869-percurso-jorge-sena>

CMPL. (s.d.). Ponte de Lima - Roteiros Culturais. Visite Ponte de Lima: <https://www.visitepontedelima.pt/pt/turismo/ponte-de-lima-roteiros-culturais/>

PORDATA. (2018). Municípios - Figueira da Foz. PORDATA: [https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Figueira+da+Foz+\(Munic%C3%ADpio\)-230892](https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Figueira+da+Foz+(Munic%C3%ADpio)-230892)

RNET - Registo Nacional de Empreendimentos Turísticos, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNET/Registos.ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&MostraFiltro=True>, consultado em 27-06-2018.

RNAL - Registo Nacional de Alojamento Local, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNAL/ConsultaRegisto.aspx?FiltroVisivel=True>, consultado em 01-07-2018

RNAAT - Registo Nacional de Agentes de Animação Turística, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNAAT/ConsultaRegisto.aspx?FiltroVisivel=True>, consultado em 26-06-2018

RNAVt - *Registo Nacional de Agentes de Viagem e Turismo*, do Turismo de Portugal, disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNAVt/ConsultaRegisto.aspx?FiltroVisivel=True>, consultado em 07-08-2018

Roteiros Culturais dos Açores <http://www.culturacores.azores.gov.pt/roteiros/>

Roteiro Eça de Queirós em Évora. Fonte: <http://www.cm-evora.pt/pt/Evoraturismo/mais/Documents/roteiro-eca-queiros.pdf>

Roteiro dos Dabney. Fonte: <https://parquesnaturais.wixsite.com/roteirosdosdabney>

Rota Porto Liberal. Fonte: <https://rotaportoliberal.pt/noticias/>

### 3.1. Direção Geral do Património Cultural

Direcção-Geral do Património Cultural, disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/>, consultada em 27-06-2018

Conjunto Arquitetónico da Esplanada Silva Guimarães, constituído pelo Castelo Engenheiro Silva, Edifício do Antigo Turismo e Casa das Conchas, disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71189>

Farol do Cabo Mondego, disponível em

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=16944](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16944), consultado em 06-11-2018

Forte de Santa Marta: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6053](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6053), consultado em 06-11-2018

### 3.2. Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

Edifício do Antigo Turismo:

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6981](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6981)

Casa das Conchas: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6982](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6982)

Esplanada Silva Guimarães:

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5911](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5911)

Castelo Engenheiro Silva: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4273](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4273)

## 4. Bibliografia

### 4.1. Dissertações e Teses

BRANDÃO, B. d. (2012). *Avaliação da qualidade dos percursos pedestres homologados em Portugal*. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril – Dissertação de mestrado em Turismo, Especialização em Planeamento e Gestão em Turismo e Natureza. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/4466>

BRIZ, M. d. (2003). *A vilegiatura balnear marítima em Portugal. 1870-1970 - Sociedade, arquitectura e urbanismo*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa - Dissertação de doutoramento em História da Arte Contemporânea (policopiado).

FERREIRA, M. M. (2012). *Torres Vedras como destino de turismo cultural e de City Break: estratégias para as Linhas de Torres*. Peniche: Escola Superior de Leiria – Dissertação de Mestrado em Marketing e Promoção Turística. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/631>

GOULÃO, J. S. (2016). *O caso Cabo Mondego - o dever da arquitetura sobre o território abandonado*. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra - Dissertação de mestrado integrado em arquitetura. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/41465>

- JESUS, F. J. (1999). *Arquitectura balnear e modernidade - o exemplo do Bairro Novo de Santa Catarina da Figueira da Foz (1928-1953)*. Lisboa: Universidade Lusíada, Dissertação de mestrado em História da Arte (policopiado).
- MOREIRA, C. C. (2013). *Turismo, Território e Desenvolvimento - Competitividade e Gestão Estratégica de Destinos*. Coimbra: Universidade de Coimbra – Tese de doutoramento em Turismo (policopiado).
- MOREIRA, J. M. (2009). *Terra à Vista - Os Primeiros Faróis Estatais no Século XVIII*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra - Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/11736>
- NUNES, C. M. (2009). *Figueira da Foz (1930-1960). Apontamentos sobre o Turismo Balnear*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/13474>
- QUEIRÓZ, F. (2008). *Turismo e Cultura em cidades europeias: Uma abordagem sobre a formação de redes de trabalho no processo de (Re) Criação do destino Málaga, Costa do Sol-Espanha*. Universidade de Aveiro: Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento do Turismo. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1497/1/2009001053.pdf>
- SEMEDO, Pedro Miguel Carrilho (2008). *O impacto dos eventos culturais na renovação e diversificação do produto Turístico Urbano – O caso de Tomar*. Aveiro: Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento do Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/1630>;
- SILVESTRE, Susana Marta Delgado Pinheiro (2012). *O Conde do Farrobo – a ação e o mecenato no século XIX*, vol. II. Lisboa: FCSH – Universidade Nova de Lisboa – Tese de doutoramento em História e Teoria das Ideias. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/12291>
- TEIXEIRA, S. S. (2014). *Patrimonialização, memória local, musealização e transformação social: os casos dos Parques Metropolitanos do Abaeté e de São Bartolomeu (Salvador, Bahia, Brasil)*. Coimbra: Tese de Doutoramento em Estudos Contemporâneos, Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/24447>
- TOVAR, Z. M. (2010). *Pedestrianismo, Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre em Portugal*. Estoril: Escola Superior e Hotelaria e Turismo do Estoril – Dissertação de mestrado em Turismo, especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/2409>

#### 4.2. Publicações

- BEZERRA, Roselane Gomes (2014). *Políticas urbanas e processos de patrimonialização nas cidades de Fortaleza e de Almada*. Forum Sociológico (pp. 45-51). [Online]: CESNOVA. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/931>

- CÂNDIDO, Guida da Silva (2001). *Paços do Concelho da Figueira da Foz*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- CASCÃO, Rui (2000). «"A Invenção da Praia": notas para a História do turismo balnear». Em M. H. Coelho, *A Cidade e o Campo*. Colectânea de Estudos. Comportamentos e atitudes sociais (pp. 321-341). Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura.
- CASCÃO, Rui (2009). *Monografia da freguesia de S. Julião da Figueira da Foz*. Figueira da Foz: Junta de Freguesia de S. Julião.
- CHOAY, Françoise (2010). *Alegoria do Património* (2ª edição ed.). Lisboa: Edições 70, Lda.
- CLAS (2015). *Conselho Local de Acção Social da Figueira da Foz - Diagnóstico Social da Figueira da Foz*. Município da Figueira da Foz. Disponível em: [http://www.cm-figfoz.pt/images/servicos/por\\_temas/acao\\_social/Rede\\_social\\_da\\_Figueira\\_da\\_Foz/Instrumentos\\_de\\_Planeamento/2015\\_diag\\_social.pdf](http://www.cm-figfoz.pt/images/servicos/por_temas/acao_social/Rede_social_da_Figueira_da_Foz/Instrumentos_de_Planeamento/2015_diag_social.pdf)
- CMFF (2008). *Município da Figueira da Foz - Relatório de Gestão 2007*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz. Disponível em: <http://figueiradigital.ficheirospt.com/municepe/financas/7-relatorio2007.pdf>
- CMFF (2014f). *Plano Estratégico da Figueira da Foz*. Município da Figueira da Foz. Disponível em: [https://www.cm-figfoz.pt/images/municipio/relacoes\\_institucionais/2014\\_Plano\\_Estrategico\\_FFoz\\_Final.pdf](https://www.cm-figfoz.pt/images/municipio/relacoes_institucionais/2014_Plano_Estrategico_FFoz_Final.pdf)
- CMFF (2017a). *Análise e Diagnóstico do Património Classificado e Referenciado*. Figueira da Foz. Município da Figueira da Foz. Disponível em: <https://www.cm-figfoz.pt/index.php/urbanismo/planos-e-ordenamento-do-territorio>
- CMFF (2017b). *Análise e Diagnóstico - Turismo*. Em CMFF, Plano Diretor Municipal. Figueira da Foz.
- CMFF (s.d.). *Rota das Salinas - Percurso Pedestre*. Figueira da Foz. Disponível em: [http://www.cm-figfoz.pt/images/visitar/fazer/roteiros/2016\\_flyer\\_salinasPT.pdf](http://www.cm-figfoz.pt/images/visitar/fazer/roteiros/2016_flyer_salinasPT.pdf)
- CMFF (s.d.). *Rota dos Arrozaís - Percurso Pedestre*. Figueira da Foz. Disponível em: [http://www.cm-figfoz.pt/images/visitar/onde/2014-01\\_ppARROZAIS\\_pt.pdf](http://www.cm-figfoz.pt/images/visitar/onde/2014-01_ppARROZAIS_pt.pdf), consultado em 22-12-2018
- CUNHA, Licínio (2001). *Introdução ao Turismo* (4ª edição, 2009 ed.). Lisboa: Editorial Verbo.
- CUNHA, Licínio (2013). *Economia e Política do Turismo* (3ª ed. ed.). Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, Lda.
- DIAS, Paula M. Pereira de Oliveira (1995). «"Ir a banhos" na Figueira da Foz no dealbar do século XX: um olhar sobre uma época». Em *Revista Portuguesa de História*, tomo XXX, pp. 177-213. Coimbra.
- GONÇALVES, Catarina Valença (2009). «Rotas de Património em Portugal: uma revolução necessária». SIMÕES, José Manuel & Ferreira, Carlos Cardoso (Eds), *Turismos de Nicho - motivações, produtos, territórios* (pp. 95-107). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos - Universidade de Lisboa.

HENRIQUES, Isabel. (2005). *Figueira da Foz: Rotas do Concelho*. Figueira da Foz: Figueira Grande Turismo, E. M.

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2002). *Anuário Estatístico da Região Centro 2001* Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=71310&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=71310&DESTAQUESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2003). *Anuário Estatístico da Região Centro 2002*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=72056&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=72056&DESTAQUESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2004). *Anuário Estatístico da Região Centro 2003*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=136328&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=136328&PUBLICACOESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2005). *Anuário Estatístico da Região Centro 2004*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=136481&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=136481&PUBLICACOESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2006). *Anuário Estatístico da Região Centro 2005*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=6094472&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=6094472&PUBLICACOESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2007). *Anuário Estatístico da Região Centro 2006*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=11292019&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=11292019&PUBLICACOESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2008). *Anuário Estatístico da Região Centro 2007*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=42949141&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=42949141&PUBLICACOESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2009). *Anuário Estatístico da Região Centro 2008*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=79281345&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=79281345&PUBLICACOESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2010). *Anuário Estatístico da Região Centro 2009*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=102943595&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=102943595&PUBLICACOESmodo=2)

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2011). *Anuário Estatístico da Região Centro 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=130324937&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=130324937&PUBLICACOESmodo=2)

- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2012). *Anuário Estatístico da Região Centro 2011*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=150035846&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=150035846&PUBLICACOESmodo=2)
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2013). *Anuário Estatístico da Região Centro 2012*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=209571958&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=209571958&PUBLICACOESmodo=2)
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2014). *Anuário Estatístico da Região Centro 2013*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=223543746&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=223543746&PUBLICACOESmodo=2)
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2015). *Anuário Estatístico da Região Centro 2014*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=224764684&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=224764684&PUBLICACOESmodo=2)
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2016). *Anuário Estatístico da Região Centro 2015*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=277104685&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277104685&PUBLICACOESmodo=2)
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2017). *Anuário Estatístico da Região Centro 2016*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=277105032&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277105032&PUBLICACOESmodo=2)
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2017). *Anuário Estatístico da Região Centro 2017*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=320468473&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=320468473&PUBLICACOESmodo=2)
- LOUREIRO, Adolpho, (1863). *O Sr. Francisco Maria Pereira da Silva e as Obras da Barra da Figueira da Foz ou Analyse e refutação ao opusculo por aquelle publicado acerca das arguições que lhe foram feitas por alguns habitantes d'esta villa como director, que foi, das citadas obras*. Typhografia Figueirense
- MACHADO, Helena (1996). *A construção social da praia*. Guimarães: IDEAL - artes gráficas. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13550>
- MAIA, Sara Vidal, & al., (maio/ago. 2013). «Turismo cultural no contexto urbano: rotas museológicas - Os casos de Aveiro e Ílhavo (Portugal)». Em *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo* (pp. 192-208). São Paulo, Brasil. Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/43047/1/SVM\\_2013\\_rbtur.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/43047/1/SVM_2013_rbtur.pdf)
- Ministério da Economia e da Inovação (2007). *Plano Estratégico Nacional do Turismo - Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal*. Lisboa: Turismo de Portugal, IP.

- ORTIGÃO, Ramalho (1876). *As Praias de Portugal - Guia do Banhista e do Viajante*. Porto: Livraria Universal.
- PESSOA, Amorim (1878). *Almanach da Praia da Figueira 1878-1879 - Guia completo do banhista n'esta frequentada praia* (Vols. Anual - Ano 1). Figueira da Foz: Tipographia Foz do Mondego.
- RICHARDS, Greg (2009) «Turismo cultural: Padrões e implicações». In de Camargo, P. e da Cruz, G. (eds) *Turismo Cultural: Estratégias, sustentabilidade e tendências*. UESC: Bahia, pp. 25-48. Disponível em [https://www.academia.edu/2353069/Turismo\\_Cultural\\_Padr%C3%B5es\\_e\\_implica%C3%A7%C3%B5es](https://www.academia.edu/2353069/Turismo_Cultural_Padr%C3%B5es_e_implica%C3%A7%C3%B5es)
- SARDO, Anabela e ESTEVÃO, João Pedro (2012). «O Turismo Cultural como Maximizador dos Benefícios Económicos do Turismo» JACINTO, Rui, *Patrimónios, Territórios e Turismo Cultural* (pp. 441-462). Lisboa: Âncora Editora.
- SILVA, Francisco Maria Pereira da (1862). *Resposta às Arguições que alguns habitantes da Figueira fizeram acerca da Direcção das Obras Públicas para melhoramento da barra e porto da dita villa, apresentada por Francisco Maria Pereira da Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, Francisco Maria Pereira da (1865). *Relatório das obras para melhoramento da Barra e Porto da Figueira desde o seu princípio em maio de 1857 até ao fim do ano económico de 1859-1860*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, Primeiro-Tenente Jorge Manuel Moreira da (2003). *Baldaque da Silva: um olhar completo*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- SIMÕES, Isabel e MAIA, Teresa (2011). *Um Bairro (que foi) Novo*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- UNWTO (2018). *Tourism for Development* (Vol. Volume I: Key Areas for Action). Madrid, Spain: World Tourism Organization. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419722>
- VAQUINHAS, Irene (2012). *O Casino da Figueira – sua evolução histórica desde o Teatro-Circo à actualidade (1884-1978)*. Coimbra: Palimage.
- VAQUINHAS, Irene (2010). «Hintze Ribeiro e o “jogo de fortuna ou azar”»; *Hintze Ribeiro (1849-1907) – Da regeneração ao crepúsculo da monarquia*, p. 147-162, disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/36701>

## 5. Outras fontes

### 5.1. Apresentação de Geoparque Figueira (22-06-2018). Figueira da Foz

CARVALHO, Jorge (2018). 180 Mega annum de Figueira.

DOMINGUES, Ana (2018). Memórias da Nossa Terra.

GOULÃO, João Sebastião Ataíde (2018). Gentes da nossa Terra - Visão global do património antropomórfico.

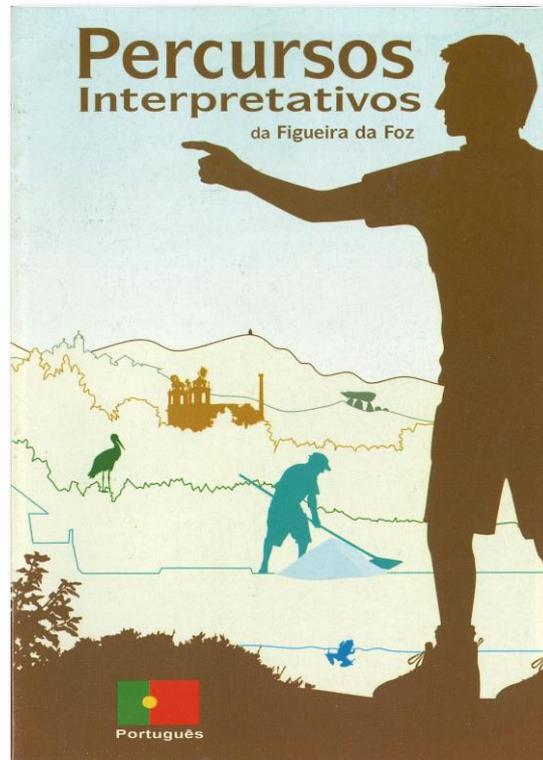
MANO, Gonçalo de Sousa. (2018). Geopark Figueira: Razões de uma candidatura a Geoparque da UNESCO.



# ANEXOS



Anexo 1 – Brochura “Percursos Interpretativos da Figueira da Foz”, de 2005



### Rota de Maiorca

Por entre a paisagem fresca e plana dos arrozais ondulando ao vento, este percurso visita o local de morada dos primeiros povos que aqui habitaram e atravessa toda a História de Portugal que aqui se cruza com a do Mondego.






**Principais Pontos de Interesse**

- Paço de Maiorca
- Fonte
- Campos do Mondego
- Rio de Foja e Vala Real
- Mondego (Rio Velho)
- Castro de Santa Oláia
- Monte do Ferrestelo
- Campos de Fôja
- Estrada manuelina
- Ponte do Arco
- Parque do Lago




	Visita	Perc.	P. Longo
Duração	1h	3 h	6 h
Distância	1km	5km	12km
Dificuldade		baixa	

Âmbito: Histórico, arqueológico, ambiental e paisagístico

### Rota de Seixa

Percurso recheado de histórias e de História cruzando vales e colinas descobrindo as paisagens características do sul do concelho, a sua fauna e vegetação e visitando a belíssima Capela octogonal de Nossa Senhora de Seixa, de lendária fundação, e as imponentes ruínas do Mosteiro de Seixa.






**Principais Pontos de Interesse**

- Capela octogonal de Nossa Senhora de Seixa
- Ruínas do Mosteiro de Seixa
- Ribeira de Seixa
- Fonte dos Frades
- Torneira
- Atouguia— Rua das Marinhas
- Arrozais do Rio Pranto
- Sobral
- Vale do Milho
- Linha do Oeste
- Telhada
- Casal Novo



	Visita	Perc.	P. Longo
Duração	1h	3 h	6 h
Distância	1km	6km	13km
Dificuldade	baixa	média	

Âmbito: Histórico, religioso, ambiental e paisagístico

### Rota da Boa Viagem

Este é o percurso mais desafiador do concelho onde, por acidentados caminhos semeados de fósseis do tempo dos Dinossáurios, se descobre a paisagem típica de uma serra calcária e a sua riqueza natural, mineral e histórica.





**Principais Pontos de Interesse**

- Praia de Quiaios e Murtinheira
- Capela do Senhor dos Afritos
- Vale da Anta
- Cabo Mondego
- Fonte de Stª Marinha
- Capela de Stª Amaro
- Parque dos Cedros
- Bocas de ar
- Miradouro da Bandeira
- Vertente Norte
- Falha geológica

	Visita	Perc.	P. Longo
Duração	1 h	3 h	6 h
Distância	1km	6km	11km
Dificuldade	baixa	média-alta	

Âmbito: Histórico, arqueológico, geológico e paisagístico

### Rota do Megalitismo

Este Percurso na Serra das Alhadas dá a conhecer a pré-história do concelho, revelando a vida dos povos que aqui habitaram, a evolução da paisagem e a história da descoberta e estudo de uma enorme necrópole megalítica que se estende pela cumeada até ao Cabo Mondego.



**Principais Pontos de Interesse**

- Dólmen das Carniças
- Caminho das Padeiras e Lavadeiras
- Fonte nova/ Lavadouro
- Alhadas de Cima
- Igreja e casa mortuária
- Cemitério
- Caminho da missa
- Carvalhal
- Forno
- Sociedade Boa União Alhadense
- Coreto
- Casa do Pintor Mário Augusto
- Casa da Renda

	Visita	Perc.	P. Longo
Duração	1h	3 h	6 h
Distância	1km	7km	12km
Dificuldade	baixa		

Âmbito: Histórico, arqueológico e botânico

### Rota das Salinas

Percurso curto e agradável pela plana e geométrica paisagem das salinas onde o Homem e a Natureza trabalham juntos há tantos séculos moldando todo um ecossistema e produzindo algo tão indispensável e valioso — o Sal.



**Principais Pontos de Interesse**

- Núcleo Museológico do Sal
- Marinha Municipal do Corredor da Cobra
- Salina do Negrão
- Salina Industrial de Sal de Gema
- Rio Pranto e Rio Mondego
- Pisciculturas extensivas
- Pisciculturas intensivas
- Esteiro

	Visita	Perc.
Duração	1h	2h30
Distância	1km	4km
Dificuldade	baixa	

Âmbito: Histórico, Etnográfico, Gastronómico, Ambiental e Paisagístico

### Preçário



	Visita 1h Min.: 10 pessoas	Percurso 3h Min.: 5 pessoas	Percurso longo 6h Min.: 5 pessoas
<b>Normal</b>	8€	15€	20€
<b>Jovem (&lt;26) Sénior (&gt;65)</b>	7€	12€	17€
<b>Criança (&lt;12)</b>	quando acompanhada por um adulto — 3,50€		

\* Os valores apresentados incluem seguro de acidentes pessoais e IVA à taxa legal em vigor. O preço do transporte não está incluído no preço, sendo uma oferta da Figueira Grande Turismo—Empresa Municipal, sempre que disponível.

De acordo com os **princípios de ecoturismo**, parte das receitas reverte para o desenvolvimento local.

**Informações/Reserva:**  
(9h–20h)

Percurso mediante reserva, com um número mínimo de 5 participantes.

 (+351) 91 021 9 021

 figueira.explore@sinergiae.pt

 Postos de Turismo

**Língua:**

 .Português     .Espanhol  
 .Inglês         .Francês

Os percursos serão guiados em língua portuguesa, excepto quando solicitado previamente no momento da reserva.

**Não esquecer de trazer :**

- Roupa e calçado confortáveis e adequados
- Creme de protecção solar
- Chapéu de sol
- Agasalho para o vento
- Água e reforço alimentar
- Almoço (tipo piquenique) caso participe num percurso longo
- Binóculos e máquina fotográfica
- Amigos e Familiares



Este projecto é resultado de uma parceria público-privada entre o município da Figueira da Foz, a Figueira Grande Turismo (Empresa Municipal) e o Explore Figueira constituído por jovens empreendedores figueirenses com formação superior na área do ecoturismo e desenvolvimento.



Estas actividades fazem parte da Rede Explore, uma rede de parceiros coordenada pela *Interpretare* —Associação de Interpretação do Património Natural e Cultural — que reúne actividades de ecoturismo com forte componente interpretativa, executadas por empresas de animação turística locais.







[www.interpretare.pt](http://www.interpretare.pt) | 
 [www.figueiraturismo.com](http://www.figueiraturismo.com) | 
 [www.figueiradigital.com](http://www.figueiradigital.com)

Anexo 2 – Ponte de Lima – Roteiros Culturais





## Ponte de Lima

Continuando a percorrer a senda da divulgação e valorização do património cultural, o Município de Ponte de Lima promove a edição de um conjunto de três roteiros em torno das suas figuras mais ilustres. À **Rota dos Escritores Limianos**, que ruma às casas e aos monumentos da vila associados a uma vasta plêiade de homens de letras, somam-se dois outros itinerários consagrados a duas das

personalidades mais notáveis nascidas nesta Terra, o **poeta António Feijó** e o **beato Francisco Pacheco**.

*Três caminhos diferentes, mas que convergem para um trilho de memórias e afetos, de onde emergem igualmente a singularidade e a beleza dos lugares, das construções e das paisagens.*



**1. Biblioteca Municipal de Ponte de Lima**

41° 46' 3,115" N | 8° 35' 4,986" W

**2. Monumento ao Cardeal Saraiva. Rua e casa onde nasceu**

41° 46' 2,944" N | 8° 35' 2,688" W

**3. Monumento evocativo da memória de António Feijó e Avenida**

41° 46' 2,004" N | 8° 34' 59,468" W

**4. Largo Delfim Guimarães**

41° 46' 7,657" N | 8° 34' 59,152" W

**5. Casa de António Ferreira**

41° 46' 5,474" N | 8° 35' 2,539" W

**6. Estátua do Conde de Aurora**

41° 46' 8,866" N | 8° 35' 1,498" W

**7. Rua do Arrabalde e Casa onde nasceu Luís Dantas**

41° 46' 10,652" N | 8° 35' 0,000" W

**8. Casa dos da Garrida**

41° 46' 16,812" N | 8° 34' 46,867" W

**9. Rua Lima Bezerra**

41° 46' 10,353" N | 8° 35' 25,817" W

**10. Casa do Dr. Feliciano Guimarães**

41° 46' 5,042" N | 8° 35' 4,681" W

**11. Monumento a Teófilo Carneiro**

41° 46' 3,592" N | 8° 35' 5,711" W

**12. Largo do Dr. António de Magalhães**

41° 45' 58,840" N | 8° 35' 3,684" W

**13. Estátua e Casa Norton de Matos**

41° 45' 57,606" N | 8° 35' 3,549" W

**14. Rua Domingos Tarroso**

41° 45' 56,833" N | 8° 35' 3,876" W

**15. Casa de Severino Costa**

41° 45' 54,521" N | 8° 35' 1,858" W

**16. Arquivo Municipal**

41° N | 8W

## Rota dos Escritores Limianos

A Rota dos Escritores Limianos une o turismo à cultura, permitindo conhecer e desfrutar, de forma orientada, a nobreza histórica e literária de Ponte de Lima.

Esta rota será o fio condutor para identificar, explorar e valorizar as casas, espaços, monumentos, estátuas, ruas, avenidas, praças, lar-

gos, cantos e recantos do centro histórico de Ponte de Lima, assim como um veículo para descobrir estórias, personalidades, formas de vida, lugares onde viveram os escritores limianos e desvendar segredos em relação à personalidade que se esconde por detrás de um livro.

## 1. Descrição do Itinerário

O ponto de partida deste percurso é a Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, um espaço de conhecimento, informação, educação, cultura e lazer, situado junto à muralha medieval, no centro histórico de Ponte de Lima. Trata-se de uma construção do século XVII. Formava inicialmente um corpo único com o atual edifício da Misericórdia, servindo como hospital desta instituição benemérita, sendo separado da igreja do lado oposto no

início do século XX, para permitir o acesso do Largo da Matriz ao hoje denominado Passeio 25 de Abril, destruindo-se assim um curioso claustro setecentista e parte da muralha medieval.

*Saia à esquerda e encontra-se na Rua Cardeal Saraiva. Em frente, próximo da Igreja Matriz, pode observar o monumento de homenagem a esta grande figura limiana.*





## 2. Monumento ao Cardeal Saraiva, rua e casa onde nasceu

### Francisco Justiniano Saraiva D. Frei Francisco de S. Luís

#### Cardeal Saraiva

Religioso Beneditino, Bispo, Conde e Reitor da Universidade de Coimbra. Cardeal Patriarca de Lisboa. Político. Historiador. Filólogo. Vulto notável da vida e cultura nacionais, o maior nascido em Ponte de Lima. Veio ao mundo a 26 de janeiro de 1766 e faleceu a 7 de maio de 1845, no Palácio da Mitra, em Marvila.

Foi um cidadão de grande fervor pela terra natal, de enorme amor à família, às irmãs de Ponte de Lima, correspondendo-se com muitos amigos e admiradores.

Em Ponte de Lima, a 15 de fevereiro de 1910, foi lançado um jornal semanário, que circula ainda nos dias de hoje, com o título de "Cardeal Saraiva" para homenagear o mais distinto de todos os limianos.

#### O monumento

O monumento em homenagem ao Cardeal Saraiva foi festivamente inaugurado a 4 de março de 2009, no Dia de Ponte de Lima. O seu autor é Salvador Vieira, de Darque, Viana do Castelo.

*Suba a Rua Cardeal Saraiva, repare, entre o casario do lado esquerdo, no lugar do nascimento do célebre beneditino e continue em direção à Avenida António Feijó.*



7

### 3. Monumento evocativo da memória de António Feijó e Avenida António Feijó



#### António Joaquim de Castro Feijó

Diplomata. Um dos maiores poetas do seu tempo e nome maior das letras limianas.

Nasceu na vila de Ponte de Lima a 1 de junho de 1859 e morreu a 20 de junho de 1917 em Estocolmo. Após a formação universitária enveredou pela carreira diplomática, primeiro no Brasil e depois na Suécia.

Em 1915 a morte da esposa abala profundamente o poeta, que acaba por falecer dois anos depois. Por vontade expressa do escritor, os restos mortais de António Feijó e de

sua mulher foram trasladados para o cemitério de Ponte de Lima. Parte do seu poema Inverno, que apareceu no livro *Ilha dos Amores*, onde o poeta expressa a nostalgia da pátria e enaltece a paisagem, a luz, as tradições e o encantamento da sua terra natal, foi adotado como Hino de Ponte de Lima.

#### O monumento

O monumento a António Feijó, na avenida com o seu nome, foi inaugurado oficialmente no dia 1 de junho de 1938. É composto por um busto de Feijó, da autoria do artista português Teixeira Lopes. O enquadramento monumental foi concebido pelo arquiteto Paulo Cunha.

*Siga pela Rua Inácio Perestrelo e à direita encontra a Fonte da Vila e um painel de Azulejos com o poema «O Amor e o Tempo» de António Feijó. Suba a Rua Fonte da Vila, passando pela Torre Barbosa Aranha. No topo vire à esquerda, passando pela Casa das Pereiras. Aprecie a vista que este ponto proporciona. Desça a monumental escadaria até ao Largo Delfim Guimarães.*

## 4. Largo Delfim Guimarães

### Delfim de Brito Guimarães

Nasceu no Porto a 4 de agosto de 1872 e faleceu a 6 de julho de 1933, na Amadora. Sem ser natural de Ponte de Lima, é um dos ilustres filhos da Terra, limiano de afeição, pois aqui passou parte da sua vida, tendo desempenhado inclusive o cargo de administrador do Concelho.

Fundador da Livraria Editora Guimarães, que chegou aos nossos dias, revelou-se um incansável autodidata e publicou uma obra considerável, destacando-se o romance de

sua autoria intitulado "O Rosquedo: Cenas da Vida da Província – Ponte de Lima – Minho", tendo como cenário o vale do Lima.

*Siga à esquerda, descendo pela Rua Formosa. Em baixo, depois de mirar novamente a calçada que acabou de descer, siga para o Largo de Camões, percorrendo a Rua Inácio Perestrelo. Do lado esquerdo encontrará uma placa que identifica o próximo ponto de interesse.*



## 5. Casa de António Ferreira

### António Gonçalves Ferreira

Nascido em Ponte de Lima a 8 de dezembro de 1885 e falecido a 29 de julho de 1963, no Porto, este magistrado destacou-se como homem político, de ideais republicanos, e como homem da cultura – poeta, tradutor, ensaísta e jornalista. Fundou, juntamente com outros limianos, em 1910, o jornal *Cardeal Saraiva*. Colaborou em diversas revistas e jornais, destacando-se o "Almanaque de Ponte de Lima", "Limiana" (Revista Literária Pontelimensis), "Aurora do Lima", "Cardeal

Saraiva", "O Século" e "Diário de Notícias", entre outras publicações.

António Ferreira revelou-se um fervoroso regionalista, profundamente enternecido diante da paisagem limiana, da sua história, das suas tradições e das suas figuras tutelares.

*Atravesse o Largo de Camões, a sala de visitas de Ponte de Lima, e vire à direita para a Rua Beato Francisco Pacheco. Tome a sua esquerda, onde, no fim, encontra o Largo de S. João.*



## 6. Estátua do Conde de Aurora

### José António Francisco Maria Xavier de Sá Coutinho

#### 3.º Conde de Aurora

Este magistrado nasceu em Ponte de Lima, na Casa de Nossa Senhora da Aurora, a 29 de abril de 1896, onde veio a falecer no dia 3 de maio de 1969. Deixou uma vasta obra publicada, literária e etnográfica, salientando-se o romance intitulado "O Pinto", que recebeu o Prémio Eça de Queiroz em 1935.

Soube revelar a alma desta terra, as suas tradições, nas páginas do seu "Roteiro da Ribeira Lima" e em outros escritos diversos, onde estão plasmados os seus afetos por estas paisagens e gentes. Anfitrião incansável, a Casa de Nossa Senhora da Aurora era um local de frequentes tertúlias entre amigos.

#### O monumento

A estátua em homenagem ao Conde de Aurora situa-se no Largo de S. João e foi esculpida em 1996 por Manuel Rocha, natural de Viana do Castelo.

*Siga pelo lado oposto, através do antigo Arrabalde de São João de Fora, e à esquerda encontra a casa que é o local da próxima paragem.*



## 7. Rua do Arrabalde de São João de Fora e Casa onde viveu Luís Dantas

### Luís Augusto de Sousa Pereira Dantas

Este escritor, poeta, publicista, cronista, historiador e crítico literário nasceu a 3 de agosto de 1946 em Ponte de Lima, vindo a falecer, em Lisboa, a 20 de maio de 2011.

Ao longo da sua vida Luís Dantas, espírito humanista e muito ligado ao seu torrão natal, publicou um significativo número de livros e colaborou em diversos jornais e revistas com trabalhos em prosa, em poesia ou mesmo no âmbito da história. Em diversas obras de no-

tável interesse, como "Figuras Populares de Ponte de Lima" e "Os Garranos da Península Ibérica", é possível encontrar uma escrita de estilo muito peculiar, de elevado recorte artístico, que une o conhecimento histórico à capacidade de descrever e retratar personagens e situações.

*Continue o percurso pela mesma rua até à Casa da Garrida, passando pela Casa de Nossa Senhora da Aurora, magnífico exemplar da arquitetura civil barroca.*





## 8. Casa da Garrida

### António Vieira Lisboa

#### Jurista e poeta

Este jurista e poeta, nascido a 20 de julho de 1907, em Luanda, e falecido em Ponte de Lima, na Casa da Garrida, a 13 de junho de 1968, publicou um considerável número de livros de poesia, sobressaindo o lirismo amoroso associado à sensualidade feminina e o lirismo celebrativo da paisagem limiana, com destaque para o rio Lima.

Ao longo da década de 1940 escreveu várias obras poéticas, designadamente "Versos Estranhos", "Poemas de Amor e Dúvida", "Mulheres: Versos", "Chão de Amor", "Ao Longo do Rio Azul", "Testamento Sentimental", entre outras, atualmente difíceis de se encontrar no mercado.

#### A casa

A Casa da Garrida é uma construção que remonta à segunda metade século XVIII, denotando uma organização barroca mas com uma gramática decorativa rococó.

*Faça o regresso em direção ao Largo de Carmões. Atravesse a Ponte Medieval e depois a Ponte Romana. No Largo da Alegria, que encontra depois da ponte, vire à esquerda e encontra a Rua Lima Bezerra, o arruamento mais antigo de Arcozelo (Arrabalde de Além-da-Ponte).*

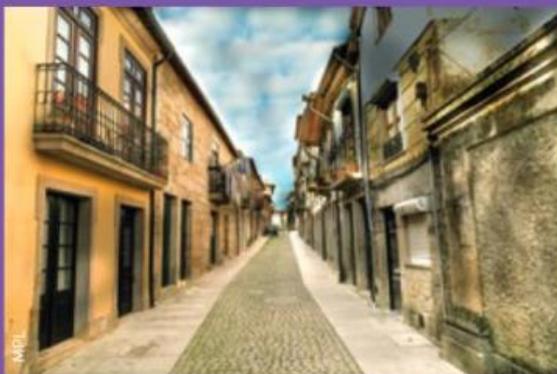
## 9. Rua Lima Bezerra

### Manuel Gomes de Lima Bezerra

Médico e cientista nascido a 4 de janeiro de 1727 em Arcozelo e falecido a 6 de março de 1806, na Quinta do Outeiro, em Fornelos, freguesia também de Ponte de Lima.

Homem erudito, foi fundador da imprensa médica especializada e das primeiras academias médico-cirúrgicas experimentais em Portugal. Precursor das monografias regionalistas, este representante do Iluminismo destacou-se pela publicação de "Os Estrangeiros no Lima", dedicada aos temas da educação, do fomento da indústria popular e do incremento da agricultura e do comércio.

*Volte ao centro de Ponte de Lima. No fim da ponte desande à direita e siga pelo Passeio 25 de Abril. Ao lado da Torre de São Paulo, à sua esquerda, encontra o próximo ponto de interesse desta rota.*



*"Os Estrangeiros no Lima"*

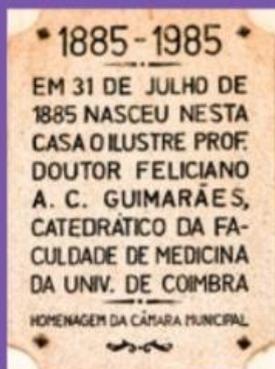
## 10. Casa do Doutor Feliciano Guimarães

### Feliciano Guimarães

Médico, professor catedrático, escritor e artista. Nasceu em Ponte de Lima a 31 de julho de 1885 e morreu em Coimbra a 14 de dezembro de 1959. Fundou várias revistas na área da medicina e foi membro da direção científica da revista "Coimbra Médica".

Paralelamente à sua atividade profissional foi autor de diversos estudos e ensaios no domínio da História da Arte e revelou a sua faceta de artista na produção de aquarelas que ilustram paisagens e gentes de Ponte de Lima.

*Continue pelo Passeio 25 de Abril até ao medallhão com a face de Teófilo Carneiro, junto a um fragmento da muralha medieval.*



## 11. Monumento a Teófilo Carneiro



Amândio Sousa Vieira

### Painel de Azulejo

Homenagem prestada a Teófilo Carneiro pela Câmara Municipal de Ponte de Lima, em 12 de agosto de 2013, através de um painel de azulejos que patenteia um fragmento de um dos seus mais célebres poemas.

*Contemple o Rio Lima e prossiga pelo Passeio 25 de Abril. Passe a Torre da Cadeia Velha e a pequena Capela da Senhora da Penha de França, sem entrar pela Porta Nova, até encontrar a Rua Dr. António de Magalhães. Suba até ao largo com o mesmo nome.*

### Teófilo Maciel Pais Carneiro

Jurista. Político. Poeta.

Nasceu a 24 de março de 1891, em Ponte de Lima, na casa n.º 17 da Rua Vasco da Gama, e faleceu no dia 3 de agosto de 1949.

Cumpriu, depois do percurso académico em Coimbra, funções de distinto advogado em Ponte de Lima. Bastante empenhado politicamente, defensor dos ideais republicanos, exerceu vários cargos políticos, como o de Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima e o de Deputado da Nação, tendo também prestado colaboração em diversos jornais de Ponte de Lima. Escreveu poesia desde a sua juventude, mas não chegou a ver publicada a sua obra poética.



Amândio Sousa Vieira

## 12. Largo Dr. António de Magalhães

### António de Magalhães Barros de Araújo Queiroz

#### Visconde de Cortegaça

Nasceu a 19 de março de 1882, na Casa das Pereiras, em Ponte de Lima, e faleceu a 19 de junho de 1961, na sua Casa de Cortegaça, em Subportela, Viana do Castelo. Seguiu carreira na Magistratura, atingindo o topo como Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Foi o principal impulsionador da publicação intitulada *Almanaque de Ponte de Lima*, referência cultural na primeira metade do século XX, e esteve na génese de muitas outras iniciativas de grande e profícua expressão que, ainda hoje, prestigiam esta localidade.

### O Largo

O largo, onde ainda no princípio do século XX pontificava o chafariz dos inícios de Seiscentos que hoje se encontra no Largo de Carmões, é formado por um belo espaço ajardinado com uma fonte ao centro.

*Suba a Rua Dr. António de Magalhães, atravessa a Rua Agostinho José Taveira e encontra o busto que representa o General Norton de Matos.*



## 13. Estátua e Casa Norton de Matos

### José Mendes Ribeiro Norton de Matos

Militar insigne que nasceu a 23 de março de 1867, em Ponte de Lima, e morreu na sua casa, na mesma localidade, a 2 de janeiro de 1955. Em 1912 tomou posse como Governador-Geral de Angola. Depois, como Ministro da Guerra, empenhou-se na constituição do Corpo Expedicionário Português para a Primeira Grande Guerra. Opositor confesso do Estado Novo, aceitou, em 1948, com 80 anos, ser candidato à Presidência da República. Escreveu livros técnicos, obras de cariz político e doutrinário, destacando-se "Memórias e Trabalhos da Minha Vida", num registo mais autobiográfico.

### A casa de Norton de Matos

Trata-se de uma construção de finais do século XVII, que sofreu ampliações no século seguinte. Na fachada salientam-se as janelas com soberba cornija, no característico granito minhoto.

*Do lado direito da casa de Norton de Matos, encontra a Rua Domingos Tarrozo, assim batizada em tributo ao filósofo natural de Ponte de Lima.*





Amândio Sousa Vieira

## 14. Rua Domingos Tarrozo

### Domingos José da Silva Tarrozo Júnior

Nasceu na atual Rua General Norton de Matos, em Ponte de Lima, a 22 de maio de 1860, e faleceu a 24 de agosto de 1933 em Viana do Castelo, localidade onde passou os últimos anos da sua vida. Este limiano viveu uma juventude de rebeldia e a escola não lhe despertou qualquer tipo de interesse, abandonando o percurso escolar. Começou, então, uma vida de autodidata, adquirindo gramáticas e dicionários para aprender a ler e a escrever com mais avidez, procurando aprimorar o seu conhecimento.

Colaborou em diversas publicações, fez incursões na poesia e no ensaio político mas a sua coroa de glória foi a publicação, contava apenas vinte anos, da obra que o colocou na história da filosofia em Portugal: "Philosophia da Existencia – Esboço Synthetico d'uma Filosofia Nova".

*Suba pela Rua General Norton de Matos (Rua do Pinheiro) até encontrar, à esquerda, uma placa identificativa da casa onde nasceu Severino Costa.*

## 15. Casa de Severino Costa

### Severino Costa

Jornalista. Escritor. Político

Nasceu a 23 de outubro de 1899, na Rua do Pinheiro, atual Rua General Norton de Matos, em Ponte de Lima, e faleceu em Viana do Castelo a 14 de abril de 1990.

Foi intensa a sua participação em jornais e revistas, nacionais e estrangeiras, mas adquiriu maior notoriedade enquanto correspondente no jornal "O Século", com as suas célebres crónicas sobre a Guerra Civil de Espanha, e no jornal "Comércio do Porto", com escritos que enalteciam Ponte de Lima e esta região. Deixou igualmente alguma bibliografia consagrada a Eça de Queiroz.

### A casa onde nasceu Severino Costa

Apresenta uma lápide de homenagem ao jornalista que dignificou a Ribeira Lima, mandada colocar pela Câmara Municipal de Ponte de Lima, a 4 de abril de 1976.

---

*Este é o último ponto da Rota dos Escritores Limianos. Volte à Biblioteca Municipal onde poderá consultar e adquirir obras sobre os escritores enunciados neste guia.*

*O regresso pode ser feito descendo a rua, desfazendo a curva à direita e passando pelo edifício do Arquivo Municipal, ou então, se tiver mais tempo, subindo até à casa brasonada dos Calistos e infletindo daí à esquerda até alcançar o Largo da Lapa, junto à capela do mesmo nome. Depois desce para a Avenida António Feijó e vira à esquerda, sempre para baixo em direção ao rio até ao Largo da Matriz, com a Biblioteca ali ao pé.*

---





#### INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

##### **Biblioteca Municipal de Ponte de Lima**

Largo da Picota  
4990-090 Ponte de Lima

Tel :258900411

Fax: 258900410 (Geral)

Email: [biblioteca@cm-pontedelima.pt](mailto:biblioteca@cm-pontedelima.pt)

<http://biblioteca.cm-pontedelima.pt/>

Facebook: [https://www.facebook.com/](https://www.facebook.com/BibliotecaMunicipalPontedeLima)

[BibliotecaMunicipalPontedeLima](https://www.facebook.com/BibliotecaMunicipalPontedeLima)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Gomes, coord. - *Figuras Limianas*. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, 2008. ISBN 978-972-8846-15-2. p. 158-164 - p. 330-332.

MARTINS, José Cândido de Oliveira - *Viajar com... António Feijó*. S.l. ]: Direcção Regional de Cultura do Norte: Edições Caixotim, 2009. ISBN 978-989-8100-25-2

MORAIS, Adelino Tito de - *A Casa dos Norton de Matos*. Ponte de Lima: edição do autor, 2003. ISBN 972-97260-1-9



- |  |   |
|--|---|
| <b>1. Largo e Fonte de S. João</b><br>41° 46' 9,146" N, 8° 35' 1,416" W          | <b>9. Rio Lima</b><br>41° 46' 0,897" N, 8° 35' 20,637" W                          |
| <b>2. Casa de Nossa Senhora D'Aurora</b><br>41° 46' 12,207" N, 8° 34' 57,468" W  | <b>10. Ponte Romana e Medieval</b><br>41° 46' 9,273" N, 8° 35' 12,205" W          |
| <b>3. Capela e Alameda de S. João</b><br>41° 46' 17,801" N, 8° 35' 3,226" W      | <b>11. Largo de Camões e Chafariz</b><br>41° 46' 6,699" N, 8° 35' 3,375" W        |
| <b>4. Torre de S. Paulo</b><br>41° 46' 5,187" N, 8° 35' 4,439" W                 | <b>12. Fonte da Vila</b><br>41° 46' 3,471" N, 8° 34' 59,527" W                    |
| <b>5. Monumento a Teófilo Carneiro</b><br>41° 46' 3,584" N, 8° 35' 5,582" W      | <b>13. Igreja Matriz</b><br>41° 46' 3,791" N, 8° 35' 3,607" W                     |
| <b>6. Museu dos Terceiros</b><br>41° 45' 53,568" N, 8° 35' 14,016" W             | <b>14. Igreja de Nossa Senhora da Lapa</b><br>41° 45' 56,808" N, 8° 34' 58,189" W |
| <b>7. Teatro Diogo Bernardes</b><br>41° 45' 53,730" N, 8° 35' 11,396" W          | <b>15. Busto de António Feijó</b><br>41° 46' 2,017" N, 8° 34' 59,453" W           |
| <b>8. Igreja de Nossa Senhora da Guia</b><br>41° 45' 49,014" N, 8° 35' 24,064" W | <b>16. Monte de Santa Maria Madalena</b><br>41° 45' 15,608" N, 8° 33' 51,500" W   |

## Espaços de Inspiração de António Feijó

António Feijó nasceu a 1 de junho de 1859, em Ponte de Lima, na Rua do Pinheiro, numa casa infelizmente já desaparecida. Fez os estudos preparatórios na sua vila natal e em Braga e cursou Direito na Universidade de Coimbra. Foi, todavia, na carreira diplomática que fez o seu percurso profissional, primeiro

no Brasil e depois na Suécia. Manifestou-se sobretudo, e por isso o celebramos, como um notável poeta que, mesmo longe da sua terra natal, nunca a esqueceu. Muitos são os belos e saudosos versos que lhe dedicou na sua obra poética.



Amândio Sousa Vieira

## 1. Largo de S. João

No Largo de S. João observa-se a pitoresca Fonte de S. João, construção com uma planta de três frentes, que apresenta como elementos decorativos carrancas, vasos, rosáceas e um medalhão na platibanda. Penetre na farmácia de S. João, no interior da qual pontifica um painel azulejar de um artista vianense, Araújo Soares, que retratou o convívio de Feijó com amigos na velha botica, inclusive o tio-avô dos atuais proprietários, que tocava um velho harmónio.

## 2. Casa de Nossa Senhora D'Aurora

Na Rua do Arrabalde contemplamos a Casa de Nossa Senhora d'Aurora, a residência mais imponente e majestosa da vila, brasonada, construída na primeira metade do século XVIII pelo Engenheiro e Arquiteto Manuel Pinto de Vilalobos. A capela da casa, consagrada a S. João Batista, alberga um gracioso retábulo barroco com representações escultóricas de Santo Elesbão e Santa Ifigénia da Núbria, santos negros de figuração rara.



Amândio Sousa Vieira

*Foi no salão nobre desta casa que teve lugar uma curiosa história: para rivalizar com as miríficas experiências de hipnose do conhecido Dr. Freitas, António Feijó, muito dado a blagues e travessuras, como mostra a História dos Carecas de Faldejães, apostou com os*

*amigos que também conseguiria fazer algo semelhante. Para o efeito, conseguiu subornar um miúdo que simulou uma experiência de hipnose, com o esperado desenlace burlesco.*



### 3. Capela e Alameda de S. João

A Capela de S. João (das Carvalheiras), da segunda metade do séc. XIX, foi implantada para reparar a perda que constituiu a demolição de uma antiga capela dedicada ao santo que existiu no Largo de São João. António Feijó nutria um gosto especial pelas tradições populares minhotas. O poema *Sonâmbula*

procura captar a atmosfera da noite consagrada ao Precursor. Seguimos em direção ao Passeio 25 de Abril, de onde é possível admirar a considerável extensão do areal que ladeia o rio e onde é realizada a antiquíssima e concorrida feira quinzenal, já mencionada no foral de 1125.



Amândio Sousa Vieira

### 4. Torre de S. Paulo

### 5. Monumento a Teófilo Carneiro

A Torre de S. Paulo, erigida no séc. XIV, de planta quadrada, encontra-se coroada por merlões. Na face voltada ao rio existe um painel de azulejos da autoria de Jorge Colaço, alusivos à Lenda da Cabração. Os registos das cheias do Rio Lima permitem vislumbrar até que ponto a vila era tomada pelas águas nos invernos mais chuvosos.

Seguindo pelo Passeio 25 de Abril, encontramos o monumento de homenagem ao poeta Teófilo Carneiro, um grande admirador de António Feijó.



Amândio Sousa Vieira

## 6. Museu dos Terceiros Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco e Igreja de Santo António dos Capuchos

Na Avenida dos Plátanos, desfruta-se a quietude e a belíssima paisagem. Do lado esquerdo encontra-se o Museu dos Terceiros, criado em 1974 com o objetivo de guardar e expor um significativo espólio de arte sacra. O museu está instalado no conjunto arquitetónico formado pelo antigo Convento de Santo António dos Capuchos e pelo edifício da Ordem Terceira de S. Francisco. O traje diplomático do poeta encontra-se à guarda deste importante museu.



Amândio Sousa Vieira

*Foi neste enquadramento que tiveram lugar algumas das festas comemorações, no verão de 1959, do Centenário do Nascimento de António Feijó, que contou com a presença da filha do poeta.*

## 7. Teatro Diogo Bernardes



Amândio Sousa Vieira

Seguindo pelo Jardim dos Simples, em frente à Igreja dos Terceiros, subimos a rua até ao Teatro Diogo Bernardes, edifício do séc. XIX, ao estilo italiano. Tem como particularidade ser a segunda mais antiga casa de espetáculos do Alto Minho.

*No livro *Líricas e Bucólicas*, António Feijó incluiu um soneto evocativo a Diogo Bernardes, referindo o cativo a que este grande poeta da Ribeira Lima, contemporâneo de Camões, esteve sujeito em África.*

*Muito próximo, num outeiro, encontra-se o cemitério da Vila, onde estão sepultados António Feijó, falecido a 28 de Junho de 1917, dois anos após a sua mulher Maria Cármen Mercedes Joana Lewin. As duas sepulturas estão unidas pela inscrição lapidar: O amor os juntou e nem a morte os separou.*

## 8. Igreja de Nossa Senhora da Guia

Descendo novamente em direção ao rio, encontra-se a Igreja de Nossa Senhora da Guia, levantada no século XVII. Trata-se de um templo de nave única, com lambril de azulejos policromos de padrão e belos retábulos dourados de feição barroca. Atravessa-se a Ponte de Nossa Senhora da Guia e admira-se a paisagem circundante. Descendo as escadas à direita inicia-se o percurso pela agradável margem direita do Rio Lima.



Amândio Sousa Vieira

## 9. Rio Lima

Percorra a margem direita do Rio Lima e aprecie a beleza castiça de Ponte de Lima, que inspirou António Feijó: a serenidade das águas do antigo Lethes e a harmonia do casario ribeirinho. Digno de registo é ainda o contemporâneo Festival de Jardins: uma exposição de doze jardins efémeros, abertos ao público entre os meses de maio a outubro, todos os anos com um tema que desafia a imaginação. No final da ecovia, suba as escadas junto à Igreja de Santo António da Torre Velha, na fronteira entre as pontes romana e medieval.

*"Mas então, Rio amado, as tuas  
águas descendo/nessa luz  
reflectida, a tremer como  
um luar/ Todo o passado irei  
nas tuas margens revendo."*

Terceto do poema Súplica ao Vento, incluído no livro Sol de Inverno.



Amândio Sousa Vieira

## 10. Ponte Romana e Medieval

Atravesse a ponte. É formada por dois troços distintos, um romano do séc. I, integrando a Via XIX do Itinerário Antonino, que unia Braga (Bracara Augusta) a Astorga (Asturica Augusta), e outro medieval provavelmente concluído já no reinado de D. Pedro I.

*António Feijó viveu fora do país devido à carreira diplomática. Em variadíssimas ocasiões, Feijó lamenta-se da distância e do frio da Suécia, enaltecendo, em muitos poemas, a luminosa beleza da vila de Ponte de Lima.*



Amândio Sousa Vieira

## 11. Largo de Camões e Chafariz



Amândio Sousa Vieira

Mesmo à saída da ponte, encontra-se o Largo de Camões, o verdadeiro fórum da vila alto-minhota, servido por uma grande concentração de cafés e lojas de comércio tradicional. No chafariz encontram-se representadas as armas da vila. Esteve a cargo da Câmara Municipal a construção deste monumento, concluído em 1603 e implantado inicialmente no Largo Dr. António Magalhães, de onde foi transferido na primeira metade do século XX para o Largo de Camões.

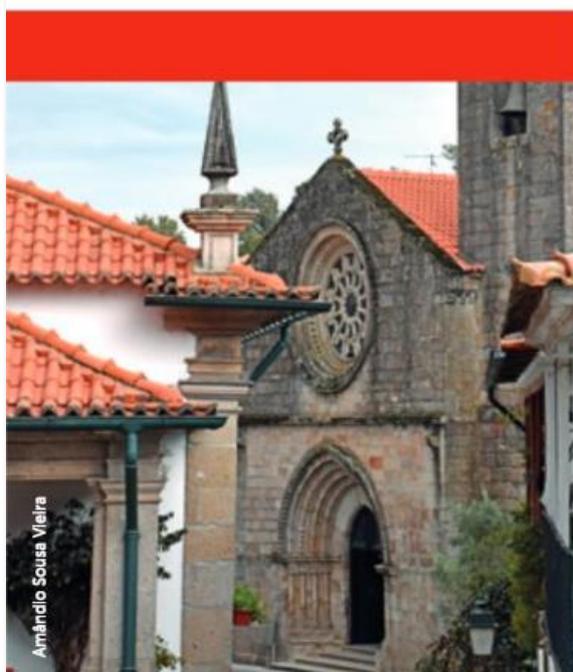
*Ler a poesia de António Feijó em Ponte de Lima é uma sugestão que deixamos para compreender melhor parte da sua poesia e amor devoto à sua terra natal.*

## 12. Fonte da Vila

Siga pela Rua Inácio Perestrelo e à esquerda encontra a Fonte da Vila, com um painel de azulejos. Aí se encontra um célebre poema de António Feijó, para ler e meditar: "O Amor e o Tempo".



Amândio Sousa Vieira



Amândio Sousa Vieira

## 13. Igreja Matriz

Atravesse e siga para baixo pela pequena Rua Agrónomo Morais, em direção à Igreja Matriz. Edificada por D. João I, foi alvo de várias transformações e ampliações ao longo dos séculos, que são bem visíveis pela sobreposição de vários estilos (gótico, renascença e barroco).

*Testemunhando o espírito galhofeiro do poeta, conta-se que António Feijó, regressado a Ponte de Lima, publicara uma nova moda lisboeta: usar gravata vermelha nas cerimónias da Semana Santa. Alguns dos seus amigos mais crédulos, nesse engodo, lá apareceram engravatados na celebração solene da Quinta-Feira Santa, para perplexidade e escândalo de todos.*

29

## 14. Igreja de Nossa Senhora da Lapa

Suba a Rua Cardeal Saraiva e à direita encontra o Paço do Marquês. Suba as escadas, atravessa o jardim e logo acima encontra a Igreja de Nossa Senhora da Lapa.

*Associando um passo da vida do poeta ao culto da Senhora da Lapa, escreve José Cândido Martins: "O poeta Feijó terá descrito muitas vezes a beleza da sua terra natal à esposa; e falado na devoção das mulheres parturientes à Senhora da Lapa que, ouvindo tocar o sino dessa igreja, rezavam pela mulher que se preparava para dar à luz. Ora, como nos conta o Conde d'Aurora, na noite em que sentia as dores do primeiro parto, a esposa de Feijó pede-lhe que ele, nessa noi-*

*te, de Estocolmo, telegrafe para Ponte de Lima, para que seja tocado o sino da Lapa. Ele sabe que não é possível semelhante rapidez, mas disse-lhe que sim... O parto correu bem, felizmente. Logo se disse em Ponte de Lima que, nessa noite de invernã, se ouvira misteriosamente tocar o sino da Lapa. Parece que ninguém o mandara tocar; mas o que é certo é que as mulheres limianas rezaram por uma "boa hora" da parturiente que, naquela noite tempestuosa, sofria as dores do parto..."*



## 15. Busto de António Feijó



Desça em direção à Avenida António Feijó e à Praça da República. Podemos admirar a recente estátua da rainha D. Teresa, representada no ato de entrega do foral que instituiu a vila de Ponte de Lima. O destaque vai para o busto de António Feijó, inaugurado a 1 de Junho de 1938. Tem como pano de fundo o edifício dos Paços do Concelho.

*No monumento que enquadra o busto estão gravadas duas das estrofes escolhidas para o Hino de Ponte de Lima.*

*"Nasci à beira do Rio Lima,  
Rio saudoso, todo cristal;  
Daí a angústia que me vitima,  
Daí deriva todo o meu mal.*

*É que nas terras que tenho visto,  
Por toda a parte por onde andei,  
Nunca achei nada mais imprevisto,  
Terra mais linda nunca encontrei."*

*Do poema Inverno, incluído no livro Ilha dos Amores.*



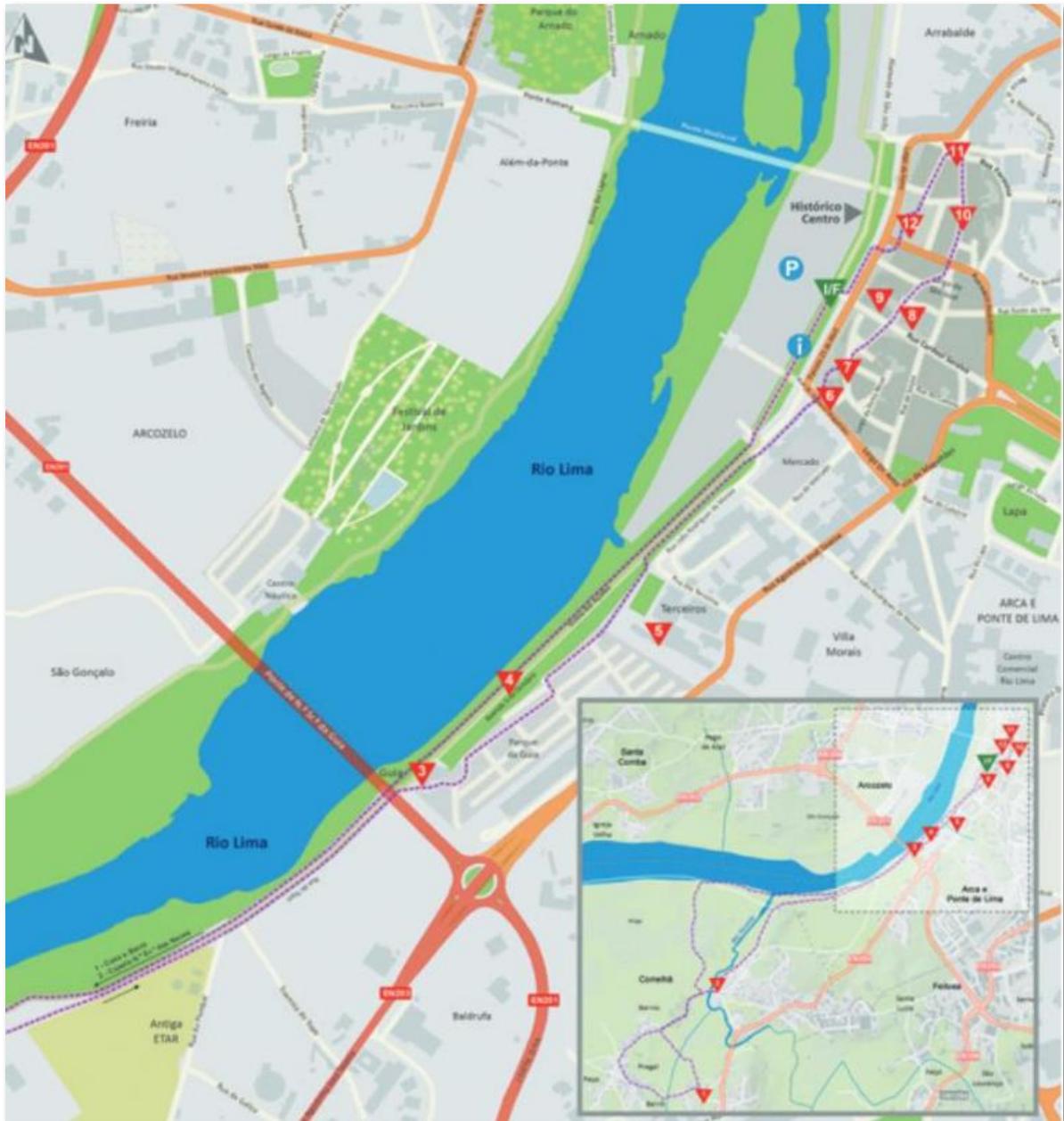
## 16. Monte de Santa Maria Madalena

Para terminar este roteiro pelos espaços de inspiração de António Feijó, sugerimos a subida ao Monte de Santa Maria Madalena, miradouro de eleição a 3 km do centro, para admirar uma das mais encantadoras paisagens da Ribeira Lima, com a vila de Ponte de Lima a seus pés. Maravilhe-se com as casas seculares que pontuam a verdejante paisagem, o lindíssimo serpentear do Rio Lima até à foz.

*António Feijó é uma referência para muitos poetas. Esta panorâmica é celebrada em verso pelo poeta António Ferreira, um grande admirador de Feijó, nas suas Limianas: «Mon-*

*te da Madalena,/Ermidinha em bucólica devesa,/Onde o povo desfruta, à vista plena,/O fluvial trajeto/Na vastidão da sua correnteza!/ Com a capela a branquejar, cimeira,/ -Logradouro comum da velha estima/Como nosso retiro predilecto-/És na florida cerca de ribeira/O mirante do Lima!» (Do poema Dois Montes Limianos, incluído no livro Limianas).*

Roteiro elaborado com base no livro "Viajar com António Feijó - Os Caminhos da Literatura", Edição Caixotim, com textos de José Cândido Martins.



**1. Casa de Barrô - Casa onde nasceu o Beato Francisco Pacheco**

41° 45' 4,659" N, 8° 36' 13,730" W

**2. Capela de Nossa Senhora das Neves**

41° 45' 24,533" N, 8° 36' 10,578" W

**3. Igreja de Nossa Senhora da Guia**

41° 45' 49,035" N, 8° 35' 23,997" W

**4. Avenida dos Plátanos**

41° 45' 51,802" N, 8° 35' 20,146" W

**5. Museu dos Terceiros**

41° 45' 53,568" N, 8° 35' 13,972" W

**6. Capela de Nossa Senhora da Penha de França**

41° 46' 1,657" N, 8° 35' 6,483" W

**7. Arco da Porta Nova**

41° 46' 2,045" N, 8° 35' 5,985" W

**8. Igreja Matriz - Altar do Beato Francisco Pacheco**

41° 46' 3,780" N, 8° 35' 3,574" W

**9. Igreja da Misericórdia**

41° 46' 4,306" N, 8° 35' 4,486" W

**10. Rua Beato Francisco Pacheco**

41° 46' 6,966" N, 8° 35' 1,122" W

**11. Largo de Camões**

41° 46' 6,699" N, 8° 35' 3,375" W

---

## Beato Francisco Pacheco

Francisco Borges Pacheco nasceu na Quinta de Barrô, na freguesia da Correlhã, Ponte de Lima, em 1566. Os seus pais, de família fidalga, chamavam-se Garcia Lopes Pacheco e Maria Borges de Mesquita. Professou na Companhia de Jesus e foi enviado como missionário para a Índia, passando por Macau e pelo Japão.

Desenvolveu profunda ação evangelizadora no Império do Sol Nascente, onde viveu muitos anos em clandestinidade, como Administrador Apostólico da Diocese do Japão. Sofreu o martírio a 20 de junho de 1626 em

Nagasáqui, queimado a fogo lento. Beatificado por Pio IX a 7 de julho de 1867, aguarda-se a conclusão do seu processo de canonização.

Este percurso enquadra-se na Rota dos Gigantes, promovida pela ADRIL – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima. Esta rota liga os concelhos de Ponte de Lima com o Beato Francisco Pacheco, Ponte da Barca com o navegador Fernão de Magalhães, Arcos de Valdevez com o inventor Padre Himalaya e Viana do Castelo com o descobridor João Álvares Fagundes.

## 1. Casa de Barrô, Correlhã

Casa onde nasceu o Beato Francisco Pacheco



Escultura em Granito produzida pelo artesão limiano Manuel Veiga, a qual se encontra num pequeno nicho junto à portada da Casa de Barrô

O ponto de partida deste percurso é a Casa de Barrô na Correlhã, local de nascimento do Beato Francisco Pacheco em 1566.

A portada da Casa de Barrô é constituída por um pano de muro alto, limitado nas extremidades por pilastras de canto de ordem toscana. Em eixo com o vão e sobre a cornija, destaca-se o trigrama cristológico IHS (Iesus Hominum Salvator), adotado pelos jesuitas como símbolo da sua congregação, e uma cruz latina alusiva à orientação religiosa do mártir, perpetuando assim a sua memória.

## 2. Capela de Nossa Senhora das Neves

Situada junto à Ponte de Barros, que cruza o Rio Trovela, afluente do Lima, a atual capela de Nossa Senhora das Neves data do séc. XVII, embora tenha mantido restos da anterior construção. Encontra-se em pleno Caminho Português de Santiago. Segue-se em direção à vila de Ponte de Lima.



### 3. Igreja de Nossa Senhora da Guia

A Igreja de Nossa Senhora da Guia foi edificada na primeira metade do século XVII, a mando da confraria da mesma invocação, no local onde se encontrava uma ermida em ruínas dedicada a São Vicente Mártir. O belo frontispício, com a escultura em granito da Virgem no corpo superior, e os retábulos de talha dourada no interior revelam já realizações artísticas do século XVIII.



## 4. Margem Esquerda do Rio Lima

A Avenida dos Plátanos é um ponto privilegiado na margem esquerda do Rio Lima. É o local de entrada na vila para os peregrinos do Caminho Português de Santiago, talvez a mais bela abordagem a um meio urbano em toda a rota jacobea.

*Francisco Pacheco, após a morte do pai, decide peregrinar a Santiago, fazendo o caminho a pé e mendigando. Ao chegar a Ponte de Lima e passando o caminho muito próximo da casa da família, bateu à porta para esmolar uma côdea sem se dar a conhecer e sem que os familiares e criados o tenham reconhecido (embora a mãe tivesse um leve pressentimento).*



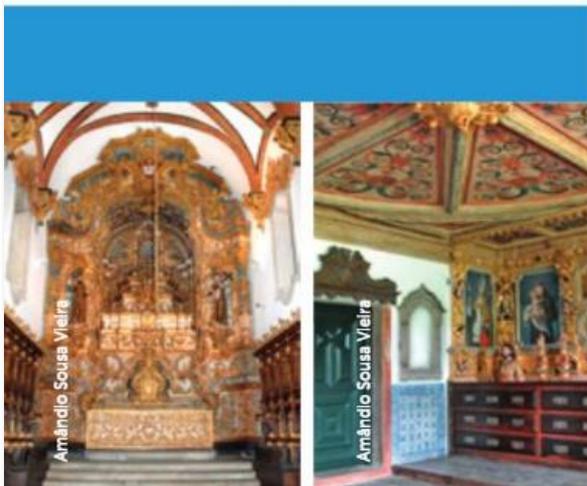
## 5. Museu dos Terceiros

### Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco e Igreja de Santo António dos Capuchos

Este museu de arte sacra reúne dois monumentos religiosos: o extinto Convento de Santo António dos Capuchos e o edifício da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Embora tenha recebido modificações entre os séculos XVII e XIX, a igreja conventual ainda apresenta alguns vestígios do período inicial (últimos decénios do século XV). Através da capela-mor acede-se aos espaços melhor preservados do antigo cenóbio franciscano: a Capela da Senhora da Graça e a sacristia. No edifício dos Terceiros franciscanos, de meados do século XVIII, a igreja, decorada em estilo rocaille, é um es-

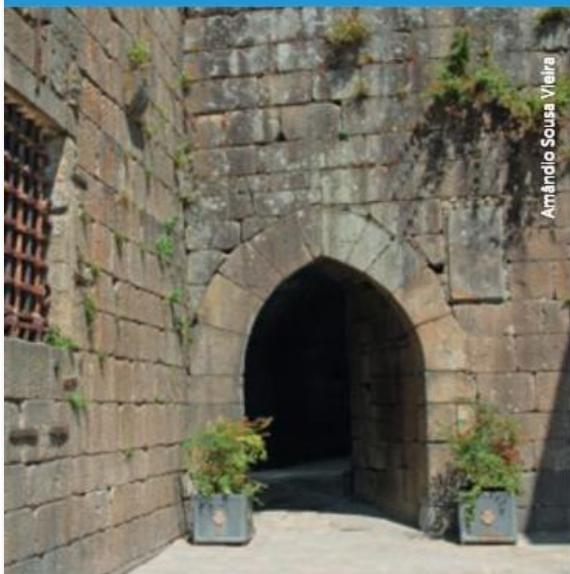
paço de grande nobreza estética. A sacristia, a sala consistorial e um gracioso claustro são também dignos de visita.

*Enquanto funcionou como casa franciscana, até à extinção das Ordens Religiosas, em 1834, o Convento de Santo António dos Capuchos serviu igualmente como local de acolhimento para os peregrinos a caminho de Santiago de Compostela.*



## 6. Capela de Nossa Senhora da Penha de França

Mandada construir em 1613 por João Lourenço em frente à Cadeia "Velha", para que os presos pudessem ouvir missa, visto aquela se encontrar desprovida de oratório. É uma capela urbana, de feições simples e linhas sóbrias, na tradição maneirista, com frontispício terminado em frontão triangular. Contrastando com a simplicidade exterior, ressalta no interior a riqueza e dimensão do retábulo barroco em talha dourada do "Estilo Nacional".



## 7. Arco da Porta Nova e Bairro da Judiaria

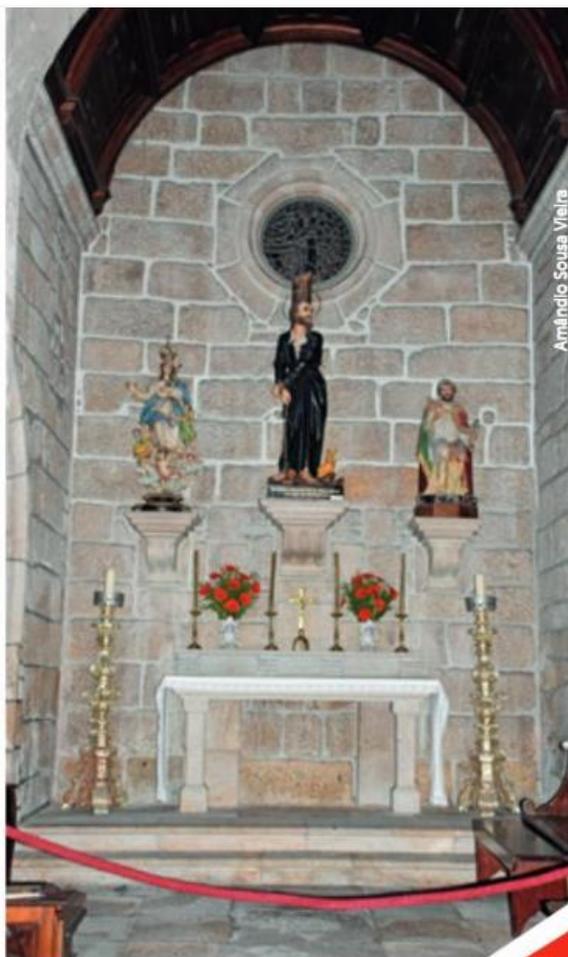
Ao lado da Torre da Cadeia Velha, entramos na vila "dentro de muros" pelo Arco da Porta Nova, que há séculos atrás levava rapidamente ao antigo Bairro da Judiaria. Seguimos em direção à Rua Cardeal Saraiwa, até à Igreja Matriz e ao altar dedicado ao Beato Francisco Pacheco.

## 8. Igreja Matriz

### Altar do Beato Francisco Pacheco

Mandada edificar por D. João I em 1425, a sua conclusão é posterior algumas décadas. As várias transformações e ampliações ao longo dos séculos são bem visíveis pela sobreposição de vários estilos: gótico, renascença e barroco. Os altares laterais de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora de Fátima destacam-se pela riqueza da sua talha.

*Podemos admirar o altar do Beato na antiga Capela do Santíssimo Sacramento, hoje dedicada ao mártir jesuíta natural de Ponte de Lima. A existência deste importantíssimo e já bastante arreigado local de devoção e de manifestação de fé poderá contribuir decisivamente para a canonização do Beato Francisco Pacheco.*



Amandio Sousa Vieira

## 9. Igreja da Misericórdia

Mesmo em frente, encontramos a Igreja da Misericórdia. Remontando esta instituição limiana a 1530, a atual igreja foi erigida nos séculos XVII e XVIII, de nave única, com capela – mor em abóbada de caixotões e pórtico principal aberto lateralmente sobre o cemitério, que constitui o adro atualmente fechado por um curioso gradeamento, sendo

notável o efeito da varanda alpendrada que prolonga a sala de reuniões.

Destaca-se no seu interior a abóbada nervurada em madeira policromada e dourada, o púlpito e, acima de tudo, o painel escultórico relevado (que foi frontal de altar do retábulo setecentista desaparecido) ilustrando a cena da Multiplicação dos Pães.





